

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

**CONSTRUÇÃO E TRAVESSIA DA FANTASIA NA
EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA**

Odimar Araújo Feitosa Filho

Rio de Janeiro

2021

ODIMAR ARAÚJO FEITOSA FILHO

**CONSTRUÇÃO E TRAVESSIA DA FANTASIA NA
EXPERIÊNCIA PSICANALÍTICA**

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Doutora Anna Carolina Lo Bianco

Rio de Janeiro

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F311 Feitosa Filho, Odimar Araújo.
Construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica /
Odimar Araújo Feitosa Filho. Rio de Janeiro, 2021.
177 f.

Orientadora: Anna Carolina Lo Bianco Clementino.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica,
2021.

1. Psicanálise. 2. Fantasia. 3. Sujeito (Psicanálise). 4. Desejo
(Psicanálise). I. Lo Bianco, Anna Carolina. II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

CDD: 150.195

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

Odimar Araújo Feitosa Filho

Construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica (Instituto de Psicologia) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada em: 24/03/2021

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Anna Carolina Lo Bianco Clementino
Instituto de Psicologia – UFRJ

Profa. Dra. Maria Cristina Candal Poli – UFRJ
Instituto de Psicologia – UFRJ

Prof. Dr. Marco Antônio Coutinho Jorge
Instituto de Psicologia – UERJ

Profa. Dra. Rita Maria Manso de Barros
Instituto de Psicologia – UERJ

Profa. Dra. Sonia da Costa Leite
Centro Psiquiátrico RJ-SES/UERJ

AGRADECIMENTOS

A meus pais Odimar e Rosa, pela vida, amor e ensinamentos;

A meus irmãos Ana Teresa e Leonardo (*In memoriam*), Alexandre e Adelaide pela alegria que foi e é estarmos juntos.

A Anna Carolina Lo Bianco por acolher esse projeto, pela transmissão e preciosa orientação.

A meus amigos com quem sigo compartilhando a vida Paulo André Carvalho, Regiane Collares, Geandra Santos, Graziela Santos, Leila Cordeiro, Cirlene Medeiros, Flavio Almeida, Paulo Victor Magalhães, Jefferson Souza, Ailton Santana, Ivan Amorim, Plinio Holanda, Adriana Namen, Sergiano Guimarães, Amanda Krefta, e tantos outros...

A Diogo Alves que gerou em mim interrogações e uma revisão em partes importantes da tese,

Aos colegas, professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Teoria Psicanalítica,

A Marco Antônio Coutinho Jorge e Maria Cristina Candal Poli pelas importantes contribuições na Qualificação deste trabalho,

Ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise seções Fortaleza e Rio de Janeiro por cumprirem importante papel em minha formação e na transmissão da psicanálise.

A Antonio Secundo pelos anos de escuta e formação.

Aos professores, alunos e funcionários do curso de Psicologia da UFC- Sobral.

Ao CNPQ pela concessão de uma Bolsa de estudos que muito auxiliou para a realização desta pesquisa.

FEITOSA FILHO, Odimar A. *Construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica) Instituto de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMO

O presente estudo representa um esforço de pensar a fantasia na experiência psicanalítica, cuja questão central consistiu em pesquisar a construção e a travessia da fantasia a partir de uma leitura de J. Lacan. Para orientar esta pesquisa partimos da formulação do matema da fantasia – $\$ \diamond a$ –, a partir do qual tomamos, em cada um dos capítulos, as relações entre os três elementos colocando a ênfase ora no sujeito, ora no objeto, e ora no punção. No primeiro capítulo abordamos o primeiro elemento do matema, o sujeito, seus tempos de constituição, sua divisão no significante, e sua relação com a fantasia e o desejo. No segundo capítulo trabalhamos com o polo o objeto, onde articulamos o conceito de fantasia aos registros imaginário, simbólico e real, e seguimos as mudanças teórico-clínicas que se impuseram sobre o conceito de fantasia, sobretudo com a formulação do objeto a como causa do desejo. No terceiro capítulo discutimos a clínica psicanalítica, situando como a fantasia está implicada desde a entrada até a saída de análise. É também neste capítulo que se discute a proposição lógica da construção e travessia da fantasia como “solução” ao impasse do rochedo da castração freudiano e ao problema da análise infinita. Tratamos, ainda, sobre as operações de constituição do sujeito: alienação e separação e suas implicações clínicas, bem como a relação da travessia da fantasia com o desenlace de uma análise.

PALAVRAS CHAVE: fantasia; psicanálise; construção da fantasia; travessia da fantasia.

FEITOSA FILHO, Odimar A. *Construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica) Instituto de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

ABSTRACT

The present study represents an effort to think the concept of fantasy in the psychoanalytic experience, whose central question was to research the construction and crossing of fantasy, based on reading by J. Lacan. To guide this research We started with matema of fantasy formulation – $\$ \diamond a$ –, from which, We distribute, in each chapters, the relations between the three elements, placing respectively emphasis: in subject, in object, and the puncture. In the first chapter We work the first element of the matheme, the subject, its constitution times, your subjective division, and relationship between desire and fantasy. In the second chapter, We work with object pole, here We articulate the fantasy concept with imaginary, symbolic and real registers, and follow the theoretical-clinical changes that imposed themselves on fantasy concept, especially with the formulation the object a as the cause of desire. In the third chapter We discuss the psychoanalytic clinic, situating how fantasy is involved from entrance to the end of analysis. It is also in this chapter, that the logical proposition of the construction and crossing of fantasy as a “solution” to the freudian impairment “rock of castration”, and the problem of infinite analysis is discussed. We also deal with the operations of constitution of the subject: alienation and separation and their clinical implications, as well as the relationship between the crossing of fantasy and the outcome of an analysis.

KEYWORDS: fantasy; psychoanalysis; construction of fantasy; crossing fantasy.

FEITOSA FILHO, Odimar A. *Construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica*. Rio de Janeiro, 2021. Tese (Doutorado em Teoria psicanalítica) Instituto de Psicologia – Programa de Pós-graduação em Teoria psicanalítica. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

RESUMÉ

La présente étude représente un effort de penser le fantasme dans l'expérience psychanalytique, dont la question centrale était de rechercher la construction et traversée du fantasme à partir d'une lecture de Lacan. Pour guider cette recherche, nous avons décidé de commencer par la formulation du mathème du fantasme – $\$ \diamond a$ –, dont nous distribuons, dans chacun des chapitres, les relations entre les trois éléments mettant l'accent maintenant sur le sujet, maintenant sur l'objet, et maintenant sur la piqûre. Dans le premier chapitre, nous abordons le premier élément du mathème, le sujet, ses temps de constitution, sa division signifiant, et son rapport avec le fantasme et le désir. Dans le deuxième chapitre nous travaillons avec le pôle l'objet, où nous articulons le concept de fantasme aux registres imaginaire, symbolique et réel, et suivons les changements théoriques et cliniques qui se sont imposés au concept de fantasme, notamment avec la formulation de l'objet a , cause du désir. Dans le troisième chapitre, nous discutons de la clinique psychanalytique, en situant comment le fantasme est impliqué de l'entrée à la sortie de l'analyse. Dans ce chapitre est discutée la proposition logique de la construction et de la traversée du fantasme comme “solution” à l'impasse de la roc freudienne de la castration, et au problème de l'analyse infinie. Nous abordons également les opérations de constitution du sujet: l'aliénation et la séparation et leurs implications cliniques, ainsi que la relation entre la traversée du fantasme et le dénouement d'une analyse.

MOTS CLÉS: fantasme; psychanalyse; construction du fantasme; traversée du fantasme.

LISTA DE FIGURAS

1. Grafo 1.....	27
2. Grafo 2.....	28
3. Grafo completo.....	36
4. Esquema R.....	41
5. A cadeia significante inconsciente.....	61
6. Esquema sincrônico da dialética do desejo.....	67
8. A fantasia no perverso e no neurótico.....	83
9. Esquema simplificado.....	89
10. A angústia entre x e o desejo.....	94
11. O circuito da pulsão.....	97
12. O Quiasma.....	99
13. Os dois tipos de furo do toro.....	110
14. Dialética da demanda e do desejo no toro.....	110
15. O buraco central no toro.....	111
16. Punção e Círculos de Euler.....	135
17. A alienação.....	136
18. A banda de Moebius.....	138
19. O <i>Cross-cap</i>	142
20. Esquema ótico.....	154
21. O oito interior e a transferência.....	160

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: O SUJEITO E A FANTASIA	16
1.1. O grafo do desejo e a fantasia.....	27
1.1.1. A célula inicial do grafo.....	27
1.1.2. O estádio do espelho e o andar inferior do grafo.....	30
1.1.3. O segundo andar do grafo do desejo.....	35
1.2. “Bate-se numa criança” e a fantasia.....	43
1.3. O <i>fading</i> do sujeito.....	53
1.4. O sintoma e o sujeito	59
CAPÍTULO 2 : O OBJETO E A FANTASIA	64
2.1. O objeto perdido.....	64
2.2. O objeto na fantasia.....	67
2.3. Fantasias perversas e perversão.....	76
2.4. O objeto <i>a</i> , causa do desejo.....	89
2.5. Pulsão e fantasia.....	97
CAPÍTULO 3: FANTASIA E CLÍNICA PSICANALÍTICA	103
3.1. A fantasia no início do tratamento.....	103
3.2. A demanda e a revelação do desejo.....	107
3.3. Interpretação e construção em análise.....	117
3.3.1. Redução e construção da fantasia fundamental.....	127
3.3.2. Alienação e separação.....	134
3.4. Da fantasia ao ato.....	144
3.5. Travessia da fantasia e o desenlace de uma análise.....	152
CONCLUSÃO	168
REFERÊNCIAS	173

INTRODUÇÃO

O trabalho de uma análise se dá mediante a fala do analisante em associação livre, é um trabalho no qual o analisante busca uma resolução para seus sintomas. Em torno das questões de seu sintoma supõe uma causalidade, e inicia a transferência da realidade de seu inconsciente para o analista através de sonhos, atos falhos, lapsos, fantasias, esquecimentos, etc. A formulação do sintoma implica o sujeito na direção de uma restituição de seu passado. Todavia, sabemos que os sintomas são os substitutos de ideias que foram recalçadas. O trabalho de análise deve vencer as resistências do Eu, que nada quer saber do recalçado, e levar à suspensão [*Aufhebung*] do recalque, de modo que seja possível recordar e comunicar ao analista o maior número de vivências e moções de afeto, principalmente as de sua vida infantil, que atualmente estão esquecidas. Trata-se de um processo de verdadeira reconstrução da história do analisante.

Freud observou que em torno da restituição do passado surgiam problemas. O trabalho de rememorar e historiar o passado prossegue até certo ponto, quando o analisante se depara tanto com as impossibilidades de por em palavras determinados acontecimentos, quanto com os limites da própria recordação. Este problema foi descrito por Freud (1937c/2017; 1937d/2017), de forma precisa em *Construções em Análise*, e surge com frequência ao lado de outra importante questão – o término de uma análise –, que foi abordado em diversas nuances, desde progressos a impasses, em *Análise finita e infinita*, quando este autor situou as condições necessárias para o término de uma análise.

Freud observou que o trabalho de rememoração do analisante, seguindo a associação livre, na verdade só progredia até certo ponto, a partir do qual nenhuma lembrança nova podia emergir. Diante desta impossibilidade de recordar, fazia-se necessário um tipo de intervenção por parte do analista, diferente da interpretação, a saber, as construções em análise. Diferente do trabalho de interpretação, usado para decifrar as formações do inconsciente, as construções foram tecnicamente empregadas em relação à fantasia, aparecendo, de forma exemplar no caso clínico *O Homem dos Lobos*, onde foram levadas ao limite da reconstrução. Além deste, apareceram ainda no mais importante texto de Freud (1919e/2017) em relação à fantasia, *Bate-se numa criança*, que foi situado por Lacan no mais alto quilate, por nos dar justamente a posição do sujeito. Todos esses textos tinham como denominador comum uma mesma questão – o complexo de castração –, que foi considerado por Freud como verdadeiro limite

diante do qual a análise do neurótico não conseguia avançar, e se daria então o final de uma análise. Todavia Lacan considerou que poderia haver outro fim lógico para uma análise e apresentou uma formulação original mediante a proposição da construção da fantasia como limite ao trabalho analítico. Foi diante dessa proposição de Lacan para o final de análise, que o problema de nossa tese veio se formular.

O trabalho que apresentaremos surgiu de uma inquietação em torno da frase “a psicanálise opera sobre a fantasia”, escutada no início de meus estudos em psicanálise, alguns anos atrás. Àquela época de modo ainda ingênuo, e tomado por concepções cientificistas interrogava eu: *como uma disciplina com pretensões científicas pode operar por meio da fantasia?* Vez ou outra essa pergunta ressurgia por parte dos(as) alunos(as) nas aulas e supervisões em minha atividade como professor. Trata-se de uma problemática clínica importante, mas que só pode ser formulada se reconhecemos sua estranheza, e colocarmos em questão aquilo que nos parece óbvio. Esse questionamento ficou anos operando, oras de modo consciente, oras indiretamente enquanto continuava os estudos, e foi sendo parcialmente respondido enquanto realizava minha formação, minha prática clínica e minha análise pessoal. Era possível identificar as fantasias, seus efeitos no sintoma analítico, e a recomendação técnica de que não se interpreta a fantasia, todavia faltava maior nitidez quanto ao rigor conceitual e ético que essas afirmações condensadas apontavam. É tentando dar sentido a essa questão que este trabalho será visado.

Antes de prosseguirmos com o problema é importante situar brevemente como este foi sendo gerado a partir de interrogações que surgiam de dois lugares: da clínica e de situações de ensino. Atualmente professor da Universidade Federal do Ceará *campus* Sobral, a clínica psicanalítica atravessou diversas inquietações e interrogações em aulas e supervisões, onde somos constantemente questionados quanto à prática do método psicanalítico, e que podem ser condensadas na pergunta lançada por Lacan (1953-1954/1986) ao início de seus Seminários: “O que fazemos quando fazemos análise?” (p. 19). Foi desta questão geral que fui dirigido para a direção do tratamento, e desta para a fantasia e o final de análise. Paralelo às situações de ensino-aprendizagem, as interrogações foram ganhando maior contorno em minha análise pessoal, momento fecundo de desconstrução e construção da fantasia. Foi quando o desejo de cursar um doutorado emergiu, e foi sendo reduzido à ideia inicial de estudar o final de análise, motivado pela pergunta: o que determina o final de uma análise? Pergunta que posteriormente liguei à travessia da fantasia. Naquele momento iniciaram-se as

leituras e buscas de teses e dissertações que visassem a esse problema e, para minha surpresa, não havia tantos trabalhos acadêmicos nesse campo, o que constituía um enigma.

Admitido na seleção do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, concluímos a orientadora e eu, que a problemática do final de análise e a travessia da fantasia levanta questões amplas e difíceis de serem devidamente respondidas no percurso limitado de uma pós-graduação, primeiro porque ela não estava em continuidade com meu percurso de pesquisa anterior, depois porque a experiência de travessia da fantasia é um percurso teórico longo, e exige um verdadeiro trabalho de travessia de grande parte do ensino e dos escritos de Lacan. Assim chegamos ao consenso que mais valia dar dois passos atrás antes de dar um passo à frente, e decidimos conjuntamente que o objeto de estudo seria analisar a proposição da construção da frase da fantasia fundamental. Submeti essa temática à qualificação, visando a situar as contribuições que essa proposição lógica trouxe para a teoria e clínica psicanalítica.

Em consonância com o pensamento de Freud e Lacan, a fantasia foi situada por Jorge (2010), com quem concordamos, como “verdadeiro conceito fundamental da psicanálise.” (p. 09) Em razão das diferentes traduções que o termo fantasia recebeu, nesta escrita escolhi proposadamente manter o termo fantasia, tradução literal daquele usado por Freud na língua alemã – *phantasie*, que se refere tanto à faculdade imaginativa presente nos devaneios, quanto às representações psíquicas inconscientes atribuídas às fantasias, ambas com a função de satisfazer um desejo. A fantasia é um dos conceitos centrais da teoria psicanalítica e esteve presente desde as primeiras formulações freudianas anteriores à própria descoberta do inconsciente, até seus últimos textos. A questão da tradução do termo originalmente empregado por Freud – *phantasie* – suscitou debates que não irei detalhar, mas cabe dizer que o termo *fantasme* foi empregado frequentemente por Lacan em referência ao termo fantasia. Na língua portuguesa este termo foi traduzido, muitas vezes, por fantasma, referência que manterei quando a citar integralmente a escrita ou a tradução do autor, mas que evitarei em minha própria escrita. Assim é importante dizer que optei por manter o uso do vocábulo fantasia, mesmo quando me referir a conceitos criados por Lacan como a *travessia da fantasia* [*Traversée du fantasme*].

Tomarei a fantasia como uma questão que concerne ao desejo do sujeito, entendido como o corte situado numa cadeia significante que sustenta suas *verdadeiras exigências de sujeito do inconsciente*. Na construção do texto inicial me guiarei pela interrogação de Lacan (1961b/1998), “uma vez reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, que tipo de

sujeito podemos conceber-lhe?” (p. 814) Baseados nessa interrogação, todo o primeiro capítulo se situa diante da pergunta *Quem fala?* Mas não se trata apenas de um ponto de início da tese, já que essa pergunta é sustentada até o final.

Na investigação inicial do problema percebi que a construção da fantasia, respondia não apenas ao problema do final de análise, mas a uma questão mais ampla levantada por Lacan (1953a/1998) alguns anos antes, quando destacou problemas da psicanálise relacionados à deterioração do discurso freudiano e a tentação do analista de abandonar o fundamento da fala do analisante. O primeiro deles, e não à toa, concernia justamente à técnica analítica, mais precisamente, ao caráter imaginário da interpretação das fantasias na direção do tratamento; problema que iremos abordar. Assim entendo que, ao invés de iniciar diretamente com o problema da construção e da travessia da fantasia, seria importante interrogar como Lacan chegou a essas formulações visando a dar respostas consistentes aos problemas que a psicanálise de seu tempo levantava. Essa percepção reorientou a tese tornando necessária uma retroação dos estudos que se mostrou acertada por situar as contingências às quais o problema estava submetido.

A questão que surgiu a partir daí, e norteou o trabalho foi: se Lacan estabeleceu uma crítica ao modo como a fantasia era concebida e situada na direção do tratamento, qual sua proposição para resolvê-la? Levantar essa pergunta exigiu realizar um percurso na obra de Lacan desde os seminários iniciais, quando os problemas em torno da fantasia foram destacados, até o Seminário *A lógica da fantasia*, quando apresentou a formulação lógica mais bem acabada para o problema. Enveredaremos num verdadeiro ziguezague de construções e formulações teóricas em torno das soluções forjadas por Lacan para dar conta do problema, conjugando a diacronia e a sincronia dos conceitos, a saber, a relação não só temporal, mas também as articulações com a trama dos outros conceitos alcançados naquele momento. Essa atitude permitirá perceber os avanços e deslocamentos teórico-clínicos no pensamento de Lacan, visto que ele considerou que “a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam.” (p. 247) Nesse sentido, uma questão mais foi levantada na medida em que me aproximei do final de uma análise, a saber, o problema do ato psicanalítico cuja tese relativa ao surgimento do analista é contemporânea à de travessia da fantasia. Todavia deixo claro que não abordarei as proposições concernentes ao passe e à Escola, que por si mesmas, exigiriam um campo de discussões longas e específicas.

Para atingir os objetivos desta tese, duas delimitações foram importantes, a primeira foi a de manter a discussão em referência à experiência de análise com as neuroses, ainda que em alguns momentos tenha que abordar a perversão. A segunda delimitação se refere ao marco temporal do ensino e da escrita de Lacan; que recobre um período relativamente longo. Início com a formulação dos problemas reunidos em torno da função da fantasia na direção do tratamento, e cheguei aos anos de 1967 e 1968, quando no Seminário *A lógica da fantasia* Lacan formulou a proposição de travessia da fantasia, que podemos considerar uma “solução elegante” para o final de análise. Mas essa discussão não estaria suficientemente fundamentada sem os avanços alcançados por Lacan em *O ato psicanalítico*.

O algoritmo da fantasia $\$ \diamond a$ será o guia que norteará toda a pesquisa. Lacan (1957-1958/1999) considerou importante formalizar logicamente a fantasia mediante a escrita de um algoritmo, também conhecido como matema da fantasia – $\$ \diamond a$ –, que se lê: esse barrado punção de a minúsculo (escrito em itálico). O algoritmo tem três elementos o sujeito dividido ($\$$), o punção (\diamond), e o objeto a , causa do desejo; esta escrita decanta um número de relações possíveis entre os dois elementos. Trata-se de uma questão fundamental para compreender o rigor do retorno a Freud por uma via simbólica inédita, um verdadeiro “cálculo do sujeito”, que depura os efeitos imaginários de outras práticas psicanalíticas pós-freudianas.

Resolvi dividir os dois primeiros capítulos em função dos polos do algoritmo, sujeito e objeto, e neles irei apresentar uma série de questões que permitirão discutir o que é a fantasia e sua função. É digno de nota que o surgimento do algoritmo se deu num tempo concomitante com a construção do grafo do desejo, e aparece ocupando um lugar preciso que indica a função da fantasia para o sujeito. Assim, o primeiro capítulo relaciona o grafo do desejo aos tempos de constituição do *sujeito* ($\$$) e à fantasia. Para dar conta desta pretensão, duas leituras se mostraram fundamentais, a relação que a fantasia mantém com o estádio do espelho, e a divisão do sujeito expressa na fantasia, tal como é abordada por Lacan em sua leitura do texto de Freud – *Bate-se numa criança*.

No segundo capítulo dei maior ênfase ao segundo elemento do algoritmo – o *objeto*, situado pelo próprio Lacan como sua maior contribuição à psicanálise. Procurei seguir o avanço do ensino e dos escritos deste autor, visando a acompanhar os saltos com efeitos no conhecimento que se deram desde as primeiras formulações simbólico-imaginárias da fantasia, até a formulação do *objeto a*, causa do desejo. Assim, fica demarcado também que não adentraremos no problema do objeto a como mais-gozar proposto posteriormente. Se no

princípio desta tese pudemos ler o matema da fantasia no que concerne ao objeto pequeno *a* conferindo-lhes um valor simbólico e imaginário somos, no entanto, advertidos por Lacan (1966-1967/2008) de que “o imaginário, sobretudo, se agarra nisso, o cerca, aí se acumula. [Mas] O objeto pequeno *a* é de um estatuto outro.” (p. 13). O outro estatuto para o qual o ensino de Lacan foi arrastado é o do encontro inarredável com o real, que está no cerne da experiência psicanalítica, e por meio do qual a psicanálise opera; por esta razão finalizamos o capítulo em torno da discussão da relação do sujeito e do objeto com a ciência em contraste com a operação psicanalítica.

No terceiro capítulo abordei a operação analítica, onde propus pensar a “clínica da fantasia”; nele assumo o risco de tratar a respeito do manejo da transferência na experiência analítica, desde o início até o seu desenlace, tentando passar pelo desfiladeiro da clínica sem cair numa tecnocracia, sublinhando que é por meio da fantasia que estamos no cerne da questão do desejo e da ética psicanalítica. Neste capítulo acentuo a função do punção (\diamond), para tratar das operações de constituição do sujeito: alienação e separação, para pensá-las em relação ao manejo clínico da interpretação no final de análise. É neste capítulo que chego finalmente à discussão do problema inicial da tese *a construção da fantasia*, a partir do qual levanto uma série de questões: – Como se faz a construção da fantasia fundamental? – Por que construí-la? – Quais os efeitos da construção sobre o sujeito? Inicialmente havia imaginado ser possível abrir mão de tratar sobre a travessia da fantasia, mas a questão se impôs de forma inarredável ao trabalho como efeito da pergunta – Quais os efeitos da construção da fantasia? Questões que levam à *travessia da fantasia* e sua relação com o final de análise. Desde já afirmo que só me propus a ousar responder a essa difícil questão dentro dos limites temporais que situo no escopo da pesquisa, de modo que importantes desdobramentos como o passe, o cartel, dentre outros, não serão abordados aqui.

Concluo a tese apontando os principais pontos a que cheguei ao final deste percurso, onde atravesso parte da teoria, reconhecendo a parcialidade de um texto que não se propõe totalizador, mas parcial, e que se constituiu como um esforço de pensar os conceitos de construção e travessia da fantasia na experiência psicanalítica, apontando não apenas para o final de uma análise, mas também para os fins, isto é para a ética da psicanálise e a dimensão do desejo.

1. O SUJEITO E A FANTASIA

Iniciarei este trabalho pela importante “confissão” de Freud: *Não confio mais em minha neurótica*, que se encontra na carta a Fliess de 21 de Setembro de 1897, quando confiou o “segredo” que foi despontando nos últimos meses de seu trabalho. (MASSON, 1986, p. 265). Essa afirmação pode ser tomada como ponto de partida de um verdadeiro salto epistemológico no pensamento freudiano do qual derivou a própria psicanálise. Esta reviravolta decorreu de uma mudança na teoria da sedução paterna [*Vaterätiologie*]. Para compreendermos melhor o que se trata, precisamos retomar em que ponto se encontrava o pensamento freudiano antes da confissão, e o que muda a partir dela.

Para Freud, a sexualidade era especialmente apropriada para fornecer o conteúdo dos traumas, por ser impossível reagir a suas ideias devido ao contraste que mantinha com o restante da personalidade. Freud (1896c/1992) afirmou que: “não importa o caso ou o sintoma do qual se tenha partido, infalivelmente se termina por chegar ao campo da experiência sexual. Assim, se havia descoberto, pela primeira vez, uma condição etiológica dos sintomas histéricos.” (p. 198). No período da primeira teoria das neuroses, que vigorou nos artigos de 1894 a 1897, Freud acreditava que a etiologia das neuroses era decorrente de uma sedução sofrida pela criança, geralmente efetuada pelo pai.

Desde o caso Anna O. Freud (1895/1992) havia observado que o cultivo sistemático dos sonhos diurnos (devaneios) da paciente estavam diretamente relacionados ao desencadeamento da histeria. Nesse período, Freud percebeu ainda que, ao falar sobre os sintomas, seus pacientes chegavam frequentemente a cenas sexuais infantis, o que permitiu ligar as cenas à causalidade dos sintomas histéricos; entretanto não existia ainda a possibilidade de colocar em cheque sua primeira teoria das neuroses. Um grande avanço foi alcançado com a pista de que determinadas lembranças surgiam carregadas de investimentos libidinais e que, o Eu se defendia dessas recordações; então descobriu que as fantasias,

(...) são estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal. Sua origem accidental talvez provenha das fantasias de masturbação. Um segundo elemento importante de compreensão me diz que as estruturas psíquicas que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento, não são, na verdade, lembranças, já que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo, e sim a impulsos decorrentes de cenas originárias. (FREUD, apud MASSON, p. 240)

Ficou entendido que as fantasias se constituíam como *ficções protetoras*, derivavam de fragmentos de memória e impulsos gerados por lembranças infantis, de *cenas originárias*, em

que a criança experimentou, viu ou ouviu, mas que, receberam um valor sexual e traumático *só-depois*, a partir da puberdade, quando irrompiam na consciência como formações de compromisso, na forma de sintomas. Segundo Freud um evento atual se tornaria capaz de acionar a memória traumática por associação, produzindo sintomas. Nesse período a técnica visava a alcançar o acontecimento gerador do trauma, o que se dava através das fantasias. Para a surpresa de Freud, frequentemente surgiam cenas sexuais primitivas [*Urszenen*] que, só podiam ser reveladas depois de um trabalho de deciframento. Estas cenas revelavam a participação dos pais na sedução infantil. Freud questionou a veracidade de tais cenas, pois caso fossem factuais, todos os pais, inclusive o seu, seriam perversos.

Freud teve que superar a oposição entre fantasia e realidade presente em sua primeira teoria do trauma, que considerava a fantasia um falseamento, uma invenção do paciente, enquanto a realidade teria sido uma vivência factual. Diante do impasse se interrogava: como fundar uma teoria sobre a causação dos sintomas se ela própria esbarra numa mentira? A constituição do método psicanalítico surgiu então de um questionamento da verdade em torno da *próton pseudos* da histérica, mais precisamente da superação deste impasse. A conclusão a que chegou foi a de que no funcionamento do inconsciente há uma impossibilidade de distinguir a verdade da ficção; assim, as cenas não foram consideradas totalmente falsas, elas continham, em alguma medida, um grau de verdade quanto ao desejo inconsciente. A partir daí a fantasia foi ganhando o *status* de *realidade psíquica*, e passou a ter um lugar central na teoria e na técnica psicanalítica.

Enquanto empreendia sua autoanálise Freud (1899a/1992, 1901b/1992) se deparou com os mesmos problemas no funcionamento da memória encontrados em sua clínica com neuróticos. Observou que determinados fatos relevantes podiam ser esquecidos em razão da propensão a produzir conflitos no Eu; e afirmou que a censura desse sistema se utiliza da linguagem para substituir ou deslocar palavras ou cenas para outras que não causariam desprazer. As ideias que entram em conflito com Eu seriam tornadas inconscientes, por meio do recalçamento, e seu retorno seria um substituto, uma formação de compromisso, na qual o conteúdo das impressões da vida sexual infantil, sobretudo derivadas do complexo de Édipo, foi substituído por fantasias e submetido a distorções, fragmentação e amnésia. Freud descobriu que as fantasias se interpunham entre a lembrança patógena e o sintoma, como uma espécie de *tela* cuja função seria encobrir acontecimentos penosos da vida do paciente. Assim, a lembrança atual, comunicada em análise era, na verdade, uma ficção; havia sido forjada posteriormente para encobrir conteúdos originais traumáticos, tornando-os falseados,

incompreensíveis ou irrelevantes. Freud (1899a/1992) denominou *lembranças encobridoras* às lembranças que funcionam como “fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações” (p. 241)

A função da fantasia seria, então, funcionar como fachada, uma defesa para encobrir a cena sexual traumática, impedindo o acesso à recordação inconsciente; concepção que se manteve até o final de sua obra. Anos depois, o próprio Freud (1906a/1992) confidenciou:

Superestimei a frequência desses acontecimentos (inquestionáveis, de resto), pois também não estava em condições, naquela época, de distinguir seguramente entre as enganosas recordações infantis dos histéricos e os traços dos eventos reais, e desde então aprendi a explicar muitas fantasias de sedução como tentativas de se defender da recordação da própria atividade sexual (masturbação infantil). (p. 266)

Dissemos que entre os sintomas e as lembranças se interpõem as fantasias, muitas delas produzidas posteriormente, na puberdade e comunicadas em associação livre. Tais fantasias são formadas a partir de lembranças infantis nas quais, frequentemente, encontramos cenas que envolvem os pais. A descoberta do desejo infantil foi importante para o abandono da teoria de sedução, e ajudou a sedimentar a nova concepção ligava os desejos ao complexo de Édipo. Embora Freud (1906a/1992) abandone a primeira teoria do trauma, permaneceu a concepção de que as fantasias surgem para dar conta dos efeitos traumáticos do encontro precoce do humano com o sexual.

Na sequência da teorização dos modos de funcionamento do inconsciente, seguiu-se o “ciclo da fantasia”, no qual Freud (1919e/2017) realizou grandes avanços teóricos; todavia esse trabalho só estaria mais bem acabado, anos depois, no seu mais importante escrito em termos da fantasia – *Bate-se num criança: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais*. Depois deste texto, Freud pouco escreveu sobre as fantasias, mas o tema permaneceu implícito até suas últimas formulações da segunda tópica.

Podemos dizer que foi em relação à chamada “segunda tópica” que se deram as maiores mudanças na teoria e na técnica, em relação ao sentido original da descoberta freudiana. Muitos analistas entenderam erroneamente que se trata de um retorno do Eu na teoria freudiana e, com o aval da própria Anna Freud, tentaram recentrá-lo na psicanálise. Roudinesco (2009) aponta causas históricas como a perseguição aos judeus no período entre guerras do século vinte, que levou a uma verdadeira diáspora da segunda geração de psicanalistas do ambiente germânico, sobretudo para a América do Norte e Inglaterra. Exilados, muitos destes emigrantes sentiram a necessidade de aceitação da psicanálise em

novos solos e línguas, e realizaram modificações na teoria e na prática psicanalítica. Lacan (1953/1998; 1961a/1998) criticou tais mudanças e afirmou que acrescentavam características estranhas ao procedimento freudiano como a ênfase na observação e no ambiente, explicações evolutivas e desenvolvimentistas que recaiam em tendências adaptativas do humano à realidade. A psicanálise foi tomada como uma espécie de “remédio social” normalizador. Seus principais expoentes compunham a IPA (*International Psychoanalytical Association*), – dominada por uma Psicologia do Ego desenvolvida nos Estados Unidos da América – país marcado nitidamente por um a-historicismo da cultura –, que geria burocraticamente a formação dos analistas didatas àquela altura. Lacan se mostrava seriamente preocupado com essas questões, pois, se a concepção teórica e técnica da psicanálise estavam desvirtuadas, as chamadas análises didáticas sofreriam os efeitos dessa transmissão.

No início de seu ensino, Lacan (1953/1998) denunciou os três principais problemas da psicanálise derivados, sobretudo, de certo desinteresse dos psicanalistas pela função e campo da fala e da linguagem, o que se refletia numa mudança do objetivo e da técnica analítica, desviando do sentido do legado de Freud. O primeiro problema se referia ao *imaginário*, e estava diretamente relacionado à função das fantasias; nesse campo a mudança provinha, sobretudo, da adaptação da técnica à análise de crianças. De um lado a técnica era influenciada pela ideia de desenvolvimento e se baseava na observação direta da criança, conforme o trabalho empreendido por Anna Freud, cuja técnica defendia a análise das defesas do eu; de outro lado, a clínica com crianças em idade precoce, observados no trabalho de Melanie Klein, que dava ênfase às fantasias pré-verbais. O segundo problema estava relacionado à concepção das *relações libidinais de objeto*, também orientada por uma mudança técnica, a fim de possibilitar a condução do tratamento das psicoses. Já o terceiro problema dizia respeito à questão da *contratransferência*, isto é, aos sentimentos do analista em relação ao paciente e, por fim o modo como se dava a *formação didática* dos analistas. De forma precisa, Lacan (1953-1954/1986) mencionou tais problemas no primeiro Seminário, quando os reuniu, e situou a fantasia em primeiro plano:

É em volta dessa fórmula que se podem reagrupar facilmente todos os estudos sobre a relação de objeto, sobre a importância da contratransferência, e sobre um certo número de termos conexos entre os quais, no primeiro plano, a fantasia. A interação imaginária entre o analisado e o analista é portanto algo que teremos de levar em conta. (p.20)

Embora diferentes, os três problemas tinham como fundamento comum deixarem ao largo a função simbólica e a tentação de abandonar o campo da fala e da linguagem. Em A

direção do tratamento e os princípios de seu poder, Lacan (1961a/1998) apontou que estas teorias acabavam por situar o analista como um representante da realidade, um modelo de ideal a ser seguido, e desembocavam em práticas adaptativas e sugestivas, com ênfase na relação dual imaginária. Outro problema concernia ao lugar reduzido da interpretação, frequentemente substituída por explicações, gratificações, respostas à demanda, etc. Todo esse desvirtuamento do legado de Freud exigiu esforços de Lacan para resgatar o sentido da experiência psicanalítica, que ficou conhecido como o “retorno a Freud”.

Destas abordagens, a teoria kleiniana merece nossa atenção pelo destaque dado à função da fantasia na teoria e na técnica interpretativa. O trabalho analítico com crianças, desde a mais tenra idade, possibilitou a Melanie Klein aprofundar sua teoria e clínica – baseadas nas ansiedades, nas angústias e nas fantasias infantis –, e contribuiu na elaboração de saberes que ampliou, mas também transformou o pensamento freudiano clássico. Para Klein e seus seguidores, as fantasias estavam presentes desde o nascimento, e seriam representantes dos instintos (pulsão); as fantasias constituíam-se como matrizes das percepções que determinavam as relações da criança com os objetos. Essa é uma das principais diferenças entre o pensamento desta autora em relação à concepção teórico-clínica de Lacan, que separa pulsão e fantasia, conforme veremos.

A concepção de Melanie Klein foi influenciada não apenas pelo pensamento de Freud, mas também pelo de seu analista, Karl Abraham. Para este autor a passagem do caráter pré-genital ao caráter genital, isto é, do objeto parcial ao objeto total levaria à maturação como ponto de chegada ideal. A capacidade de amar a que o paciente acederia por meio do caráter genital abriria espaço para uma relação genital harmônica, bem como funcionaria como indicador do acesso ao real e à própria experiência analítica. Baseado nos impasses do desejo e na degradação da vida amorosa observada por Freud, Lacan criticou severamente a concepção de uma relação sexual harmoniosa defendida por alguns seguidores de Abraham, como Michel Balint. Outro problema combatido por Lacan estava no fato de o analista ser tomado como representante da realidade, não restando ao analisante nenhuma alternativa, senão a introjeção da imagem do analista, por meio de uma identificação. Tal concepção podia ser claramente percebida na fantasia de devoração do falo do analista nas neuroses obsessivas, fenômeno que impunha uma regulação da distância entre o paciente e o analista, de modo que tornava nítido que a prática analítica estava submetida a um caráter imaginário dual àquela altura.

Podemos dizer que a conceituação da *relação de objeto* de Abraham marcou de forma contundente a formação do pensamento da escola kleiniana segundo a qual, a decomposição do *ego* por meio da regressão, revelava as fantasias que, por sua vez, expressavam as identificações imaginárias do paciente com objetos parciais – o seio, os excrementos, etc. Para Klein a realidade se constitui em relação a esses objetos de forma alucinatória e fantasística. Por sua vez, Lacan discordava dessas afirmações, e insistiu que os objetos, na verdade, se inscrevem no registro significante, de forma que a entrada da criança no campo da linguagem é o fundamental na constituição da realidade. Quanto à técnica, de forma sucinta, podemos dizer que, o analista kleiniano estava autorizado a *interpretar as fantasias* desde o início do tratamento, além disso, era situado na transferência como objeto bom ou objeto mau, de modo que, a condução do tratamento se mantinha numa relação dual, sem referência ao Outro. Sem adentrarmos nas demais críticas realizadas por Lacan, consideramos que na teoria kleiniana a função da fantasia continha avanços, mas estava articulada de modo insuficiente, por falta de uma distinção rigorosa entre os registros real, simbólico e imaginário.

Em posição crítica às concepções substancialistas, geneticistas, e de que o inconsciente seria a sede dos instintos, Lacan (1953/1998; 1957/1998) formulou a *tese do inconsciente estruturado como linguagem*, que recebeu influências, principalmente, do estruturalismo, da linguística e da matemática. A tese lacaniana, animada pelas recentes conquistas de um *status* científico obtido pela linguística de Ferdinand de Saussure, defendia a necessidade de resgatar a linguagem ao pé da letra, já que é a fala em associação livre que dá o acesso da psicanálise às formações do inconsciente; é a linguagem quem fornece o suporte material do discurso do analisante, na medida em que o sujeito está implicado em sua estrutura. O suporte material do significante fornece uma aptidão para sua localização, bem como cabe dizer que a linguagem não é imaterial, ela estrutura todo o mundo simbólico do sujeito, se inscreve na sua carne e produz a metáfora de seus sintomas. Considerando a materialidade irredutível do significante, Lacan se autorizou a subverter o signo linguístico de Saussure, o que tornou possível demonstrar que, no processo de significação, o significante tem uma prevalência sobre o significado.

Condizente com as ideias da linguística de Jakobson, a antropologia de Claude Lévi-Strauss relacionou a estrutura ao plano simbólico, isto é, à articulação significante. Para esta teoria, a linguagem é um fenômeno social; o campo simbólico, preexiste ao sujeito e já está fundado e ordenado na própria estrutura da linguagem, muito antes de seu nascimento, nas estruturas elementares da cultura. Assim, antes de qualquer experiência individual, os

significantes organizam o campo humano, e nele inscrevem suas linhas de força, lhes dão as estruturas e as modelam. A entrada do humano no campo da linguagem – de quem se torna servo num momento de sua história individual –, o diferencia dos demais seres, de modo que podemos considerar que a função simbólica é especificamente humana. Para Lévi-Strauss (1949/1982, 1958/2017), as estruturas simbólicas inconscientes ordenam as trocas e alianças conforme o caráter primitivo e irreduzível das relações elementares de parentesco – assentadas na exogamia e na universalidade da interdição do incesto –, cujas permutações possíveis se encontram inscritas no campo da linguagem e podem ser matematicamente estudadas. O pensamento deste autor teve significativa influência no início do ensino de Lacan, quando este fez uma séria crítica aos analistas daquela época que se afastaram da experiência freudiana, e demonstravam pouco interesse pela função simbólica. Diz-nos Lacan (1953/1998):

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, portanto, quando se desconhecem os conceitos que a fundamentam. Nossa tarefa será demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala. (p. 247)

É ao falar sobre os sintomas que o analisante chega às cadeias significantes de suas fantasias, revelando a íntima relação que estas mantêm com a estrutura da linguagem. O trabalho analítico consiste numa tentativa de por as imagens e as cenas da fantasia em palavras; todavia, essas imagens não devem estar centradas no valor imaginário e sim, tomadas em seu valor significante. É neste sentido que Lacan (1957-1958/1999) interroga,

o que é uma fantasia inconsciente, se não a latência de algo que, como sabemos por tudo o que aprendemos sobre a organização da estrutura do inconsciente, é inteiramente concebível como cadeia significante? Que existem no inconsciente cadeias significantes que subsistem como tais, que são estruturantes a partir dele, que agem sobre o organismo, que influenciam o que aparece externamente como sintoma, essa é a base da experiência analítica. É muito mais difícil conceber a incidência inconsciente seja lá do que for de imaginário do que colocar a própria fantasia no nível do que, como denominador comum, apresenta-se para nós no nível do inconsciente, ou seja, o significante. A fantasia é, essencialmente, um imaginário preso numa certa função significante. (p. 423)

Coerente com o pensamento de Freud (1917/1992), Lacan definiu as fantasias inconscientes como a latência de cadeias significantes, e as relacionou aos sintomas, apontando que sua formação segue as leis do significante. Ao situar a fantasia como uma articulação simbólico-imaginária, sua concepção se diferenciava de outras correntes que se apoiavam no aspecto imaginário das fantasias, a saber, na noção de imago dos objetos e na significação das imagens. Para Lacan, longe da fixidez da imagem, a ambiguidade e a dialética são características do simbólico; a estrutura da cadeia significante possibilita,

justamente, que se possa servir dela para expressar algo completamente diferente do que ela diz. O trabalho analítico se realiza em torno dos significantes que substituíram e se fixaram na formação do sintoma. Para liberar o analisante dos sintomas, a terapêutica analítica opera, por meio da fala, por caminhos inversos aos de sua formação, o que requer um trabalho de revelação das fantasias, de decifração e deslocamento dos significantes que formaram os sintomas. A questão é saber *quem fala através do sintoma?*

Lacan reconheceu que, ao destacar a relação entre a linguagem e o inconsciente Freud se antecipou à formalização posteriormente introduzida pela linguística; sobretudo porque nas formações do inconsciente podemos reconhecer a instância do significante. Mas o que essa operação revela? Trata-se do desejo inconsciente do sujeito, na medida em que o sintoma ou qualquer outra formação do inconsciente vem representar o sujeito. Para Lacan (1957/1998) “a noção de sujeito é indispensável ao manejo de uma ciência como a estratégia, no sentido moderno, cujos cálculos excluem qualquer ‘subjetivismo’”. (p. 520)

Antes de adentrarmos no conceito de sujeito é importante tratarmos do conceito de inconsciente [*Unbewusste*], conferindo-lhe o sentido dado por Freud. Trata-se de um conceito de difícil abordagem, já que de fato, ninguém sabe o que ele é. Podemos, no entanto dizer que, apesar de não ser um lugar substancializável, é possível conhecê-lo por seus derivados, depois que se experimenta uma transposição ou tradução em algo consciente, numa análise. Segundo Lacan, o ato de falar vai além da fala do sujeito e domina toda a sua vida, isto é, todas as suas ações, sejam gestuais ou verbais, porque todas são ações simbólicas; e como tais, estão sujeitas ao equívoco. O inconsciente emerge justamente nos tropeços, nas mancadas, quando há uma abertura para a surpresa e para o estranhamento, como um achado que revela ao Eu seu desconhecimento. É no ponto mesmo em que o analisante coloca a questão – *O que sou nesse ato?* Que supõe o sujeito do inconsciente.

Freud descobriu que mais além do campo da consciência há pensamentos [*Gedanken*] que o analisante, ao associar livremente, fala, sem saber o que disse, e se depara com uma descontinuidade no discurso que o faz sentir-se ultrapassado por seu dito; estes pensamentos são capazes de revelar que há um sujeito que se impõe e o determina, mas que permanece desconhecido da consciência. Sobre esses pensamentos lacunares fazemos recair a dúvida: *o que ao dizer Isso quer?* Interrogação que põe o analisante na pista de um saber que, para ser atingido, requer o trabalho de associação. A técnica da associação livre faz com que o analisante se interesse por si mesmo e suponha haver uma lógica naquilo que diz, mesmo que

não saiba imediatamente o que quis dizer. O deciframento dessas cadeias de pensamento poderá situá-lo em relação à verdade desconhecida, da qual sofre os efeitos.

As formações do inconsciente permitiram a Freud subverter o cogito cartesiano – *Penso, logo sou* – que situa uma identidade entre o ser e o pensamento, dando ao ser a certeza de estar, ele próprio, no pensamento. Por sua vez, a descoberta analítica ao situar o verdadeiro lugar do sujeito na cadeia significativa inconsciente se mostra mais coerente com o “penso onde não sou, portanto sou onde não me penso”; de modo que seria mais justo afirmar com Lacan (1957/1998) “eu não sou lá onde sou brinquedo de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar.” (p. 521). A descoberta de Freud revelou que a verdade do desejo, que comanda o sujeito, está inscrita lá onde não pensa. É essa verdade que insiste e que se repete nas formações do inconsciente, sem que o Eu nada saiba. Lacan (1957/1998) considerou que se trata de uma espécie de “máquina original” que põe em cena o sujeito, a qual afirma ser da ordem de uma “memória, comparável ao que é chamado por esse nome em nossas modernas máquinas de pensar (baseadas numa realização eletrônica da composição significativa), que faz essa cadeia que insiste em se reproduzir na transferência.” (p. 522)

Como o funcionamento dessa “máquina” se inicia? Ora, por nascer num mundo estruturado pelo simbólico, a relação do humano com o significante é bastante primitiva e fornece a verdadeira estrutura do inconsciente. Para Lacan (1957-1958/1999), na experiência de satisfação descrita por Freud (1900a/1992), se inscreve a relação de desejo do bebê mediada pelo significante. Freud toma a experiência da fome como modelo, e considera que as exigências da vida perturbam o organismo fazendo com que o bebê busque na motilidade uma forma de se livrar da excitação desprazerosa. O bebê grita, chora, esperneia, sem recursos para dar uma resposta adequada a estas necessidades internas, visto que se encontra num estado de imperícia e incapacidade para executar uma ação que ponha fim a esse estado de tensão. É nesse ponto que o outro [*Nebenmensch*] toma as respostas motoras como significante, as interpreta como mensagem a partir de sua cadeia significativa e, com uma ação específica, é capaz de por fim ao estado de urgência em que se encontra o bebê; é quando ocorre a experiência de satisfação. A partir de então, a imagem da percepção do alimento, ficará associada ao traço mnêmico da necessidade e, numa próxima vez que essa necessidade seja desencadeada, é a esse signo que o bebê buscará reencontrar, tentando reproduzir a primeira experiência de satisfação. Freud denominou esse impulso de desejo. Todavia, a repetição desse estado, ao invés de levar à satisfação, leva à alucinação do objeto, o que não resolve o problema da satisfação da necessidade, e pode mesmo por em risco a vida do bebê,

caso permaneça nessa via alucinatória. Então se impõe uma defesa à regressão que terminava em alucinação obrigando o bebê a buscar outros tipos de repostas.

A experiência de desejo se instaura em relação a um lineamento, em direção a um objeto específico que será evocado, justamente por sua ausência. O objeto que se inscreveu como capaz de restabelecer a homeostase não está presente o tempo todo, ele é apreendido na dialética das idas e vindas, na relação presença-ausência. Esse objeto desejado, fantasiado deve ser entendido numa relação simbólica, uma vez que não se trata apenas da inscrição de uma imagem, mas de um significante em relação a outros significantes. Deste modo o significante é introduzido precocemente no processo de simbolização, e se torna o principal intermediário tanto do princípio de realidade, quanto para o que dará lugar ao sujeito.

Toda essa “teoria da memória” gira em torno da inscrição de traços mnêmicos na estrutura do inconsciente. Lacan (1954-1955/1987, 1959-1960/1988) fez uma leitura da *Carta 52* de Freud a Fliess, propondo traduzirmos o termo *Bahnung* por trilhamento. As *Bahnungen* funcionam como cadeias significantes que dominam a economia psíquica; é por essas vias sulcadas que os pensamentos inconscientes transitam ou se interrompem. Lacan (1959-1960/1988) afirmou que o significante se interpõe entre a percepção e a consciência, e organiza o mundo das *Vorstellungen* [representações] segundo as leis da metáfora e da metonímia. Essas cadeias significantes se impõem ao sujeito, e nos permitem falar de pensamentos inconscientes que funcionam por uma regulação autônoma, mediante um cálculo que garanta a homeostase. Nesse circuito regulado pela repetição significativa, podem ser reencontrados pelo sujeito os objetos que equacionam e dão o suporte do desejo na fantasia.

No seminário *As formações do inconsciente*, na aula de 26 de março de 1958, Lacan (1957-1958/1999) apresentou as fórmulas do desejo, quando introduziu o algoritmo $-\$ \diamond a -$, lido como: esse barrado, punção de *a*. Naquela ocasião, o matema da fantasia apareceu no centro da fórmula e foi relacionado, de um lado ao o polo do desejo, e de outro a estrutura imaginária do Eu, mediante a seguinte escrita:

$$d \longrightarrow \mathfrak{S} \diamond a \begin{array}{c} \longleftarrow \\ \longrightarrow \end{array} i(a) \longleftarrow m$$

Grosso modo a fórmula diz respeito à identificação histórica, terceiro tipo de identificação descrito por Freud (1921c/1992) em *Psicologia das massas e análise do Eu*. O algoritmo expressa um modo de identificação no qual o desejo do sujeito é sustentado na fantasia, por meio do desejo de um outro que esteja em condições de responder à pergunta do

desejo. Assim, o algoritmo da fantasia demonstra como o desejo do sujeito surge alienado no desejo do outro. Posteriormente essa fórmula reapareceu no grafo do desejo que foi sendo construído enquanto Lacan abordava a função simbólica expressa nos complexos de Édipo e de castração e, finalmente, o algoritmo $\$ \diamond a$ se tornou conhecido como *matema da fantasia*.

Segundo o Dicionário de Psicanálise de Roudinesco e Plon (1998) “a palavra matema foi proposta por Lacan pela primeira vez em 2 de dezembro de 1971. Cunhada a partir do mitema de Claude Lévi-Strauss e do termo grego *mathema* (conhecimento), [no entanto,] ela não pertence ao campo da matemática.” (p.502) Mediante a proposição do matema se realiza uma formalização, ao isolar uma escrita mínima de letras, que permita efetuar a transmissão integral da psicanálise, de modo análogo à matemática. Todavia resta problemático o fato de que a experiência analítica é singular, daí porque Lacan (1960/1998) tenha advertido “que ele é feito para permitir um sem-número de leituras diferentes, multiplicidade admissível desde que o falado continue preso à sua álgebra.” (p. 830)

A escrita do algoritmo da fantasia – $\$ \diamond a$ – relaciona dois elementos heterogêneos: sujeito e objeto que se articulam mediante o punção (\diamond). Lacan disse que o desejo do sujeito é regulado pela fantasia, se relacionando com um objeto (a). De início, diremos que o $\$$ que vemos no matema da fantasia representa o sujeito do inconsciente, um sujeito dividido pelo significante que o constitui; sujeito que atravessou a castração e sofreu desta sua marca e seus efeitos. Quanto ao punção (\diamond), ele representa a relação quadrática entre o sujeito ($\$$), o Outro como lugar da fala (A), o pequeno outro (a) e sua imagem (a'), tal como constituídas no Esquema R, apresentado no mesmo seminário, do qual trataremos adiante. O objeto (a) relacionado à fantasia, nesse primeiro momento, foi designado como a imagem do semelhante. Nesse ponto, é digno de nota que o objeto a seja, talvez, a maior contribuição do ensino de Lacan à psicanálise, mas apresenta grande dificuldade de o formularmos numa definição que possa esgotar sua complexidade; seu estatuto foi sendo (re)elaborado na medida em que o ensino deste autor avançou; questão que será abordada no capítulo posterior.

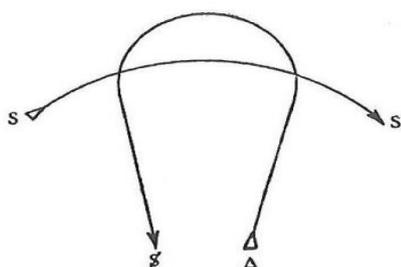
Diante de um tropeço na fala o analisante interroga *Quem fala?* É a resposta a essa questão que o conduz à fantasia e permite um avanço sobre o campo do inconsciente. Segundo Lacan (1958-1959/2016) “trata-se do lugar que a fantasia ocupa na referência do sujeito a si mesmo, ao que ele é no nível do inconsciente.” (p.406) Vemos então que a fantasia mantém uma relação com a identificação narcísica, com aquilo que constitui o Eu do sujeito, de modo que o próximo passo será tratarmos dessa relação.

1.1. O grafo do desejo e a fantasia

Lacan construiu o grafo do desejo entre o quinto e o sexto seminários, mas seu uso permaneceu por muitos anos de seu ensino. O grafo constituiu uma entrada de Lacan na topologia; trata-se de uma exigência da estrutura, que lhe serviu como forma de situar, a partir de lugares, a relação do sujeito com o significante no ato de fala. Optamos por seguir o percurso de Lacan e introduzir concomitantemente os problemas relativos à fantasia ao passo que construímos, a partir de seu ensino, o grafo do desejo; essa atitude nos permitirá situar o lugar ocupado pelo matema da fantasia nas relações do sujeito com o desejo. É importante afirmar que o grafo não diz respeito a fases do desenvolvimento, sua estrutura é muito mais lógica do que cronológica. Poupar-nos-emos de apresentar todas as etapas da construção do grafo, mas é necessário apontar que o mesmo está em conformidade com o ato de fala do sujeito em análise.

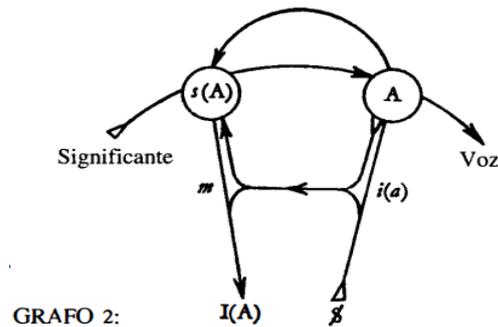
1.1.1 A célula inicial do grafo

Lacan (1960/1998, p. 819), representou a célula inicial do grafo mediante a figura que vemos abaixo. Nessa célula temos o que Lacan (1957-1958/1999, 1960/1998) denominou *ponto de basta*, que atua na cadeia significante ($\overrightarrow{S \cdot S'}$) detendo o deslizamento da significação no ato de fala. Ele ocorre de forma retroativa no ponto em que a curva da intenção Δ atravessa a cadeia significante, antes de chegar a $\$$ (sujeito). O ponto de basta se refere à função diacrônica da frase, na medida em que só teremos a significação do dito, quando o último significante da bateria for acrescentado em relação aos demais. É aí que encontramos a *Nachträglichkeit* do significante, que faz com que o sentido só possa ser conferido *a posteriori*. É somente ao introduzir um significante em relação a outro ($S'-S$), que este último ganhará sentido, ou seja, a significação emerge só-depois, da relação do último significante da frase em relação aos demais. Isso revela que o discurso além de ser uma matéria, mantém uma relação com a temporalidade, de forma que, quando se começa uma frase só se compreende seu sentido quando ela é concluída.



GRAFO 1:

Na imagem seguinte, Lacan (1960/1998. p. 822) introduziu algumas letras e novos lugares à célula inicial do grafo. No eixo sincrônico há um vetor que diz respeito às intenções que parte do \$ (sujeito) e vai até I(A); e no eixo diacrônico (horizontal) outro vetor representa a cadeia significativa parte de s(A), se desenrola no tempo, e termina em A, campo do Outro. Essa representação corresponde ao chamado primeiro andar do grafo do desejo, que representa a estrutura imaginária do Eu como aquele que fala:



É essencial pontuar que os dois vetores se cruzam em dois pontos distintos, código e mensagem, de modo que para que se produza uma mensagem s(A), é preciso que esta passe antes pelo código da linguagem (A). O primeiro vetor parte do polo pulsional, daquilo que no nível do Isso impulsiona, e termina em I(A), onde teríamos um fim, que outorga reconhecimento à mensagem do sujeito. A meio caminho, entre a tendência e o fim, o vetor da pulsão cruza o código da linguagem no nível do tesouro dos significantes e chega como mensagem em s(A). A satisfação do desejo vai depender da concordância entre o significante articulado na fala do sujeito, e o sistema significativo no Outro, na medida em que ambos partilham o mesmo código.

O código está no Outro (A), tesouro dos significantes, ele é a própria ordem simbólica constituída pela linguagem que é introduzida pela mãe mediante os jogos de presença-absência. O Outro representa o discurso da realidade que nos é comum, e é constituído por um conjunto de pontos de referência, de formas fixas no emprego do significante em uma determinada língua. É nele que estão todas as combinações possíveis que se dão a partir das regras que ordenam a estrutura da língua.

Depois de surgida a “necessidade” no polo pulsional, o primeiro encontro se dá no nível sincrônico, que encontra o código. A criança demanda e para satisfazer suas necessidades, se dirige ao outro que ela já viu falando e fala com ela; esse outro funciona como o Outro que detém a cadeia de significantes. Nessa relação, as necessidades precisam

passar pelo significante onde a mensagem será interpretada pelo Outro, que poderá dar a resposta ao apelo a partir de determinados significantes. Ao dar a experiência de seu desejo, o Outro faz uma escolha, uma seleção que fará com que determinados significantes se constituam no desejo da criança. Lacan (1958-1959/2016) afirma que “esse é o desfilamento pelo qual as manifestações de suas necessidades devem rebaixar-se a passar para serem satisfeitas.” (p. 21) É por essa via que se constitui, inicialmente, a demanda.

O segundo encontro do vetor pulsional com a cadeia de significantes acontece em $s(A)$, a mensagem, e se dá como uma conjunção do discurso com os significantes, como suporte criador do sentido. Se há uma verdade por ser anunciada é em $s(A)$ que ela poderá ser encontrada. A mensagem enquanto é formulada pelo sujeito, se antecipa ao código e busca uma garantia que é conferida pelo Outro. Nesse ponto, temos na diacronia o *ponto de basta* que fecha a frase promovendo a significação, por seu efeito retroativo. Assim, o Outro não é apenas a sede do código, mas também aquele que ratifica a mensagem do código, e só pode fazê-lo porque a mensagem, para que possa ser ratificada, precisa obedecer às regras da sintaxe, às leis da linguagem.

Apesar de o código ser fixo, sabemos que o significante não responde de forma unívoca a uma mesma coisa, o que é facilmente observado no equívoco, nas ambiguidades ou no dito espirituoso [Witz]. Assim, Lacan (1958-1959/2016) considerou que o desejo, ao ter que passar pelo código da linguagem, sofre refração; isto é, sofre uma transformação fazendo com que o significado seja remodelado pelo uso do significante, e chegue ao nível da mensagem como significado diferente do que era no começo. Daí sempre surge a possibilidade do tropeço na fala, do equívoco entre a intenção do sujeito e aquilo que é interpretado pelo Outro. Por estar sujeito à substituição na passagem pelo significante, a comunicação não tem um sentido imaginário fixo, ao contrário, ela porta sempre a possibilidade da equivocidade e do mal-entendido. Essa observação de Lacan (1957-1958/1999) é de suma importância no momento da interpretação, pois está no “significante aquilo com que nós, analistas, temos que jogar incessantemente.” (p. 19)

Na prática analítica nos deparamos com os tropeços da fala no discurso concreto do Eu e os efeitos do desconhecimento, refletidos na falta de transparência relativa à verdade que o constitui. O sujeito ao falar não sabe o que diz e, muitas vezes não se reconhece em seu dito, mas é somente mediante a fala que poderá ter acesso à verdade inconsciente que desconhece. Lacan (1960/1998) afirmou que “é de outro lugar que não o da Realidade concernida pela

Verdade que esta extrai sua garantia: é da Fala. Como é também desta que ela recebe a marca que a institui numa estrutura de ficção.” (p. 822) Para este autor, a consciência que dá o sentimento de ser eu [*moi*] é antes experimentada mediante a imagem do semelhante. Uma incursão pelo tempo constitucional do estágio do espelho nos dará condições de situar a diferença entre o eu [*moi*] que Lacan distinguia do sujeito do inconsciente [*Je*]. Trata-se de um ponto importante quanto ao sentido da verdade da descoberta freudiana, que a essa altura estava ameaçada pelo modo deturpado pelo qual a Segunda tópica foi assimilada, e que resultou nas inúmeras tentativas de promover a autonomia do Eu, que só podem ser mantidas ao preço de renegar os efeitos da dominação do inconsciente.

2.1.2 O estágio do espelho e o andar inferior do grafo

O primeiro nível do grafo do desejo que apresentamos no Grafo nº 2 relaciona o sujeito em vias de constituição (\$) com a identificação primária I(A). Para compreender o que se passa retomarei o terceiro seminário, quando Lacan (1955-1956/1988) afirmou que o falante se constitui no lugar do Outro, isto é, o Eu se constitui em referência ao tu, antes de qualquer maturação biológica, como uma chancela em que o sujeito recebe do Outro, um reconhecimento que implica o nível elementar da fala fundadora da história do sujeito. É por meio do tu que eu reconheço o outro, e que sua mensagem pode ser autenticada. Trata-se de uma invocação, um convite para que o sujeito entre incondicionalmente na via do desejo do Outro, cuja mensagem se expressa na forma da frase *tu és aquele que me seguirás*. O campo do Outro ocupa uma posição de mestria, de dominação e preexiste ao próprio *infans*, que terá de nele e por ele se constituir como sujeito no significante.

No momento constitutivo em que o tu é invocado, surge um significante primordial – o traço unário – que, todavia, é excluído para o sujeito. Lacan mostrou que na língua francesa o *tu és* é homólogo ao verbo *tuer* (morrer); nesse caso, o *tu* é aquele que morre, assumindo uma significação derrisória. Nessa hiância aberta, nenhum significante poderá dizer aquilo que o sujeito é, já que nada de significante pode responder pelo sujeito. Essa articulação da linguagem com a pulsão de morte introduz no sujeito o caráter mortífero do significante. Ao entrar no campo da linguagem e se submeter às suas regras, por um lado a dimensão do *ser* é perdida pelo sujeito, e se situa a condição de um não-saber, que constitui sua ignorância fundamental, mas por outro lado permite ao sujeito ser reconhecido pelo Outro.

O segundo andar do grafo mostra que, ao final do circuito, o sujeito recebe de forma invertida, o reconhecimento de sua mensagem pelo olhar do Outro, o que lhes dá sua primeira

chancela simbólica. Nesse ponto de referência ao Outro a linguagem vem primitivamente incidir na constituição do Eu, e instaura um significante que dá legitimidade ao código, para que ali possa se constituir o Ideal de Eu do sujeito; desta forma I(A) pode ser considerado o *ein einziger Zug* (o traço unário), relativo à introjeção simbólica do significante paterno. O traço unário é o primeiro signo do que virá a constituir o sujeito. Ele pode ser considerado o ponto inaugural em que surge a estrutura do inconsciente; trata-se de um significante excluído que, no entanto, será o suporte de toda a cadeia significativa. Esse traço constitui a marca que o sujeito recebe do significante, que o aliena numa identificação primeira; é por meio dele, que se formará o Ideal do Eu, I(A). Trata-se da primeira forma de identificação, cuja referência etnográfica foi relacionada à incorporação descrita por Freud (1912-1913/1992; 1921c/1992) em *Totem e tabu* como identificação simbólica ao Pai e, depois situada por Lacan como correlata à entrada do sujeito no campo da linguagem. Por meio de uma incorporação o sujeito se aliena na estrutura da linguagem, ao passo que o simbólico, por ter de se articular mediante o significante, cava ele próprio, um furo no real. É nesse buraco da estrutura que a imagem do Eu vem assumir um lugar.

Para dar conta da estruturação do Eu, Lacan ([1966a]/ 1949, 1961b/1998) desenvolveu o *estádio do espelho* como o momento lógico em que o bebê conquista a representação de sua unidade de corpo entre seis e dezoito meses. Nesta experiência, o Eu se estrutura mediante uma relação narcísica em que sua imagem especular se forma a partir de uma identificação com a imagem do outro. Essa relação está representada no andar inferior do grafo do desejo pelo vetor $\overrightarrow{i(a).m}$. O estágio do espelho é uma etapa na qual o *infans*, por estar num meio de linguagem, já está submetido à grade da estrutura do significante, ele pode até falar e é falado pelo Outro, mas não podemos dizer que haja linguagem de um sujeito. A linguagem está estruturada no nível do Outro, segundo um conjunto de regras nas quais a criança precisa se alienar (alienação simbólica) para se tornar, posteriormente, um sujeito da linguagem. Depois de ser capturado pela linguagem, o corpo biológico é sexualizado e se torna corpo erógeno; nessa operação, a introdução do significante produz uma desertificação do gozo que fica restrito às zonas erógenas. No entanto, Lacan (1966a[1949]/1998) adverte de que aquilo que se forma no estágio do espelho não é ainda o sujeito, mas “(...) a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.” (p. 97)

Freud (1923b/2007) disse que o Eu é, sobretudo um Eu corporal, ele é a projeção de uma superfície. A demarcação da superfície corporal é fundamental para o reconhecimento do

Eu, pois situa espacialmente o interior e o exterior para o bebê. Ao ser nomeado o corpo do *infans* recebe a marca do significante e nessa operação integra suas diferentes partes, sensações e percepções numa síntese do Eu. Essa experiência permite pensarmos que uma determinada acomodação do olhar no espelho plano reúne imagens fragmentadas numa só imagem, e produz uma transformação que resulta numa síntese do Eu. A imagem especular é a conquista de uma forma [*Urbild*], que se torna constituinte para o *infans*, pois possibilita passar da etapa de um ‘corpo despedaçado’ para o sentimento de unidade e de relação entre as partes de seu corpo; o que se forma é uma espécie de sentimento de *Gestalt* do corpo, que o bebê identifica como seu Eu. Ao se identificar com essa imagem completa e organizadora do Eu, seu desenvolvimento subjetivo se antecipa ao próprio desenvolvimento físico.

A forma do corpo se torna o envoltório de todas as fantasias do desejo; a cristalização em uma imagem ideal do corpo *i(a)*, o *Eu ideal*, fascina e captura o humano. Essa relação pode ser percebida na experiência em que o bebê volta sua cabeça para o outro e recebe deste um olhar de reconhecimento, situação que produz uma verdadeira assunção jubilatória; todavia, essa imagem com a qual se identifica encobre e contradiz seu estado de insuficiência. A imagem ideal introduz no Eu sua função de desconhecimento; o que ela recobre por meio da formação do ideal é justamente seu real estado de prematuração, a saber, o atraso de seu sistema nervoso central, sua impotência motora, e o estado de dependência em relação ao outro no nascimento e nos primeiros meses de vida; portanto é uma ilusão fantasística que se realiza através da imagem especular. Em torno do Eu ideal se concentram as inércias imaginárias e as defesas contra a mensagem do inconsciente, da qual o Eu nada quer saber.

Lacan (1966a[1949]/1998) considera que a imagem ideal formada, o Eu ideal *i(a)*, é muito mais constituinte do que constituída. Trata-se mais de uma imagem virtual, ilusória, do espaço e da forma do que de uma imagem real. A criança vê a imagem, com a qual se identifica, projetada fora dela, no Outro, e conclui, essa imagem sou Eu. Nela o sujeito, em vias de constituição, se aliena (alienação imaginária), situando-a numa linha de ficção responsável pela ideia de permanência mental do Eu. Segundo Lacan (1953-1954/1986) o que está em jogo nessa experiência original é o fato de que o humano “se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia.” (p. 96) Na experiência especular, topologicamente ligada ao plano cartesiano, a imagem é distinta do que ela representa por uma inversão, a direita se transforma na esquerda, e vice-versa, o que Lacan chamou metaforicamente de luva virada ao avesso.

Ao tratar sobre as relações do Eu com a imagem Lacan retomou a experiência do *transitivismo infantil*, descrito pelos psicólogos Charlotte Bühler e Henri Wallon. Trata-se do momento no estágio do espelho em que há uma captação pela imagem do outro, e que pode ser observada na forma pela qual a criança apresenta reações simétricas de imitação de posturas e gestos, fazendo com que a ação da outra criança seja equivalente à sua própria ação, numa verdadeira correspondência especular. Nesse momento há uma confusão entre a linha imaginária que separa o Eu e o outro, denominada transitivismo. Essa experiência leva da confusão à identificação com a imagem insuportável do outro (objeto) que o sujeito tem de tolerar ou agredir, e exemplifica bem que na sua origem “o eu é um outro”. Tal situação imaginária pode ser observada em fenômenos que vão do despotismo, à sedução e à exibição, e têm em comum a característica de despertar a agressividade, que surge como desejo de recuperar a própria imagem que o sujeito vê refletida no outro.

A participação do outro na formação da imagem do Eu e o surgimento da agressividade foram destacadas por Lacan (1948b/1998) por meio da *frustração*, cujo modelo é a relação com o seio recuperada das *Confissões* de Santo Agostinho, que fez da experiência a seguinte descrição: “vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e já contemplava, pálida e com uma expressão amarga, seu irmão de leite.” (p.117). Na cena descrita, vemos a *intrusão* do outro e a absorção especular do *infans*, tomado pelo sentimento de inveja, ao ver o irmão ser amamentado no seio da mãe; cena que desperta o ciúme, a rivalidade, e o ódio; enfim, toda a agressividade constituinte da estruturação imaginária do Eu na relação com o outro. Mas não é só da agressividade que se trata, Lacan (1958-1959/2016) apontou que essa cena também aparece como uma matriz na qual podemos perceber o surgimento do desejo mediante o desejo do outro, revelando que o outro não é somente o semelhante, mas uma imagem fundadora do desejo do sujeito. O narcisismo constitui a matriz pela qual as formas do desejo do sujeito são envelopadas. A criança assiste à realização do seu desejo no outro, e então “o sujeito toma consciência do objeto desejado como tal.” (p. 240) Neste ponto se efetua uma *privação* real, uma vez que a criança percebe que o objeto desejado (o seio materno) aparece como algo impossível; quem do objeto desfruta é o outro, que aparece como um modelo e obstáculo à satisfação. No esquema L Lacan apontou ainda que o eixo imaginário da cena especular em que se instituem as relações entre o eu e o outro (a e a’) funciona como uma barreira à Outra cena, ao inconsciente.

Lacan enfatizou que as relações pré-genitais se dão pela identificação com o parceiro (outro), cujas relações especulares são marcadas pela reciprocidade e ambivalência. Para que

se funde uma abertura à dialética, é necessário que o Outro intervenha como um terceiro na relação do bebê com o outro. É o que vemos quando o bebê volta a cabeça para o adulto para obter deste o acordo ou o testemunho como reconhecimento de sua imagem. O que a criança recebe de volta do Outro neste ato é o signo da imagem de *a*, como criança desejada ou não. O inconsciente é o discurso do Outro; antes mesmo de nascer, o bebê já está inscrito no discurso dos pais, numa precessão lógica, que podemos reconhecer na análise, através das insígnias projetadas sobre a criança que o analisante foi. Trata-se de um conjunto de hieróglifos, de brasões, etc. que formaram a imagem ideal com a qual o sujeito busca se identificar. É o imaginário do desejo do Outro que incide sobre a criança, de modo que suas identificações dependerão da demanda do Outro. O que a criança deseja é ser reconhecida e situar-se como objeto de amor no desejo do Outro. Assim, é do imaginário materno vai depender a estrutura subjetiva do *infans*, pois é no olhar do Outro que o sujeito apreende sua própria posição; entretanto Lacan (1960-1961/2010) adverte de que o fato de o olhar do Outro ser interiorizado não significa que ele se constitua e se confunda como Eu ideal. O Eu ideal é uma projeção imaginária, o que o distingue do Ideal de Eu, que é uma introjeção simbólica. É a função do significante que abre para a criança a possibilidade de sair da captura imaginária. No nível do Ideal de Eu uma escolha de amor vai permitir operar o sujeito, aquele que se identifica com o traço unário, referência original na relação narcísica.

Lacan chamou atenção de que não basta uma imagem (*i*) e um Eu (*m*), para que o desejo da criança possa ser significado no plano simbólico. Essa relação se constitui originalmente a partir da dependência do sujeito em relação à mãe. No momento em que a criança aborda o desejo da mãe, percebe que suas idas e vindas estão relacionadas ao falo (φ). A simbolização da mãe como significante depende de que ela possa se situar para a criança na alternância de estar ou não presente, Para se situar como objeto do desejo materno, tudo que a criança deseja é *ser o falo* para a mãe. O falo é esse terceiro da relação do Eu com a imagem, *m-i*. Lacan (1957-1958/1999) disse que embora o falo funcione inicialmente no nível imaginário é preciso “uma certa propriedade em exercer sua função significante.” (p.299)

Apesar da identificação inicial ao falo, sua *majestade o bebê* terá de ir “cedendo do trono” na medida em que for substituindo o princípio de prazer pelo princípio de realidade; o que implica a castração e uma perda de gozo. Essa estrutura de submetimento é aquela por meio da qual o simbólico domina o imaginário, impondo seu ordenamento, suas leis – que não são outras senão as da linguagem. A partir do ponto em que a castração incide sobre a

identificação fálica, o sujeito, para reconquistar o amor do Outro, tenta retomar sua perfeição mediante as identificações que formarão seu Ideal de Eu.

A partir de Freud, não podemos mais reconhecer o *ego (moi)* – a imagem de si mesmo –, como o lugar cartesiano da verdade. O Eu é, sobretudo uma imagem, lugar de desconhecimento, de alienação. Nesse campo, Lacan contribuiu enormemente quando mostrou a diferença entre o sujeito do inconsciente (*Je*), e o Eu (*moi*). Em sua origem o *ego (moi)* é anterior ao *sujeito (Je)*; na verdade, o significante “Eu” vem ocupar o lugar vazio preparado para que o sujeito no desejo possa advir. É disso que se trata na fantasia: a imagem *i(a)* usurpa o lugar do sujeito (*\$*). Conforme considerou Lacan (1961b/1998),

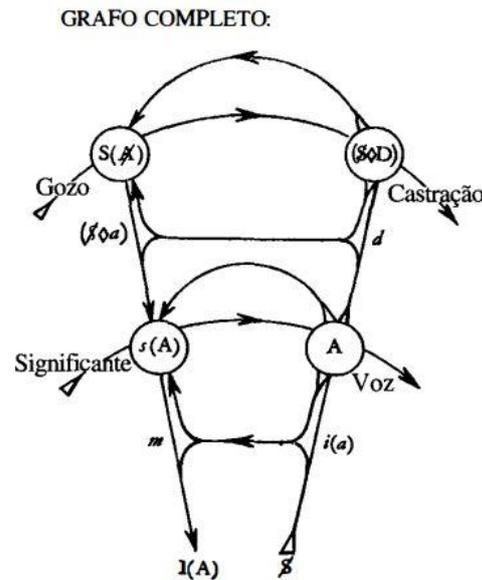
é por proteger desse momento de falta que uma imagem chega à condição de sustentar todo o valor do desejo: projeção, função do imaginário.

Inversamente, vem instalar-se no coração do ser, para apontar um furo, um indicador: introjeção, relação com o simbólico. (p. 662)

A partir de sua captura e fixação imaginária, a consciência que o Eu tem de si se apoia em imagens que mascaram sua estrutura no nível da estrutura. Tais identificações, que vemos expressas no algoritmo da fantasia, vêm recobrir a falta, a estrutura do corte do sujeito no significante. Assim concordamos com Lacan (1960/1998) ao destacar que “a promoção da consciência como essencial ao sujeito, na consequência histórica do cogito cartesiano, é para nós a acentuação enganosa da transparência do [Eu] como ato, à custa da opacidade do significante que o determina.” (p. 824)

1.1.3 O segundo andar do grafo do desejo

Lacan situou topologicamente a dialética da demanda e do desejo do sujeito no grafo, e afirmou que seus dois andares estão em funcionamento no menor ato de fala. Enquanto o primeiro andar se refere à fala consciente, o segundo andar inclui a estrutura do Outro como terceiro no menor ato de fala, de tal modo que estabelece na experiência analítica a questão de saber – *Quem fala?* Se essa questão não tem uma resposta evidente é porque há uma diferença entre o eu do enunciado [*moi*] e o sujeito da enunciação [*Je*]. Enquanto a linha inferior se refere ao eu do enunciado, a linha superior concerne ao sujeito do inconsciente. Trata-se de uma linha significativa, que está estruturada como uma linguagem, seu discurso o sujeito não apenas desconhece como não consegue articular. A versão final do grafo do desejo situada por Lacan (1957-1958/1999, p. 525), com seus dois andares é a que vemos a seguir:



Em razão do estado de prematuração e impotência, o bebê humano depende do Outro para a satisfação de suas necessidades. O $\$D$ no nível superior à direita representa a confrontação do sujeito com a demanda. A mãe como objeto da primeira demanda, ocupa o lugar de um Outro onipotente, pois toda a relação inicial da criança com a realidade depende de seu desejo. Nesse nível, o significante já intervém na atividade simbólica, na própria simbolização da mãe já há certa antecipação da lei, uma vez que a mãe não só está ou não presente, mas ela fala com a criança submetendo a demanda à ordem da linguagem.

Lacan chama atenção de que a demanda é sempre mais do que o apelo da satisfação de uma necessidade; ela está na base da relação do sujeito com o Outro, como demanda incondicional de amor. É, portanto, na demanda do Outro que podemos encontrar tudo aquilo que o sujeito constituiu para se fazer reconhecido e amado. Foi no nível de $\$D$ que ficaram fixados os significantes da demanda na qual o sujeito se alienou, são eles que nos darão suas identificações; a saber, o modo como o sujeito procurou atender ou não às demandas do Outro. Tais demandas exigiram que determinados objetos fossem cedidos e renunciados pelo sujeito em troca de ser uma criança amada. Essa questão, concernente ao objeto, trabalharemos com maior aprofundamento no próximo capítulo, por enquanto, diremos que a demanda não basta para constituir o sujeito, há um campo para além da demanda que é fundamental para que o sujeito possa sair do estado de alienação que se encontra; trata-se da constituição de seu próprio desejo (d). É num ponto, para além da demanda, que precisa articular-se o significante do desejo para o sujeito.

Para tratar da dialética do *reconhecimento* Lacan (1957-1958/1999) recupera a luta de morte descrita por Hegel na dialética do senhor e do escravo. Ao procurar articular seu desejo, a criança se depara, de início, é com o desejo do Outro, a quem expressa sentimentos de agressividade e de destruição para ter seu próprio desejo. No plano imaginário há uma fronteira transponível, entre a criança e o outro, e no plano simbólico seu desejo se funda no discurso do Outro. Esses dois registros representam a dupla alienação do sujeito, todavia, eles não se confundem; veremos que, ao contrário, é a discordância entre ambos que abre para o sujeito a possibilidade de que venha a se distinguir do outro, tendo seu desejo reconhecido.

Lacan (1957-1958/1999) considera que para o sujeito sustentar o desejo é necessária uma função quadrática que relaciona o primeiro e o segundo andar do grafo; essa função envolve o Eu (m), a imagem especular $i(a)$, a fantasia ($\$ \diamond a$) e o desejo (d). Esse modelo da relação de desejo nas neuroses, podemos ver expressa com nitidez no desejo insatisfeito da histérica. O desejo do sujeito surge alienado no desejo do Outro, assim, para sustentar seu desejo, o neurótico precisa de um apoio no desejo do Outro. Não sabendo qual é o seu desejo, a histérica não pode abrir mão da identificação com o desejo do outro imaginário de sua fantasia. Para sair do engodo dessa situação de alienação no desejo do Outro, geradora de agressividade, é fundamental que possa criar para si um desejo insatisfeito, afastando a possibilidade de satisfação recíproca da demanda. O surgimento do Outro como desejante é necessário para que o sujeito possa reconhecer seu desejo como desejo insatisfeito. Assim, restará sempre algo para além do significante, que adia constantemente a possibilidade de satisfação, e impõe um deslizamento de objeto em objeto, sem que jamais o sujeito encontre um que o satisfaça, o que caracteriza sua *metonímia do desejo*.

É para além do estado inicial de reciprocidade da demanda que vem se introduzir uma verdadeira distinção entre o sujeito e o Outro, e isso se deve ao fato de que o sujeito percebe que o desejo do Outro está para além da demanda; trata-se de um desejo cujo significado o sujeito desconhece e interroga: *Que sou Eu para o desejo do Outro?* Lacan retifica que não é mais do *significado* do Outro que se trata, mas um *significante* do Outro, $S(A)$; e é esse significante que determina os efeitos no significado. O alcance dessa formulação se tornou mais contundente a partir do Quinto seminário, quando Lacan (1957-1958/1999) desenvolveu uma hipótese que teve importantes consequências teórico-clínicas. Trata-se da falta estrutural no nível do significante do Outro, que foi representada pelo $S(A)$ que vemos à esquerda, no andar superior do grafo. Lacan (1958/1998) afirmou que a paixão do significante é a condição humana, não apenas porque o humano fala, mas porque nele Isso fala; e o sujeito sofre os

efeitos da estrutura da linguagem inscrita no inconsciente. Tais efeitos estão relacionados à causa introduzida no sujeito. Lacan (1958-1959/2016; 1960/1998) afirmou que é somente na medida em que descobre que falta um significante no campo do Outro que o sujeito pode reconhecer que também é, ele próprio, marcado pela falta no significante. A falta no nível de $S(A)$ impõe efeitos na medida em que, o sujeito depende do significante para designar seu ser. Foi no significante que Lacan (1960/1998) definiu o sujeito:

nossa definição do significante (não existe outra) é: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante. Esse significante, portanto, será aquele para o qual todos os outros significantes representam o sujeito: ou seja, na falta desse significante, todos os demais não representariam nada. (p. 833)

O sujeito se encontra com o significante da falta a cada vez que alguma coisa de seu desejo é simbolicamente sacrificada. Para seguir com a questão devemos tratar do papel do *falo* que foi definido por Lacan (1957-1958/1999) como “o significante particular que, no corpo dos significantes, especializa-se em designar o conjunto dos efeitos do significante, como tais, no significado.” (p. 405) O significante que falta ao Outro é exatamente o falo simbólico – Φ – representante da vida, daquilo que o humano precisa sacrificar de gozo para entrar na ordem da cultura. Neste ponto, devemos distinguir o falo simbólico do falo imaginário. Lacan (1960/1998, p. 835) grafou o falo imaginário como $(-\phi)$ e o relacionou ao objeto do investimento narcísico que encontramos na experiência de castração; trata-se do falo enquanto negativizado na imagem especular, pelo fato de que o pênis, seu representante imaginário, é algo que detumesce. Já o falo simbólico está relacionado à falta no campo do Outro que torna o sujeito barrado (\$) como marcado pela relação com o significante. Dessa falta Lacan extraiu uma cara consequência para a teoria do sujeito e, conseqüentemente, para a direção do tratamento, ao afirmar que, pelo fato de o falo simbólico faltar no nível estrutural do Outro, nada poderá dar garantias de significação ao discurso. Contudo, é no Outro como tesouro dos significantes que o sujeito tentará buscar garantias para se defender de sua falta, entretanto o Outro não pode dar garantia alguma porque não há Outro do Outro.

A castração está relacionada ao encontro da criança com a queda da onipotência do Outro materno pelo fato de que se o falo é desejado significa que a mãe não o tem; se deseja é porque não é completa. A princípio, a criança busca imaginariamente *ser o falo* para satisfazer ao desejo materno. A descoberta da falta é captada pela criança na fala da mãe, cuja demanda está fundada na lei, na medida em que, como ser de linguagem, a mãe já está assujeitada à estrutura simbólica. É pelo fato de a mãe ser desejante que poderá transmitir o que será fundamental para que o sujeito advenha no desejo – a metáfora paterna. É como um terceiro

que o pai entra em cena na relação imaginária mãe-criança e interdita o gozo materno. O pai substitui a mãe como significante, o que nos permite falar de metáfora paterna; ele é o representante da proibição do incesto, cujos efeitos se produzem no nível inconsciente. Deparar-se com a castração abre para o sujeito a possibilidade de que possa aceder a seu próprio desejo, operação que o situa na dimensão do *ter* ou *não ter o falo*, questão que concerne ao Ideal de Eu e à sexuação do sujeito, que trataremos adiante. O desejo se constitui após a travessia dos complexos de Édipo e de castração, quando os desejos incestuosos e parricidas são recalçados, mas antes, receberam a marca que produzirá efeitos nas fantasias do sujeito a partir da outra cena inconsciente. Com o recalçamento [*Verdrängung*], e a *Spaltung* do Eu, se estabelece também a diferença entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, entre a mensagem e a significação. Essa necessidade estrutural levou Lacan a distinguir os dois andares do grafo do desejo, estabelecendo que, enquanto no primeiro andar se situa o nível do discurso consciente, no segundo andar está toda a estrutura inconsciente do desejo do sujeito e de sua fantasia fundamental.

A diferença entre esses dois níveis pode ser percebida na criança, que apreende a realidade por meio do Outro que inicialmente tem o domínio, que dá as respostas, e a quem é atribuída uma suposição de saber. Uma vez que os pensamentos são formados no campo do Outro, a criança acredita que este vê e conhece os pensamentos, supondo uma transparência entre seus pensamentos e o Outro. Um passo fundamental se dá quando a criança se depara com a inconsistência do Outro e percebe que este pode faltar e *não saber*; é isso que representa o significante S(A). Surgem então questões com as quais o sujeito terá de lidar; dentre elas, e talvez a mais importante, a possibilidade de que algo falhe no encontro com o real, isto é, que algumas perguntas permaneçam sem resposta, como por exemplo, a descoberta da morte, que está relacionada à castração e à falta de saber que acompanhará o sujeito; outra questão, é a de que a criança entenda que, não havendo transparência nos pensamentos, existe a possibilidade de algo ser ocultado, constituindo o não-dito.

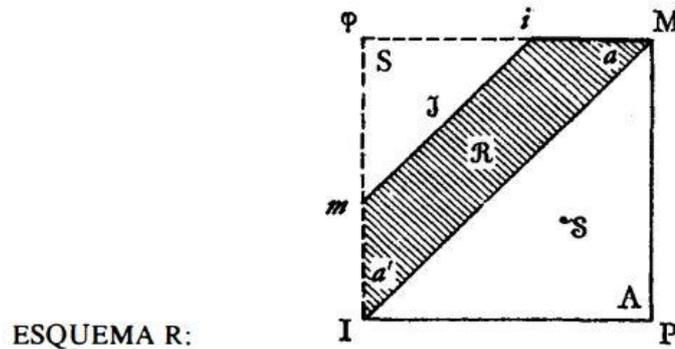
É deste *não-dito* e também do que *não deve ser dito* (o proibido de dizer) que se forma o recalçado. Trata-se de uma censura exercida sobre determinadas cadeias significantes que contém a verdade do desejo, tornando-as desconhecidas do pensamento no nível do Eu. Assim, o sujeito que sabe algo sobre estes pensamentos é apagado no processo de enunciação. Por isso Lacan (1958-1959/2016) disse que o sujeito, “a partir daí, terá de encontrar o difícil caminho ao longo do qual terá de efetuar esse não-dito no seu ser, até se tornar essa espécie de ser com que lidamos, isto é, um sujeito que tem a dimensão do inconsciente. (p. 99)

Aqui se situa o problema do neurótico em sua relação com o significante recalcado que torna o sujeito, dependente da demanda do Outro. É toda a questão da indagação do desejo que, nesse ponto, se formula como o X da questão; isso porque a pergunta sobre o desejo do sujeito é o que abre as cortinas para o modo como ele respondeu ao encontro enigmático com o desejo do Outro. Essa pergunta é feita no nível do arco intencional da linha $\$ \diamond D \rightarrow S(A)$. Nesse ponto, Lacan (1958-1959/2016; 1960/1998) recorreu ao conto de Cazotte, *O diabo enamorado*, para demonstrar a função interrogativa do desejo. O desejo como questão foi situado no segundo andar do grafo por meio da pergunta *Che Vuoi? O que quieres?* A pergunta inicial sobre o que o Outro quer é feita nesse primeiro encontro do sujeito com o desejo, que surge ali como desejo do Outro. Se o desejo do Outro lhe aparece na forma de pergunta, o sujeito responde com o quê? O sujeito responde com um certo X . Ora, em *Subversão do sujeito*, Lacan (1960/1998, p. 829) mostra com nitidez que justamente no lugar aonde o sujeito interroga o X da questão do desejo do Outro, esse desejo enigmático não se deixa apreender, então ele tem de ser fantasiado; é aí que a fantasia, $\$ \diamond a$, surge como resposta,

A interrogação do sujeito é feita ao Outro, mas em razão de o Outro ser incompleto, significa que ele não pode dar garantias ao sujeito. A linha $S(A) \rightarrow \$ \diamond D$, o sujeito não a articula como discurso consciente; nela o sujeito se situa numa alienação, se articula como pergunta sobre o que ele é. É nesse ponto de fratura, de falta de saber, que a fantasia, como suporte imaginário, tenta suturar a falta no Outro. Lacan (1957-1958-1999) sublinhou que “o desejo é desejo daquela falta que, no Outro, designa um outro desejo.” (p. 340) Ora, o desejo é articulado mediante o significante, mas isso não implica que possa ser articulável. O que isso quer dizer? Justamente que em razão de haver falta no nível simbólico, há algo para além do verbo que impossibilita que o desejo possa ser totalmente articulado e enunciado.

Lacan (1960-1961/2010) apontou que a angústia se produz quando algo do investimento de a torna a incidir sobre o sujeito ($\$$), sobre a imagem do Eu ideal $i(a)$; então um sinal se produz ativando as defesas do Eu quando este se vê *sem recursos* [*Hilflos*] diante do desejo obscuro do Outro. O desejo se produz no mesmo lugar em que o sujeito experimenta a *Hilflosigkeit*, quando o sujeito tem de se defender da falta de recursos. Ao entrarem em jogo as relações imaginárias do Eu (m) com o outro, é uma imagem que vem ocupar o lugar do sujeito, permitindo-o lidar com a angústia; “é disso que se trata, na imagem, ou no fantasma narcísico, que vem preencher na fantasia a função de $\$$ encaixada no desejo.” (p. 441) Nesse ponto ata-se o primeiro ao segundo andar do grafo, o Eu com o desejo do Outro. A imagem especular apresenta tanto uma face de investimento quanto de defesa. Ao

sinal de angústia, o sujeito se defende num primeiro nível na dialética das relações imaginárias de preeminência, submissão e derrota com a estrutura puramente especular de seu Eu forjada no nível $i(a)$; posteriormente, após a incidência do Nome-do-Pai sobre seu desejo, ele poderá se defender de forma mais flexível em relação ao outro, como sujeito falante, no nível simbólico, a partir de sua fantasia. Doravante, Lacan (1959/1998, p. 559; 1965-1966/2020) articulou a fantasia e a constituição da realidade por meio do *Esquema R* abaixo:



Lacan construiu o Esquema R a partir dos esquemas L (S, a, a', A) e do triângulo simbólico (M, I, A), por ele apresentados anteriormente. Assim, essa estrutura quaternária (M, I, A, φ) deve ser pensada em função dos termos subjetivos do complexo de Édipo situados em cada um dos vértices do triângulo: a mãe, a criança, o pai e o quarto termo S , que está fora dos vértices e representa o sujeito, cujas vias de constituição dependerão do que venha a acontecer na partida. O triângulo superior corresponde às relações imaginárias estabelecidas entre o Eu (m) e a imagem especular (i); vemos ainda o objeto primordial (M) representado pela mãe, e o falo (φ) que ocupa um lugar central na economia do desejo neste período. A dialética dessas relações deve ser pensada em função do Estádio do espelho que apresentamos. Considerando as patologias observadas nas perversões e nas psicoses e sua relação com os períodos pré-edípicos, Lacan retifica a teoria kleiniana de que o termo imaginário é mais apropriado do que o termo fantasia, uma vez que nessas estruturas clínicas o campo da realidade aparece perturbado não por fantasias, mas por imagens. Melanie Klein encontrou na fase mais precoce, pré-edípica, entre os maus objetos no corpo materno, todos os rivais, incluindo o pai, representado sob a forma de seu pênis. É o pai como terceiro nas relações imaginárias.

Esse achado de Klein foi valorizado por Lacan quanto à precocidade e ao desenrolar do complexo de Édipo, mas este autor põe ênfase na relação do Nome-do-Pai com três instâncias fundamentais na estrutura do sujeito: a constituição do Supereu, as perturbações do campo da realidade relativa às estruturas clínicas, e a relação do complexo de Édipo com o Ideal de Eu (I) no que este está diretamente relacionado à genitalização e assunção do sexo

pelo sujeito. Se observarmos bem, estas estruturas correspondem, respectivamente, às relações com os registros real (\mathcal{R}), simbólico (\mathcal{S}) e imaginário (\mathcal{I}) que aparecem na imagem.

A porção inferior do quadrilátero é formada pelo triângulo simbólico (IMP) instituído no real, no qual o pai (P) surge como terceiro na relação imaginária mãe-criança, e assume um lugar simbólico determinante nas formações do inconsciente e na instituição da fantasia. Para melhor situarmos a questão, devemos lembrar de que Lacan (1957-1958/1999) apontou algo fundamental para a constituição da realidade pelo sujeito; trata-se da conquista de sua imagem de corpo, como algo ilusório, que ao mesmo tempo existe e não existe, “o privilégio dessa experiência está em oferecer ao sujeito uma realidade virtual, irrealizada, captada como tal, a ser conquistada. Qualquer possibilidade de que a realidade humana se construa passa literalmente por aí.” (p. 234) Mas é na direção do simbólico, da identificação com o Ideal de Eu (I) que a criança, na condição de desejada, vai para constituir suas relações com os objetos (a) na realidade, que é mediada e organizada pela linguagem.

O plano projetivo do trapézio m-i-M-I articulado pelos triângulos imaginário e simbólico, demarca o campo da realidade, é nele que a fantasia institui seu lugar-tenente. Um corte nessa imagem isola no campo uma banda de Moebius que nos fornece a topologia da realidade. Essa estrutura indica que, para o sujeito, a realidade funciona mediada pela tela da fantasia, na medida em que a fantasia é a realidade psíquica, instituída de acordo com o desejo inconsciente, regulado pelo Nome-do-Pai. Nesse sentido, Lacan (1959/1998) destacou ainda que “é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originariamente recalcado, que o $\$, S$ barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto a , que, no entanto, lhe fornece seu enquadre.” (p. 560)

Na medida em que o sujeito se submete à lei, a fantasia entra em cena com a função de estabelecer um freio em relação ao gozo do Outro, conciliando o imaginário com o simbólico. Outra função destacada por Lacan (1958-1959/2016) foi a de que é por meio da fantasia que o desejo do sujeito virá se situar:

formulo a fantasia com esses símbolos, ($\$ \diamond a$). Se o sujeito está barrado aqui é porque se trata do sujeito como falante, na medida em que se refere ao outro como olhar, ao outro imaginário. Sempre que tiverem de lidar com algo que é propriamente uma fantasia, verão que ela é articulável nesses termos de referência, como relação do sujeito como falante com o outro imaginário. É isso o que define a fantasia. A função da fantasia é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação, de situação. Por isso é que o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre, essencialmente, a uma fantasia. (p. 28)

Vemos então que Lacan, congruente com o pensamento de Freud, situou a função paterna como o que está profundamente implicado na estrutura do desejo do sujeito e, por conseguinte à sua fantasia. Deixemos, por enquanto, de lado a questão do objeto, que iremos desenvolver posteriormente, para tratarmos da função da barra (/) escrita sobre o sujeito (S), por meio de uma leitura em que articularemos a fantasia à função paterna, mediante uma análise do principal texto de Freud (1919e/2016) sobre a fantasia, *Bate-se numa criança*.

1.3 “*Bate-se numa criança*” e a fantasia

No “ciclo da fantasia”, Freud produziu muitos escritos sobre essa atividade psíquica, mas podemos considerar que aquele que apresenta seu verdadeiro paradigma é *Bate-se numa criança*. Esse texto se situa numa fronteira de importantes deslocamentos teóricos em que reuniu toda a bagagem teórico-clínica da primeira tópica, e anunciou importantes questões que seriam desenvolvidas a partir da segunda tópica, com a descoberta da pulsão de morte. Procuraremos fazer uma leitura de *Bate-se numa criança* articulando-o à entrada da criança na ordem da linguagem e aos complexos de Édipo e de castração.

Bate-se numa criança foi bastante valorizado pelo ensino de Lacan (1956-1957/1994; 1957-1958/1999; 1958-1959/2016) durante todo o período em que trabalhou de forma incisiva em torno do complexo de castração e da constituição do sujeito. Segundo Lacan (1957-1958/1999), esse texto é sublime, e constituiu para Freud “o sinal que ele deu de uma reviravolta ou um passo adiante em seu próprio pensamento e, ao mesmo tempo, em todo o desenvolvimento teórico do pensamento analítico que se seguiu, no tocante às neuroses e às perversões.” (p. 241) Lacan (1956-1957/1994) chamou atenção de que esse texto concerne à diferentes etapas da estrutura subjetiva; uma vez que “essa fantasia veio substituir, por uma série de transformações, outras fantasias, que tiveram um papel perfeitamente compreensível num momento da evolução do sujeito. É a estrutura desses estados que eu gostaria de lhes propor (...)” (p. 116)

O artigo foi escrito e publicado com o nome “*Ein Kind wird geschlagen*” *Beitrag zur Kenntnis der Entstehung sexueller Perversionen*, que recebeu diferentes traduções para o português. No presente trabalho iremos usar a tradução da editora Autêntica que optou pelo título “*Bate-se numa criança*”: *contribuição para o estudo da origem das perversões*. Embora versem sobre a origem do masoquismo, as questões tratadas pelo artigo são ampliadas para as neuroses, o que nos adverte de considerar o masoquismo dessas fantasias, como exclusivo das perversões. Essa ideia pode ser verificada logo nas primeiras linhas,

quando Freud (1919e/2016) nos diz que “a representação fantasística [*Phantasievorstellung*] “bate-se numa criança” é admitida com surpreendente frequência por pessoas que procuram o tratamento analítico por causa de uma histeria ou de uma neurose obsessiva.” (p. 123) A hipótese nos é apresentada a partir da experiência recolhida de seis casos clínicos, quatro mulheres e dois homens com hipóteses de histeria e neurose obsessiva. Seguramente os dados apresentados estão centrados na análise das quatro mulheres indicadas, mas devemos considerar que há aí toda a experiência de Freud com a neurose.

A descoberta da fantasia *bate-se numa criança* corroborava com a concepção de perversão da sexualidade infantil, apresentada por Freud (1905d/1992) nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Essas fantasias revelam um traço primário da perversão, ligado à satisfação autoerótica, em que um componente da função sexual teria se antecipado ao curso do aparecimento da sexualidade na puberdade, se tornado independente, e se fixado, subtraindo-se dos processos posteriores de desenvolvimento. Esse tipo de perversão infantil não precisa durar a vida toda, pode obter diferentes destinos pulsionais, sofrer recalçamento, ser substituído por uma formação reativa ou ser transformado por uma sublimação; mas, caso não ocorra um desses processos, a perversão poderá ser mantida após a infância.

Freud observou que fortes resistências, tais como vergonha e sentimento de culpa, se opõem a que esta fantasia seja comunicada e assumida em análise, muito mais do que nas outras lembranças sexuais infantis. O conteúdo de seu relato é geralmente vago e impreciso e contém apenas a frase *bate-se numa criança*, que o sujeito tem grande dificuldade de recordar. A fantasia apresenta um caráter ambíguo, de um lado, a lembrança de uma situação na qual as crianças foram espancadas produz sentimentos mistos, de repulsa, chegando a serem praticamente intoleráveis para o analisante; de outro lado, produz também sentimentos de prazer, por meio do qual se obtém uma espécie de satisfação masturbatória. Freud afirma que essa fantasia aparece por volta do quinto ou sexto ano, mas já estava presente e foi reavivada por retroação. O significado dos castigos corporais na educação da criança reanimam fantasias adormecidas ou inoperantes, mas seu conteúdo permanece enigmático, visto que estes analisantes raramente sofreram castigos na infância.

A partir do relato dos pacientes, Freud dividiu a fantasia de espancamento em três tempos conforme é modificada quanto ao autor, ao objeto, ao conteúdo e ao significado. O conteúdo reconstituído da primeira etapa da fantasia aparece sob a forma da frase: *O [meu] pai bate na criança* [*Der Vater schlägt das Kind*]. É o outro (outra criança) que está

submetido à sevícia paterna, e a quem é negado o reconhecimento como sujeito; seu conteúdo é *meu pai não o ama*. Por isso, é possível completar o sentido da frase da seguinte forma: *meu pai bate na criança que eu odeio*. Na frase, podemos ver destacados dois dos afetos fundamentais do sujeito: o amor e o ódio, e também sublinhar a situação de tensão e medo que antecipam uma formação reativa. Ao assistir a cena, a criança que fantasia se sente privilegiada e pensa que a situação se passa para lhe demonstrar uma preferência, já que, se o pai bate no outro, a quem odeia, é porque *meu pai me ama*, conclui. Entretanto, consideramos que uma ação dessa natureza não indica, necessariamente, que esteja sendo praticada para satisfazer-lhe. É o narcisismo da criança que assiste à cena que a faz supor que o outro está sendo surrado para lhe demonstrar amor e privilégios.

O primeiro tempo da fantasia é muito remoto, e apresenta escasso material, mas é possível determinar com segurança que a criança que apanha nunca é a mesma que fantasia, quase sempre é um irmão ou irmã, mas não é possível estabelecer um vínculo entre o sexo da criança que fantasia e o daquela que apanha. Freud considerou improvável que esta fase fosse puramente “sexual”, pois não há, ainda, indícios de que a criança recorra aos genitais para obter satisfações onanistas. A fantasia aponta muito mais para a satisfação narcísica que obtém ao triunfar sobre o rival; também não pode ser considerada masoquista, pois a criança que apanha não é a que fantasia; o mesmo acontece em termos de sadismo, pois a criança que fantasia não é quem pratica o ato. Sua conclusão é a de que o conteúdo dessa etapa pode não ser puramente sexual ou sádico, mas constitui a matéria sobre a qual ambos se formarão.

A primeira etapa da fantasia expressa a vida amorosa da criança, os ciúmes, a rivalidade e a agressividade em relação à outra criança. Lacan (1957-1958/1999) disse que “essa fantasia aparece mais ou menos ligada, na história do sujeito, à introdução de um irmão ou uma irmã, de um rival que, em dado momento, tanto por sua presença quanto pelos cuidados que lhe são prodigalizados, frustra a criança da afeição dos pais.” (p. 177) A partir daí, a via fica aberta para que a criança perceba que a relação de amor esperada com os pais não será satisfeita. A intrusão do outro, seja na forma do nascimento do irmão ou a atenção dispensada a outra criança gera um sentimento de que houve uma retração do amor dos pais, o que será importante para o desenrolar da trama fantasística.

Na primeira etapa da fantasia é a pulsão escopofílica que se destaca, e sua atividade encontra-se apenas em *ver* sem participar diretamente da cena que contém a ação, já que a criança ocupa um lugar terceiro, de *espectador* da cena. Todavia uma questão essencial para o

desenvolvimento e as transformações da segunda etapa deve ser frisada, a criança que fantasia percebe que quem de fato recebe o voto, o olhar, a ação do pai é a criança que sofre a agressão. Freud diz que aquilo que a criança viu acontecer ao outro gera a possibilidade de que o mesmo possa acontecer a si, o que entendemos corresponder ao transitivismo infantil referido por Lacan no estágio do espelho; isto significa que ela própria possa ser tomada como *objeto* de sevícia. Esse momento da fantasia deixa a criança num estado de alerta, excitação diante do perigo, ela fica *na expectativa de*.

O primeiro tempo da fantasia é considerado pré-edipiano, nessa fase a menina está fixada no pai, mas não é em relação à rivalidade com a mãe que a fantasia se desenvolve, e sim em relação a outra criança (ao semelhante). Temos então uma relação ternária: o pai, a criança espancada e a criança que fantasia. É importante destacar que quando interrogada quanto ao agente, não fica claro imediatamente quem bate, a resposta é somente *Não sei, bate-se numa criança*.

A segunda etapa da fantasia é considerada a mais importante e significativa de todas, todavia ela não é recordada, e sim objeto da construção do analista. Nessa etapa se produz a frase de caráter masoquista: *Estou sendo surrada pelo meu pai*. A situação é reduzida a dois personagens: a criança e o pai. Lacan (1956-1957/1994, p. 119) ressalta que toda relação dual comporta apenas a recíproca *ou..., ou..., [ou ele ou Eu]* e, nesse caso, prevalece a criança que fantasia, que vem substituir a criança espancada. Embora a outra criança esteja excluída, é em referência ao que aconteceu a ela na etapa anterior que a segunda etapa se desenvolve. Lacan (1957-1958/1999) fala de empatia em relação à outra criança, que pensamos ser da ordem da identificação com o irmão, visto que a criança que assistiu a cena se transforma na criança que sofre a ação e se torna objeto dos maus-tratos do pai. É importante sublinharmos a consequências dessa etapa sobre o narcisismo, pois segundo Freud (1919e/2016):

Apanhar quando não dói muito, significa uma retração do amor e uma humilhação. E muitas crianças, que se acreditavam seguras no trono que lhes oferece o amor inabalável dos pais, foram derrubadas com um único golpe das alturas de sua presumida onipotência. (p. 133)

Em *À guisa de introdução ao narcisismo* Freud (1914c/2004) afirmou que o que vem perturbar o narcisismo originário da criança, exigindo a ação de mecanismos de defesa do Eu, é o complexo de castração. Ora, a castração é justamente a marca da incidência que a lei da *Schlag* (golpe), como lei paterna representa. Ao contrário da primeira, essa fase é propriamente edípica, e deve ser considerada uma etapa genital. O falo entra em jogo na relação edipiana no momento em que a criança aborda o desejo da mãe. Ao buscá-lo, ela

percebe que à própria mãe falta algo, revelando a castração na mãe [S(A)]. No entanto, o lugar da falta real está ocupado por um objeto imaginário – o falo –, objeto com o qual a criança se identifica imaginariamente. É sobre a relação narcísica imaginária criança-mãe que virá incidir a castração, abrindo as possibilidades para o surgimento do desejo.

Lacan (1957-1958/1999) afirmou que o problema central que orientou a pesquisa de Freud foi: *o que é um pai?* Para este autor não existiria o Édipo se não houvesse o pai; falar do Édipo é introduzir a função do pai. Foi em torno da função simbólica que Lacan fez sua leitura do complexo de Édipo considerando a lógica das modificações entre seus elementos. Quando se fala da *função paterna* em psicanálise não é do pai da acepção comum a quem estamos nos referindo. A referência à função foi retirada da matemática, e diz respeito a $f(x)$, onde no lugar de x podem aparecer vários elementos (significantes). Essa noção faz com que possamos pensar no desenrolar do complexo mesmo que não exista um pai real no ambiente. Se o pai não precisa ser um pai real, é porque seu valor é o de pai simbólico, que opera como uma metáfora, isto é um significante que substitui outro significante.

A importância da metáfora paterna na constituição do sujeito deve ser destacada em relação à fantasia uma vez o pai é um significante fundamental em todas as suas etapas, e especialmente na segunda etapa, quando acontece algo crucial para sua estruturação. A criança que fantasia deseja ser reconhecida pelo pai e ocupar o lugar da outra, ela anseia substituir a outra; nessa operação, o Eu precisa aceitar tornar-se *um em relação ao outro*, o que situa a possibilidade de troca, destituição, que caracteriza a relação entre os significantes. A substituição, enquanto troca, constitui um rebaixamento do significante equivalente ao rebaixamento narcísico do sujeito, que se torna sujeito do inconsciente. A barra vem justamente apontar a destituição que um significante sofre quando pode ser trocado por outro. Lacan (1957-1958/1999) afirma que:

Em princípio, todo significante é revogável. Daí resulta que, quanto a tudo o que não é significante, ou seja, em particular quanto ao real, a barra é um dos modos mais certos e mais rápidos de elevá-lo à dignidade de significante.

Isso, já lhes ressaltai de maneira extremamente precisa a propósito da fantasia da criança espancada. (p. 357)

Nesse ponto encontramos toda a fecundidade do entendimento de Lacan em relação à constituição do sujeito no significante. O significante apresenta como características a possibilidade de troca, substituição, anulação, cancelamento, etc. É o que acontece com o sujeito nesse momento, ele pode ser rebaixado, e nessa operação ser *deixado a desejar*. Para

que a troca possa acontecer, o Eu precisa submeter-se e entrar na cadeia das equivalências simbólicas, o que impõe um limite à onipotência do narcisismo infantil. Mas isso não basta para compreendermos todo o alcance do que acontece nesse momento. O que ocorre precisamente é que *uma marca* vem incidir sobre a criança que fantasia. O que essa marca efetua? Tal como aconteceu com a criança espancada na fase anterior, essa marca se mantém em referência não apenas à marca na carne, mas a própria possibilidade de sua anulação subjetiva. Quando um significante é anulado, marcado pela barra, temos o produto da função simbólica, em outros termos, diríamos que ao sofrer a sevícia paterna, a criança é marcada pela castração, e é justamente o fato de sofrer essa perda que a faz advir como *sujeito*.

A criança é riscada (\$), passando da condição de sujeito do gozo a sujeito do significante. A passagem ao estatuto de sujeito barrado significa um que, ao se submeter à lei do Pai, é marcado por uma perda de gozo, simbolizada pela castração. A função do Nome-do-Pai se destaca no momento em que o sujeito é levado a descoberta do que significa seu desejo. Conforme aponta Lacan (1956-1957/1994), “é roçando muito de perto essa abolição que ele avalia a dimensão na qual ele subsiste como um ser sujeito a querer, um ser que pode emitir um anseio.” (p. 141) A partir daí a criança se torna reconhecida como sujeito, o que abre para ela a dimensão do amor e do desejo. A mensagem que essa fantasia porta é *Tu existes e é até amado pelo teu pai*; mas essa mensagem é recalcada, não chega ao sujeito porque o sujeito ao passar pela marca, pelo chicote, se constitui como sujeito barrado, quando ocorre o recalçamento da relação de amor incestuosa. Segundo Jorge (2010) a instauração da fantasia fundamental é o principal efeito do recalque originário, de modo que a partir dela cada sujeito instaura um modo particular de deparar-se com o real, constituindo a realidade psíquica. Com a divisão psíquica [*Spaltung*], o Eu vem usurpar o lugar do sujeito no nível consciente, e o sujeito se institui como sujeito do inconsciente. Assim, podemos fazer duas afirmações em relação ao sujeito: a primeira é que ao se tornar sujeito barrado, seu lugar só poderá aparecer na linguagem, a partir da articulação entre dois significantes e, a segunda é que diante dessa operação o sujeito se torna um significante entre outros significantes.

Uma consideração importante feita por Freud (1919e/2016) é a de que a segunda etapa da fantasia, considerada a mais importante, só se torna consciente em casos excepcionais; “essas fantasias em sua maioria permanecem separadas do conteúdo restante da neurose e não possuem um lugar adequado em sua estrutura.” (p. 128) Assim, essa etapa da fantasia jamais pode ser acessada pela rememoração, ela “é uma construção da análise, mas nem por isso é menos necessária.” (p. 131) Por meio de *construções*, Freud formulou a segunda etapa da

fantasia, que não pode se tornar consciente, e afirmou que sua construção necessária é feita graças ao que a regressão permite exprimir nas figurações da primeira etapa, que são relacionadas aos efeitos lógicos recolhidos da terceira etapa e correlacionados à primeira. O que falta entre a primeira e a terceira etapa e constitui a segunda etapa da fantasia é justamente o desejo incestuoso do sujeito, que foi recalçado e ficou impossibilitado de ser lembrado pelo Eu, bem como o sentimento de culpa relativo à esses desejos.

Podemos dizer que essa etapa exprime uma ambiguidade, pois não podemos saber em que medida o sujeito provoca a ação daquele que o agride, mas é possível dizer é erótica. Esta fase se passa durante o complexo de Édipo de modo que há uma excitação propriamente sexual. Podemos ver ainda, o encontro do erotismo com o sentimento de culpa, pois a fantasia envolve um alto grau de *prazer*, caracterizado pelos desejos da menina em relação ao pai, e a *culpa* que essa situação provoca que encontramos na frase *Ele não te ama, pois bate em você*. A fantasia recebe a excitação que, de agora em diante, será descarregada na masturbação infantil. A culpa resultante dos desejos investidos por essa fantasia exige que ela seja *objeto* do desejo do pai, isto implica ser espancada, portanto a fantasia na segunda etapa tem um *caráter perverso essencialmente masoquista*.

A terceira etapa ocorre depois da saída do complexo de Édipo, quando se introduzem novas transformações. Agora o conteúdo monótono de apanhar do pai pode sofrer variações e ser substituído por humilhações, castigos, suplícios, etc. Quando interrogado quanto ao agressor, o sujeito dá respostas evasivas como: *Não sei, bate-se numa criança*. Podemos ver um nível de indeterminação do sujeito, que aparece dessubjetivado, neutralizado nesse *se*. Para Lacan (1958-1959/2016) é nessa etapa que aparece a relação do sujeito com o instante privilegiado de seu gozo: “é no fato de se alienar, isto é, de substituir o outro como vítima, que consiste o passo decisivo de seu gozo, na medida em que este desemboca no instante fantasístico ‘Bate-se numa criança’, onde ele mesmo já é apenas *se*.” (p. 465-466) A partir da forma final da fantasia, ficamos sabendo que o agente agressor, inicialmente indeterminado, é um adulto que pode ser um professor, um rei, um tirano, etc., enfim, alguém que detém a autoridade em geral, um substituto do pai da menina. Esse personagem aparece vagamente indicado no *se* e, só depois de certo trabalho de análise se chega às imagens do pai, e é possível concluir que esse funciona como suporte do desejo para as fantasias masturbatórias. Assim podemos situar o agressor, numa homologia à categoria lacaniana do Nome-do-Pai e a situação da cena a um submetimento à metáfora paterna.

Lacan sublinha que o elemento que permanece até o fim da fantasia é o chicote, o significante da lei da *Schlag*. Essa etapa nos revela a relação do sujeito com o outro enquanto objeto libidinal, e nos leva a formular que a criança, assim como todos os membros do grupo, está submetida ao julgo de quem ocupa um lugar de autoridade, o que remete à própria constituição da cultura tal como descrita por Freud em *Totem e tabu* (1912-13/1992). Entrar no mundo humano do desejo significa renunciar ao gozo e suportar a lei do pai que nos é imposta. É nesse sentido que entendemos a transformação do terceiro tempo quando a criança espancada se multiplica em muitas, em geral, meninos. A multiplicidade de crianças da cena evidencia uma dessubjetivação; há um deslocamento do sujeito para a massa, no sentido dado por Freud (1921c/1992) em *Psicologia das massas e análise do eu*.

Freud captou a relação intrínseca entre o complexo de castração e a pulsão escópica. A cena da terceira etapa, ao contrário da primeira, não causa outra reação senão aversão. Ela leva o sujeito ao horror da agressão ao outro, diante da qual desvia os olhos. Na terceira etapa, o sujeito que fantasia não aparece senão reduzido ao estado de espectador, ao olho que vê, mas não sente prazer em assistir à cena de espancamento ou humilhação de outras crianças; ele sente aversão, apesar disso, erotiza a cena que lhe servirá à satisfação masturbatória. Percebemos o caráter paradoxal na fantasia, pois a criança sente repulsa, mantém-se à distância, é obrigada a suportar a cena sem que dela participe; mas ao mesmo tempo há uma excitação intensa, de caráter sexual, proporcionando ao sujeito uma satisfação.

Podemos recorrer ao mito descrito por Freud em *Totem e tabu*, para entendermos que a travessia do complexo de Édipo, permite uma função apaziguadora, simbolizada pelo pacto amoroso que os irmãos da horda tiveram que fazer para conter a agressividade constitutiva; pacto que funda o pai como totem e os demais membros como frátria. Em certa medida, a agressividade constitutiva será recalcada em prol do pacto cultural: “amarás ao próximo”, e depois de internalizado, a agressão ao fraterno será sentida como agressão ao próprio Eu, causando mal-estar. Nesse sentido, entendemos que o “*Não sei*” da frase da fantasia expressa a marca do horror em trazer novamente à consciência a agressividade ao outro; contudo os maus-tratos não atingem a integridade física do sujeito, o que é erotizado nesse retorno é o caráter simbólico dessa fantasia.

A etapa fálica do complexo de Édipo se caracteriza como um período de intensa curiosidade sexual, da descoberta dos genitais, o que gera angústia e a produção de fantasias que tentam dar conta dos enigmas da sexualidade infantil e da morte. É a partir dessa etapa

que haverá um refreamento do narcisismo, e a consequência disso é que o princípio de prazer vai cedendo lugar ao princípio de realidade. Paralelo à terceira fase da fantasia a criança alcança a organização genital infantil e se dá a escolha do objeto amoroso, o que abre a dimensão que estrutura as fantasias sexuais do sujeito; mas ambas terão que aguardar a puberdade para se exercerem. No inconsciente não há nada que situe a diferença do ser como macho ou fêmea; para Freud temos somente a diferença entre atividade e passividade. Lacan (1957-1958/1999) chamou atenção de que “é através do Édipo que o desejo genital é assumido e vem tomar lugar na economia subjetiva.” (p. 371) A solução se dá pela assunção de uma determinada posição sexual, masculina ou feminina, instituída na saída do complexo de Édipo. Todavia sobre essa “escolha” inconsciente o Eu não tem nenhum arbítrio. É função do Ideal de Eu regular as identificações do sujeito com os significantes (insígnias simbólicas) que o campo do Outro situa para estabelecer as diferenças de gênero que serão apreendidas e desempenhadas conforme cada cultura.

É importante destacarmos que a castração impõe um refreamento da identificação fálica para meninos e meninas, pois comporta algo de feminilizante para o sujeito diante do pai, independente de seu sexo. O que muda no Édipo do menino em relação ao da menina é o recalçamento da ligação incestuosa com o pai, e a substituição deste pela mãe na terceira etapa da fantasia, o que define a heterossexualidade. Freud assinala que em algumas perversões masculinas podemos encontrar a fantasia masoquista de ser surrado pela mãe e ocupar diante desta uma posição feminina, o que acompanharemos mediante um caso clínico no próximo capítulo.

Freud destacou a inveja do pênis [*Penisneid*] no complexo de Édipo das meninas em que não houve inversão; seus desejos passam pela fantasia de ter um filho com o pai, de modo que para a mulher o bebê é um equivalente do falo; já nos meninos a fantasia é dar um filho à mãe; entretanto essas fantasias estão fadadas a sucumbir ao recalçamento e a criança entra na fase denominada *latência*, em que sente horror e vergonha da sexualidade. Na latência podemos observamos a presença do recalque a partir do *não*, contido na frase: *Não sei, bate-se numa criança*. O que indica para nós que há algo articulado na fantasia, mas disso o Eu nada quer saber. Freud (1919e/2016) nos diz que:

O que resultou inconsciente como resultado psíquico das moções amorosas incestuosas não será mais retomado pela consciência da nova fase, e o que já tinha se tornado consciente será expulso novamente. Simultâneo a esse processo de recalçamento surge um sentimento de culpa [*Schuldbewusstsein*], este também de origem desconhecida, mas indubitavelmente ligado àqueles desejos incestuosos, justificado por sua permanência no inconsciente. (p. 134-135)

Freud faz ainda uma afirmação bastante contundente quanto ao complexo de Édipo; o fato de que no inconsciente existe uma constituição bissexual, o que implica que todo humano é capaz de uma escolha de objeto homossexual ou heterossexual, ou as duas ao mesmo tempo na bissexualidade manifesta, O que acontece com maior frequência é um dos sexos se tornar prevalente na escolha de objeto, enquanto os desejos pelo outro sexo são recalçados. A bissexualidade psíquica pode ser observada, com nitidez nos sintomas histéricos expressos na luta entre moções de desejo masculinas e femininas.

Mas o que acontece com os componentes perversos das pulsões perverso-polimorfas infantis? Freud diz que a perversão contida na fantasia não fica isolada na vida sexual infantil, ela pode ser sublimada ou estabelecer ligação com o objeto de amor incestuoso sendo acolhida dentro dos processos considerados “normais” da escolha objetal. A carga libidinal da fantasia “bate-se numa criança” permanece fixada no inconsciente e se torna uma espécie de *cicatriz* do complexo de Édipo; a ela o sujeito recorre frequentemente e retira montantes de energia para o exercício da sexualidade genital. O processo de recalçamento torna inconscientes os efeitos da organização genital, e força a regressão ao estágio anterior sádico-anal; a partir daí, a agressividade sádica retorna ao próprio Eu na forma do masoquismo que o acoisa por meio do sentimento de culpa. Assim, é da satisfação fantasística incestuosa obtida com a masturbação infantil que provém a energia do sentimento de culpa. Apesar de a fantasia ter um conteúdo sádico, a satisfação obtida pelo sujeito é masoquista, afinal, todas as crianças que apanham do agressor são substitutos imaginários da própria criança. O caráter simbólico da cena se torna erotizado como um gozo masoquista que não se articula completamente.

Freud escreveu *Bate-se numa criança*, e em seguida *O estranho* e *Além do princípio de prazer*, de modo que é legítimo supor que os três textos apresentem hipóteses muito próximas. *Bate-se numa criança* está no limiar da descoberta da pulsão de morte, que o fez apontar que o princípio de prazer manifesta a tendência a repetir um estado primitivo em que vida aspira a retornar ao inanimado, relacionando-o ao funcionamento do além do princípio de prazer. A partir desse texto o masoquismo foi destacado por Freud (1920g/2006; 1924c/2017) como um dos modos de expressão das pulsões de morte, que incluiu em sua observação manifestações clínicas não apenas do masoquismo como perversão sexual, mas o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino, o masoquismo moral, bem como os arruinados pelo êxito e a reação terapêutica negativa. Em todos esses casos, podemos perceber a incidência do Supereu nas manifestações clínicas do sentimento de culpa e da necessidade

de punição; observamos também os ganhos secundários com a doença que mantém o sujeito fixado no sofrimento e nos sintomas. São situações em que nos deparamos com a inércia da libido, o que constitui uma verdadeira resistência ao êxito terapêutico.

Lacan (1957-1958/1999, p.254) atribui o masoquismo não apenas a um gozo com os sintomas, ele está relacionado a um *não-reconhecimento do sujeito*, uma espécie de culpa, que o leva à fantasia de não ter sido um filho desejado, expresso na frase *seria melhor não ter nascido*, que pode ser considerada um equivalente da fantasia de morte. O trágico da condição humana é que ela porta uma dimensão de masoquismo primordial em que haverá sempre essa dupla relação: de um lado o desejo de ser reconhecido, e do outro o modo proibido da relação incestuosa do sujeito com o pai. Para Lacan (1958-1959/2016) a fantasia, como derradeiro termo de um desejo, se apresenta de modo paradoxal, marcada por uma economia inconsciente de traços perversos proibidos, e por isso mesmo, desejados. Deste modo, o desejo sempre tem a ver com uma economia perversa, “que está sempre ligada ao patético, à dor de existir enquanto tal, de existir simplesmente ou de existir como termo sexual.” (Id, p. 338) O sujeito mantém íntima relação com o masoquismo primordial desde que é tratado como *objeto sem valor*. A fantasia traumática de conjugação do desejo do pai com a lei se repete em diversos pontos da vida do analisante nos quais a experiência de castração apresenta. A dor de existir está relacionada ao reconhecimento da falta do ser implicada na castração, mas é essa perda que, por outro lado institui o desejo. Para Lacan (1957-1958/1999) a dor de existir é uma cicatriz que o sujeito não consegue descarregar completamente no mundo externo por meio da musculatura e permanece em seu interior, “o que devemos considerar como o resíduo último da ligação de Tânetos com Eros.” (p. 255)

A fantasia de surra do *Bate-se numa criança* derruba o humano da onipotência narcísica para lançá-lo na existência. O que ela revela é o assujeitamento, e ao mesmo tempo, a abolição do sujeito. A barra que recai sobre o sujeito, é preço que este precisa pagar para entrar na ordem simbólica do desejo; assim, Lacan (1957-1958/1999) considerou a lei da *Schlag* como “uma solução bem-sucedida do problema.” (p. 250) A operação agenciada pelo significante Nome-do-Pai institui o recalque originário, e tem como efeito a instauração da fantasia no psiquismo. Jorge (2010) salienta que, uma vez instaurada, a fantasia fundamental passa a funcionar do lado da pulsão sexual e do desejo, e se torna capaz de sexualizar uma parte da pulsão morte; deste modo, a fantasia permite ao sujeito lidar com o gozo ao fazer freio ao empuxo da pulsão de morte.

1.3 O *fading* do sujeito e a fantasia

Retornando ao grafo do desejo percebemos que o sujeito (\$) está escrito do lado direito na relação com a demanda – $\$ \diamond D$ – e do lado esquerdo, na relação com a fantasia – $\$ \diamond a$. Lacan (1958-1959/ 2016, p. 334) afirmou que em ambos os casos, o sujeito se encontra numa posição de *fading*, termo que empregou metaforicamente em relação ao sujeito, em comparação ao que acontece num aparelho de comunicação no momento em que a voz desaparece, desvanece, graças a alguma variação na transmissão, e em seguida torna a reaparecer. Podemos dizer que o termo foi utilizado para revelar o intervalo em que o sujeito comparece como uma descontinuidade, uma posição em que se eclipsa e torna a reaparecer. O *fading* está, então, relacionado justamente à barra (/), ao corte do sujeito e “está essencialmente ligado ao aparecimento absolutamente necessário de que o sujeito se apague e desapareça no nível do processo de enunciação.” (Id, p. 86)

O *fading* do sujeito se dá num momento de oscilação diante da demanda e do objeto. Lacan opôs o *fading* à noção kleiniana de *splitting do objeto* e afirmou que não se trata da relação de objeto, como estava em voga falar naquela época, mas de uma relação cujas coordenadas fixas situam o sujeito na dependência do significante. Freud acentuou que o objeto é indiferente para a pulsão; assim, a relação de objeto é, na verdade, relação com os significantes da demanda do Outro. Trata-se de objetos com os quais o sujeito se identificou nos diferentes tempos de sua constituição para satisfazer à demanda amorosa, e que lhe deram sua posição de “ser”. Essa diferença é importante ser marcada porque, quando dizemos que se trata da demanda, estamos falando de uma bateria de significantes orais, anais, etc. que estão articulados e que poderão ser recuperados numa análise, mas não se trata ainda do desejo.

Lacan observa com muita justeza que Melanie Klein já havia se deparado com o paradoxo do objeto. Mesmo se tratando do que se convencionou chamar de estados pré-genitais, Klein chega a um dado clínico incontestável nos bebês em fases muito primitivas da demanda oral; a saber, a presença do falo como um objeto privilegiado no corpo da mãe, que aparecia também nos desenhos infantis. Klein aponta que o falo enquanto objeto primordial já está situado nas fantasias primitivas do sujeito; contudo, apesar dos efeitos imaginários, Lacan (1958/1998, p. 696) retifica o pensamento de Klein e afirma que o falo é um significante e não de uma fantasia, nem um objeto parcial, nem muito menos o pênis ou o clitóris que ele simboliza. O falo tem um valor central nas identificações, por isso deve ser descoberto o lugar que está situado, uma vez que ele representa o “ser” do sujeito.

O falo é um significante cujos efeitos constitutivos determinam o sujeito e dão a razão de seu desejo. Por essa época, Lacan afirmou que a captura do objeto nas relações entre sujeito e o significante deve ser posta na relação com o falo, uma vez que é em torno deste objeto que gira toda a dialética do desejo. O que está em jogo na relação com a castração é o desejo do sujeito, e podemos ver com maior nitidez que o pivô dessas relações é o falo, de que o sujeito está privado simbolicamente. É nesse nível que a fantasia comparece, de modo que situar o lugar do falo na experiência imaginária implica nossa atenção à forma como estão estruturadas as relações do sujeito com *a*, essa alteridade que o sujeito traz em si. Nesse ponto, Lacan (1958-1959/2016) disse de forma precisa que:

o conjunto imaginário dos elementos fragmentados do corpo deve ser distribuído sobre a marionete com que lidamos no simbólico, na medida em que somos a marionete, e na medida em que nosso parceiro também o é. Mas há algo que falta nessa marionete: o falo. (Id, p. 146)

Num primeiro tempo a criança acredita ocupar o lugar do falo no desejo materno, mas diante dele se fragmenta. O sujeito percebe que o Outro deseja, isto é, a ele também falta alguma coisa, o que Lacan representou sob a forma de *A*. Lacan (1957-1958/1997, p. 419) disse que o problema vem se colocar porque se o Outro é castrado, se há a falta de um significante no real, há uma verdadeira impossibilidade de que o sujeito possa reunir com garantias seu ser na linguagem (Outro). Por ser atingido pela castração, o sujeito é *falta-a-ser*, razão pela qual Lacan (1958-1959/2016) afirmou que “o ser é o real em sentido estrito na medida em que se manifesta no nível do simbólico.” (p. 437) Não encontrando um significante que possa designá-lo, o sujeito só pode alcançar algo de si pela via da metonímia, por um deslizamento contínuo dos significantes, sem que nenhum deles consiga dizer aquilo que ele é. A cadeia significante desliza porque nela falta um significante: o falo.

A existência de cadeias significantes inconscientes indica que o sujeito desconhece sua verdade. Não é no campo da consciência que encontramos o que suporta o *ser* do sujeito. O sujeito do enunciado, aquele que na frase diz “Eu”, na verdade não sabe o que diz; é o que nos mostra com nitidez uma formação do inconsciente, como o ato falho, por exemplo. O *shifter*, esse pronome indicador do sujeito da frase, sofre um revirão que nos permite ver a abertura do inconsciente no momento em que o sujeito do enunciado [*moi*], é atropelado pelo sujeito da enunciação [*Je*], revelando uma mensagem inconsciente que surpreende o falante. A partir do ensino de Lacan (1961b/1998), podemos ver por meio do *shifter*, a diferença entre o “lugar preparado para o sujeito sem que ele o ocupe, e o Eu que ali vem se alojar.” (p. 674)

Sabemos que há um sujeito que opera com a linguagem quando ele consegue se incluir em primeira pessoa naquilo que enuncia. Nesse sentido, reconhecemos que estamos diante de situações diferentes quando ouvimos de uma mesma criança as frases: “Pedrinho quer água” de “Eu quero água”. Outra situação que pode ser observada um pouco adiante é aquela encontrada em algumas crianças no teste de Binet, quando respondem *Tenho três irmãos: Paul, Ernest e eu*. Para ser capaz de operar com o próprio eu, a criança precisa ser capaz de tratá-lo como um significante dentre outros, o que a torna capaz de com ele efetuar substituições, adições, subtrações. É somente quando se torna *sujeito da linguagem* que a criança é capaz de tais operações. Por outro lado, uma falta na ultrapassagem de certas etapas da constituição do eu faz com que algumas crianças tropecem no referido teste. Ao termos um sujeito constituído na linguagem, orientado em relação ao real, temos a certeza de que ele opera nos dois andares do grafo, isto é, como sujeito dividido entre enunciado e enunciação.

Retornando ao grafo do desejo, em *Subversão do sujeito* Lacan (1960/1998) afirmou que a estrutura da fantasia assinala para nós o momento de um *fading* constitutivo que revela a fenda original [*Spaltung*] que o sujeito sofre ao se subordinar ao significante. Nesse nível, uma sincronia significativa se institui. A partir de então, o desejo se torna inconsciente e é transferido permanentemente para um Eu [*moi*] que supõe o dominar, mas que o desconhece e do qual se protege, conforme as formações do inconsciente atestam. Lacan (1960/1998) indica então que “a fantasia é propriamente o “estojo” daquele [Eu] que é primordialmente recalcado, por só ser indicável no *fading* da enunciação.” (p. 831) Àquilo que foi inscrito no momento *fading* original, a pulsação temporal do sujeito retorna posteriormente. Trata-se da retroação do sujeito no ponto mesmo em que o trauma se implica no sintoma, revelando uma fixidez e, segundo Lacan (1966b/1998) “projetando a topologia do sujeito no instante da fantasia.” (p. 850) Mas, em seguida desse ponto de abertura, há fechamento do inconsciente que recusa ao sujeito saber sobre o desejo.

Apresentarei agora algumas dessas questões, a partir de um caso clínico apresentado por Ella Sharpe, que Lacan recolheu se seu livro *Dream analysis*, para fazer uma série de interrogações. Não retomarei a longa análise feita por Lacan naquelas lições; deter-me-ei nos elementos da fantasia que permitam ver, de forma exemplar, as formulações precedentes sobre a relação entre a fantasia e o *fading* do sujeito. O caso é um fragmento da análise de um sujeito que tinha problemas para demonstrar sua potência, estancava diante da possibilidade de sucesso em diversas situações; era muito discreto, zeloso; expressava com desenvoltura e nitidez o que pensava, mas jamais o que lhe afetava. Sua discrição era tal que, a despeito da

escada de madeira normalmente fazer barulho ao ser pisada, a analista nunca o escutava chegar, até que um dia... Ocorreu um momento de abertura do inconsciente mediante um ato. Diante da porta ele solta um *Hum! Hum!* Um pigarro involuntário anunciou sua presença. A analista se mostrou perspicaz ao tomar esse pigarro como um sinal. Ela nada interpreta inicialmente, mas, para sua surpresa, ao analisando se põe a associar em torno de sua ação, e revela cadeias associativas surpreendentes, e toda sua riqueza clínica. Ele diz que não conseguiu controlar a tosse, que lhe escapou – o que podemos tomar como um ato falho. Irritado, ele mesmo questiona *a que isso serve?* No que Ella intervém: *a que propósito isso poderia servir?* O analisante responde: – *Evidentemente (...) é uma coisa que somos capazes de fazer se entramos num recinto onde haja amantes.*

Essa abertura permite ao analisante realizar uma série de associações importantes. Recordou que na infância tossiu antes de entrar no cômodo onde estava seu irmão com uma namorada, para que os dois não fossem surpreendidos em seu encontro amoroso. Em seguida, lembrou de que outra vez teve que *latir como um cão*, dentro de um cômodo, para que pensassem que não havia ninguém, apenas um cão. As associações o levaram ainda a uma lembrança que lhe causou vergonha: a de que um cão se masturbara em sua perna sem que ele interrompesse, e o fato de que se alguém tivesse entrado o teria flagrado nessa cena proibida.

Ao interrogar o ato falho, o sujeito quer saber o que é esse significante do Outro e interroga seu desejo. O desejo se fixa e se institui numa relação com a fantasia; nesse sentido, Lacan (1958-1959/2016) disse que “o que se trata de analisar é a fantasia, e sem compreendê-la, ou seja, descobrindo nela a estrutura que ela revela.” (p. 181). O que a fantasia põe em jogo? Quando uma identificação do sujeito é isolada, a seguir precisamos encontrar a fantasia que proporciona algum gozo para o sujeito. Temos aí a posição de o analisante estar onde não devia estar, latindo como um cão. O cão escamoteia, marca presença através do outro imaginário *a*, para que nada do que concerne à sua posição de sujeito apareça. É para *se fazer outro* que o sujeito faz uso do significante cão; ele está adornado imaginariamente por esse cão. O latido faz com que o analisante assuma, na fantasia, o significante daquilo que ele *não é*. Pela identificação ao cão se entrecruza outra cadeia de pensamentos: o cão se masturba em sua perna e esse gozo proibido poderia ser descoberto se alguém entrasse no cômodo, o que lhe traria muita vergonha. Esse exemplo mostra de forma precisa o que acontece na fantasia, a fórmula $\$ \diamond a$ exprime a mesma relação imaginária onde se pode ler tanto a tensão entre o eu e o outro – *a-a'*, quanto a relação entre o sujeito e o objeto, na qual se expressa a elisão do sujeito, a síncope diante do objeto em que ele tem que se tomar imaginariamente como *a*.

Ora, se há um falo é o pênis do cão que se masturbava; quanto ao sujeito, ele articula o significante mais elementar: *há ninguém aqui*, apenas um cão. O falo se distingue de *a* como objeto do desejo. Na fantasia o $-\varphi$ é substituído por *a*; é por meio da identificação que o sujeito preenche sua forma vazia, quando na presença do Outro ele é ninguém. Na fantasia que o que está em jogo é a relação do falo com o ser do sujeito; assim ela possibilita fixação a um objeto que tem um valor eletivo, diante do qual o sujeito desvanece. Nesse momento Lacan (1961a/1998) enunciou uma formulação que só seria melhor acabada anos depois: “a fantasia, em seu uso fundamental, é aquilo mediante o qual o sujeito se sustenta no nível de seu desejo evanescente, evanescente porquanto a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto.” (p. 643) Através da fantasia o sujeito sustenta seu desejo, ao substituir o objeto, ele aparece subsumido no significante cão. É porque pode haver castração, que no neurótico surge uma angústia, que o põe em alerta por temor de que seu desejo venha a faltar. Para Lacan, cabe saber, no complexo de castração, “em que a tomada de posição do sujeito no significante implica a perda, o sacrifício de um de seus significantes entre outros.” (Id, p. 217)

Retornando ao caso, a tosse tomada como sintoma, serviu para indicar sua chegada para analista, funcionando como um sinal para que esta não fosse surpreendida com alguém, o que tem uma conotação claramente sexual. Mas trata-se de uma fantasia que comporta um grau de afastamento da realidade, pois o próprio sujeito sabe que se houvesse alguém com a analista não lhe seria permitido subir. Por meio do amor transferencial o analisante procura defender a analista do golpe da castração, da vergonha de ser surpreendida e desfalecer como sujeito. Lacan considerou que, nesse caso, o analisante se deteve no momento de consentir que a mulher é castrada; o que ele temia era a castração do Outro. Trata-se de uma questão fundamental na neurose; Lacan (1958-1959/2016) explicita que “a fonte absolutamente fundamental da neurose é não querer que o Outro seja castrado.” (p. 251) No caso, o falo ficou escondido, foi posto ao abrigo, e isso não foi percebido com clareza por Ella Sharpe que, sem uma topologia que lhes desse as coordenadas do significante, não conseguiu situar claramente onde estava o falo; o que interferiu na direção do tratamento. Na medida em que deseja, o sujeito não sabe onde está em relação ao inconsciente, ele repete sem saber. Quanto a isso, Lacan nos adverte de que o sujeito não está no ponto onde deseja, “e sim em algum lugar na fantasia e que disso depende toda a nossa conduta na interpretação.” (Id, p. 443)

O neurótico teme que seu desejo desapareça, teme a afânise. Quando o corte advém, é a fantasia que preenche o vazio do ser; a fantasia vem dar o suporte, um índice da posição do sujeito em relação ao desejo. O significante ou uma cadeia significante vem ocupar o lugar de

objeto para dar sustentação ao desejo do sujeito no momento de sua vacilação, de modo que não é qualquer objeto que pode entrar nessa série que o organiza e situa uma ordem. A série de objetos privilegiados será extraída na análise, é por meio desses objetos que o sujeito tenta salvar sua dignidade e recuperar a perfeição narcísica.

Lacan (1961b/1998) disse que o *fading* se “produz na suspensão do desejo, por eclipsar-se o sujeito no significante da demanda – e na fixação da fantasia, por tomar-se o próprio sujeito o corte que faz brilhar o objeto parcial de sua indizível vacilação.” (p. 663) Isso significa que no momento de seu eclipse, o sujeito para recuperar sua posição de ser tem de recorrer ao objeto. Por ter de recorrer ao objeto, o sujeito barrado é constrangido a reconhecer sua condição humilhada de nada ser e só poder se afirmar no significante, daí por que no *fading* podem emergir fenômenos como a vergonha, o asco, o pudor, o rubor, a efusão, e outras formas de vacilação imaginárias do sujeito. Na fantasia o sujeito fica fixado, paralisado no momento da interrogação sobre seu ser, mas por que ocupa essa posição em relação ao desejo, o que ela revela de seu ser, isso é desconhecido, ele não sabe dizer; apesar disso, a fantasia representa o que o sujeito é no inconsciente, ela ocupa um lugar na referência do sujeito em relação a si mesmo. O objeto na fantasia tem a função de ser o suporte de uma transfusão da libido imaginária do corpo investida na forma de um órgão, o falo; mas, fundamentalmente, não há significante que possa responder por aquilo que o sujeito é.

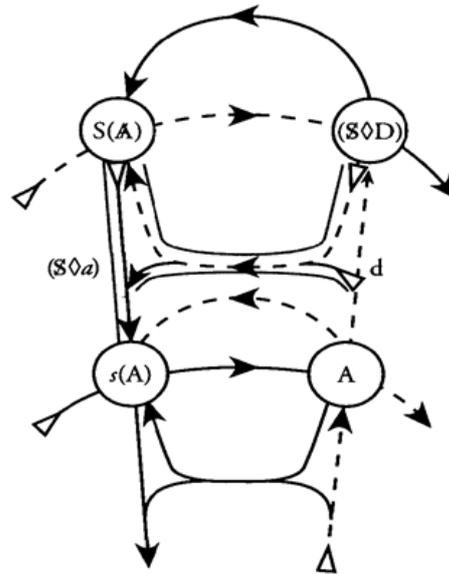
O sujeito é indicado na fantasia no que ele se revela fenda, \$. No último escrito de Freud (1940b/1992), *A cisão do Eu nos processos de defesa*, vemos como o Eu reage com angústia diante de situações de grande pressão, sobretudo aquelas com valor traumático. Nessas situações o sujeito é posto diante de um conflito que situa um perigo real quase intolerável caso prossiga na satisfação de uma pulsão que lhe era costumeira, como a masturbação infantil, por exemplo. Nesse caso, o sujeito precisa decidir entre manter a satisfação perigosa ou reconhecer as exigências da realidade e renunciar ao perigo, estabelecendo um feio à imperiosidade da pulsão. Diante do conflito, o sujeito sofre uma divisão incurável – a *Ichspaltung* – e tenta uma solução conciliatória por meio da qual possa dar satisfação aos dois desejos ao mesmo tempo. De um lado, rejeita a realidade e recusa a proibição; por outro, reconhece o perigo, assume o medo que esse perigo comporta como um sintoma patológico, e tenta se desfazer desse medo. Grosso modo, essa é a marca do *pathos* do desejo humano, que surge de modo paradoxal; de um lado o sujeito é constrangido a seguir o princípio de realidade, o que implica abandonar desejos considerados perigosos, todavia não deixa de desejá-los em seu inconsciente, fazendo-os retornar na fantasia. De um lado, realizar

o desejo seria perigoso para o sujeito e os desejos são afastados do Eu, mediante as defesas; de outro lado, o recalque é uma solução de compromisso que o deixa vulnerável à formação de sintomas. Passemos então à íntima relação do sujeito com o sintoma.

1.4 O sintoma e o sujeito

Interrogar o sentido daquilo que tropeça inclui o sujeito no sintoma e põe em funcionamento o segundo andar do grafo do desejo. Freud considerou o sintoma uma formação de compromisso que expressa a verdade de um desejo não realizado. Em termos dinâmicos o recalque incide sobre o significante, considerado perigoso por estar relacionado com o complexo de Édipo; contudo, impedida de se satisfazer por aquelas vias, a pulsão vai investir nas fantasias inconscientes, e estas se tornam as precursoras dos sintomas, manifestos tanto na fala como no corpo do analisante. Quanto ao afeto, seu destino é diferente, o Eu retira o investimento do representante pulsional e o recalca, a partir daí, o representante recalado se transforma por ligação em desprazer e angústia. No caso clínico apresentado vimos que a angústia se produz quando o investimento no nível de a , volta a incidir diante de um perigo interno e produz o efeito de *fading* do sujeito ($\$$); de modo que podemos dizer que no nível imaginário da fantasia, quando o objeto contém uma imagem de seu desejo, o sujeito vacila e se defende. É no ponto em que a angústia é acionada no nível do Eu que se dão as defesas do neurótico em relação ao próprio desejo, insatisfeito, impossível ou precavido conforme se trate de uma histeria, de uma neurose obsessiva ou de uma fobia, respectivamente.

O pouco de felicidade, a sensação de algo não vai bem, e, sobretudo a angústia, são algumas das queixas que levam o sujeito à análise. O sujeito vem à análise justamente porque não se satisfaz com aquilo que é, nem com o desejo. Por outro lado, paradoxalmente, essas queixas dão satisfação à pulsão e concernem a um gozo repetitivo com os sintomas. O sintoma é uma mensagem, está estruturado como uma linguagem, como uma metáfora a ser decifrada na operação analítica. O percurso da análise percorre o caminho inverso ao da formação dos sintomas. É partindo de uma interrogação do sentido do sintoma – $s(A)$ –, e a que desejos respondem que o analisante põe em cena as fantasias ($\$ \diamond a$) e por meio delas, poderá despertar para o significado da mensagem do Outro que o constituiu numa anterioridade lógica. Para Lacan (1958-1959/2016) a análise visa “reconquistar o terreno do ser perdido pelo sujeito.” (p. 405) Por meio da representação topológica a seguir, Lacan (1958-1959/2016, p. 307) traçou o circuito do desejo de que estamos tratando:



A CADEIA SIGNIFICANTE INCONSCIENTE

A experiência clínica mostra que o sintoma aparece inicialmente na síntese do Eu de forma fechada, cristalizada como algo que representa o sujeito em $s(A)$, de tal modo que com ele o sujeito se identifica na forma predicativa de um “Eu sou”, e que ouvimos em numerosos exemplos derivados da forma “Eu sou o doente”, etc.. Todavia existe um sentido para além desse discurso que é o discurso do Outro, situado no segundo andar do grafo que o sujeito desconhece; é para ele que se dirige a questão *Quem fala?* É ao fazer a interrogação do sintoma que não cessa de repetir, que o sujeito poderá ver surgir como resposta o significante do Outro, $S(A)$. É ao sentido que a resposta visa, mas, por estar relacionado a $S(A)$, o sintoma permanece opaco; constitui para o sujeito uma ignorância quanto à causa, invariavelmente ligada ao trauma do encontro com o sexual. Assim, é a causa do sintoma que será posta em questão na experiência analítica; a interrogação sobre aquilo que o sujeito quer, ele a faz nessa espécie de gancho que é a linha superior que vai de $\$ \diamond D \rightarrow S(A)$. Trata-se de uma linha articulada e articulável, por meio de questões conscientes. Já a resposta é o retorno de $S(A) \rightarrow \$ \diamond D$, representada pelos trilhos de uma linha fragmentada da cadeia significativa inconsciente que está articulada ao modo de uma alienação, pois, o sujeito não sabe da mensagem que chega do que ele quer em resposta à demanda.

É no ponto, a partir do qual o analisante se interroga, para além do discurso concreto, na confrontação de $\$ \diamond D$, que passa a reencontrar as marcas que resultaram do desfilamento dos significantes da demanda do Outro, nos quais seu desejo se alienou. Para Lacan (1958-1959/2016) a interpretação deve repercutir efeitos entre as duas linhas do grafo para revelar as leis que regem a outra cena de modo que “as intervenções do analista visam restabelecer a

coerência da cadeia significativa no nível do inconsciente.” (p. 320) O trabalho de análise, de um lado vai revelar os significantes sobre o que o sujeito quer, e completar os significantes que faltam na linha superior, pois é nela que o sujeito poderá encontrar a mensagem da demanda do Outro. É por meio da demanda que algo do desejo pode ser articulado, mas o desejo está em outro lugar; para Lacan “trata-se, em suma, de ver quando e como o desejo do sujeito, alienado na demanda, profundamente transformado pelo fato de ter de passar pela demanda, pode e deve reintroduzir-se.” (Id, p. 370)

O desejo está em algum lugar entre $\$ \diamond D \rightarrow d$, e se mantém submetido à regulação da fantasia $\$ \diamond a$, que se situa entre a mensagem de seu inconsciente $S(A)$ e $s(A)$. São as fantasias que surgem na associação livre, e revelam desejos reprimidos pela formação de um ideal que exige renúncias. O sujeito é fundamentalmente dividido entre desejos de que é obrigado a abrir mão de sua realização e a fantasia a que visam; mas é justamente porque não se realizam, ou só se realizam nos sonhos, que esses desejos investem nas fantasias, e delas o sujeito extrai o pouco de prazer. As fantasias dão suporte aos desejos que buscam satisfação, mas se deparam com uma realidade que frustra sua realização. Ao ser obrigada a abandonar os objetos reais, a libido vai buscar satisfações na fantasia, toma o caminho da regressão para aqueles pontos fixos da sexualidade infantil em que se satisfazia sem constrangimentos.

Face à imperiosidade de desejos que não pode realizar, o Eu se vê na condição de lançar mão de mecanismos de defesa, tais como o recalque, ou cria uma fantasia de desejo, que permanece insatisfeita. A fantasia comporta assim uma contradição que não pode ser resolvida e ganha consistência no sintoma. A proliferação de fantasias não realizadas contribuem com as condições de entrada do sujeito na neurose. Freud disse que o sintoma se forma como uma solução de compromisso para o conflito, ele é um representante do recalçado que se torna um modo de satisfação por meio do qual o neurótico retira benefícios secundários. O sintoma é a atividade sexual do neurótico.

O nível consciente da fantasia, o sonho diurno, funciona como uma encenação, um teatro íntimo, no qual o sujeito imagina o acesso a um gozo que não realiza na realidade, mas sobre estas fantasias pouco comunicam na análise. Já a face inconsciente da fantasia, relativa aos desejos recalçados, o sujeito não pode reconhecer. Freud (1917f/1992) falou de “reino da fantasia”, por reconhecer seu funcionamento à parte, no qual o princípio de prazer é preservado e não se submete ao julgo do princípio de realidade. No reino da fantasia, mesmo aquilo que é inútil, e até mesmo nocivo do ponto de vista do “bem do sujeito”, pode se

desenvolver e prosperar. Assim, o reino da fantasia pode ser comparado a uma espécie de “reserva natural”, uma “área de proteção”, que Lacan comparou a uma “selva das fantasias”.

A fantasia é um modo pelo qual o sujeito imagina seu prazer, ela é feita para gozar imaginariamente. As fantasias inconscientes são as percussoras diretas da formação do sintoma, cuja trama porta uma mensagem do Outro, que aparece no nível dos enunciados do discurso em $s(A)$, para interrogar o sujeito. Ao invés de uma modificação do mundo externo, os sintomas constituem uma modificação interna, seja no corpo ou no pensamento, em que ocorre uma adaptação no lugar de uma ação. Freud (1909a [1908]/1992) afirmou que na realização do ataque histérico, vemos a capacidade de tradução da fantasia sobre a esfera motora; nelas, o prazer obtido é equivalente a uma satisfação (bi)sexual de duas correntes contraditórias, uma masculina e outra feminina. A perda de consciência nesses “ataques” mostra o desconhecimento que faz do Eu uma marionete por meio da qual a pulsão se satisfaz.

A fantasia fundamental está onde o sujeito extrai um pouco de prazer com o mais-além do princípio de prazer. Chamamos atenção de que é preciso localizar a duplicidade da divisão que a envolve na fantasia ali onde Isso fala. A análise deve levar o sujeito ao reconhecimento do desejo; mas não deve se deter aí, pois na medida em que este é metonímico, permanecerá num deslocamento sem fim; então o de que se trata é do reconhecimento de que o sintoma satisfaz a algo que deixa o analisante insatisfeito, revelando um gozo paradoxal, mais além do princípio de prazer. Há um “cálculo de gozo” em questão nos sintomas, mas trata-se de um gozo sem o sujeito. Um ponto de virada na análise se dá, justamente quando o analisante puder dizer isso a que o sintoma dá satisfação e com isso goza. É também por essa via, que é a da pulsão, que poderá haver qualquer modificação subjetiva.

A causa do desejo está relacionada à falta de um significante no Outro, seu efeito é o desejo; todavia a proibição e a não realização dos desejos resulta no investimento na fantasia e na formação dos sintomas. Em virtude do recalque, o sujeito separa a fantasia do sintoma, e imagina um dia poder gozar mais, caso se livre deste. O trabalho analítico vai implicar sintoma e fantasia ($\$ \diamond a$), e revelar ao sujeito no instante angustiante de *fading* o objeto que sustentou seu desejo. Lacan (1956/1998) afirmou ainda que é decompondo as identificações que constituiu sua paixão imaginária, que o Eu se põe a ouvir a mensagem da verdade inconsciente, “é na desagregação da unidade imaginária constitutiva do eu que o sujeito encontra o material significante de seus sintomas.” (p. 428) Assim a análise se dirige à causa do desejo que desenvolveremos a seguir.

2. O OBJETO E A FANTASIA

Depois de abordarmos a relação entre o sujeito e a fantasia nos voltarmos agora para outro termo do matema da fantasia, o objeto. O problema do objeto foi abordado por Lacan (1956-1957/1994) desde o início de seu ensino quando criticou a clínica centrada na relação de objeto, sobretudo pelo modo dual imaginário como a experiência analítica – a transferência – era manejada àquela altura. As discussões em torno do objeto atravessaram muitos anos do ensino de Lacan produzindo deslocamentos, e porque não dizer, saltos com efeitos no conhecimento, de modo que ele próprio considerou a formulação do objeto *a* sua maior contribuição à psicanálise. Lacan (1961b/1998) situou a falta do objeto como central nas relações do sujeito com o mundo, e o considerou como “elemento da estrutura desde a origem e, por assim dizer, da distribuição das cartas da partida que se joga.” (p.689). Neste capítulo abordarei o objeto na fantasia e suas relações com os registros real, simbólico e imaginário.

2.1 O objeto perdido

A noção de *das Ding* como objeto perdido estava esquecida pelas gerações de psicanalistas pós-freudianos, até que o retorno de Lacan ao texto de Freud (1950/1992) *Projeto de psicologia* sublinhou sua importância quanto à experiência de satisfação e na constituição da realidade. Lacan (1959-1960/1998) destacou o uso distinto da palavra *das Ding* no texto de Freud, atenção essencial porque existe na língua alemã a possibilidade de diferenciar dois termos que servem para designar *a coisa*: *das Ding* e *die Sache*. *Die Sachen*, no plural, significa *as coisas*, produto da indústria ou da ação humana governada pela linguagem, isto é, se refere aos objetos designados no campo do significante; enquanto o termo *das Ding*, no singular, se refere à Coisa que, para Freud, designa o *objeto perdido*.

Para introduzir *das Ding* retomarei uma vez mais a experiência de satisfação situada por Freud como aquela em que o objeto é apreendido mediante a busca de reencontrar o objeto primeiro da satisfação. Durante algum tempo é por meio do outro [*Nebenmensch*] que se dará a orientação em relação ao mundo real, visto que, ao nascer, o bebê humano se encontra num estado de prematuração e imperícia para suprir a si próprio diante da pressão das urgências da vida. Assim, faz-se necessária a ação de um outro que venha ao seu encontro para garantir-lhe as condições de satisfação das necessidades. Essa situação nos mostra que a experiência ética e a apreensão da realidade pela criança se constituem a partir do outro.

O princípio de prazer regula automaticamente o aparelho psíquico e, na experiência de satisfação, realiza um julgamento que discrimina e divide as coordenadas do objeto entre prazer e desprazer. Iniciemos com a experiência do desprazer, na qual um objeto considerado hostil ou estranho [*Fremde*] é isolado no *Ding* [Coisa] e em seguida, expulso para o exterior. Segundo Lacan (1954/1998) a expulsão do objeto para fora do sujeito constitui o exterior, “constitui o real, na medida em que ele é o domínio do que subsiste fora da simbolização.” (p. 390) A raiz da simbolização surge na forma de um par de opostos que se constitui, na medida em que o *não* institui uma diferença em relação ao *sim* (afirmação) – ao que era no princípio o idêntico, o indiferenciado no psiquismo.

É pela repetição que o sujeito tenta reencontrar o *Ding* em relação ao qual o princípio de prazer funciona para reduzir o estado de tensão gerado pelas urgências da vida. Todavia a busca do objeto fracassa o tempo todo introduzindo a falta de harmonia, pois o mesmo objeto, o idêntico, que satisfaz primordialmente, não pode ser reencontrado. Trata-se de um objeto mítico, se em algum momento existiu, foi para sempre perdido. Suas coordenadas de prazer deixadas no psiquismo só podem ser ansiadas de forma alucinada. A realidade, e seu caráter precário para o humano, se constituem a partir dessa atividade alucinatória primordial. O humano só pode pensar neste objeto com saudosismo, ansiar por ele, mas jamais poderá reencontrá-lo. Se o sujeito não o reencontra, para manter a vida, precisa constituir uma defesa contra o objeto alucinado que, caso não ocorresse, colocaria em risco a sobrevivência. O sujeito tenta então encontrar outros objetos na realidade que possam funcionar em relação ao princípio de prazer, objetos que são substitutos do objeto perdido. Podemos dizer assim, que *das Ding* está no centro do mundo subjetivo, porém como real excluído, isolado, ocupando uma posição de exterioridade. Topologicamente *das Ding* é falta na estrutura e só pode ser representada por *outra coisa*, pelos objetos reencontrados [*die Sachen*] pelo sujeito. É em torno do vazio deixado por *das Ding* que toda a trama simbólica das representações [*Vorstellungen*], isto é dos significantes que formam o sistema de memória, se organiza.

É em torno das vias do sistema de memória que a pulsão traça suas trilhas, orientada por uma *tendência a reencontrar* o objeto em relação ao qual o princípio de prazer funciona cruzando o princípio de realidade com o princípio de prazer. A esse objeto primeiro da experiência de satisfação não mais temos acesso, mas suas coordenadas de prazer ansiamos reencontrar, o que orienta primordialmente o desejo. Na busca deste objeto, o sujeito encontra somente satisfações parciais, de objeto em objeto, de significante em significante, sem jamais reencontrar *das Ding*. Vemos assim que este objeto conserva uma *distância em relação a seu*

fim, que caracteriza o estado constante de anseio no humano. Para Lacan (1959-1960/1998) a distância tomada de *das Ding* é, ao mesmo tempo proximidade, uma distância íntima, pois é nesse lugar que organizamos a vida cotidiana, e “que vem-se organizar alguma coisa que é, ao mesmo tempo, o oposto, o avesso e o idêntico disso, e que, em última instância, substitui essa realidade muda que é *das Ding* – ou seja, a realidade que comanda, que ordena.” (p. 72) Os objetos investidos no desejo são objetos substitutos de *das Ding* enquanto *A Coisa* enquanto tal permanece velada e inacessível. *Das Ding* se refere, portanto, a algo que está para além da cadeia significante, o que permitiu a Lacan defini-lo como *realidade muda*, como aquilo que do real primordial padece do significante. Trata-se de um objeto fora da significação, do qual “o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque.” (Id, p. 71)

É importante retomar a distinção entre o objeto *no* desejo e o objeto *do* desejo que anunciei no capítulo anterior. O primeiro se refere aos objetos da pulsão de vida, *die Sachen*, aqueles que se mantêm deslizando metonimicamente na cadeia de significantes, não estando previamente estabelecidos ou fixados; por sua vez o, objeto a que o desejo visa como fim – objeto *do* desejo – é *das Ding*, e se situa para além do princípio de prazer. O que a pulsão, enquanto pulsão de morte demanda, em última instância, é o reencontro com *das Ding*; por isso Jorge (2010, p. 137) afirmou que o objeto da pulsão de morte é *das Ding*. Todavia as defesas nos afastam desse reencontro com a Coisa, e institui *die Sachen*, os objetos no desejo, relacionados à pulsão de vida. O desejo situa um objeto na fantasia, que e pode funcionar como um freio que faz barreira ao empuxo à morte. Reencontrar *das Ding* significaria um rebaixamento tão radical que aboliria a demanda e levaria à própria extinção do desejo – o que só pode ser pensado como a morte. Nesse sentido, podemos pensar a fantasia incestuosa do ventre materno como um desejo humano fundamental recalcado, cujo retorno representa um reencontro mítico de *das Ding*. Satisfazê-lo levaria à abolição da demanda, isto é, ao fim. A realização de um prazer extremo em relação à *Coisa*, que podemos qualificar de gozo, não podemos suportar, é o que está mais além do princípio de prazer. De modo contrário, podemos dizer que desejar é tomar certa distância de *das Ding*, para isso, esse gozo precisa se manter não-realizado, pois a possibilidade de uma satisfação absoluta significaria a morte.

Lacan (1959-1960/1998) afirmou que *das Ding* equivale ao *Bem supremo*, e o relacionou à mãe, que ocupa o lugar de objeto primordial no desejo da criança, ela seria então o Outro absoluto do sujeito. É em relação ao gozo com *das Ding* que a lei da interdição do incesto vem se exercer, impedindo que o desejo em relação à mãe possa atingir o seu fim. *Das*

Ding seria o objeto proibido situado aquém da Lei; sua proibição é a matéria mesma sob a qual a lei se edifica. Lévi-Strauss (1949/1982) bem soube encontrar a relação entre a lei e o significante nas trocas que regem as estruturas elementares de parentesco; de forma que a interdição do incesto e a exogamia são as condições para que subsista a fala. O princípio moral dessa lei fundamental está na base de todos os desenvolvimentos culturais, e no cerne dos dez mandamentos religiosos que se destinam a manter o sujeito afastado da possibilidade de realização do incesto; essa distância, somada ao amor ao próximo, dão as condições para que exista vida social, regulada pelo princípio de realidade.

Das Ding seria então o Bem proibido, ao qual o humano tem que renunciar. Em torno desse Bem inencontrável se constituirão os bens, *die Sachen*, os objetos em torno dos quais a pulsão sexual constitui seu trilhamento, a saber, a cadeia de significantes regulada pelo princípio de prazer. Inicialmente Lacan (1959-1960/1998) relacionou *das Ding* à causa do desejo, uma vez que “no horizonte, para além do princípio do prazer, delinea-se o *Gute, das Ding*, introduzindo, no nível inconsciente o que deveria forçar-nos a recolocar a questão propriamente kantiana da *causa noumenon*.” (p. 93) Aquilo que o sujeito repete na tentativa de reencontrar *das Ding* está relacionado ao real, na medida em que o real é o que se repete sempre no mesmo lugar. Nessa busca repetida do objeto se dá toda a orientação do *Wunsch* em relação ao qual a fantasia funciona como um crivo, de acordo com o princípio de prazer.

2.2 O objeto na fantasia

Lacan (1958-1959/2016, p. 397) construiu o esquema lógico abaixo com base no algoritmo da divisão do sujeito, operação representada pela barra vertical, que permite compreender sua constituição no desejo e a instituição da fantasia,

A	D
Sr	D̄
A	S
a	S̄
A'	
A''	
A'''	

Esquema sincrônico da dialética do desejo

Na primeira linha temos indicada a relação mais primitiva da demanda (D) que o sujeito estabelece com o Outro (A) como lugar da fala, devemos lê-la como “o Outro dividido pela demanda”. O Outro que vemos na segunda linha, é um sujeito real (Sr) que inicialmente

satisfaz as necessidades do bebê. O desejo desse Outro é interpelado pela criança ao ser apreendido em função da alternância significativa entre a presença-ausência materna. O que o Outro dá nessa relação, o dá apenas por sua presença e nada mais que isso; logo não se trata de satisfazer ou não a necessidade, mas de uma relação de amor. A ausência materna introduz para o bebê a questão de que a mãe deseja algo para além dele, revelando-a como ser incompleto (\bar{A}); ao mesmo tempo, destaca sua insuficiência como objeto capaz de preencher o desejo materno. A experiência mostra ainda que, mesmo tendo suas necessidades satisfeitas, o bebê continua a desejar a mãe, revelando que a demanda se situa além da necessidade.

Na terceira linha do esquema, representada por $\frac{\bar{A}}{S}$ temos a divisão do Outro no significativo. Ela indica que é em relação ao Outro (\bar{A}) que o sujeito se constitui como sujeito da fala, momento em que a dimensão da linguagem se inicia. A introdução do sujeito no significativo (S) tem como função subjetivar o Outro, pois não há um sujeito senão para outro sujeito. A primeira etapa da constituição do sujeito no significativo é o *reconhecimento* de que tratamos anteriormente. Segundo Lacan (1958-1959/2016),

é na medida em que o Outro é um sujeito enquanto tal que o sujeito se instaura e pode instituir a si mesmo como sujeito numa nova relação com o Outro, a saber, que, nesse Outro, tem de se fazer reconhecer como sujeito – já não como demanda, já não como amor, mas como sujeito. (Id, p. 398)

Antes de se constituir como sujeito, a criança precisa se situar no nível do significativo, no campo do Outro; todavia a este campo, falta uma garantia da verdade que estará implicada em sua própria falta ($\$$). A falta fundamental do significativo no campo do Outro, que Lacan escreveu sob a forma de \bar{A} , impõe que não haja garantia de verdade capaz de responder por aquilo que o sujeito é, o que o lança na angústia. Nesse ponto, chegamos à quarta linha do esquema, momento em que o objeto (a) aparece como contrapartida, vindo representar uma falta que é a tensão última, tensão real do sujeito ($\$$), aquela que o objeto é um resto, um resíduo situado à margem de todas as demandas e que nenhuma demanda consegue esgotar. A partir daí, o Outro só responde ao sujeito para além do que ele articulou como demanda, e o sujeito só poderá apreender a si para além da fala.

Lacan (1958-1959/2016) disse que o sujeito “terá, portanto, de dar o passo que o introduz na etapa seguinte $a/\$$,” (p. 404). É como sujeito castrado ($\$$) que ele pretende encontrar respostas, o que não significa que as encontre. Notemos que o sujeito passa para baixo da barra, se constituindo como sujeito do inconsciente, e são as respostas dadas à falta no nível do ser que constituirão as identificações de seu Eu, $\$ \diamond a$. Em virtude da castração, o

sujeito faz a adição sucessiva dos diversos $A - A', A'', A'''$ – que, mesmo sem nada de real, tentam dar garantias ao sujeito para falta no nível do Outro. Todavia, estas adições de A' não são suficientes para suturar a falta humana em relação ao desejo.

O que temos constituído a partir de então está relacionado ao segundo andar do grafo onde o sujeito formula a pergunta do desejo, *Che vuoi?* Que quer o Outro de mim? Em resposta à essa pergunta, temos a fantasia inconsciente. No escrito *Subversão do sujeito e a dialética do desejo*, Lacan (1960/1998) apontou a estrutura de desconhecimento do Eu, mas assinalou que é ao discorrer sobre as fantasias, que o analisante poderá interrogar o desejo e advir como sujeito:

O grafo inscreve que o desejo é regulado a partir da fantasia, assim formulada de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo, exceto que ela continua a marcar a inversão dos desconhecimentos em que se fundamentam, respectivamente, um e outro. Assim se fecha a via imaginária por onde na análise devo advir, lá onde s'tava [*là ou s 'était*] o inconsciente. (Id, p. 831)

Para entendermos as relações que se passam e de onde surge a fantasia, faz-se necessário retomarmos algumas questões. Vimos no grafo do desejo que, no plano em que se situa o discurso concreto, na linha inferior $s(A) \rightarrow A$, que é o discurso da demanda, as necessidades precisam passar pelo significante. Trata-se do discurso de um Eu que supõe o domínio e transparência à consciência; entretanto a descoberta analítica revelou que o discurso que dá o sentimento de ser Eu [*moi*], se sustenta num desconhecimento do sujeito. O sujeito [*Je*] a que a experiência analítica dá acesso está relacionado ao segundo andar do grafo, e não é imediatamente acessível à consciência. Tal como aconteceu em relação à imagem especular que se tornou desconhecida pelo sujeito no momento de sua constituição inicial no estádio do espelho, com a divisão do aparelho psíquico e o recalçamento, estabelece-se um novo desconhecimento na estrutura do Eu. Como afirmou Lacan (1958-1959/2016), “nesse momento em que o inconsciente começa, o sujeito se perde.” (p. 405) A partir de então, o sujeito ao falar não sabe o que diz, só podemos reencontrá-lo na articulação da cadeia significante de seu inconsciente; questão que nos coloca no mesmo caminho originalmente fundado por Freud, quando se deparou com sua fantasia e a das históricas.

Partindo de uma falta no campo do saber, o analisante se interroga sobre o seu querer e, num nível ainda mais problemático, sobre o seu desejo. Lacan (1958-1959/2016) formulou por meio de um jogo de palavras na língua francesa esse momento da suspensão do sujeito na forma de um *Est-Ce? (É?)*. O *S*, representa o *Es (Isto)* da tópica freudiana que surge na forma interrogativa e, a partir de então, como sujeito do inconsciente. Esse momento de interrogação

pode ser observado na fase dos *Por quês?* Quando a criança se depara com a falta de saber e interroga o mundo à sua volta e o próprio discurso. Em outras palavras, após se instituir na fala, na ordem da linguagem e da lei, o sujeito tenta se situar como sujeito *da* fala. Interrogação eu parte de $\$D$ e cujo gancho chega ao campo do Outro em $S(A)$.

O surgimento da pergunta *Che vuoi?* indica uma incerteza quanto à posição do sujeito em relação ao desejo do Outro. Por isso ela é a pergunta que poderá levar à fantasia, e num nível mais profundo ao desejo do desejo. Essa interrogação é feita ao Outro em $S(A)$, mas o Outro não pode dar as garantias de resposta já que, ao próprio Outro falta um significante que, por si só, possa representar o sujeito. Estamos aqui no nível do sujeito diante da *falta-a-ser*. É no campo do desejo inconsciente que temos que procurar as relações do sujeito com o desejo, onde o $\$$ tem de se articular no momento do *fading*. Lacan (1958-1959/2016) apontou que “o objeto é essa coisa que suporta o sujeito no momento preciso em que este tem de enfrentar, digamos, sua existência. É essa coisa que suporta o sujeito na sua existência no sentido mais radical, a saber, justamente no sentido de que ele existe na linguagem.” (Id, p. 100)

O objeto (*a*) na fantasia é esse *x* tomado pelas bordas, de fora do próprio sujeito, na linguagem, que faz com que ele próprio, sujeito, desapareça por trás de um significante. Nesse momento de tensão, o sujeito se apegua a algo que o sustente na linguagem e, segundo Lacan, “o que é suportado por esse objeto é justamente o que o sujeito não pode desvelar.” (Id, p. 101) Nesse momento máximo de tensão entre o sujeito e o objeto, é o narcisismo que constitui a via da solução de que necessita o sujeito ao problema do desejo. Lacan (1958-1959/2016) afirmou com precisão o que acontece no momento da aproximação do sujeito em relação ao objeto;

o sujeito é pego numa espécie de impasse. Só consegue alcançar esse objeto, como objeto, se ele mesmo, como sujeito da fala, for apagado nessa elisão que o deixa na noite do trauma, no que está, rigorosamente falando, para além da própria angústia. Ou então ele tem de tomar o lugar do objeto, substituí-lo, subsumir-se num certo significante. (p. 134)

No modelo geral da fantasia *Bate-se numa criança*, vimos que a estrutura fantasística consiste em transferir o afeto para o objeto em presença do desejo. No momento do *fading* o sujeito aparece elidido na fantasia ($\$$), pelo significante do outro imaginário, *a*. No entanto, o objeto que o sujeito encontra diante de si, não é o objeto causa, e sim a inversão de sua própria imagem especular. Nesse nível é a imagem narcísica *i(a)*, quem pode dar o suporte e preencher a função de $\$$ no desejo. A fantasia se encontra nesse extremo da interrogação subjetiva, ali onde, para além do discurso do Outro, o sujeito tenta recuperar algo que perdeu

por sua entrada na ordem do desejo. O papel estrutural da fantasia é que nela o sujeito está à beira da nomeação e se encontra com o máximo de um efeito alienante. Ele só tem condições de se sustentar diante da interrogação com seu real. No entanto não há nada mais misterioso para o sujeito; porque a partir do lugar onde formula a pergunta *Che vuoi?* Não há nenhuma possibilidade de encontrar resposta; exceto em condições analíticas.

É ao interrogar o Outro, S(A), que o sujeito poderá se deparar com a bateria significativa que aparece fragmentada no segundo andar do grafo, entre $\$a$ e d , e reencontrar os significantes recalçados. Para Lacan (1960/1998), se a revelação do inconsciente se faz por meio da fantasia é por que ela se tornou “o ‘estojo’ daquele [Eu] que é primordialmente recalçado, por só ser indicável no *fading* da enunciação.” (p. 831) É essa estrutura fantasística, por meio da qual chegamos às margens do inconsciente, que ele precisa revelar e completar na análise para ter acesso a seu desejo. O caso relatado por Ella Sharpe de que tratamos exemplifica bem a questão, e permite ver o caráter simbólico-imaginário da fantasia. Na sequência do ato falho, o analisante afirmou ter sonhado um sonho enorme, do qual lembrava muito pouco. Ele estava com a esposa dando a volta ao mundo quando o carro quebrou, e então apareceu uma mulher que quis pegar seu pênis e fazer sexo, o que não o agradou. Diante do desapontamento dessa mulher pensou que deveria masturbá-la, mas em sua fala empregou o verbo *To masturbate*. A analista percebeu o equívoco, já que esse verbo é intransitivo. Este novo erro a pôs na pista do lugar ocupado pelo sujeito na fantasia.

No presente caso clínico, apesar de apresentar cenas diferentes, no roteiro da fantasia em que tem que sustentar sua posição no desejo, havia sempre uma situação sexual triádica: sujeito, objeto e o Outro. Em cada uma das cenas vemos o sujeito se esquivar, assim como se esquivava sempre que precisa ser agressivo e enfrentar o outro. Mas por que isso acontece? É que frente ao objeto o sujeito teme a afânise e recua para preservar seu falo. Assim podemos perguntar então, onde está o falo?

O que surpreende na leitura de Lacan é que o falo não está às claras como se poderia supor, ele está fora do jogo o tempo inteiro. O sujeito o mantém escamoteado por temor de perdê-lo. Quem tem esse falo é constantemente o terceiro, o Outro, e é esse significante no Outro que o sujeito não quer sacrificar. Uma leitura acurada dos significantes da fantasia do sujeito revela que o falo está constantemente com uma mulher: sua mulher, sua mãe, a analista. Apesar de considerar a direção do caso muito boa na maior parte das vezes, Lacan disse que Ella Sharpe não percebeu que o falo era justamente o significante que deslizava e

que o analisante identificava como falo da analista; faltou-lhe a percepção de que o analisante a situava como Outro completo para não assumir o real da castração na mulher.

Para sustentar seu desejo, é preciso que, a cada vez, o sujeito tenha que recorrer à fantasia, cuja função é simbolizar sua relação com o desejo do Outro, mas essa escolha não é feita pelo Eu, ela lhe é dada pela posição que ocupa na cadeia significante inconsciente. A fantasia tem um papel fundamental na regulação do desejo, segundo Lacan (1958-1959/2016) ela possibilita que o sujeito “mantenha em ato uma situação tal que possa nela se reconhecer e se satisfazer como sujeito.” (p. 459) As posições do sujeito na fantasia permitem situar a relação com a imagem do outro $i(a)$ que o substitui no momento do *fading*; o que podemos escrever como $\frac{i(a)}{\$}$. O que se passa no nível da fantasia no segundo andar, é semelhante ao que se passou no primeiro andar, isto é, o objeto na fantasia desempenha um papel de suporte do desejo equivalente ao que a imagem especular $i(a)$, desempenha como suporte do Eu [*moi*]. Isso nos ajuda a entendermos a afirmação de Lacan (1958-1959/2016) de que “assim como o eu se constitui em certa relação com o outro imaginário, o desejo se institui e se fixa em certa relação com a fantasia.” (p. 192)

No caso clínico em questão vemos o quanto na fantasia o Eu é tratado como um significante que pode ser substituído por outro significante; assim, quando late no quarto para que pensem que ali não havia ninguém, o animal substitui o sujeito no nível imaginário, mas também revela o lugar vazio do ser (\$) elidido nesse vazio que é “ninguém”. Então, o significante cão, se apresentou para protegê-lo no momento do *fading*. Quando o sujeito se vê incitado a articular seu anseio mais secreto, seu segredo, o que acontece? Ele fica envergonhado, enrubescido, se apaga, desaparece. É nesse sentido que devemos entender o *fading*. Diante do objeto, há um desvanecimento do sujeito. Para Lacan, “na verdade, não há outro signo do sujeito senão o signo de sua abolição como sujeito, esse signo que se escreve \$.” (Id, p. 119) Na fantasia, o objeto dá o suporte de que necessita o sujeito diante do *fading*.

Quanto ao desejo, o sujeito está sempre alienado em uma promessa, em algo que comporte algum tipo de perda, e precisa ter a garantia de que a satisfação do desejo não seja totalmente possível. O neurótico teme que ao se satisfazer possa ficar sem um desejo e sofrer a *afânise*. Assim, na presença de a , o sujeito teme que lhe falte o desejo; de modo que quando o humano está na iminência de realizar seu desejo, acontece dele temer satisfazê-lo. A metáfora do avarento empregada por Lacan indica que o cofrinho é o objeto precioso onde o sujeito deposita seu desejo, mas como uma *reserva que não deve ser usada*, que deve

permanecer guardada. Assim, as chances de satisfação do desejo são sempre evitadas, adiadas para depois, deixando o sujeito a desejar. Deste modo, o objeto de que se trata no desejo não é objeto de gozo, pelo contrário, se trata de um bem do qual não se goze.

O avarento teme abrir seu cofrinho para fazer uso da moeda de seu desejo; da mesma forma, o neurótico evita encontrar o objeto precioso no desejo. A fantasia é eleita como modo de satisfação, mas se trata de uma satisfação que deixa o sujeito insatisfeito, ou o leva a se satisfazer nos sintomas. O neurótico mantém o objeto *em reserva* e se afasta da possibilidade de ter seu desejo satisfeito, como foi demonstrado por Freud no caso da bela açougueira que deseja comer caviar, mas não quer que o marido o compre justamente para permanecer insatisfeita, e com isso gozar. Quando o significante torna impossível para o sujeito estar diante do objeto, o que acontece é a possibilidade de um deslocamento. Isso não quer dizer que ele desloque para qualquer objeto, mas que o deslocamento é o que possibilita a própria possibilidade do desejo. Aquilo que denominamos metonímia do desejo ajuda a manter o equilíbrio, uma vez que, ao impedir a satisfação, um objeto *no* desejo é mantido. Trata-se, sobretudo de impedir a satisfação. Ao deslocar o objeto, o que o sujeito garante é a própria conservação do desejo, e implica que nenhum objeto venha a se cristalizar imaginariamente no lugar da falta. É assim que o neurótico mantém a possibilidade de existir como sujeito desejante. Concluimos então que o objeto da fantasia funciona como uma caução do desejo.

É porque um objeto eletivo vem assumir lugar na bateria significante, que se torna objeto no desejo. A esse objeto o sujeito se engancha imaginariamente, para suturar sua falta. No caso do paciente de Ella Sharpe, vimos que o objeto na fantasia sustenta a relação do sujeito com o que ele não é, na medida em que o sujeito não é o falo. O objeto vela a ignorância do sujeito em relação ao real da castração. No ponto em que o sujeito se depara com a castração ($-\varphi$), é *a* que vem funcionar como suporte imaginário do desejo. Na fantasia, o objeto é o que vem assumir o lugar daquilo de que o sujeito está imaginariamente privado. No nível imaginário é do falo que se trata, é ele que situa a série de objetos possíveis para frente e para trás. O falo tem uma função privilegiada para o sujeito como mediador de seu desejo, o que o torna o significante do sujeito.

A falta do sujeito está relacionada ao campo do Outro, onde falta um significante por meio do qual ele possa se nomear. O *ser* do sujeito é *não-Um*, corte na estrutura. Por isso Lacan (1961b/1998) nos lembra de que o sujeito “não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape.” (p. 662) Para Lacan (1958-1959/2016), “se o

termo ‘ser’ quer dizer alguma coisa, se lhe dermos sua definição mínima, essa coisa é o real, na medida em que se inscreve no simbólico.” (p. 408) Em última instância o ser é real, o *ser puro* de sujeito é estruturalmente vazio; desse modo, o sujeito só poderá dar conta de algo no campo do seu *ser*, articulando essa falta real por meio do simbólico, pela via da linguagem, do significante. É pela falta de um significante no simbólico – $S(\bar{A})$ – que o real entra no jogo. Nesse sentido, Lacan disse que o objeto “(...) não é um símbolo, mas um elemento real do sujeito que intervém para suportar o momento em que o sujeito fraqueja para se designar no nível da instância do desejo.” (Id, p. 395). Para se designar, o sujeito tem então que tomar algo às suas expensas, no significante.

Podemos dizer que no momento do *fading*, na fantasia, o sujeito se eclipsa no corte, é por meio de um objeto que o sujeito se protege da afânise. Ao retomar sua história em análise, o sujeito passará pelos significantes que imprimiram suas marcas, relativos aos modos privilegiados da demanda do Outro ($\$D$) e como ele respondeu a essa demanda ($\$a$). Com o avançar da análise veremos o retorno dos significantes da demanda, o desfilamento dos significantes que suportaram o sujeito mediante suas identificações. A bateria de significantes que marcaram o sujeito decantada em análise nos dá sua diferença quanto ao desejo, sua marca particular de sujeito. Para Lacan (1959-1960/1988) o *Um* está relacionado ao ponto a partir do qual surge o sujeito em relação a sua história, a cadeia significante, “sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica.” (p. 261). Esse traço deve ser referido à formação do Ideal de Eu (I). No *Nono seminário*, Lacan (1961-1962/2003) relacionou esse tempo constitutivo à alienação do sujeito na linguagem, momento em que se identifica com o traço do Outro, daí porque afirmou que o “*Um como tal é o Outro.*” (p. 49) O *Um* é o sentido unitário da função, num primeiro tempo representa a unidade unificante da imagem especular e depois a unidade distintiva por meio da qual os seres podem se dizer um mediante a nomeação, que seria equivalente ao Nome próprio do sujeito. O *Um* é a marca da diferença pura, um traço inaugural, o significante que sustenta toda a bateria de significantes. É por meio do *Um* que podemos pensar como o simbólico constitui a possibilidade de que cada sujeito se constitua de modo diferente.

Segundo Lacan (1961-1962/2003) a função exemplar do traço unário é sua redução extrema, trata-se de “um traço, parece que não há muitas variedades nem variações possíveis; é isto que vai constituir seu valor privilegiado para nós.” (p. 59) O traço unário é um significante que porta uma diferença radical já que uma das propriedades do significante apontadas por Saussure é o fato de que um significante é significante em função de sua

diferença em relação aos demais numa cadeia. Unindo esse princípio saussuriano com a ideia de narcisismo das pequenas diferenças de Freud (1921c/1992), Lacan afirmou que o sujeito se constitui no traço unário, então a *pequena diferença* de que se trata é a diferença absoluta do sujeito que poderá ser encontrada em sua bateria mínima de significantes. Podemos dizer então, que o sujeito é marcado ou não é marcado pelo traço unário, ele é 1 ou -1. Quando afirmamos -1, estamos nos referindo àquele que se submeteu à castração, restando como sujeito dividido (\$), para quem o desejo se torna condição. O significante de que se trata no traço unário tem um valor específico por funcionar como uma espécie de denominador comum que suporta toda a bateria, pois se reconhece que, ao reduzi-la a seus elementos mínimos, é ao traço que se chega. Para Lacan (1961-1962/2003),

nos encontramos em tudo aquilo que se pode chamar a bateria do significante, confrontada a esse traço único, a esse *einziger Zug* que já conhecemos, na medida em que, a rigor, ele poderia ser substituído por todos os elementos do que constitui a cadeia significante, suportá-la, essa cadeia por si só, e simplesmente por ser sempre o mesmo. (p. 35)

O que nos dirige em relação à busca do traço unário é o fato de que estamos no campo do significante (que é algo diferente do signo) e, conforme afirmamos anteriormente, no significante se trata de um traço apagado onde incidiu o *não*, a negativa, que o tornou inconsciente. Quanto a esse apagamento Lacan chamou atenção para que “observem que, nesse desaparecimento do rastro, o que o sujeito procura fazer desaparecer é sua passagem de sujeito mesmo.” (Id, p. 136) Por meio do retorno do recalado sabemos dos diversos apagamentos que o significante sofreu na relação com o desejo; nesse sentido, o cão com o qual o sujeito aparece identificado na fantasia do paciente de Ella Sharpe é um elemento da bateria significante e tem um traço comum com *einziger Zug*.

Dissemos que no centro da estrutura está o vazio relativo à perda do objeto, em torno do qual se articula a bateria significante do sujeito, sustentada por um significante que, no entanto se encontra excluído. O *Um* pode ser relacionado ao objeto perdido que move o desejo na direção regressiva, na tentativa de reencontrar um estado em que um objeto esteve ali. Nesse sentido o *Um* seria o que temos de mais próximo da Coisa, mas à Coisa não temos acesso, se um dia tivemos ficamos dela apenas seus rastros, suas coordenadas de prazer. O retorno do automatismo de repetição, que podemos observar nas manifestações sintomáticas pode ser ligado a um “trauma”, como retorno do *Um*, da marca, da impressão que se repete para fazer ressurgir o significante perdido que se funda como número. Lacan (1961-1962/2003) apontou que, no ponto em que nos referimos a $S(\mathcal{A})$, e que corresponde também

ao encontro do sujeito com o Real mediante uma falta no simbólico, é ali que vem se instalar o traço unário. Nesse ponto de constituição primeira, este autor afirmou que se trata de um

objeto que talvez ainda não seja nada enquanto vai tornar-se o objeto do desejo. O objeto do desejo existe como esse próprio nada, do qual o Outro não pode saber que é tudo aquilo em que ele consiste. Esse nada, enquanto oculto ao Outro, toma consistência, torna-se o invólucro de todo objeto diante do qual a própria questão do sujeito estanca, na medida em que o sujeito torna-se, então, apenas imaginário. (Id, p. 215)

O objeto *do* desejo é esse nada que permanece oculto. De acordo com a lógica, enquanto nada, o número zero não possui identidade, essa é uma questão importante para a clínica psicanalítica, pois se o desejo é estruturalmente vazio, restará algo impossível de ser identificado e nomeado. É para se defender da angústia de ser reduzido a nada que o sujeito institui a fantasia e forja suas identificações. Discutiremos agora um caso clínico em que se destaca a posição de objeto que o sujeito ocupa em sua fantasia ao se identificar com o falo.

2.3 Fantasias perversas e perversão

Ao escutar as fantasias de seus analisantes, Freud (1905*d*/1992; 1917/1992) descobriu que a criança apresenta uma disposição infantil perverso polimorfa, e antes que os processos educacionais imponham limites ao princípio de prazer, ela satisfaz sem muitas inibições as pulsões sexuais por meio da masturbação, do sadismo, do masoquismo, do voyeurismo, do exibicionismo, etc. É essa disposição que compõe a estrutura das fantasias inconscientes. O recalque e a formação dos ideais culturais a afasta desses modos de satisfação. Em relação à comunicação destas fantasias, Freud percebeu que neuróticos e perversos se comportam de modos distintos; enquanto os primeiros se deparam com o constrangimento, o sentimento de culpa e a vergonha em revelá-las, os segundos não demonstram esses sentimentos. Apesar de distinguir a relação que mantém com a fantasia conforme a estrutura clínica, Freud (1905*d*/1992) afirmou que quanto ao conteúdo as fantasias são idênticas:

as fantasias que os perversos têm com consciência clara (e que em circunstâncias favoráveis podem traspor-se em ações), os temores delirantes dos paranoicos (que eles projetam sobre outros com intenções hostis) e as fantasias inconscientes dos histéricos (que é possível descobrir por trás de seus sintomas por meio da psicanálise) coincidem até nos detalhes quanto a seu conteúdo. (p. 151)

Freud (1919*e*/2017) reconheceu que normalmente as fantasias perversas são recalçadas nas neuroses e podem retornar nas formações do inconsciente, todavia, algumas vezes, se tornam conscientes, mas raramente são realizadas, permanecendo apenas no campo da imaginação, como a fantasia sádica do neurótico obsessivo. A grande diferença é que na estrutura perversa as fantasias podem se tornar conscientes e se realizar em *atos*.

Não iremos aqui tratar das diferenças diagnósticas entre neurose e perversão, cada uma dessas estruturas apresenta modos próprios de gozo e de defesa do sujeito diante da realidade. Embora o recalque [*Verdängung*] seja um modo de defesa comum às duas estruturas clínicas, a perversão tem um mecanismo posterior, a *Verleugnung*, do qual não trataremos. Importa para nós que ambas revelam uma origem em comum, a partir da qual Lacan (1958-1959/2016) reiterou a descoberta de Freud de que o *pathos* humano é marcado por traços da perversão. A fantasia *Bate-se numa criança*, mostra que esse traço pode ser encontrado tanto no surgimento do sujeito no desejo, quanto no “ponto terminal das regressões mais extremas, a saber, o masoquismo.” (Id, p. 488) O gozo masoquista se sustenta numa posição passiva do sujeito, em que ele se coloca *como um objeto*. O sujeito riscado pela lei da *Schlag* é considerado como um nada, ele identifica-se com o corte, que põe no horizonte a relação entre o real e a pulsão de morte.

Na medida em que o analisante fala ao analista há uma regressão que o aproxima de conteúdos recalcados da fantasia. A fantasia é o caminho que nos leva ao desejo revelando seu caráter paradoxal, sua economia marcada por traços perversos. Retomemos o segundo andar do grafo na linha inconsciente que vai de $d \rightarrow \$ \diamond a$, que é aquela por meio da qual o sujeito tem acesso a seu desejo. Lacan (1958-1959/2016) nos dá a preciosa indicação de que

normalmente, algo da fantasia não chega pela via $(\$ \diamond a) \rightarrow s(A)$, não passa. Mas, se passar, estaremos numa situação atípica. Normalmente, a fantasia permanece inconsciente, fica separada, não chega à mensagem, ao significado do Outro. (...) Contudo, em certas fases, que se inscrevem em maior ou menor medida na ordem do patológico, ela transpõe essa passagem (p. 333)

Significa que normalmente, o conteúdo da fantasia inconsciente não chega à cadeia inferior da consciência. O que nos faz lançar a pergunta: o que acontece quando há uma *transposição da fantasia em ato*? Numa tentativa de pensar a questão, apresentaremos um caso clínico do *Bulletin d'Activités de l'Association des psychanalystes de Belgique*, de 1956, conduzido e relatado por Ruth Lebovici, intitulado *Perversão sexual transitória no decorrer de um tratamento analítico*. Esse caso foi abordado por Lacan diversas vezes ao longo de seu ensino e nos Escritos (1956-1957/1994; 1958-1959/2016; 1961a/1998). O analisante, que recebeu o nome Yves, tinha 23 anos de idade quando procurou Lebovici com a ideia obsedante de ser grande demais, já que media cerca de um metro e noventa de altura. A analista considerou seu sintoma fóbico um deslocamento da angústia, que o levava ao isolamento social. Durante mais de cinco anos, o rapaz vinha uma vez por semana a Paris para ser escutado em duas sessões num mesmo dia, e uma terceira no dia seguinte.

Yves era o filho único de um casal em que o pai era considerado fraco e submisso à mulher; por sua vez, a mãe dominava ao pai e ao rapaz, a quem dava ordens constantes. É digno de nota que enquanto seu pai esteve servindo à guerra em 1940, Yves, então com treze anos, dormia regularmente na cama com a mãe. Ao fim da guerra, o pai tinha uma amante e só retornou para casa tempos depois. Nesse período, o analisante se tornou estudante da marinha, posto que abandonou, em razão de desenvolver sintomas de fobia social, relacionada à zombaria dos colegas quanto à sua altura. Para “distrá-lo” após o adoecimento, a mãe decidiu lhe arranjar uma amante quinze anos mais velha.

Lebovici (1956/1999) destacou um sonho fóbico que se repetiu com frequência no primeiro ano de análise: “um homem vestido com uma armadura o ataca por trás, com uma espécie de máscara de gás, lembrando uma bomba de inseticida e que seria capaz de sufocá-lo.” (p. 167) A aparição do *homem da armadura* foi interpretada pela analista como a presença da mãe fálica, todavia ela própria questionou se a interpretação estaria correta. A concepção em que se funda estaria correta se estivéssemos em presença de uma fobia, já que, nesses casos, o que está em jogo é a relação com a mãe fálica. Lacan discordou que a presença desse elemento no sonho seja de fato a mãe fálica, e sim a introdução de um pai que só podia se apresentar de modo quebrado, representado pelas junções. Se, ao contrário de uma imagem, tomamos o “homem da armadura” como um significante, podemos compreender as substituições a que está sujeito a cada momento, na sua relação com os demais.

Na orientação da analista o falo materno estaria em questão no homem da armadura. De certa forma essa concepção não está inteiramente errada, mas ela dificulta o diagnóstico, já que a onipotência materna, elemento nítido no caso, pode estar presente nas perversões, na fobia, e nos sintomas paranóicos. Não há dúvidas de que a mãe o tomava como complemento de sua falta; tendo o levado para sua cama, escolhido para ele uma amante, que nada mais era, senão uma duplicação de sua imagem, etc. Concordamos com Lacan (1956-1957/1994) quando afirmou que se trata de uma situação propensa a gerar fenômenos paranóicos, pois há indicações semelhantes ao que acontece quando “a criança é então colocada diante dessa abertura de ser o cativo, a vítima, o elemento apassivado de um jogo onde vira presa das significações do Outro.” (p. 232)

O sonho com o homem da armadura nos permite ir mais longe, e supor que este personagem metonímico também poderia ser a analista. A analista estava identificada à imagem da mulher fálica, esse Outro que é também sua mãe. Essa suposição é perfeitamente

possível ser levantada, pois no setting analítico, normalmente quem está no escuro atrás do analisante, é a analista; então, podemos indagar: era o medo de ser devorado pela analista que o deixava sufocado e sem palavras nas sessões?

Na sequencia da análise Yves produziu um sonho no qual chupava uma mulher com três pênis. Nesta imagem vemos condensados a série fálica dos três objetos de amor em questão: sua mãe, a analista e a amante. Os elementos da cena do sonho permitiam situar a posição feminina que o analisante ocupava na fantasia. Um dado importante que corrobora com essa suposição é o fato de que na infância a mãe lhe aplicava clisteres para tratar sua prisão de ventre. Posteriormente esses clisteres eram aplicados pela amante, dado que revela o lugar passivo, de objeto, que ocupava diante do desejo do Outro. Por estarem ligadas à masturbação e ao desejo incestuoso, as fantasias que relatava lhe traziam muita culpa. Em nenhuma delas seu pênis era usado para penetração, o que também acontecia em suas relações com a amante, o pênis estava sempre fora do jogo. O rapaz se mostrava privado do órgão viril, o pênis estava sempre fora do jogo, posição manifesta em seus sintomas. Chamou a atenção de Lebovici (1956/1999) a repetição do ato de Yves olhar para as pernas da analista, o ela interpretou dizendo que era menos perigoso *ver*, do que *ter* uma relação com uma mulher, “de um lado, seu medo de sentimentos positivos na transferência acarretava desejos passivos; do outro, esse medo, dava origem a novas fantasias baseadas no voyeurismo.” (p.168)

No caso clínico em questão, por insuficiência de uma leitura que considerasse a função do Outro, o manejo da transferência se manteve preso à relação dual imaginária, marcada por fenômenos de prevalência, preeminência, que situavam a dialética em torno do falo em primeiro plano. Ao invés de se pautar pelo reconhecimento do desejo do sujeito, a analista interpretava as fantasias, e essa direção do tratamento suscitava rivalidade e a agressividade do analisante, de modo que desembocou na seguinte situação; o analisante demandou uma desaceleração do ritmo das sessões e verbalizou a fantasia de que a análise só acabaria se fosse pra cama com a analista. Lebovici interpretou essa fantasia nos seguintes termos: “*Você manifesta aqui suas posições passivas, porque sabe muito bem que, seja como for, não vai conseguir.*” Importante notar que a própria analista admite ter sido, nesse caso, mais interditora do que a mãe. Diante disso, o analisante se defendeu supondo que a analista tem o falo, e deseja sua castração.

Lacan (1958-1959/2016) considerou que, se o analisante chegou a verbalizar sua demanda de forma tão crua, era consequência da orientação do tratamento. O que o sujeito

manifestou nessa fantasia foi, a situação de tensão diante da pergunta *Che vuoi?* – O que eu sou no desejo do Outro? A demanda de amor é o que estava em questão, Yves queria saber se era ou não desejado pela analista. Essa questão é equivalente àquela feita ao Outro no momento da angústia que pode indicar sua posição na fantasia; a saber, a de complemento da falta do Outro. O que fez a analista? Frustrou a demanda ao *interpretar a fantasia*, reduzindo-a a dados objetivos da “realidade” quando, na verdade, um encaminhamento correto, permite ver que na demanda não se trata de nenhuma necessidade. Na medida em que isso ocorreu, uma inibição interrompeu a fala do analisante, e o desejo foi impedido de ser reconhecido. Ora, o manejo da transferência consiste em que o analista seja o suporte da escuta para que o sujeito mantenha no campo da fala os impulsos fantasísticos que anseia transformar em atos. Ao referir o analisante à objetivação da realidade factual a analista se situou como Ideal de eu e fez o tratamento analítico pender para a sugestão e adaptação psicologizantes.

Quando teve sua fantasia interpretada, o analisante se viu imaginariamente acochado, e sucedeu a produção de uma defesa. Esse tipo de manejo da transferência favorece à cristalização imaginária do sintoma que, nesse caso, irrompeu sob a forma de um *acting out*. Lacan (1960-1961/2010) chamou atenção de que por meio do *acting out* o sujeito reclama uma ação mais justa do analista. Yves respondeu com seu narcisismo, com sua posição na fantasia, isto é, com o que supõe ter para oferecer à analista, que não é outra coisa senão o que se põe à prova, o falo imaginário ($-\phi$). Ao receber uma frustração real, o sujeito se vê na iminência do *fading*. No momento do encontro de seu desejo com o desejo do Outro, o desejo do sujeito é anulado, e ele pode não mais bastar. Impedido de surgir como significante, na fala, o falo vai aparecer no real por meio do *acting out*.

O tratamento revelou uma recordação infantil na qual o menino havia visto uma mulher urinar e se mostrou bastante curioso quanto ao órgão sexual feminino. Assim, o surgimento de fantasias *voyeuristas* já estava presente na transferência bem antes do *acting out*. A princípio Yves desenvolveu a fantasia em que se imaginava sendo visto urinando num mictório público por uma mulher que pedia para ter relações sexuais com ele. A seguir a fantasia sofreu uma inversão, na qual observava uma mulher urinar, ato que acompanhava masturbando-se ou não. Com a direção do tratamento adotado, no terceiro momento, a situação se encaminhou para a realização do que, até então aparecia nas fantasias; foi quando Yves encontrou o cenário favorável para realizar o *acting out*. Inicialmente ele se masturbou na sala de cinema até que, descobriu um lugar ao lado do banheiro feminino, de onde podia observar através de uma fenda mulheres urinando enquanto se masturbava.

Podemos dizer com Lacan (1957-1958/1999) que o *acting out* em que Yves se precipitou foi efeito da direção imaginária do tratamento, e constituiu um “produto artificial das intervenções do analista.” (p.459). A sequência da interpretação teve como consequência preparar as condições para que o que estava latente no inconsciente, e não pôde se manifestar na fala, emergisse em ato, como uma perversão. O *acting out* tem uma relação com a opacidade do recalado. Para Lacan (1957-1958/1999) “há quase uma equivalência entre a fantasia e o *acting out*. O *acting out* estrutura-se, em geral, de um modo que se aproxima muito de uma encenação. Ele é, a seu modo, do mesmo nível da fantasia.” (p. 433) Ambos se referem ao conteúdo articulado como desejo do Outro; a diferença é que, enquanto nas fantasias os conteúdos da Outra cena podem aparecer de forma simbólica nos sonhos, devaneios e demais formações do inconsciente; no *acting out* há uma forçagem à realização da cena que impulsiona sua precipitação em ato no real. Podemos dizer que no *acting out* se retrata dois polos, de um lado o gozo perdido e de outro, a encenação de uma montagem com essa perda, mas o desencadeamento do ato permanece enigmático para o sujeito.

O *acting out* realiza uma atuação; segundo Lacan (1958-1959/2016) o objeto *a* da fantasia, índice do outro imaginário, também quer dizer “toda uma cadeia, todo um roteiro.” (p. 337), uma cena na qual o sujeito possa se incluir, embora não saiba por que está ali. O que o sujeito realizava no seu ato *voyeurista*? A satisfação *voyeurista* implica o outro (objeto) como suporte, mas esse objeto está numa relação secreta consigo mesmo e não sabe que é visto. Ali o sujeito se reduz ao olhar, ele é a fenda, e dá satisfação à pulsão escópica.

Ante à frustração de sua investida em direção à analista, de imediato o analisante compreendeu sua dificuldade de relacionar-se com o sexo feminino, o *acting out* seguiu-se ao momento em que tentou pagar *in cash* com sua identificação fálica. Se o *acting out* tem um nível de opacidade maior que a fantasia, é por meio desta que podemos ter algum acesso à posição inconsciente do analisante. O *a* que se repete e com o qual o sujeito é confrontado na fantasia representa a posição que ocupa no desejo do Outro, a saber, *ser o falo* para o desejo materno. Na relação de prevalência em que se situava, era com a analista – identificada à mãe onipotente –, que estava o falo, produzido a fantasia que aparece no sonho do *fellatio*. No momento do *fading*, diante da angústia, ele tentou se defender com algo de seu narcisismo, o que fez com que toda a ênfase de *a* recaísse no polo imaginário onde se situava a transferência. A estrutura do *acting out* veio mostrar à analista o paradoxo do desejo, e o que o analisante revelou, nada mais era, senão a posição de *objeto* em que estava situado.

Chama atenção a rememoração de que, por volta dos sete anos, Yves urinou fora do vaso e recebeu repreensões por parte da mãe, Lebovici (1956/1999) relata que “ele respondeu que ela sabia bem, por experiência própria, que de manhã, quando acordava, o pênis ficava duro e que tais acontecimentos não podiam ser evitados.” (p. 165). Como uma mulher sabe *por experiência própria* que o pênis fica duro? Essa experiência a mulher não a tem, a não ser por meio do outro. A analista poderia ter escandido a frase para que ali, onde cometeu um equívoco, o analisante se escutasse seu dito. Em sua fala o que Yves deixou escapar e que permanecia em situação de desconhecimento era a atribuição de um pênis imaginário à mãe. O que estava em questão era a castração, o encontro com significante da falta no nível do Outro – S(A), mais que isso, a assunção do sentido que essa falta poderia provocar. Consideramos um erro da direção do tratamento a analista não ter apontado em algum momento a castração no nível do Outro, dirigindo a questão não para a realidade, mas para a verdade da falta a que todo humano está sujeito.

O que está em jogo para o menino em relação à castração é que a apreensão da ausência de pênis na mulher suscita a angústia. No primeiro momento do complexo de castração o menino, atribui uma universalidade ao pênis, e mesmo quando confrontado com sua falta na mulher, essa descoberta é recusada. Só-depois, o sujeito tem de aceitar, registrar simbolizar, isto é, e dar uma significação à privação materna do falo. Essa privação o sujeito aceita ou recusa. Nesse ponto nodal se estrutura uma forma de identificação do sujeito com o objeto materno que retorna nos sintomas. Trata-se de, no nível imaginário, o sujeito *ser* ou *não ser* o falo. Aqui vemos a significação do falo como significante do desejo; para que ele possa estar no jogo é necessário que esteja submetido à lei que regula as trocas das estruturas elementares de parentesco, já que o desejo é uma demanda submetida à lei. Nesse momento de seu ensino Lacan considerou que a pulsão genital estava submetida à circulação dos elementos do complexo de Édipo¹; de modo que o homem só tem o falo desde que assuma a posição de não sê-lo; já a posição feminina é inversa, por não tê-lo, a mulher assume sê-lo no inconsciente. Todavia há casos em que o homem não o tem, para sê-lo, no inconsciente.

Consideramos que o analisante ficou suspenso no momento do encontro com a falta no nível do Outro materno. A castração feminina retorna, mas dela Yves não quer saber, por

¹ Convém afirmar que consideramos normalizadoras algumas teorizações desse momento do ensino de Lacan, na medida em que situam um tipo ideal de sexo, determinado pelas relações do sujeito com a ordem fálica instituída pelo complexo de Édipo. Posteriormente o autor as modificou, e uma posição diferente pode ser nitidamente observada no Seminário *Mais, ainda*. Cf. LACAN, Jacques. (1972-1973) *O seminário*, livro 20: mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. A discussão, das novas posições de Lacan relativas à sexuação, apesar de relevantes, se situa fora do período delimitado desta pesquisa.

temor de que pudesse incidir sobre si. Nesse engodo estava ancorada sua sintomatologia, seus problemas em torno de identificações femininas e a dificuldade de assumir a virilidade frente às mulheres. A atuação encenava sua fantasia inconsciente mantendo-o “protegido” do encontro real com o outro sexo; assim, o pênis real era colocado fora do jogo e o sujeito se protegia da ameaça de castração. Em suas dificuldades de estabelecer relacionamentos com mulheres Yves temia uma aproximação do objeto da fantasia, pois ele desemboca no encontro com sua posição de objeto no desejo do Outro. Seu pênis não podia ser posto em jogo no encontro com o outro, o que conduzia seu gozo para a fantasia, o *voyeurismo*, e a masturbação.

A fantasia constitui uma defesa contra a angústia de castração, mas esse objeto *a* que o neurótico se leva a ser na fantasia não lhes permite fazer grande coisa, ele só consegue defender o sujeito da angústia como *a* posição. O apoio que o neurótico obtém na fantasia perversa pode se manifestar em atos *como se fossem uma perversão*, é isso que aproxima a estrutura do *acting out* e a estrutura da fantasia. Nesse sentido, o *acting out* é uma demonstração da estrutura do desejo do Outro. Lacan (1962-1963/2005, p. 59), mostrou que ao situamos a fantasia no espelho (A) vemos a diferença entre a neurose e a perversão:

<p>A</p> <p>$a \\$</p> <p><i>A fantasia no perverso</i></p>	<p>A</p> <p>$S a\\$</p> <p><i>A fantasia no neurótico</i></p>
---	---

Na perversão há um efeito inverso da fantasia pelo fato de que o sujeito se determina a si mesmo como objeto, posição na qual o perverso permanece fixado. Na perversão o agente se faz objeto (*a*) de uma vontade outra e se oferece como *instrumento* de um gozo do Outro que faz dele um servo do prazer. O desejo na estrutura perversa é *vontade de gozo*; vontade que é provocada até o extremo, capaz de figurar a ligação entre o sexo e a morte, no ponto mesmo em que o sujeito se esvaece. A atuação da fantasia sádica, por exemplo, visa obter a angústia do outro, produzindo o sujeito barrado ($\$$). Nela, a manifestação da falta, a divisão do sujeito, está do lado da vítima. Mesmo se supondo instrumento de gozo, o perverso fracassa ao se deparar com o limite, uma vez que a falta é fato de estrutura e está para todo falante.

O que dá o molde da perversão é a valorização de uma imagem que permanece como testemunha do encontro com o real no qual o perverso nega a castração materna, e mantém a mulher, no seu mundo fantasístico, como aquela que tem imaginariamente o falo. É com o falo materno que o perverso permanece identificado. O exemplo que melhor representa o

valor do objeto como um signo cristalizado é o fetiche. Freud (1915c/2004) afirmou que “o objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação.” (p. 149) Se o objeto da pulsão é o que há de mais variável, não existe um objeto específico para o humano. Em contraste à variação do objeto, nas perversões ocorre justamente o inverso, é de uma *fixação* no objeto que se trata. O fetiche fornece o exemplo de objeto erotizado que vem substituir o falo materno. Esse objeto ganha um valor tal, que detém o sujeito porque o protege do encontro com a falta feminina, assim ele se torna fixado e se cristaliza no desejo.

Na neurose a relação entre *a* e $\$$ é diferente, no lugar do sujeito temos o *S* (*Es*), e a fantasia se situa totalmente do lado do Outro. O apoio que o neurótico faz dessa fantasia é o que faz com que se revele que na outra face da neurose esteja a perversão. Freud destacou que numa análise, na medida em que o analisante se aproxima do cerne de sua fantasia, ele se torna reticente, sobretudo quando de aproxima de seu gozo. Que serventia tem a fantasia perversa para o neurótico? Lacan (1962-1963/2005), disse que é “essa fantasia de que o neurótico se serve, que ele organiza no momento em que se serve dela, o impressionante é que ela é justamente o que melhor lhe serve para se defender da angústia, para encobri-la.” (p. 60) A fantasia de ordem perversa permanece, no neurótico, no domínio privado do sujeito e dificilmente se transforma em atos. No perverso, pelo contrário, há uma demonstração, que o deixa muito próximo de gozar realizando a fantasia. Lacan (1958-1959/2016) apontou que

a perversão é exatamente do mesmo nível, vocês verão, que a neurose; é algo articulado, é claro, interpretável, analisável. Contudo, na perversão, algo da relação essencial do sujeito com seu ser está fixado nos elementos imaginários, como sempre se disse, sob uma forma essencialmente localizada, ao passo que a neurose se distingue pelo fato de que a ênfase está posta no outro termo da fantasia, ou seja, no sujeito barrado. (p. 338)

No quarto Seminário, ao tratar a respeito da fantasia *Bate-se numa criança*, Lacan (1956-1957/1994) se referiu ao que ali chamou *significante puro* como àqueles que “se mantêm sem a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito. Temos aí uma espécie de objetivação dos significantes da situação.” (p. 120-121). Nesse caso, há uma progressiva eliminação da estrutura subjetiva da cena da fantasia, na qual o sujeito é apenas *olhar*. Essa redução simbólica faz com que dela subsista apenas um resíduo dessubjetivado, como puro signo. Dada a redução do significante na imagem, o sujeito não consegue prosseguir as associações, e a significação de sua posição na fantasia fica elidida. No mesmo seminário, Lacan situou a cena da fantasia em relação à temporalidade, nela estamos diante de algo

que fixa, reduz ao estado de instantaneidade, o fluxo da memória, detendo-o neste ponto que se chama a lembrança encobridora. Pensem na maneira como uma sequência cinematográfica que se desenvolvesse rapidamente fosse parar de repente num ponto, imobilizando todos os personagens. Essa instantaneidade é característica da redução da cena plena, significante, articulada de sujeito a sujeito, ao que se imobiliza na fantasia, a qual fica carregada de todos os valores eróticos incluídos naquilo que ela exprimiu e de que ela é a testemunha e o suporte, o último suporte restante. (Id, p. 121)

A fantasia inconsciente é fixa, e além da fixação no instante, no seu escrito sobre a fantasia – *Kant com Sade* –, Lacan (1963/1998) chamou atenção de que na ficção de *120 jornadas em Sodoma*, o Marquês de Sade inventou personagens, carrascos e vítimas, mas que havia sempre a repetição da mesma fantasia; há uma verdadeira fixação, que encontramos na estática da posição do sujeito em sua fantasia inconsciente. A rigidez da fantasia fundamental faz dela uma espécie de sanção que impele o sujeito a se defender sempre de um mesmo modo, deixando entrever sua posição cristalizada. A fantasia é monótona, mas seu caráter repetitivo não é suficiente para revelar ao sujeito o sentido que porta; a mensagem do sujeito, sua posição na fantasia ele próprio não consegue articular totalmente.

No nível da pulsão, a entrada do sujeito na ordem da linguagem e posteriormente a submissão à castração, transformam o gozo ilimitado de *das Ding* em gozo fálico, limitado e articulado na linguagem. Trata-se da sexualização do instinto de morte que, ao passar pelo ordenamento da linguagem, se torna pulsão; então o gozo do ser, gozo do corpo orgânico, invasivo e fora da linguagem, é desertificado quando o corpo é capturado pelo significante, e passa a ser um gozo limitado aos orifícios das zonas erógenas, verdadeiras ilhas de gozo.

A travessia dos complexos de Édipo e de castração interdita o humano, estabelecendo uma regulação que limita o gozo das pulsões perverso-polimorfos. Ao sofrer os efeitos do significante do Nome-do-pai, o humano se torna um objeto cedível, objeto de troca submetido à lei da aliança e do parentesco. Podemos dizer então que, no nível inconsciente, a Lei delimita a ética que rege o sujeito. A perda que sofre por sua entrada no campo da cultura institui no humano a falta que rege seu desejo, cujo funcionamento implica a dimensão da fantasia como tentativa de recuperar o que foi perdido pela castração. Em sua leitura, Freud (1911b/2004; 1933a [1932]/1992) afirmou que as pulsões são difíceis de serem educáveis, de cederem do princípio de prazer, o que só se dá muito lentamente. Em seu último artigo afirmou que diante da *Spaltung* o sujeito tenta seguir o princípio de realidade, mas por outro lado permanece a tentação de transgredir e satisfazer a pulsão. É por medo de perder o amor do Outro que o sujeito cede, sacrifica e se submete ao princípio de realidade, recalçando os desejos incompatíveis com a vida comunitária, sustentada pelos mandamentos morais.

O objeto de gozo da pulsão, a que o sujeito tem de renunciar é o mesmo que impulsiona o desejo; daí Lacan (1963/1998) dizer que “a lei e o desejo recalçado são uma única e mesma coisa.” (p. 794) Apesar de poder ser recalçado o desejo é indestrutível, e pressiona por uma satisfação pulsional transgressiva, o que requer a proibição por meio da Lei; eis o paradoxo do desejo. Então a fantasia entra em cena como uma reserva separada do princípio de realidade, onde desejar se torna possível. Grosso modo, as pulsões de vida investem em objetos na fantasia visando a reunião do sujeito em Eros; todavia as pulsões de morte são contrárias à essa aspiração, elas estão relacionadas à desintegração, à destruição, à agressividade, e atuam com uma força constante e silenciosa em direção a um retorno ao inanimado. Apesar das diferenças entre os dois tipos de pulsões, ambas trabalham enlaçadas; mas nos casos em que ocorre uma defusão pulsional, a pulsão de morte obtém a autonomia e conduz o sujeito a um gozo mortífero, mais-além do princípio de prazer.

Os desejos proibidos, desde o parricídio, o incesto, até os objetos a que o sujeito teve de ceder, permanecem desejados justamente porque foram proibidos. Entretanto o recalque vem cobrar o preço pelo sacrifício; em *O Mal estar na cultura* Freud (1930a/ 2010) destacou o retorno das pulsões de morte por meio do Supereu que, de um lado, proíbe ao sujeito o acesso ao gozo, ao mesmo tempo em que o incita a realizá-lo. Destacou ainda que, no cerne do desejo proibido se instituem algumas fantasias em relação ao semelhante, nas quais

o próximo não é apenas um possível ajudante e um possível objeto sexual, mas também uma tentação para se satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo, usá-lo sexualmente sem seu consentimento, apropriar-se de seus bens, humilhá-lo, causar-lhe dor, torturá-lo e matá-lo.” (p. 123-124)

Por meio de fantasias agressivas Freud revelou o desejo sádico do sujeito – o direito de gozar do corpo do outro sem sua permissão e até o limite. Em *Kant com Sade*, Lacan (1963/1998) considerou que em termos de perversão, a obra de Sade antecipou as descobertas de Freud, que atentou sabiamente para a verdade sadiana da fantasia que nos habita. Sade defendeu o direito de cada um ao gozo, sua obra força o acesso à Coisa. Tudo parte da concepção de que o Outro é radicalmente livre, e não está submetido a nenhum ordenamento, dessa forma, não haveria uma lei que pudesse interditar e assujeitar o humano. A concepção sadiana é radicalmente diferente da concepção de um sujeito submetido ao ordenamento das pulsões de vida, que promove sua reunião nos laços civilizatórios do amor.

O ordenamento cultural condena a atuação das fantasias sádicas na realidade, pois a vontade de gozo que expressam, produziria satisfações da pulsão cujos atos tornariam impossível a vida comunitária. *O amor ao próximo* convoca cada um à identificação fraternal,

e impõe uma recusa a descarregar sobre o outro a agressividade. A transgressão desse ordenamento cultural gera consciência de culpa. Ao se submeter à ordem da linguagem, o gozo é barrado pela Lei e o humano se torna membro da cultura, entretanto, paradoxalmente um desejo é investido repetidamente na tentativa de ultrapassar os limites impostos pelo princípio de prazer em direção à *das Ding*. Sabemos que Sade pagou o alto preço da prisão pela subversão de expor tais fantasias na ficção, sem que tenha havido acusação ou indício de que as tenha praticado. A cultura, fundada sobre a norma, não suporta a revelação (e atuação) das fantasias, na medida em que são transgressoras, são frequentemente tidas como “imorais”. O Bem vem de fora, faz parte do ordenamento moral do Outro, e a moral cultural manifesta horror e, muitas vezes, condena a exposição das fantasias perversas em nome do “bem-estar”.

Para Lacan (1962-1965/ 2015) a fantasia adquire o valor de entrada do sujeito na dimensão da cadeia infinita de significações que se chama destino. Ter um destino é entrar na ordem da cultura, se submetendo ao sacrifício do gozo das satisfações imediatas. Nos pontos em que há o corte, os *a* caem, e a falta institui o desejo; os desejos impedidos de serem realizados serão fantasiados pelo sujeito visando retomar a completude imaginária. Lacan (1962-1963/2005) chamou atenção, de que no neurótico há uma vacilação em relação à satisfação, parcial da histérica e impossível na neurose obsessiva, que dão os respectivos modos de gozo específicos nesses subtipos clínicos. A relação do neurótico com o desejo faz com que o sujeito busque satisfação nas fantasias, na tentativa de recuperar o gozo perdido para o desejo. Contudo as fantasias também se revelam limitadas por serem satisfações irreais. O problema do neurótico é que ele responde à falta do Outro (*A*) com a fantasia. Assim há uma verdadeira confusão entre o desejo do Outro e o que deveria ser o seu.

A ética da psicanálise está ligada à interdição do gozo, e é consonante ao desejo. Em Kant com Sade, Lacan (1963/1998) afirmou que o desejo começa submetido ao prazer, e que “a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo.” (p. 785) A fantasia se constitui então, como uma reserva de gozo mediante a qual o sujeito tem a *liberdade de desejar, mesmo que seja em vão*. Nesse ponto, a fantasia levanta a questão ética do desejo, que não está vinculada ao utilitarismo e ao bem, na medida em que comporta também a transgressão desses ideais. Em relação à essa questão, a psicanálise não conduz a uma ética hedonista de gozo, mas uma ética do desejo, e situa a importância da sublimação, satisfação pulsional não apenas permitida, mas culturalmente valorizada, da qual trataremos no próximo capítulo.

Retomando o caso Yves, na realização do ato estão em jogo as duas dimensões da cena. De um lado o *voyeur* que olha pelo buraco uma mulher que, em sua fantasia, se presta (sem o saber) ao espetáculo; do outro lado, temos o reconhecimento do desejo que se trata de revelar na análise e que nos fornece a posição do sujeito. Na primeira cena o analisante vê a mulher que urina, e está reduzido, a ser o olho que vê pelo buraco, quem executa o ato na cena é a mulher ao se despir, urinar, etc. Na montagem da fantasia não há nenhuma autonomia, nela o sujeito é objeto do desejo do Outro, daí porque se encontra dessubjetivado e não consegue dizer o sentido de sua posição. O que deve ser visado na cena é a possibilidade de ser apreendida sua posição de sujeito fazendo com que possa se situar no quadro, e ver que sua posição não é outra senão a de estar jogado num canto escuro do cinema, reduzido a ser um objeto, um resto. Ao que tudo indica, esta análise surtiu efeitos, Yves contou que um dia se deparou com uma lanterna azul enquanto estava realizando o ato no cinema, esse encontro provocou o temor de ser descoberto. Além disso, Yves reconheceu envolver-se no ato como um autômato, e falar de sua fantasia na transferência possibilitou a ele dizer não ao impulso de frequentar o cinema, que à essa altura, já não trazia tanto prazer,

A discussão empreendida leva a afirmar que uma interpretação unívoca da fantasia produz o risco de um fechamento do inconsciente, e tem como efeito a cristalização do sintoma. A fantasia aponta sempre para mais de uma significação, de modo que quando uma única significação se fixa o sintoma surge como signo de resistência. Ao oferecer sua escuta, o analista tem de permitir que os conteúdos da fantasia do analisante, ainda que perversos, possam ser ditos, se abstendo de interpretá-los a partir de uma chave moral, ou de modo que promova o fechamento do sentido. Assim, não cabe ao analista funcionar como juiz, pedagogo, nem submeter o analisante ao “teste de realidade”, muito menos agir como um orientador que conduz o sujeito a uma alienação no serviço dos bens, o que levaria a prática analítica à sugestão. Se a ética da psicanálise é uma ética do desejo, é somente na medida em que o analisante puder falar e produzir significações sobre a cifra de gozo de suas fantasias que poderemos circunscrever algo da articulação relativa de seu desejo. A ética que preside o ato analítico não se guia por ideais e visões de mundo, ela está pautada no desejo do sujeito. Lacan mostrou que “querer o bem”, assim como “querer curar” são imperativos morais que se relacionam intimamente com a normatização e o exercício do poder, na medida em que é no âmbito do “bem” que um sujeito pode querer proibir o outro de seu gozo. Assim, o bem constitui uma das muralhas na direção do desejo. O objeto no desejo é um objeto de que o sujeito não tem nenhuma necessidade, não se trata, portanto, de nenhuma ética utilitarista.

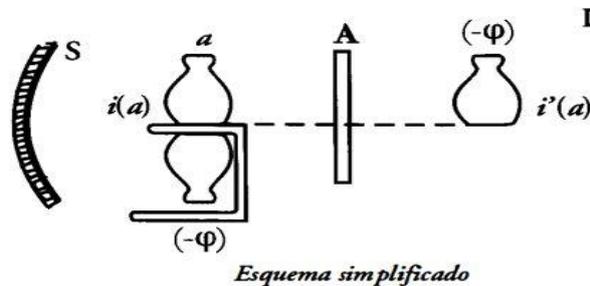
Um dos problemas do *acting out* é que ele revela uma demanda “inadequada” às condições impostas pela realidade; esses atos podem ir muito longe e ter consequências ao atuar as vias perversas do desejo. O analisante poderá se deparar com a lei, e ter que pagar um alto preço. Por outro lado, não poderíamos enxergar no *acting out*, para além da demonstração do lugar de objeto na fantasia, um protesto, um modo como o sujeito resiste na análise à normalização de seu desejo?

2.4 O objeto *a*, causa do desejo

A formulação do objeto *a*, no Seminário *A angústia*, constituiu um momento de avanço teórico em que o pensamento de Lacan (1962-1963/2005), propôs um reexame da noção de causa do desejo, e afirmou que o *objeto causa do desejo* – objeto *a* – não deve ser situado como nada que se assemelhe à captação da consciência movida pela intencionalidade de uma *noese*. Lacan conferiu grande valor à angústia, ao afirmar que ela é a única tradução subjetiva do objeto *a* e, disse ainda que “se há uma dimensão em que devemos buscar a verdadeira função, o verdadeiro peso, o sentido da manutenção da função de causa, é na direção da abertura da angústia.” (Id, p. 88). O problema da causa foi sendo circunscrito a partir da angústia, desde o seminário *A identificação*, quando Lacan (1961-1962/2003) apontou a angústia como uma sensação do desejo do Outro. A mudança nesse seminário é que o objeto não estará *à frente*, e sim *atrás* do desejo. É diante da interrogação do desejo do Outro, quando o sujeito não sabe o que significa nesse desejo, que se situa a angústia, sua estrutura permitirá nos aproximarmos da fantasia, e de suas funções de defesa para o sujeito.

Logo no início do décimo seminário, Lacan (1962-1963/2005) relacionou fantasia e angústia ao afirmar que a estrutura de ambas é exatamente a mesma. Na angústia o que vemos é o sujeito barrado ($\$$), aquele que no momento do *fading* precisa convocar um significante que o designe. Nessas condições, é o objeto (*a*) que vem dar o suporte ao sujeito diante do corte (\diamond). Nesse sentido, Lacan disse que o matema da fantasia poderia ser lido como sujeito corte de *a*. A angústia está relacionada à castração, experiência que se repete inúmeras vezes na vida do sujeito; ela é o afeto que não engana, a única tradução subjetiva do objeto *a*. Diante do corte em que o objeto cai, a angústia surge, apresenta-se como um sinal de borda na superfície do Eu. No momento do *fading* dissemos que se inscrevem os significantes que dão a sustentação de que o sujeito precisa para designar-se, mais precisamente, a angústia tem a ver com as identificações imaginárias do Eu ideal. Assim, a irredutibilidade de *a* é da ordem da imagem. Neste ponto, é importante retomar o estádio do espelho, visto que o investimento

da libido passa pela imagem especular, e posteriormente pela fantasia, mediante o esquema proposto por Lacan (Id, p. 49), que vemos a seguir:



Dissemos que o $-\varphi$ pode ser pensado como símbolo imaginário da castração, mas a rigor ele está relacionado à falta real de um significante na estrutura $S(\bar{A})$, por onde o desejo do Outro aparece, produzindo a angústia no sujeito. Do lado direito do esquema, temos acima $i'(a)$, imagem autenticada pelo Outro, para onde a libido narcísica é transvasada. Trata-se de uma imagem que tem uma função de captação do desejo. Essa imagem está marcada por uma falta representada por $-\varphi$, indicando que o que aí está implicado não pode aparecer. Lacan (1962-1963/2005) afirma que “nela, o desejo está não apenas velado, mas essencialmente relacionado com uma ausência.” (p. 55) Do lado esquerdo do esquema, podemos ver tanto a imagem do corpo próprio $i(a)$, quanto o que comanda essa imagem sem que, no entanto, possa nela ser apreendido, o objeto do desejo, a . Sem que deixe qualquer dúvida Lacan disse que “a presença em questão é a do a , o objeto na função que ele exerce na fantasia.” (Id, p. 55)

O que falta na imagem é justamente o falo que aparece como uma lacuna, como um *a-menos* ($-\varphi$), que não entra na imagem, de forma que na demarcação imaginária, o falo vem, sob a forma de uma falta. O falo não só não é representado no imaginário, como é cortado da imagem especular. Ele está relacionado a uma reserva libidinal, que não se projeta, que não se investe no nível da imagem especular, e que pode ser entendido como algo do auto-erotismo do corpo próprio. Trata-se de um gozo que, na constituição do sujeito desejante, recebe a marca de uma proibição cujo sacrifício simbólico recai sobre o elemento imaginário ($-\varphi$), razão pela qual Lacan (1960/1998) afirmou que “o falo, ou seja, a imagem do pênis, é negativizado em seu lugar na imagem especular. É isso que predestina o falo a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo.” (p. 836) Quando surge a angústia? Segundo Lacan,

a angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa no lugar que chamarei, para me fazer entender, de natural, ou seja, o lugar ($-\varphi$), que corresponde, do lado direito, ao lugar ocupado, do lado esquerdo, pelo a do objeto do desejo. Eu disse alguma coisa - entendam uma coisa qualquer. (Id, p. 51)

Podemos dizer que a angústia se manifesta quando algum objeto tenta tamponar a falta no lugar de $-\phi$. Assim, Lacan retificou que a angústia não é sem objeto; isso fica claro na fobia, quando um objeto vem ocupar o lugar da falta, que deveria estar vazio. A angústia aparece quando o sujeito sente a aproximação do desejo do Outro de modo a não deixar preservada a falta; relação que o situa numa posição objetal, à mercê do *gozo do Outro*; logo não se trata de que o objeto seja perdido, mas que ele não venha a faltar. No caso do *Pequeno Hans*, o sujeito se encontra *sem nenhum recurso* diante do desejo sem falha da mãe, obrigando o Eu a se defender com o sintoma fóbico. Lacan (1958-1959/2016) chamou atenção para a função do objeto na fobia, “ele se instala entre o desejo do sujeito e o desejo do Outro e, ali, assegura uma função de proteção ou de defesa.” (p.456) Ao constituir um objeto fóbico o sujeito localiza sua angústia num ponto, num significante, o que já é defesa. Aquilo de que ele se protege é da proximidade de seu desejo, na medida em que seu desejo é o desejo do Outro. A partir daí, a angústia pode se inscrever e ser situada no quadro da fantasia.

É no momento da angústia, diante da falta de sentido no encontro com o real, que a criança produz interrogações em torno dos enigmas da sexualidade infantil. Por meio de uma lógica, ela tenta circunscrever a falta de saber produzindo significações, e constrói verdadeiras “teorias sexuais infantis” que tentam fornecer respostas sobre a falha no saber instintual humano. Lembremos de que à visão angustiante da falta do pênis na mulher o Pequeno Hans produziu a afirmativa universal: é impossível que exista um ser sem o falo, todos os humanos têm o falo. O menino constitui uma defesa ao afirmar que se a mulher não tem o falo, é por que ele irá crescer. O que causa angústia não é somente a ameaça de que seu pênis possa ser cortado caso prossiga nas práticas masturbatórias edipianas, e sim, de que não haja possibilidade da falta. Assim, a angústia surge da intensa proximidade do objeto materno. Segundo Lacan (1962-1963/2005), “é de sua saturação total que surge a perturbação em que se manifesta a angústia.” (p. 76)

Lacan (1962-1963/2005) retomou o complexo de castração a partir do texto *O estranho*, quando Freud (1919h/1992) apontou o duplo sentido do *Unheimlich* como “estranho familiar”, e afirmou que “a *Unheimlichkeit* é aquilo que aparece no lugar em que deveria estar o menos-*phi*.” (p. 51) Para Lacan, “aquilo de que tudo parte, com efeito, é a castração. Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar.” (Id, p. 51-52) O *Heim* pode ser relacionado a $-\phi$, ele é o familiar, aquilo que sempre esteve ali, e está relacionado aos desejos recalcados do complexo de Édipo, mas, como tal, está integrado na estrutura do Outro da qual o sujeito nada sabe. No momento em

que surge a angústia o sujeito é posto em um estado de expectativa *diante de*, que podemos considerar uma defesa, um primeiro recurso diante da *Hilflosigkeit*. Esse enquadramento está sempre presente, mas, nesse caso, como pensá-lo na angústia? Ela é o surgimento do *heimlich* no quadro. Ela é esse corte a se abrir deixando surgir o *heim* como hostil; trata-se da aproximação daquilo que já estava ali – o “estranho familiar” –, como uma espécie de hóspede que não passou pelas peneiras do reconhecimento.

O *Unheimlich* é o que surge na cena, no *quadro da fantasia* como aquilo que não pode ser dito, aquilo para o qual falta simbolização. Ele é mais fácil ser demonstrado na ficção, como nos contos de Hoffman, onde Freud soube captá-lo tão bem. Na leitura de Rabinovich (2009) o sujeito sabe que sua fantasia é uma encenação, um jogo, em que se põe em cena; porém o estranho inquietante aparece quando o familiar deixa de ser um jogo e a cena começa a funcionar sozinha. Significa dizer que o *a* deve se manter como presença invisível, mas, no momento da angústia, uma vacilação se instaura, e no lugar de $-\varphi$ aparece o *a*, que, segundo Lacan (1962-1963/2005) “se torna o rei do jogo, apodera-se da imagem que o sustenta, e a imagem especular transforma-se na imagem do duplo, com o que esta traz de estranheza radical.” (Id, p. 58) O duplo é o outro do transistivismo, com quem a criança compete na disputa por um objeto; nesta experiência é seu corpo que é posto no jogo como objeto à mercê do Outro. Aqui se situam os casos patológicos referentes à imagem situada no campo do Outro, que pode transpor as defesas do Eu e comparecer no nível de $s(A)$. Nesse momento, não é somente o desejo que se revela como desejo do Outro, mas o objeto que sou no desejo do Outro, mostrando com estranha nitidez a não-autonomia do sujeito.

A suposição de um sujeito transparente do conhecimento pode ser refutada quando se destaca a experiência do estranho, momento em que um objeto comparece no lugar de $-\varphi$, levando o sujeito à perda da suposta autonomia. Segundo Lacan (1962-1963/2005) a consistência do “Outro se desvanece, desfalece diante do objeto que sou, dedução esta feita a partir do que vejo em mim.” (p. 59) A angústia aparece quando a cobertura dada pela fantasia desfalece, e na qual o saber vacila, deixando o sujeito sem recursos, na noite do trauma. É pela fenda que o sujeito é indicado na fantasia, ali ele pode ter um lampejo de visão de sua posição de objeto *a*, revelando sua hiância no real.

Freud descreveu o surgimento da angústia no sonho repetitivo do *Homem dos Lobos*, quando *de repente* uma janela se abre apontando a hiância com todo o seu valor traumático. A imagem desse instante, vivida como cena primitiva, expõe o sujeito ao desejo do Outro. Nela,

por uma inversão, o sujeito se torna os lobos que olham, daí por que Lacan (1961-1962/2003) afirmar que o que retorna na cena é o que ele é na sua fantasia fundamental. Lacan (1962-1963/2005) disse que na cena estamos diante da fantasia pura, desvelada em sua relação com o real. Quando a janela se abre, a fantasia é vista além do vidro, ela é enquadrada, permitindo que surja no mundo o que não pode ser dito, trata-se de um instante de lampejo suficiente para instaurar um estado de alerta, que já é defesa; a partir daí “trata-se de não ver o que se vê pela janela.” (p. 85) A fantasia dá enquadre ao real, instituindo a realidade psíquica. Ao articular o imaginário e o simbólico mediante uma articulação significativa, a fantasia dá sentido à falta de sentido do real e protege o sujeito da angústia. Para-além da fantasia há o real da estrutura, a falta de sentido.

Lacan (1964-1965/2006) disse que a figura topológica da *garrafa de Klein*, com as mesmas propriedades de uma banda de Moebius, e é a que melhor pode representar a fantasia, por duas razões; primeiro por que rompe com a dicotomia entre realidade exterior e realidade psíquica, uma vez que nela há continuidade entre direito e avesso, entre interior e exterior, entre o *Heimlich* e *Unheimlich*, entre cena e outra cena; e segundo, pelo fato de que essa figura topológica não tem imagem especular. Como exemplo disso, podemos recorrer à literatura fantástica no que diz respeito à transformação do humano em vampiro, que expressa bem o momento em que a imagem do duplo se apossa do corpo, que ali perde seu desejo, e vira puro objeto da pulsão oral e, como se sabe, o vampiro é um objeto sem reflexo especular.

Nesse campo da pulsão oral, a imagem da capa do *Quarto Seminário* traz uma pintura de F. Goya na qual vemos representado Saturno devorando um de seus filhos, o que traduz de forma crua a fantasia de devoração do sujeito, o medo de ser aspirado pelo Outro. Se a angústia é a sensação do desejo do Outro, ela funciona como um sinal que aciona as defesas para que o sujeito não seja tragado pelo desejo do Outro. Nesse momento, é a fantasia que vem proteger o sujeito desse desejo. Como o neurótico age diante da aproximação do objeto do desejo? Ele pressente essa aproximação como um perigo de sofrer a *afânise*, então evita se aproximar do objeto da fantasia que o levaria à questão do desejo do Outro. Para Lacan (1958-1959/2016), o engodo do desejo no neurótico está no fato de que “ao se constituir como desejanter, na própria constituição de seu desejo, ele se defende de algo. Seu próprio desejo é uma defesa e não pode ser outra coisa. E é isso que o sujeito não percebe.” (p. 459). Para manter sua posição no desejo é preciso então que ele recorra à fantasia, cuja função é sustentar em ato uma situação por meio da qual possa se reconhecer e se satisfazer como sujeito. O problema é que nessa posição de defesa em relação ao desejo está envolvida a sua

neurose. Sem entrar nos detalhes da sintomatologia dos subtipos de neurose, diremos que diante do desejo do Outro, o fóbico elege um objeto do qual terá medo, a histérica se sustenta com um desejo insatisfeito e o obsessivo elege o desejo impossível.

Diferente de Otto Rank, Lacan considerou que a angústia de separação primitiva vivida no trauma do nascimento, não é a separação do corpo da mãe, pois a criança, de fato, é um corpo estranho no ventre da mãe. O objeto da separação é algo que está intrinsecamente ligado à própria criança. O *a* de que se trata é um objeto separado não do organismo da mãe, mas do próprio sujeito. Esse corte, anterior ao estágio do espelho, é a separação do recém-nascido da placenta e dos envoltórios embrionários que constituem parte do próprio óvulo. Lacan (1962-1963/2005) disse que “a função do objeto cedível como pedaço separável veicula, primitivamente, algo da identidade do corpo, antecedendo ao próprio corpo quanto à constituição do sujeito.” (Id, p.341) Na medida em que o problema da causa avançou, Lacan a relacionou a um objeto perdido para todo humano como tal, o que faz dela *causa perdida*; “é a esse exterior, lugar do objeto, anterior a qualquer interiorização, que pertence a ideia de causa.” (Id, p. 116) Assim, a causa deve ser relacionada a uma experiência primitiva, anterior à captura do sujeito na imagem especular que distingue Eu e não-Eu.

A partir das formulações a que o estudo da angústia o levou, Lacan (1962-1963/2005, p. 179) apresentou um esquema da divisão diferente de concepções anteriores; nele vemos com nitidez que objeto *a* foi situado como *objeto causa do desejo*, numa precessão em relação ao sujeito, conforme a seguinte imagem:

A	S	<i>x</i>
<i>a</i>	A	Angústia
\$		Desejo

A angústia entre x e o desejo

O primeiro nível do esquema é relativo ao Outro (A), tesouro do significante, lugar em que o sujeito terá de se constituir, e que só existirá a partir do significante (S ainda sem a barra) que lhe é anterior. Essa proposição é suficiente para demonstrar que o sujeito não é a causa de si mesmo. No nível mais primitivo, do grito, o Outro respondeu ao real do trauma do nascimento com o significante e ali o desejo humano, em seu ponto zero, surge ligado ao desejo do Outro, o que coloca, segundo Lacan (1962-1963/2005), a questão da

“impossibilidade de o sujeito encontrar sua causa em si mesmo no nível do desejo.” (p. 358) O sujeito não é causa de si, mas consequência da perda. O sujeito, em vias de constituição, surge alienado no desejo do Outro; portanto a primeira linha expressa a etapa de gozo junto à mãe, onde não temos ainda o sujeito barrado, e sim, o objeto que preenche a falta do Outro. É em A que aquele que virá a ser o sujeito, faz sua interrogação, representada pelo x do que ele é para esse desejo; todavia entre o A-resposta e o A-dado fica um resto, a , que é a irreducibilidade do sujeito.

Na segunda linha vemos representado o perigo ligado a uma cessão na constituição do a . A angústia surge como sinal do real quando o sujeito, em vias de constituição tem que abordar o Outro (A); nesse ponto, a é o que resta de irreducível na operação de divisão em que o sujeito advém no lugar do Outro. No momento de divisão em que aparece a angústia, podemos ver a precessão do objeto a em relação ao sujeito do desejo ($\$$). O objeto a representa S no nível de real irreducível, fechando a operação de divisão; assim podemos dizer que o $\$$ equivale a a sobre S ($\$ = \frac{a}{S}$). Todavia, cabe lembrar que, num nível radical, a resiste à assimilação ao significante, e simboliza o objeto perdido, como o que é perdido para a “significância”. É depois de perdido que o objeto pode ser desejado. Nessa hiância entre o gozo e o desejo se situa a angústia. Esse tempo constitucional é equivalente ao momento máximo de tensão imaginária na relação entre o sujeito e o Outro da segunda etapa da fantasia *Bate-se numa criança*, fundamental para que o desejo se constitua como resposta do sujeito.

Sob a iminência de ser tragado pelo desejo do Outro o sujeito se defende, e por meio da operação de separação surge como sujeito barrado ($\$$). A função da fantasia surge no momento angustiante de o sujeito ter de recorrer ao objeto a para suportar o corte e se recuperar da perda. Lacan observa que os dois termos da fantasia – $\$$ e a –, encontram-se do mesmo lado da barra, do lado do Outro, indicando que a fantasia é o que dá conformação ao desejo, mas que este surge alienado no desejo do Outro, daí porque $\$ \hat{O} a$ se situar inteiramente do lado do Outro. A fantasia funciona assim, como uma máquina por meio da qual o sujeito tenta recuperar o gozo perdido por sua entrada no campo do Outro, da linguagem.

A angústia é um sinal irreducível da ordem do real, ela é o afeto que não engana, é uma certeza; a dúvida já é expressão da defesa. A angústia está situada entre o gozo e o desejo, e só depois de enfrentada, o desejo se constitui como efeito da anterioridade de a como causa. É como barrado que o sujeito ($\$$) surge na fantasia, como sujeito desejante, não mais como objeto alienado do gozo.

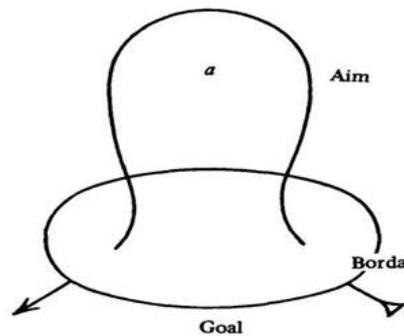
2.5 Pulsão e fantasia

A relação do sujeito com a demanda do Outro nos leva à pulsão, conceito fundamental que indica o modo pelo qual a sexualidade participa da vida psíquica. Dissemos que o desejo do Outro antecede ao desejo do sujeito, e é nesse desejo que virá se constituir, posteriormente, o humano e sua história no desejo. Nesse campo, que é o da entrada do sujeito na cultura, vamos situar a relação entre a pulsão e a fantasia. Lacan (1960-1961/2010) chamou atenção de que o objeto na fantasia precisa ter o valor de um objeto precioso – *agalma* – um objeto ligado a Eros, e assim funcionar como causa do desejo para o sujeito.

A pulsão, tal como fundada por Freud proíbe qualquer pensamento psicologizante que a reduza a uma suposta moral da natureza, esta última referente ao campo dos instintos. A fonte das pulsões está relacionada a um órgão ou parte do corpo onde tem origem o impulso, as *zonas erógenas* e suas bordas que possuem uma estrutura de buraco, homóloga à estrutura do inconsciente. O funcionamento da pulsão recorta, mapeia e nomeia esses buracos do corpo onde o gozo incide. A fonte está relacionada tanto ao lugar onde ocorrem as trocas com o Outro, quanto ao que é objeto da separação, e que funciona na fantasia como suporte da causa do desejo. A função de causa, ela própria irreduzível, é idêntica ao *pathos* de corte; como uma parte perdida de nós mesmos, que permanece irrecuperável, e que circula no mundo humano, ligada à função do significante. As fantasias relativas a cada uma das “fases” concernem ao modo como diante da demanda do Outro o sujeito articulou seu desejo diante do enigma do desejo do Outro. Lacan chamou atenção de que no que se refere às fases de organização da libido não se trata de uma maturação biológica do sujeito em direção à fase genital; no nível sincrônico todos os *a* cumprem a mesma função relacionadas ao corte, à separação. Lacan (1964/1998) afirmou que “a angústia de castração é como um fio que perfura todas as etapas do desenvolvimento.” (p. 65) A angústia está relacionada à sensação de perda de um objeto, mas é só-depois que a perda do seio e das fezes ganha uma significação de castração, quando estes objetos são situados em relação ao falo faltante do final da fase fálica. Assim, é o complexo de Édipo que organiza, *a-posteriori*, as fases ditas pré-genitais.

Neste ponto uma distinção mais acurada entre pulsão e fantasia se faz necessária. Para Lacan a fantasia funciona como um saber, de acordo com a rede de significantes que estabilizou o aparelho segundo o princípio de prazer, de modo que o sujeito obtenha satisfação. Por sua vez, a pulsão é o próprio traçado do arco que constitui uma borda, ela dá uma volta em redor do objeto *a* ao mesmo tempo em que o escamoteia. A pulsão divide o

sujeito e o desejo, e o sujeito só pode ali se sustentar justamente pelo que ele desconhece, o objeto causa, mas trata-se de um objeto indiferente. A novidade introduzida pela psicanálise é que o objeto funciona no nível de uma subjetivação acéfala, mais além do princípio de prazer. Nesse caso, vemos o modo verbal reflexivo, dá-se satisfação à pulsão. Lacan (1964/2008) mostrou que é no circuito da pulsão que o sujeito aparece como algo novo ao final do trajeto:



é preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece - mas também por não aparecer, - num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim - não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. (p. 169)

No circuito pulsional tudo se dá em termos de tensão, e não tem relação ao sujeito, se trata de um sujeito acéfalo da pulsão; temporalmente o sujeito só pode ser encontrado *depois*, no momento em que se completa o fecho, a cada vez, como uma novidade. O sujeito não estava lá desde o começo, em intenção, e só poderá advir ao fim quando a meta da pulsão é atingida; e, só então, pode recolher algo sobre a posição que o determinou, mas para tal, é preciso que interrogue o que ele próprio terá sido na operação. Ainda assim, só pode surgir de modo evanescente, obrigado a desaparecer no significante do Outro que o designa, ali onde ele próprio é nada. Nesse esquema o sujeito equivale a um aparelho lacunar em que não é causa de si mesmo, só podendo surgir posteriormente, no Outro; ele traz em si a causa de sua divisão, que o faz funcionar em torno da perda de um objeto, *a*. É nesse sentido que Lacan (1962-1963/2005) afirma que “ali onde vocês dizem Eu [*je*], é propriamente aí que, no nível do inconsciente, situa-se *a*.” (p. 116) O sujeito é efeito de linguagem, e nasce nessa fenda original em que o significante se inscreve e se traduz nessa pulsação temporal primitiva. A seguir, uma vez que o desejo se instaura, se efetua a metonímia do ser do sujeito, e se institui sua história na diacronia em que se repete a fixidez do anseio inconsciente. É nesse movimento que se projeta a topologia do sujeito no instante da fantasia.

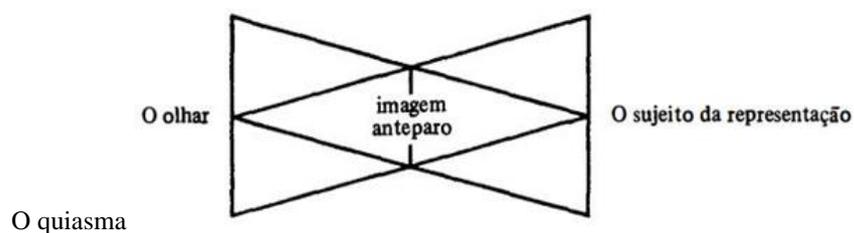
A *Nachträglich* do sujeito pode ser vista na relação do sujeito com a pulsão escópica. O que se passou no momento em que Édipo “enxergou” a trama do destino, de que até então era inconsciente? Quando descobriu a verdade de que gozou do objeto que deveria estar interdito, adveio o horror, – a angústia –, momento máximo da tensão. A imperiosidade acéfala da pulsão de morte impeliu a uma passagem ao ato em que arrancou os próprios olhos. Lacan (1964-1965/2006) disse que o instante de ver é comparável a um quadro em que, na cena seguinte, Édipo vê os olhos no chão, decaído entre os dejetos, mas para além de sua visão, são os olhos que do chão o olham e ameaçam como visão de uma imagem fora dos limites. É esse momento de queda de *a* que encontramos a angústia, É a partir desse ponto que Édipo surge transformado: se torna vidente; isto é, só-depois, como sujeito, vê o ato que praticou. O instante do ato é indizível, se trata de uma invasão acéfala do real pulsional. A estrutura de precipitação do ato revela que o objeto *a*, causa do desejo, se antecipa ao sujeito.

O que acontece com Édipo na passagem ao ato é uma invasão do real por meio do olhar como objeto *a*. O objeto *a* é da ordem de uma imagem impossível, fora dos limites, pelo fato de que *a* não tem imagem especular; ele é um cavo, um vazio que, por estrutura, não se projeta como imagem; a imagem especular *i(a)* é o que vem recobrir o vazio da falta-a-ser. Lacan (1960/1998) afirmou que “é a esse objeto inapreensível no espelho que a imagem especular dá sua vestimenta.” (p. 832). A tela da fantasia envelopa as coordenadas do mundo, da realidade, e vem proteger o sujeito do encontro com *a*, mas, na medida em que *a* comparece no real como furo na imagem, estas coordenadas vacilam, como no instante da passagem ao ato, fazendo surgir o sujeito (\$) em sua condição real. Uma vacilação na tela da fantasia no nível da pulsão escópica mostra bem a *esquize* entre o olho e o olhar, ao produzir efeitos psicopatológicos diversos na estrutura do Eu (no nível inferior do grafo do desejo), suscitando suas defesas contra essa invasão do real.

Lacan (1964/2008) abordou a diferença entre o olho como órgão e o olhar. No estado de vigília o Eu percebe o mundo e dele forma representações cujas coordenadas, se acomodam em relação à boa forma, dando a sensação de uma síntese no Eu. As representações dão ao Eu o que ele considera sua consciência, de onde conclui numa presunção idealizante, que o mundo está constituído a partir de sua experiência perceptiva. O ponto em que retira sua certeza de sujeito é referente ao *cogito* cartesiano. O sujeito geometral é representado pela visão (os sentidos); considerando que essas coordenadas estão também presentes no cego, pois no ordenamento das imagens é de uma representação espacial que se trata, e não da visão. Na percepção geometral, o trajeto da luz se propaga em linha reta, como

um fio, ligando ponto a ponto as unidades do objeto, e o reflete numa espécie de tela sobre a qual se forma a imagem. O que fica demarcado pela estrutura ótica geometral é o espaço, que pode ser perfeitamente esquadrihado de acordo com as leis da perspectiva.

Todavia, por trás da aparência da imagem, algo fica elidido, o que nos dá a diferença entre a dimensão geometral e a função do olhar. A luz implica o sujeito, de um lado é ela que ilumina o objeto que o olho vê se pintar no fundo da retina e, por outro lado, o sujeito vem se colocar na tela onde é *foto-grafado*; mas ao tentar acomodar-se a esse olhar, o sujeito se torna o próprio olhar, ponto inapreensível, evanescente. No estado de vigília o olhar fica elidido, o olhar é então o avesso da consciência. Lacan (1964/2008) apontou o essencial na satisfação escópica: “o olhar, enquanto objeto *a*, pode vir a simbolizar a falta central expressa no fenômeno da castração. e que ele é objeto *a* reduzido, por sua natureza, a uma função punctiforme, evanescente – ele deixa o sujeito na ignorância do que há para além da aparência.” (p. 77) Do lado de fora estão as coisas e o olhar, o que faz com que sujeito seja quadro olhado pelas coisas; significa que o sujeito em cena se inscreve no quadro como visto. No quiasma abaixo, Lacan (1964/2008, p. 104) situou no entrecruzamento do olho e do olhar um anteparo, que faz a mediação entre os dois campos, mas permanece opaco para o Eu,



O que é visto se pinta como imagem no fundo do olho mas, ao contrário do animal, o humano não é inteiramente preso à captura imaginária, na medida em que intervém a relação do sujeito com o desejo, que o implica no quadro. Como aponta Lacan (1965-1966), “o desejo é capturado por esta divisão do sujeito na medida em que é causado pelo quadro na fantasia.” (p. 164) No mesmo lugar em que as imagens são capturadas, elas passam por uma espécie um anteparo – a tela da fantasia –, que faz a mediação entre o sujeito geometral e o lugar onde opera o olhar. Nesse ponto moebiano não há uma realidade exterior e outra interior, mas uma única realidade, a realidade psíquica, no ponto mesmo em que a fantasia se situa como um crivo que organiza as percepções, determinando o que será representado pelo sujeito. Isso faz com que sejamos cativados e estejamos dentro do quadro. Segundo Lacan (1962-1963/2005),

É essencial apreender a natureza da realidade do espaço como espaço tridimensional, para definir a forma assumida no estágio escópico pela presença do

desejo, a saber, como fantasia. Trata-se de que a função da moldura, da janela, entenda-se, que tentei definir na estrutura da fantasia não é uma metáfora. Se a moldura existe, é porque o espaço é real. (p. 309)

A tela da fantasia dá o enquadramento de que o sujeito precisa para que os objetos $i(a)$ possam se inscrever na realidade; para isso ela funciona como um anteparo de defesa em relação ao real, cuja opacidade garante que o objeto a , permaneça velado. O olhar, como puro ponto de luz ligado ao real, deve permanecer elidido para que se produza a visão e a representação. Lacan chamou atenção de que na fantasia não é somente do simbólico e do imaginário que se trata, há uma relação com o real da causa que fica elidido. A janela da fantasia constitui assim uma moldura que situa e protege o humano do encontro com o real. É o anteparo da fantasia que funciona como um obturador fotográfico que, como uma janela, se abre no momento do disparo, deixando passar a luz que forma a imagem. As variações no obturador darão o grau de maior aproximação ou afastamento em relação à realidade. Assim, a tela da fantasia funciona tanto como o que pode projetar quanto velar e enganar. No lugar do real é instaurado o quadro da fantasia que, em sua função simbólico-imaginária, dá ao sujeito geometral o reflexo especular de onde retira a certeza da aparência do ser. Dizemos aparência porque pode haver discordância entre o objeto e a imagem, e esta funcionar como tapeação da percepção, armadilha do visível, pois a luz pode sofrer refração, etc. As imagens podem ser equívocas e produzir o engodo, como na anamorfose, no *trompe-l'œil*, na ilusão de ótica, etc

A representação da unidade do sujeito se dá, inicialmente, a partir do reconhecimento de sua imagem especular $i(a)$, que é feita pelo Outro, todavia o tempo inaugural do desejo do sujeito é dado pela fórmula $\$ \diamond a$. A fantasia se apresenta no aparelho psíquico de modo a sustentar a relação imaginária com o desejo, que tem como pilares o objeto que falta, a ; e a imagem do corpo, $i(a)$. O a da fantasia, objeto que comanda, não é visível para o sujeito, a relação do humano é sempre com as imagens virtuais – $i'(a)$. Aqui, a relação da imagem de corpo com o objeto da fantasia se destaca, mas a função desse objeto está fundamentalmente escondida, de modo que o neurótico entra num engodo quando tenta atingir a por meio de uma imagem $i(a)$, uma vez que $i(a)$ é desconhecimento. A rigor, o a como objeto do desejo embora seja orientável e orientado, não tem imagem especular; as imagens apreendidas no nível imaginário, na verdade, funcionam como um véu narcísico que encobre a verdadeira relação com o desejo; é o que entendemos quando Lacan (1961-1962/2003) afirma que

a relação do sujeito, marcado pelo traço unário, encontra um certo apoio que é de engodo, que é de erro, na imagem do corpo como constitutiva da identificação especular, que ela tem sua relação indireta com o que se oculta atrás dela, a saber, a relação com o objeto, a relação com o fantasma fundamental. (p. 397)

A relação inicial é de A com a , no ponto em o sujeito em vias de constituição tenta advinhar a demanda do Outro, para se instituir como objeto; a seguir a fantasia será uma *resposta do sujeito* ($\$$), como traço transformado em significante. Nesse campo que é o do sujeito, Lacan (1962-1963/2005) destacou que “a fantasia ($\$ \diamond a$) apresenta-se no neurótico, de maneira privilegiada, como ($\$ \diamond D$)” (Id, p.77) Isso quer dizer que o sujeito quer se posicionar no lugar do Outro, de forma articulada, na cadeia significante e, para tal, responde à demanda do Outro, mediante a fantasia com um “falso traço”. Nesse ponto diz Lacan, “a própria ideia de causa não tem outro suporte senão esse. (...) a causa original é a causa de um traço que se apresenta como vazio, que quer fazer-se passar por um falso traço.” (Id, p. 75) O significante é o falso traço que vem representar o sujeito apagando o traço vazio de origem, é o que entendemos da afirmação de Lacan de que “o objeto do desejo, no sentido comum, é, ou uma fantasia que é na realidade a sustentação do desejo, ou um logro.” (Id, p. 176)

Assim, em razão do objeto a participar da experiência subjetiva restará sempre um desconhecimento relativo ao real da causa, que põe em xeque o domínio do sujeito da representação. Destarte, apoiado em Koyré, Lacan submeteu a ciência a um profundo questionamento e chamou a atenção para a diferença entre o conhecimento e a verdade, de modo a não confundirmos o objeto causa do desejo, com o objeto do conhecimento, da epistemologia. Nesse ponto, podemos traçar algumas relações entre a psicanálise e a ciência, e situar o lugar da pulsão e da fantasia. A proposição de Lacan foi distinguir o objeto que satisfaz o desejo, do objeto do desejo de conhecimento; para tal empreendimento, chamou a atenção para o erro dos analistas que supunham o objeto da pulsão ligado à maturação, o que recaía numa psicologização. Lacan afirmou que a fórmula $\$ \diamond a$ é que garante a estrutura de suporte do desejo, mas ela não se reduz a encontrar o objeto das fases do desenvolvimento da libido; é numa relação com a fantasia que o sujeito se constitui no desejo; e por meio da redução do a , tal como inscrito na fantasia fundamental, teremos acesso às coordenadas da *coisa freudiana*, mas ela própria permanece indizível.

Podemos considerar que a consciência se baseia nas percepções para “apreender a realidade”, e que o sentido produzido em relação ao mundo passa pela fantasia, mas se trata de uma presunção idealizante. O sujeito da representação apreende o mundo mediante imagens, de modo que a teoria do conhecimento está fundada com base na ilusão da imagem dos objetos especulares $i(a)$, enquanto o a como causa do desejo é, ele próprio, inapreensível. O conhecimento obtido pela consciência se forma no nível imaginário, a partir do ponto de vista do Eu [*moi*]; por isso Lacan o denominou conhecimento paranóico, que é uma da

projeção da imagem de si. Lacan mostrou o quanto a apreensão da realidade através dos objetos de conhecimento é fonte de desconhecimento, e se mostra insuficiente em relação à verdade do sujeito; por isso afirmou que devemos desconfiar dos fenômenos imaginários.

Ao inaugurar o *Cogito: Penso, logo existo*, Descartes inventou o sujeito da ciência; não apenas transparente a si mesmo, como capaz de se tomar como objeto de conhecimento. A partir daí, a consciência de si se tornou a marca de um Eu, do indivíduo. O conhecimento supõe conaturalidade, identificação entre sujeito-objeto, o que torna o sujeito da pesquisa um “sábio conhecedor”. Assentadas nos moldes da Física, como ideal da ciência moderna, as teorias do conhecimento investem esforços no empirismo, na apreensão objetiva, na descrição e explicação dos fatos com uma linguagem rigorosa, na matematização, na precisão e na instrumentalização. Sem dúvidas seu sujeito é despojado de todas as qualidades; mas o que a ciência camufla por detrás de sua técnica e da aparente neutralidade com que propõe atingir a realidade de forma objetiva, é que as relações com o objeto resultam de *uma escolha*, e que para manter sua “neutralidade científica”, precisa excluir o desejo do investigador. Assim, podemos interrogar: O que do desejo está implicado no esforço de conhecimento? O saber produzido pela operação científica é separado do sujeito, bem como seu desconhecimento fundamental é deixado de fora. O problema é que quanto ao desejo, e sobre a verdade como causa, a ciência nada quer saber; nesse ponto Lacan disse que há uma verdadeira forclusão [*Verwerfung*]. Em nome de uma objetividade que descreve, investiga, esquadrinha a realidade e se mantém no nível cognoscitivo, a ciência promove uma verdadeira exclusão do sujeito.

A ciência opera pela via do significante, e trata o real pelo simbólico, o que a obriga à formulação de um sujeito sem qualidades sensoriais, anímicas, somáticas, morais, etc. Por operar sobre um sujeito destituído de qualidades – o sujeito do inconsciente – a psicanálise opera com o mesmo sujeito da ciência, razão pela qual Lacan (1966c/1998) afirmou que “o sujeito com quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência.” (p.873) No circuito pulsional vimos que Isso pensa sem o sujeito; entretanto, por incluir o sujeito em sua operação, a psicanálise pode ser considerada um saber derivado da ciência, porém não integrante do denominado “campo científico”. Aqui retomamos a questão: O saber sobre o objeto *a* constitui a ciência da psicanálise? A resposta é não! O que nos impede de identificarmos os objetos da relação de objeto com a causa do desejo. Lacan nos adverte de que o objeto *a* só pode ser pensado em relação à divisão do sujeito em que se estrutura; logo *a psicanálise é uma ciência do sujeito*. Por sua vez não é para a cognição que a experiência analítica aponta, e sim para a dimensão pulsional do sujeito. A operação analítica permite ao

analisante falar e, nos momentos de abertura do inconsciente ele poderá receber algo da verdade que o causa e, no entanto, desconhece; causa que se relaciona ao fato de que o sujeito é radicalmente *a*, no nível pulsional, no Isso. Esse é o imperativo ético lançado por Freud que pressiona o sujeito a assumir sua causalidade: *Wo Es war soll Ich werden*, lido por Lacan como *Lá onde Isso era, devo Eu advir* como sujeito.

A psicanálise opera com a mesma exigência que fundou a Física enquanto ciência, a saber, encontrar as leis no real que se repete. No entanto, a psicanálise não se dirige para a realidade objetiva, mas para a verdade relativa ao ser. Há um real na cadeia simbólica que causa o sujeito, que o comanda para além de toda apreensão, de toda motivação. Nela, introduzimos o sujeito barrado (\$), que só está nos intervalos, em razão de haver corte do sujeito no real. É para a relação do sujeito com o corte, com a falta, que a análise se dirige, pelo fato de que “ele não é”. Para Lacan “o corte é, no fim das contas, a última característica estrutural do simbólico como tal.” (p. 427) É com o real do sujeito que estamos envolvidos na experiência analítica, mas esse real não é o correlato de um conhecimento. É com o *ser* do sujeito, naquilo que esse ser, ainda que seja articulado no simbólico, é o real. Dissemos que a posição do ser do sujeito está indicada na cadeia significante de sua fantasia fundamental que, na sua definição reduzida, diz respeito a um real articulado no simbólico. Lacan (1964/2008) afirmou que “é em relação ao real que funciona o plano da fantasia. O real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real.” (p. 43-44) Esta cadeia está inscrita em sua fantasia fundamental, que permanece desconhecida pelo Eu [*moi*]. Como afirma Lacan (1966c/1998) “se existe fantasia, é no mais rigoroso sentido da instituição de um real que cobre a verdade.” (p. 887)

É a *Spaltung*, divisão constitutiva do sujeito, que o analista situa em sua práxis pelo reconhecimento do inconsciente; mas não basta se deparar empiricamente com essa divisão é preciso uma redução capaz de constituir seu objeto. Somos levados a concluir que o *a* da relação de objeto dita “científica” é insuficiente e não dá conta daquilo a que a experiência analítica se dirige. Embora a psicanálise e a ciência visem à verdade, somente a psicanálise reintroduz o sujeito em sua operação. Milner (1996) situa de forma concisa e precisa três afirmações da equação dos sujeitos que apontamos: “1) que a psicanálise opera sobre um sujeito (e não, por exemplo, sobre um eu); 2) que há um sujeito da ciência; 3) que estes dois sujeitos constituem apenas um.” (p. 28) É visando à operação analítica a que essas afirmações concernem, que nos dirigiremos ao próximo capítulo, situando uma questão ética: Como o analista opera na transferência visando a que o sujeito possa advir?

3. A FANTASIA NA CLINICA PSICANALÍTICA

Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero é uma verdade inventada.

(Clarice Lispector)

Nos capítulos anteriores situei o campo conceitual da fantasia por meio de dois elementos do matema, o sujeito e o objeto. Neste capítulo apresentarei como a operação analítica sobre a fantasia é o que preside a lógica da direção do tratamento – desde o seu início, até o ponto em que, para Freud, a análise se torna finita ou infinita –, e a seguir discutiremos o avanço que representou as proposições de Lacan em torno da fantasia fundamental para o problema do final de análise. Lacan (1959-1960/1988) afirmou que “ter levado uma análise a seu termo nada mais é do que ter encontrado esse limite onde toda a problemática do desejo se coloca.” (p. 359) Trata-se então, de discutirmos como as operações de construção e travessia da fantasia podem tornar a análise finita e produzir efeitos sobre o sujeito.

3.1 A fantasia no início do tratamento

Para pensarmos a direção do tratamento, destacamos que a psicanálise é uma práxis, entendida por Lacan (1964/2008) como “o termo mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, qualquer que ela seja, que o põe em condição de tratar o real pelo simbólico.” (p.14) A experiência analítica deve ser situada em relação a um retorno ao sentido da ação humana naquilo em que ela toca a relação entre o desejo e a ação. Lacan (1960-1961/2010) disse que o campo com que lidamos é o do ato analítico, o qual “não se pode contestar que seja tentativa de responder ao inconsciente.” (p. 411)

É a partir dos sintomas que o analisante chega à clínica, e a regra analítica lhe propõe a tarefa de falar o que lhe vem à cabeça sem escolhas, sem censura, isto é, “sem pensar”; que deixe de lado os julgamentos, as censuras e se afaste dos ideais, o que já implica um questionamento de sua fantasia e requer certa destituição. Lacan (1953/1998) afirmou que “quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente.” (p. 248) O analisante é aquele que fala e, por estar constituído no significante, experimenta os efeitos da palavra.

Lacan (1960-1961/2010, 1964/2008) afirmou que no começo da psicanálise está a transferência, seu ponto de partida é quando o sujeito constitui uma demanda e a endereça àquele analista. O analista é um instrumento que, na transferência, será o suporte da ação da fala. O trabalho do analisante se inicia dirigindo suas queixas ao analista, dentre as quais se encontram algumas realizações que ele não consegue atingir em sua vida, sintomas e inibições. Apesar de poderem ser as mais diversas, as demandas têm em comum uma relação com algo que falta ao analisante, ou com algo que não vai bem, para o qual busca algum tipo de resolução ou cura. Do lado do analista é o momento de formular a hipótese diagnóstica diferencial, e do ato que decide aceitar ou não a demanda e dar início a uma psicanálise. O analista não aceita uma demanda em estado bruto. É preciso que o candidato a analisante transforme a demanda em um sintoma do qual deseja se desvencilhar, fazendo-o passar da condição de queixa para a posição de enigma, constituindo-o sintoma analítico.

A entrada em análise se dá pela constituição da neurose de transferência, quando o analisante formula um sintoma do qual quer se livrar, e o modo de fazê-lo é endereçando uma fala ao Outro (A) que é tanto o código da linguagem, quanto o analista na relação transferencial. Na associação livre, o analisante se situa no “Eu não sei” e formula perguntas ao analista sobre o que o afeta. Ao formular questões, o analisante supõe um saber em causa sobre seus sintomas, e espera que o analista os elimine e complete o saber que falta sobre a causa. Assim, a entrada em análise porta uma ilusão de suposição de saber depositada no analista, constituindo-o como *sujeito suposto saber*. Contudo se o analista suporta fazer semblante do sujeito suposto saber, tem de saber que não deve se identificar imaginariamente como aquele que sabe; pelo contrário, evita compreender demais; o lugar que ocupa na transferência deve ser muito mais o de uma *ignorância douta*.

A constituição do analista como sujeito suposto saber tem como efeito situá-lo, tanto como um Ideal do eu, quanto como objeto privilegiado, objeto causa do desejo (*a*); o que ela produz é o amor de transferência. Pelo fato de haver transferência, o analista é implicado em todas as questões do analisante, ele se torna o *agalma*, o objeto precioso no desejo. Ao se inscrever na fantasia fundamental do analisante como *a*, o analista passa do estatuto de destinatário ao de causa do sintoma; e é por estar situado como causa que o analista poderá, em ato, suportar e intervir na transferência. Segundo Lacan (1960-1961/2010), o analista se torna “o objeto fundamental de que se trata na análise do sujeito, como ligado, condicionado por essa relação de vacilação do sujeito que caracterizamos como o que constitui a fantasia fundamental, como o que instaura o lugar onde o sujeito pode se fixar como desejo” (p. 243).

A presença do analista engendra no analisante a pulsação temporal inconsciente em seus momentos de abertura e fechamento. A transferência é a implicação da fantasia no sintoma analítico, na medida em que as fantasias investem a figura do analista; como bem observa Manonni (1989) “a fantasia que um paciente instaura numa análise implica, com efeito, tanto a estrutura inconsciente do analisando quanto a do analista.” (p. 26) Todavia Lacan precisou situar corretamente a direção do tratamento em relação aos registros real, simbólico e imaginário, pois à época do início de seu ensino havia uma forte tendência à interpretação das fantasias, o que tornava a transferência uma relação dual imaginária.

A transferência situa o analista como aquele que escuta e, também, como aquele a quem se dirige o amor de transferência; todavia este amor se opõe à revelação do inconsciente. A transferência comporta o paradoxo de encorajar um amor que o analista recusa receber. Na medida em que amar implica querer ser amado, o analisante se situa como Eu ideal e tenderá a querer se mostrar a *bela alma*, não revelando as falhas e fantasias que ofendem aos ideais. Tais atitudes produzem um fechamento do inconsciente; assim, poderá falar muito e queixar-se do sintoma e pouco falar de sua fantasia, mantendo-a em reserva, por vergonha e por medo de perder o amor do analista. O manejo da transferência se dá mediante o desejo do analista que dirige do amor ao desejo de saber. Ao não responder à transferência amorosa envolvida no sintoma, o analista frustra a demanda intransitiva de amor ($\$ \diamond D$), e o efeito decorrente é que o analisante se põe nas vias da regressão, para tentar responder ao que o Outro (analista) demanda, a saber, sua palavra. Freud (1919 [1918]/2017) advertiu que numa análise, os desejos do analisante devem ser manter no nível não-realizados, num certo nível de suspensão, de insatisfação. Ao invés de agir, o analisante pode encontrar alguma satisfação em falar, o que constitui o motor da própria análise. Ao passo que a queixa inicial se transforma em sintoma analítico o analisante interroga: a que esse sintoma responde?

A demanda de análise se elabora em compasso à constituição do sintoma, mediante os impasses que representam a divisão do sujeito ($\$$). É preciso que o sujeito se aperceba e reconheça que “Isso funciona assim”, constituindo o sintoma analítico, e a partir daí possa interrogar: existe uma causa disso? O inconsciente está relacionado à causa, e só existe causa para aquilo que manca. Lacan (1960-1961/2010) considerou que na medida em que o sujeito levanta enigmas sobre o sintoma, e histericiza seu discurso, em sua fala poderá surgir algo novo; nesse sentido a transferência é uma fonte de ficção. Ao falar sobre o sintoma, o segundo andar do grafo do desejo é posto em funcionamento, e ali poderá ser implicada a cadeia significante recalcada de sua fantasia. As fantasias estão presentes desde as primeiras sessões,

quando o analisante começa a associar livremente e a regressão produz uma rememoração atemporal dos acontecimentos de sua vida. Nesse sentido, Freud (1908e/2015) apontou que a fantasia se situa em três tempos; entre uma situação atual que desperta lembrança(s) relativas a desejos normalmente ligados a vivências infantis em que a pulsão podia ser satisfeita, e que cria um voto de que esse desejo se realize futuro. Assim, na fantasia, “passado, presente, futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo.” (p. 58)

Lacan afirmou que o analista fará a direção do tratamento analítico por meio da transferência, a partir da “incidência do ato constituinte do sujeito, porque é isso que se trata, para nós, de sustentar.” (Id, p. 139) A transferência suporta em ato recolher a soma dos efeitos da fala sobre o sujeito constituído na linguagem. É ao falar sobre dos significantes relacionados aos sintomas, que o sujeito poderá reencontrar o desfilamento daqueles que marcaram sua história; são eles que possibilitarão a construção de sua fantasia fundamental. Segundo Lacan (1961a/1998) os recursos de que o analista dispõe na direção do tratamento são a interpretação e o manejo da transferência. A interpretação é a tática por meio da qual o analista pesca o desejo, enquanto a estratégia é o manejo da transferência, que se baseia na política da *falta-a-ser*, encarregada de sustentar a falta no seu devido lugar.

3.2 A demanda e a interpretação do desejo

O dispositivo analítico situa do lado do analisante o trabalho de associação livre, e do lado do analista a escuta flutuante e a intervenção. O método de Freud partia do sintoma e visava encontrar o caminho de volta à recordação de uma cena traumática. O analista convocava o analisante a produzir um relato em torno do sintoma articulando associações em uma cadeia; e ao descrever as cenas, o analisante formulava um discurso cuja rememoração, na medida em que fosse uma evocação do recalçado, se tornava capaz de funcionar como uma verdadeira *talking cure*, mostrando que o sintoma se resolvia pela fala.

Por diversas vezes, Lacan criticou as deformações no manejo técnico da transferência que, apesar de suas variantes, àquela altura se reuniam em torno da análise das defesas do Eu e da identificação ao analista como modelo no final de análise. A crítica incidia, muitas vezes, sobre a interpretação que recaia no imaginário ou no psicologismo das práticas de adaptação à realidade, baseadas em ideais e na normatização do sujeito. Para Lacan (1955/1998), era necessário recuperar o sentido da ação analítica – os critérios de sua operação –, pautados pela ética do desejo. Para Lacan o inconsciente deveria ser tomado ao pé da letra e o manejo

técnico do dispositivo analítico, deveria estar submetido ao axioma do inconsciente estruturado como uma linguagem.

No dispositivo analítico, a pulsação do inconsciente relacionada à realidade sexual é atualizada, sobretudo porque situado como Eu ideal, o analisante se propõe como amável tal como na infância. A emergência do passado na transferência atualiza os pontos de ancoragem do sujeito em sua relação com o desejo, expressa por meio das fantasias. Esse desejo encontra sua realização na materialidade do significante, e seu texto só pode ser reencontrado mediante o Outro, pois é pela fala que a verdade do desejo poderá se revelar e se constituir. O sintoma é uma metáfora cujo significado está escrito no campo do Outro; trata-se de uma mensagem cujo sentido é desconhecido, mas poderá ser decifrado, como as demais formações do inconsciente. Para isso, é preciso que o analisante o torne um significante posto em causa, e busque nos dados de sua história, as cadeias significantes que o formou. Freud descobriu que no cerne do sintoma se encontra um desejo de morte que se introduz para reviver um desejo infantil, transportando-o da situação original em que se inscreveu para uma situação atual.

Os desejos edipianos são aqueles que sofreram recalçamento, a eles só temos acesso por meio do retorno do recalçado, cuja emergência no real atesta que o significante retorna obedecendo à lógica das leis da linguagem. No extremo da experiência analítica está o recalçado primordial que Lacan (1964/2008) afirmou ser “um significante, e o que se edifica por cima para constituir o sintoma, podemos considerá-lo como um andaime de significantes. Recalçado e sintoma são homogêneos, e redutíveis a funções de significantes.” (p. 167) Uma das características da metáfora do sintoma é seu caráter sobredeterminado, constituído a partir de uma combinatória das cadeias significantes recalçadas. A partir do traço unário, primeiro significante recalçado, se articula a bateria de significantes inconscientes do sujeito que a operação analítica visa a tornar consciente, restaurando a verdade do desejo.

Lacan (1953/1998; 1957-1958/1999) afirmou que o sintoma pode ser situado no nível da significação, como a expressão de um conflito psíquico que concerne não somente ao sujeito, mas a toda sua história. Na análise o sujeito tem de historiar sua vida e seus sintomas na presença do analista, constituindo na fala sua demanda, representada no grafo pela linha articulada que chega ao ponto $\$ \diamond D$. O analista, na posição de objeto, é o Outro que escuta, e responde, já que lhe é outorgada a condição de intérprete do discurso. A interpretação é um recurso do manejo técnico de responsabilidade do analista. Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, a interpretação deve ser consonante com suas leis – as da metáfora e as

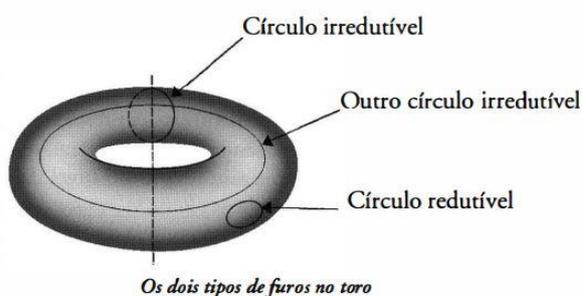
da metonímia. A interpretação opera sobre os detalhes das associações, e nada tem a ver com um simbolismo universal, ou uma hermenêutica, muito menos com a sugestão do analista; pelo contrário, na medida em que a linguagem é ambígua, o sentido do sintoma é múltiplo e deve ser conferido de maneira singular pelo analisante. Destarte, a interpretação não é arbitrária, ela deve ser idêntica ao recalcado, e tem a função de levantar o x da questão, o enigma da particularidade do desejo inconsciente do analisante.

Em contraponto ao desejo do Outro, e para dar conta do manejo ético da interpretação Lacan (1958-1959/2016) introduziu em seu ensino o conceito de *desejo do analista*, relacionado ao vazio constitutivo do desejo e situa o psicanalista na política da falta-a-ser, o que implica nada desejar para o analisante. Significa que todos os ideais provenientes do desejo *de* analista, sejam eles de cura, de felicidade, de civilidade, de prospecção e de normalidade devem ser suspensos, evitando assim, qualquer influência sugestiva e qualquer identificação à sua imagem na direção do tratamento. O desejo *do* analista diz respeito ao que restou da destituição subjetiva no final da análise pessoal do analista, é ele que opera numa psicanálise, e foi relacionado por Lacan aos conceitos de falta e corte, de que trataremos.

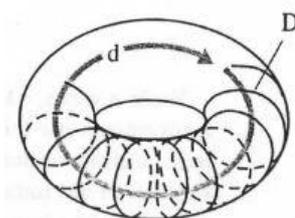
O analisante espera receber do Outro a resposta sobre a questão de seu desejo, mas, na medida em que o analista não responde, frustra a demanda e ao pedir que “fale sobre isso”, o faz retornar a associação dos significantes sobre o sintoma. Na medida em o sujeito interroga a si mesmo poderá reencontrar no campo do Outro – tesouro dos significantes – a demanda, cuja mensagem é um enigma. Na demanda o passado se atualiza numa regressão do discurso, e encontra a mensagem do Outro, que deve ser entendida como o (re)surgimento das situações fundamentais por meio das quais o automatismo de repetição poderá revelar a cadeia significante inconsciente que o comanda o sujeito. Para Lacan (1958-1959/2016) a transferência é “a única via pela qual se opera a desobstrução das vias que levam ao objeto.” (p. 507) Os objetos que retornam são os significantes arcaicos que alienaram e modularam as trocas entre o bebê e o Outro materno, e constituíram sua economia subjetiva.

Uma análise visa à relação do sujeito com o desejo, mas não há como revelá-lo sem antes passar pela demanda; o que torna fundamental distinguir desejo e demanda na direção do tratamento. Considerar o sujeito desejante é pensá-lo como \$, isto é, como marcado pela operação de corte que instaura sua passagem à função significante, no qual tem de se articular. O corte institui a marca que constitui o sujeito e faz dele desejante. O significante em sua diferença radical é descontinuidade, e deve ser equiparado ao corte, ao traço unário que falta

(-1) e, no entanto, sustenta toda a bateria de significantes do sujeito. Visando discernir a relação entre a demanda e o desejo, Lacan (1961-1962/2003) inseriu em seu ensino a figura do toro, “uma estrutura topológica da qual se tratará de demonstrar em que ela é necessariamente a do sujeito, estrutura que comporta que haja alguns de seus laços que não possam ser reduzidos.” (p. 184) O toro tem uma superfície diferente de uma esfera; na esfera, se traçarmos um círculo em sua superfície podemos reduzi-lo progressivamente e obteremos um ponto, assim um círculo se reduz à unidade (1). Se a estrutura do sujeito não é da unidade, o toro poderá ajudar a pensá-la, pois nele há um círculo em sua superfície que pode ser reduzido ao ponto e outro círculo que, por conter um furo central, é irreduzível. É o que vemos representado por Lacan (1962-1963/2005. p. 148) na figura a seguir,



O toro além de convidar a pensar as relações do sujeito em relação à superfície topológica auxilia a visualizar onde se situa o objeto do desejo no neurótico. Ora, um dos impasses do desejo do neurótico é o de que para fundar seu desejo é necessária a sanção da demanda do Outro, de quem depende. Mas a demanda fracassa ao tentar apreender e responder ao significante que falta ao Outro; essa descontinuidade faz com que a demanda tenha que voltar a ser constantemente repetida. O desejo (d) está relacionado ao corte e se caracterizará justamente pelo fato de que a demanda jamais possa ser satisfeita, permanecendo assim num deslizamento metonímico do objeto. Lacan (1962-1963/2005, p. 222) representou no toro a dialética da demanda (D) e do desejo (d) por meio da seguinte imagem:



Dialética da demanda e do desejo

Lacan considera que a série das voltas da repetição nessa espécie de bobina pode ser comparada ao sujeito “em sua relação significativa de automatismo de repetição.” (Id, p. 186)

Ao percorrer todo o circuito que ao final se fecha, parece que o sujeito atingiu o todo, o desejo. Aí está o engano que justifica a própria questão do sujeito do inconsciente como aquilo que é negatizado e falta ao sujeito, de tal modo que ao final desse circuito “ele necessariamente se enganou de 1 na sua conta, e vemos aqui reaparecer o -1 inconsciente, em sua função constitutiva. Isso pela simples razão de que a volta que ele não pode contar é a que ele fez ao fazer a volta do toro.” (Id, p. 187) Lacan retifica que o sujeito ao dar uma única volta na superfície exterior, ele tenha dado duas: a volta do círculo pleno do toro e a volta do círculo vazio central. A volta que falta na conta do sujeito está relacionada à estrutura, ao fato de que há divisão, que faz com que o inconsciente não seja contado pelo sujeito do enunciado e, de forma radical, refere-se ainda à de falta um significante no conjunto dos significantes que compõe o campo do Outro – significante relativo ao recalque originário, $S(A)$.

O desejo do neurótico depende da demanda do Outro, ele quer que o Outro lhe faça demandas, que representa o conjunto de valores e ideais acerca do que ele espera da família, do cônjuge, do trabalho, do Estado, de seus direitos, etc. Segundo Lacan (1961-1962/2003) as demandas são constantemente renovadas e seus sucessivos retornos formam círculos plenos, que podemos ver na figura b abaixo em 2, mas deixam elidido um círculo vazio no toro (1) que, “vem aqui materializar o objeto metonímico sob todas as demandas.” (p. 200) É no buraco central visto nas figuras abaixo, formado pelo circuito das sucessivas demandas que se situa o objeto do desejo – a –, sobre o qual a operação analítica deverá se dar.

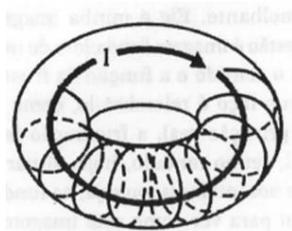


Figura 15. Figura a

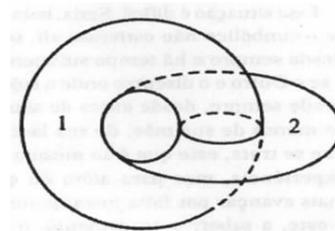


Figura b

Os círculos do toro estão unidos por um *laço*, o que permite ver topologicamente situada a relação da demanda e do desejo, entre o sujeito e o Outro, conforme Lacan aponta:

o círculo sobre o primeiro toro, de uma demanda, vem aqui superpor-se no outro toro, o toro aqui suporte do outro, do outro imaginário da frustração, vem aqui superpor-se ao círculo vazio deste toro, isto é, preencher a função de mostrar essa inversão: desejo num, demanda no outro; demanda de um, desejo do outro, que é o nó onde se atravanca toda a dialética da frustração.” (Id, p. 200-201)

Na clínica, quando o analisante realiza uma atualização de seu inconsciente mediante a regressão, e se põe a repetir em seus atos ou em sua fala objetos de uma determinada fase em que ficou imaginariamente fixado, devemos ter em mente que se trata dos significantes da

demanda do Outro e não de seu desejo. Em relação ao grafo do desejo, Lacan (1958-1959/2016) indicou a intervenção do analista ao afirmar que,

(...) é precisamente nesse ponto que deve balançar, oscilar, vacilar a ênfase de nossa interpretação. Se soubermos enfatizá-la de uma determinada forma, ensinamos o sujeito a reconhecer, no nível superior - que é o nível votivo, o nível do que ele anseia, o nível de seus votos, na medida em que são inconscientes - os suportes significantes que estão ocultos, inconscientes, na sua demanda. É inteiramente nesse registro que a interpretação deve-se manter. Em suma, nada mais fazemos além de ensinar o sujeito, por assim dizer, a falar, a se reconhecer como sujeito no que corresponde ao D, sem, no entanto, lhe dar as respostas. (p. 136)

A regressão do analisante aos chamados estádios do desenvolvimento não ocorre para o analista gratificar, compensar ou frustrar, nem mesmo para dar retorno simbólico; nesse sentido, Freud (1919a [1918]/2017) deixou claro que uma análise deve se dar na abstenção. Por sua vez, Lacan (1953/1998) criticou a forma como a tríade: frustração, agressividade e regressão foi incorporada imaginariamente pelos analistas de sua época; nesse sentido estabeleceu que a regressão “é apenas a atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um *ego* a cada etapa da decomposição de sua estrutura.” (p. 250) Logo, resta claro que não se trata de nenhuma relação com o objeto relativa a uma realidade atual. Ora, a fantasia dá o suporte do desejo, e este está além da demanda, não pode, portanto, ser reduzido à satisfação ou frustração desta, sob pena de que uma prática baseada em qualquer das duas respostas conduziria o tratamento à sugestão. As respostas possíveis do analista só podem surgir a partir do lugar que ocupa na transferência; mas, fundamentalmente se trata de não responder à demanda que, como tal, não pode ser respondida por ser demanda de amor.

O esquema do toro ajuda a ver que só podemos nos aproximar do desejo do neurótico por meio da hiância aberta na demanda, já que seu desejo surge em relação à demanda do Outro. Podemos destacar no toro *b* que, o círculo do primeiro toro se enlaça e se superpõe ao segundo, da imagem do outro, o que permite fazer a importante afirmação de que, em relação ao sujeito, o interior e o exterior estão em continuidade, como uma banda de Moebius, formada por esse enlace. Nesse ponto, podemos falar da interpretação, porém situar suas diversas formas: alusão, citação, escansão, pontuação, etc. mereceria um desdobramento que desviaria de nosso propósito atual. Podemos, no entanto, afirmar que elas têm em comum o fato de *dizer nada*. Em relação à fantasia, uma delas se mostra da maior importância; trata-se da *escansão* que, ao se relacionar ao corte, permite reintroduzir a causa. O *corte* é um tipo de escansão na fala, por meio da qual é possível pontuar, sublinhar, destacar sílabas, fazer um equívoco por homofonia, ou mesmo suspender a sessão. Lacan (1958-1959/2016) disse que é

(...) instituindo um *flash* que a imagem criada pela suspensão do relato torna-se efetivamente, nesse caso, um estimulante do desejo. É a implicação da linguagem no ato que impõe aqui um tom. É *a posteriori* que a linguagem introduz no ato uma estimulação, um elemento estimulante, que decorre da interrupção do relato. Essa suspensão, que no caso vem alimentar o próprio ato, adquire o valor da fantasia, que tem significação erótica no desvio do ato. (p. 60)

Segundo Lacan (1957-1958/1999) a interpretação se torna pertinente se o equívoco que introduz possibilita a construção da fantasia. Podemos dizer que o corte do significante frustra a demanda a que a pulsão estava ligada e produz uma separação da fantasia. Longe de explicar, ou restaurar o sentido, a interpretação, pelo contrário, suscita uma abertura retroativa no discurso, no nível de uma equivocação ou de um *pas-de-sens*. Assim, de um lado ela promove tanto um passo de sentido, quanto aponta para a falta de sentido. A escansão produz efeitos ao deslocar o sentido cristalizado na metáfora do sintoma, e pode criar novas significações ou recordações. Se o sintoma se organiza como uma resposta ao enigma do desejo do Outro, romper a significação habitual e produzir novas respostas, novos modos de dizer, introduz uma separação onde havia uma fixação no sintoma; assim o sintoma se liberta e proporciona a construção da fantasia com os materiais que serviram à sua desconstrução. O valor da escansão está, portanto, em introduzir o furo do sentido, a falta-de-sentido, própria do real. Trata-se então de uma intervenção que seja capaz de revelar a verdade da estrutura do sujeito e sua relação com o real, onde o nada está no princípio.

De acordo com Soler (1995), a interpretação visa ao sujeito da enunciação, isto é, à verdade das cadeias significantes do inconsciente, e deixa em aberto a questão *O que ao dizer Isso quer?* Aponta para o sujeito faltante no discurso para que este possa advir em primeira pessoa. A interpretação não resolve o problema do enigma do desejo, pelo contrário, ela o desloca para a metonímia do sujeito, e ao revelar os significantes recalcados, e introduzir um novo significante remete a outras cadeias possibilitando uma mudança na significação que se torna capaz de desfazer a metáfora do sintoma.

O lugar a que se refere o desejo deve ser mantido fundamentalmente vazio. O silêncio do analista frustra o objeto idealizado pelo analisante, de modo que, ali onde era esperada uma satisfação pulsional, possa surgir, algo capaz de se desprender da demanda, um resíduo que cai, o objeto *a*, causa do desejo. Lacan indicava não interpretar a transferência, pois esta não é uma repetição; interpretar a transferência significa confundir pulsão com fantasia. De modo contrário, a operação analítica visa a que o gozo da pulsão ($\$ \diamond D$) possa ser transformado em desejo, em fantasia ($\$ \diamond a$). A partir da redução da demanda, que não é demanda de nenhuma necessidade, é que o sujeito poderá chegar à causa. Assim, vemos que a não-resposta do

analista à demanda de amor é o que nos dá a chave da saída para que a transferência não incorra na sugestão, ao mesmo tempo, situa a verdadeira abertura para uma regressão capaz de revelar as identificações e, com a queda destas, o lugar vazio do desejo.

A pulsão é a primeira modificação do real em sujeito, sob o efeito da demanda. Na regressão, os objetos que constituíram o sujeito reaparecem por terem respondido à satisfação da necessidade; todavia estes objetos se situam *para além da necessidade*, no registro significativo da demanda. Embora adotem diferentes formas, a estes significantes as pulsões retornam, revelando os modos privilegiados de resposta à demanda do Outro. O que surge da regressão discursiva do sujeito às fases da organização da libido é, sobretudo, a marca, o modo imaginário pelo qual as pulsões investiram em certos buracos da superfície do corpo, as ilhas de gozo, que são homólogos à própria estrutura de corte, que é a do sujeito. O sujeito teve de ceder de tais objetos e consentiu em perder gozo para a castração, mas o desejo a que corresponde a satisfação com os objetos, persiste investido nas fantasias inconscientes. Ali onde houve uma cessão subjetiva, onde pagou com a libra de carne, o sujeito reconstituiu no Eu os objetos, mediante uma identificação – $\$ \diamond a$. Freud (1923b/2007) apontou que o Eu se constitui por identificações imaginárias com os traços dos objetos a que teve de ceder em sua história, estes objetos são fundamentais na formação do caráter.

Freud situou o sonho como a via régia do inconsciente, e o campo onde se coloca o desejo e sua interpretação. Retomarei à relação entre a regressão, a identificação, e a interpretação mediante uma passagem do caso *O Homem dos Lobos*, para indicar o sujeito às voltas com o corte. O analisante enunciou um ato falho ao dizer: *Sonhei que um homem arrancava as asas de uma Espe*, que foi escandido por Freud com uma correção: *Wespe?* (vespa), que foi seguida imediatamente por uma confirmação, e assunção – “*ora, mas S.P. (espe) sou eu*” – cujo nome era Serguei Pankejeff. Nesse caso a interpretação é idêntica ao recalcado e põe o sujeito na sua pista, o analisante recalcou a letra W, que concerne ao Eu; mas o que é esse W, senão o duplo V (VV), que representa as orelhas em estado de alerta do lobo em seu sonho de angústia? É ele próprio diante do corte que, na forma de supressão de uma letra, incidiu sobre o nome próprio que é um significante de singular importância nas identificações primárias do sujeito e, no caso, Freud pôde perceber que os medos da borboleta e do lobo eram análogos, o que o levou a concluir que se tratava de significantes que representam o sujeito às voltas com o complexo de castração. Vemos assim que nos pontos em que o sujeito está diante da realidade da castração, formula fantasias, mediante as quais podemos ter algum acesso ao desejo inconsciente.

Ora, a fantasia entra em jogo visando realizar imaginariamente àqueles impulsos de desejo a que o sujeito teve de ceder; assim a fantasia tem a função de tornar o prazer apto ao desejo. São estes objetos com os quais se identifica que dão o estofo imaginário que falta ao sujeito no momento de sua designação, mas será que eles designam o sujeito? Lacan (1958-1959/2016) ressaltou o caráter problemático da demanda ao situar “seus efeitos impressores, compressores, opressores sobre o sujeito.” (p. 128) Na análise é importante que o analisante consiga reconhecer a relação de alienação que o teria levado a se identificar com as demandas do Outro para se tornar um sujeito desejado. Por meio das várias identificações com os objetos, o sujeito é levado a se confrontar com o circuito das sucessivas perdas no nível da imagem metonímica do Eu, mas isso não é tudo; segundo Lacan (1961a/1998), o de que se trata é que ao levar “a demanda aos limites do ser, faz com que o sujeito se interroge sobre a falta em que ele aparece a si mesmo como desejo.” (p. 644)

A demanda se repete em função de um vazio interior que ela cerca, mas o objeto que ela suporta não equivale ao objeto causa do desejo. O objeto causa está relacionado ao nada fundamental que representamos no centro do toro, em redor do qual a demanda circula. O sujeito só vai se aproximando do objeto do desejo, por meio das sucessivas voltas na metonímia da demanda, mas, como bem o diz Lacan (1961-1962/2003) “o próprio objeto como tal, enquanto objeto do desejo, é o efeito da impossibilidade do Outro para responder à demanda.” (p. 202) É nesse buraco formado pelas voltas da demanda que o objeto se insinua, como um objeto *em falta*. Essa topologia que vemos no toro mostra, ainda, a falta de harmonia entre o objeto e a demanda e vice-versa. Os efeitos dessa frustração estão inteiramente relacionados ao desejo do analista que, situado na transferência como o Outro, se encontra *sem poder* responder ao desejo do sujeito, uma vez que não há possibilidade de responder ao objeto do desejo como tal. Mas o Outro também é *não-sem* poder, pois alguma resposta que vem suportar o vazio é dada, e com ela o sujeito se constitui.

A redução das demandas levada ao limite tem como efeito o encontro do sujeito com a hiância. É essa fenda que poderá localizar o real como o que retorna no mesmo lugar. Nesse lugar divisório uma mensagem se constituiu, no ponto em que surgiu o traço unário. Trata-se de uma dupla mensagem. De um lado *nada pode ser*, pois se trata do vazio da estrutura, o lugar representado pela falta de um significante – $S(A)$ –, que o deixa indeterminado e sem garantias; e do outro *pode ser nada*, que constitui o significante capaz de representar o sujeito, mas que nessa mensagem torna-se excluído. Nesse ponto algo está determinado, e é em relação ao traço unário que outros significantes poderão se constituir. Lacan (1961-

1962/2003) diz que “é um ponto, e só isso, ponto final. O lugar do traço unário está ali reservado no vazio que pode responder à espera do desejo.” (p. 213)

A regressão revela a influência decisiva que a demanda exerceu sobre o desejo do sujeito, mas não basta revelar sua constituição, o sujeito tem de se confrontar com a estrutura do corte que sofreu nos momentos de encontro com o real, quando houve uma *cessão subjetiva*. Nesse ponto de disjunção entre o imaginário e o simbólico podemos ver a relação do sujeito com a fantasia. É a partir dessa disjunção que emerge algo do real do sujeito, real articulado no simbólico. Segundo Lacan (1962-1963/2005)

é na medida em que se esgotam até o fim, até o fundo da tigela, todas as formas de demanda, até a demanda de zero, que vemos aparecer no fundo a relação de castração.

A castração encontra-se inscrita como relação no limite do ciclo regressivo da demanda. Ela aparece ali a partir do momento e na medida em que o registro da demanda tenha-se esgotado.” (p. 63)

Nesse ponto nos encontramos diante da duplicidade da posição subjetiva. De um lado é revelada a posição que ele ocupou na demanda do Outro ($\$ \diamond D$), de outro o sujeito procura se reconhecer para além dessa demanda, em $S(A)$. Na medida em que numa análise se esgota a articulação da demanda relacionada às identificações do sujeito, ela forma no toro do desejo um vazio central o corte do sujeito, que lhe dá o signo do seu “ser” como falta-a-ser.

O problema da demanda no neurótico é tratar a falta-a-ser como demanda de amor. Ao interrogar *Quem sou?* O analisante situa sua ignorância e a dirige ao analista. No ponto onde procura se reconhecer para além da demanda, o sujeito se depara com a falta de um significante no campo do Outro que possa responder por aquilo que ele é. Na medida em que o analisante se depara com o desejo do Outro, descobre que também o Outro está no nível da falta, pois não há Outro do Outro. Não resta, então, qualquer possibilidade de que o Outro possa lhe dar garantias ou devolver uma “essência de verdade”, uma vez que falta um significante no campo do Outro que possa responder a “*quem ele é*”. A descoberta de que o Outro deseja causa angústia, e quando levado ao máximo de tensão, no instante de *fading*, o sujeito se divide e surge como $\$$. Nesse ponto vem se articular a fantasia; quando diante da divisão, o sujeito convoca um objeto do imaginário para dar suporte ao desejo e velar o encontro com a falta. Podemos dizer então, que o sujeito se designa mediante o significante, mas ao fazê-lo, tem de se apagar, e pagar, a cada vez, com a castração; daí porque Lacan (1958-1959/2016) afirmar que “a fantasia nada mais é que esse enfrentamento perpétuo entre o S barrado e o *a* minúsculo.” (p.404); mas o objeto causa do desejo é outra coisa.

Podemos dizer que a clínica psicanalítica é etiológica, pois se dirige à causa. Segundo Lacan (1962-1963/2005) “se há uma dimensão em que devemos buscar a verdadeira função, o verdadeiro peso, o sentido da manutenção da função de causa, é na direção da abertura da angústia.” (p. 88) A análise, ao levar a uma decantação do desejo, dirige-se ao encontro do sujeito com a falta que o ameaça no mais íntimo de sua constituição imaginária, produzindo a angústia. Diante da falta podemos ver surgir o modo como o sujeito respondeu ao encontro enigmático com o desejo do Outro; nesse ponto, o sujeito constitui seu traço, sua marca como desejanse. A seguir trataremos sobre as intervenções do analista, por meio das *construções em análise* e da *interpretação*, e como possibilitam o surgimento do desejo, e são capazes de revelar a fantasia, questão de fundamental importância na direção do tratamento.

3.3 Interpretação e construção em análise

Rompendo com os métodos tradicionais, Freud (1900a/1992) situou a interpretação numa dimensão radicalmente nova, de modo que ela não diz respeito a uma leitura do passado, nem a uma previsão do futuro, nem tampouco a um esclarecimento. A princípio, a interpretação decifra o sentido latente de um conteúdo manifesto, revelando o recalcado; mas no que tange à questão do sentido, devemos nuançar esta afirmação. A interpretação é o que o analisante espera do analista para livrá-lo da ignorância de seus sintomas, contudo Lacan chama atenção de que o analista deve preservar a ignorância de seu saber face à Coisa. Assim, na interpretação [*Deutung*] não se trata de dar ao analisante uma compreensão, explicação, muito menos uma significação [*Bedeutung*] de conteúdo, pois a interpretação não pode traduzir o sentido do sujeito; se assim o fizesse se tornaria um exercício de poder. Longe de fixar sentidos, Lacan (1953/1998) comparou a intervenção analítica à arte quando afirmou que “a arte do analista deve consistir em suspender as certezas do sujeito, até que se consumem suas últimas miragens. E é no discurso que deve escandir-se a resolução delas.” (p. 253)

Em *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*, Lacan (1961a/1998) apontou que o desejo só pode ser captado pela interpretação, o desejo é interpretação. Para interpretar devemos tomar o desejo nas operações de metáfora e metonímia do sujeito. O analista deve ser capaz de perceber em sua escuta as disposições gramaticais, os jogos de palavras, as assonâncias sonoras enunciadas pelo analisante segundo as leis do inconsciente. No mesmo escrito, Lacan destacou ainda a função do significante na localização da verdade concernente ao desejo do sujeito, ao afirmar que “a interpretação, para decifrar a diacronia das

repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõem algo que, de repente, possibilite a tradução (...).” (p. 599)

Lacan chamou atenção de que é no nível sincrônico que podemos encontrar os significantes recalcados do sujeito; contudo, mesmo quando revela um significante do sujeito, a interpretação revela apenas uma série da cadeia significante, mas nunca próprio sujeito. O grau de maior ou menor justeza da interpretação pode ser reconhecido pelos efeitos que a ela se seguem. Mais importante que a convicção ou o assentimento do sujeito, é que a interpretação possa produzir uma abertura de sentido, para que o novo possa surgir. A interpretação pontual de uma formação do inconsciente produz uma abertura à rememoração, mas seu caráter enigmático escapa à significação e, no que intervém sobre a causa – *a* –, implica a fantasia. Diferente dos sonhos e das formações do inconsciente, que são interpretáveis, a fantasia não é literal e não pode ser totalmente decifrada, ela tem de ser construída. A construção se faz justamente a partir das formações do inconsciente. Muitas vezes a fantasia é remontada nas diversas cenas, mas escapa à apreensão pela fala e é vivida de forma alienante, sem que o sujeito consiga se reconhecer nela. Deste modo, não pode ser apreendida ou deduzida pelo sujeito na associação livre, ela depende da construção do analista. Antes de sua construção, às vezes é necessário um longo tempo de localização da estrutura da fantasia e da interpretação do desejo.

Embora sejam termos e operações diferentes, as construções em análise devem ser pensadas em relação à interpretação, como uma especificação desta, em que o analista opera por suplementação de partes faltantes. Em segundo lugar é necessário distinguir os termos empregados por Freud – construção e reconstrução –, a construção seria uma criação a partir do zero, enquanto que na reconstrução o analista lida com os restos, com as pistas, com os resquícios dos significantes da história do sujeito; trabalho comparável ao do arqueólogo.

O modo como Freud procedeu nas *Cinco grandes psicanálises* nos instruiu sobre a operação do inconsciente, na qual a restituição do passado é levada aos limites da rememoração; nesse sentido, o caso *O Homem dos Lobos* constitui um paradigma em Freud procedeu numa verdadeira reconstrução da *cena traumática*. Diante das dificuldades de produzir lembranças precoces, os sonhos foram considerados imprescindíveis para a construção da fantasia, por serem a *via régia* para o reconhecimento do desejo inconsciente. Graças à compulsão do tratamento, o sujeito produz sonhos transferenciais que fornecem as chaves dos conteúdos traumáticos inscritos precocemente em sua na vida, e que dificilmente

poderiam ser trazidos à luz mediante a lembrança. O trabalho analítico trata de interpretá-los e seguir as pistas dos fragmentos significantes relativos ao ponto em que ocorreu a supressão de um elemento do texto da cadeia significante. Ali onde se manifestam os efeitos de defesa como uma *elisão*, temos uma mensagem selada; ao abri-la o analisante poderá (re)encontrar o lugar vazio no espaço tipográfico, seu lugar de sujeito.

Embora tenha percebido a grande dificuldade de o sujeito produzir lembranças sobre o encontro traumático – a partir do qual não é possível obter nenhuma recordação –, Freud não deixou de perseguir os limites desse acontecimento ao ponto da objetivação da prova. Todavia, a operação do recalque originário situa um limite da relação do sujeito com o que pode ser rememorado. A partir desse ponto, há o real do encontro inexorável com a falta; não havendo possibilidade de o analista interpretar. O encontro com esse limite exigiu de Freud outra forma de intervenção técnica, as construções em análise, que consistiam na construção do fragmento da verdade histórica primitiva do analisante, visando a completar as partes faltantes da cena primária. Lacan (1964/1998) afirmou que é para o encontro do sujeito com o real que a experiência analítica vai sendo arrastada; trata-se de um encontro com a realidade sexual do inconsciente atualizada na transferência; realidade essa, que a intervenção analítica não somente revela como, até certo ponto, engendra.

Partindo dos significantes recolhidos na escuta, Freud tentou determinar com exatidão a cronologia, a sequência de eventos que teriam acontecido. Lacan (1953/1998) diz que Freud se apoiava na “rememoração, isto é, de história, fazendo assentar unicamente sobre a navalha das certezas da data a balança em que as conjecturas sobre o passado fazem oscilar as promessas do futuro.” (p. 257) Nesse caso, a interpretação e a construção estão fundamentadas numa lógica que busca determinar com rigor, os encontros que necessariamente teriam acontecido, a partir dos efeitos que tiveram lugar na história do sujeito. Trata-se de verdadeiros pontos de ancoragem, que constrangiam Freud a seguir o arado traçado pelo significante no real, de tal modo que, sua determinação nas construções em análise continha um grau de convicção que chegou a nomear de *cena real construída*; mas como bem observou Lo Bianco (2002), esse termo é um paradoxo, já que o real falta.

No caso *O Homem dos lobos*, as fantasias primordiais e as formações do inconsciente forneceram o material para as construções em análise, mas foi o sonho repetitivo com os seis ou sete lobos que deu a chave para a compreensão do sintoma. Na sequência deste que foi o primeiro sonho de angústia do menino, surgiu o sintoma de zoofobia. As imagens do sonho

produziram uma sensação tão nítida de realidade no analisante, que deram a Freud a convicção de não se tratar apenas de uma fantasia, seu conteúdo continha fragmentos de um acontecimento real. Certo de que o sonho pode funcionar como o equivalente de uma lembrança; Freud se empenhou na construção da cena primária como se se tratasse de uma cena real. Neste processo, percebeu as relações do sonho com a pesquisa sexual do menino, com a mutilação de uma parte do corpo e com a descoberta da morte, e apontou que o denominador comum entre tais experiências era o fato de que a criança se deparou com o complexo de castração. É digno de nota Freud (1915f/1992) ter observado que determinadas fantasias quase nunca faltavam no repertório de seus pacientes neuróticos; nestas

a observação do comércio amoroso dos pais é uma peça que raramente falta no tesouro de fantasias inconscientes que a análise pode descobrir em todos os neuróticos, e com probabilidade em todos os seres humanos. Chamo a essas formações da fantasia, a da observação do comércio sexual entre os pais, a de sedução, a castração e outras, fantasias primordiais. (p. 268-269)

O caso clínico atesta que a rememoração significativa pode ser feita até o ponto em que esbarra no real; Lacan (1964/2008) afirmou que a “*Wiederholen* (repetição) tem relação com a *Erinnerung*, a rememoração. O sujeito em sua casa, faz a memorialização da biografia, tudo isso só marcha até um certo limite, que se chama o real.” (p. 51) Nesse ponto devemos estabelecer uma diferença importante; o retorno [*Wiederkehr*] de signos está ligado ao *autômaton*, à constituição do inconsciente, relacionada à homeostase subjetivante do princípio do prazer. O que se repete faz as voltas da demanda em circuito na tentativa de retornar a origem. Esse é o sentido da regressão destacada por Freud; o signo não está no princípio, no princípio é o nada, mas o acontecimento original torna-se a situação a ser repetida que instaura o objeto como perdido. Entretanto a experiência analítica se dirige à causa material da repetição, de modo que é preciso diferenciá-la do retorno dos signos. O real envolvido na repetição está relacionado à *tique*, entendida como o que se repete, no mesmo lugar, *como por acaso*; e está para além do princípio de prazer. Diante do real, o sujeito se depara com o encontro faltoso, com algo da ordem do inexorável, impossível de significar. O encontro com o real, como falta inassimilável, esteve desde o início da psicanálise ligado ao traumatismo, Freud (1920g/2006) identificou a insistência dessa repetição desprazerosa nos sonhos da neurose traumática, e nos momentos em que o sujeito sofre a divisão, como a brincadeira do *Fort-Da*. São pontos relacionados à falta, que implicam a causa do desejo; neles se vê uma busca em (re)fazer, a cada vez, a ligação da energia dispersa. Desses pontos o sujeito só pode se aproximar dividindo-se.

No caso clínico em questão, Lacan (1964/2008) chama-nos a atenção de que é da relação do sujeito com o encontro primeiro, com o real “a verdadeira ocupação de Freud à medida que se destaca para ele a função da fantasia.” (p. 56) A fantasia faz a mediação, vela e protege o sujeito do encontro traumático com o real. Para Lacan, o real “vai *do trauma à fantasia* – na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição.” (Id, p. 61) A metáfora do sonho repetitivo em questão, permite concluir que, quando a janela da fantasia se abre, o sujeito fica diante do trauma que o divide; nesse ponto traumático há a inscrição do traço unário, que fica fora do conjunto de significantes; é em torno desse traço que se darão todas as voltas da repetição dos significantes, que podem ser reencontradas em todas as suas escolhas de objeto. Lacan (1961-1962/2003) disse então que,

(...) é a própria imagem desse momento que vive o sujeito como cena primitiva. Quero dizer que é a própria estrutura do sujeito, diante dessa cena. Quero dizer que, diante dessa cena, o sujeito se torna lobo olhando, e se torna cinco lobos olhando. O que se abre, subitamente, para ele nessa noite de Natal é o retorno do que ele é, essencialmente, no fantasma fundamental. (...) Mas o importante é que o que ele vê, em seu fantasma, é *\$ barrado*, ele mesmo, na medida em que ele é corte do *pequeno a*. Os *pequenos a*, são os lobos. (p. 415)

A cena primária tinha uma importância para Freud por ser considerada a primeira regulação da neurose. Seu ponto de partida, no entanto, permanece como um núcleo enigmático, até que, como efeito da construção, o sujeito possa integrá-la como cadeia geradora que rege a modulação de seu inconsciente. Lacan (1953/1998) disse que é em torno do acontecimento traumático que *a posteriori* ocorrerão todas as ressubjetivações, tantas quantas forem “necessárias para explicar seus efeitos a cada volta em que o sujeito se reestrutura, isto é, tantas reestruturações do acontecimento quantas se operem.” (p. 257-258) Na medida em que as conjecturas do passado introduzem a verdade na fala, produzem-se efeitos capazes de reordenar as contingências do passado, assim o trabalho analítico possibilita a reconstrução e assunção de parte da história pelo sujeito. Todavia, do ponto de vista terapêutico, isso não é tudo, pois em relação à “cena real construída” restará sempre a falta no real, resistente à significação. Por essa razão Lo Bianco (2002) observou que,

(...) é por seu reconhecimento desse traço de impossibilidade, mais tarde apontado por Lacan como a marca mais característica do real, que tão enfaticamente mantém a posição de não poder saber se a cena primordial é fantasia ou vivência real, para logo em seguida afirmar que, de qualquer forma, cenas de observação da troca sexual entre os pais, de sedução na infância ou de ameaça de castração são indubitavelmente um patrimônio herdado, herança filogenética, apesar de poderem também ser aquisições de vivências individuais. (p.152)

Freud percebeu com justeza que a fantasia vem se situar entre a lembrança patógena e o sintoma para proteger o Eu, substituindo os conteúdos da cena traumática. Na fantasia a “verdade histórica” é substituída por uma ficção ideal, mais desejável. No caso clínico em questão, a decomposição do sintoma da agressividade infantil revelou que a sedução traumática sofrida pelo menino, ao ser induzido sexualmente pela irmã, feria sua masculinidade, o que exigia uma defesa do Eu. A passividade foi então revertida em atividade, que se expressava no sintoma agressivo e encobria a verdade da posição passiva que teria ocupado diante do outro. Diante de experiências em que a castração entra em jogo, o sujeito produz teorias sexuais infantis, verdadeiras ficções que tentam responder à falta de sentido do real. Posteriormente Freud reconheceu não ser fundamental discutir se as cenas da fantasia foram vividas na realidade, questão que deve ser discutida na particularidade de cada caso. As fantasias inconscientes constituem a realidade psíquica, de modo que o importante não é que tenham sido um acontecimento real, e sim que o sujeito examine os efeitos que produziram (ou não) em seu sintoma. Lacan (1953/1998) aponta que

a verdade dessa revelação é a fala presente, que a atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade. Ora, nessa realidade, somente a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha. (p. 257)

Desta maneira, Freud e Lacan consideraram que a fantasia não deveria ser confrontada com a realidade exterior; o que se faz em torno dela é uma *construção* que possa ter um *valor de verdade* para o sujeito. Encaminhar o sujeito nas vias da pesquisa e da restituição de seu passado historiado no presente compõe boa parte do percurso de uma análise. A rememoração refere-se a algo do passado que é evocado no presente da situação analítica, contudo a reconstrução não é uma recuperação incontestável da experiência do sujeito e, embora a análise tenha de passar pela rememoração da história, não é ela em si tão importante. Para Lacan (1953-1954/1986), o mais importante não é tanto lembrar, mas os efeitos de verdade assumidos pelo sujeito quando pode reconstruir uma parte de sua história, integrando o que faltava e produzindo novos sentidos. Assim,

o acento recai sempre mais sobre a face da reconstrução que sobre a face da revivescência, no sentido que estamos habituados a chamar afetivo. O revivido exato – que o sujeito se lembre de algo como sendo verdadeiramente dele, como tendo sido verdadeiramente vivido, que se comunique com ele, que o adote – temos nos textos de Freud a mais formal indicação de que não é o essencial. O essencial é a reconstrução, é o termo que ele emprega até o fim. (p. 23)

Freud recorria a interpretações para as formações do inconsciente, onde as cadeias significantes estavam inscritas e articuladas; porém quando o analisante se deparava com a

impossibilidade da lembrança, suplementava os furos com construções que por sua proximidade com o conteúdo da cena, fossem capazes de produzir novas lembranças, ou completar as partes que faltavam. A leitura estabelecida por Lacan para o texto *Bate-se numa criança*, põe relevo justamente na incapacidade de o sujeito recordar a segunda etapa da fantasia. Na clínica analítica, quando as recordações em torno dos significantes recalçados chegam ao limite da rememoração, o analista constrói a fantasia. Enquanto ao analista cabe a interpretação e a construção, cabe ao analisante associar, produzir derivados do recalçado, recordar e integrar. Segundo Freud (1937d/2017), na construção, o analista poderá

inferir o esquecido a partir dos sinais por ele deixados, ou mais corretamente, ele terá de construir o esquecido. Como, quando e com que explicações ele comunica as suas construções ao analisando é o que estabelecerá a ligação entre as duas partes do trabalho analítico, entre a sua parte e a do analisando. (p. 367)

Segundo Freud, a interpretação incide sobre um elemento isolado, enquanto na construção é preciso inferir a parte, a partir do todo que já foi revelado. A construção é uma espécie de “conjectura” em que o analista completa um pedaço da história, e o analisante poderá, em seguida, confirmar ou refutar. Chama atenção no caso *O Homem dos Lobos*, a construção da cena originária em que diante da divisão o menino evacuou, e gritou interrompendo a relação sexual dos pais. Freud considerou que essa construção abarcava a dimensão constitucional do analisante, uma vez que revelava uma fixação que se repetia nos sintomas; embora considerada uma interpretação correta, Sergei a ela não reagiu, de modo que podemos dizer que a mesma não foi integrada.

Freud considerou que quando o analista comunica uma construção incorreta, isso não traz grandes prejuízos ao tratamento, pois essa construção não produz efeitos; o analisante não reage a ela, nem com um *sim*, nem com um *não*; ele permanece como que intocado. A questão do *sim* e do *não* da construção não é tão fácil de ser resolvida, pois depende das confirmações diretas e indiretas do analisante. Um *sim* pode indicar que o analisante reconhece como correto o conteúdo da construção, mas a confirmação pode continuar ocultando o conteúdo, de modo que o *sim* só terá valor se, em seguida, for capaz de produzir lembranças, recordações análogas ou sonhos que complementem e ampliem a construção. Da mesma forma o *não* nada prova da correção de uma construção. Uma vez que toda construção é feita para completar partes, pode acontecer de o analisante ainda não ter tido nenhuma recordação que a comprove ou não ter vencido as resistências para que a revelação do recalçado seja admitida pelo Eu; entretanto Freud afirma que diante de uma expressão como “Eu não havia pensado nisso” significa que podemos estar seguros de que era disso mesmo que se tratava.

Lacan (1964/2008) apontou que quando o sujeito conta sua história, algo que comanda essa sintaxe pré-consciente age tornando a possibilidade de abertura à recordação mais fechada; trata-se de uma resistência do discurso que intervém à medida que o sujeito se aproxima do núcleo do real. A partir daí estaremos no campo da percepção, o que significa que para o sujeito é aí que se situa o *despertar*. Despertar para a realidade inconsciente que, em seu circuito pulsional, insiste em se repetir como encontro falho. Nesse sentido, chamou a atenção de Freud (1937d/2017) que após uma construção correta, os analisantes produziam por meio de sonhos ou de fantasias, algumas “recordações vivas, chamadas por eles próprios de ‘ultranítidas’ [*uberdeutlich*], no entanto eles não se lembravam do acontecimento em si que fora o conteúdo da construção, mas de detalhes próximos a esse conteúdo.” (p. 376) Devido à incrível sensação de realidade Freud comparou o surgimento desses fragmentos do recalcado às alucinações; os fragmentos que agora retornam, com algum tipo de deformação, seriam restos de lembranças do que a criança *viu* ou *ouviu* – o olhar e a voz, destacados por Lacan – numa época em que ainda não sabia falar, e fornecem importantes pistas para as construções. Para Freud essas formações delirantes guardam uma parte de verdade histórica, e constituem-se como tentativas de explicação e reconstituição do passado esquecido.

A construção é uma hipótese formulada pelo analista a partir dos significantes revelados pelo trabalho anterior com a interpretação, para onde convergem os fios da teia da sintomatologia do analisante. Segundo Freud “se executarmos a análise de forma correta, conseguimos que ele tenha uma convicção segura da verdade da construção, que, do ponto de vista terapêutico, tem o mesmo efeito que uma recordação recuperada.” (Id, p.376) A construção visa preencher lacunas de memória, e obter uma imagem consistente e confiável, capaz de gerar uma convicção no sujeito que permita integrar parte de sua história.

Qual é então a importância de construir a cena primária? Trata-se de uma fixação pulsional no encontro com o real, cuja inscrição representacional foi rejeitada, mas as coordenadas de excitação, seu *quantum* de afeto resta e se repete nos sintomas. A importância de construí-la está em revelar o encontro traumático em que um gozo se fixou, e em abrir a possibilidade de o sujeito significantizar esse encontro traumático. Dadas sua estranheza e opacidade, Lacan (1957-1958/1999) comparou a cena primária a um *significante puro*, diante do qual o trabalho analítico esbarra em elementos imaginários altamente resistentes à significação. Pommier (1990) disse que, nesse caso, “a cena é apenas mostrada. Se frases podem ser enunciadas a respeito destas monstrações, as palavras não esgotam o sentido da cena, que continua a insistir tão longe quanto as palavras a levem. (p. 85)

Em *Análise finita e infinita*, Freud (1937c/2017) relacionou o fim de análise à descoberta do trauma originário e sua fixação, e considerou sua importância na resolução da neurose. Em torno desse problema, analistas como O. Rank e S. Ferenczi tentaram formular a abreviação do tratamento. Freud manteve modestas ambições, e considerou ambas tentativas ousadas, porém infrutíferas, na medida em que não haveria como garantir a inteira consecução requerida pela tarefa analítica. O trabalho analítico é frequentemente longo e exige que ao menos duas condições tenham sido cumpridas: o paciente não sofrer mais com suas inibições, sintomas e angústias; e que a suspensão do recalque tenha preenchido as lacunas de memória, tornando consciente tantos elementos de sua neurose que não se tema uma recaída nos sintomas. De fato, do ponto de vista terapêutico, há a possibilidade de curar os sintomas. Para isso, seria necessária uma transformação no Eu capaz de admitir em sua síntese a partes indomadas do Isso, e o poder de dominar os efeitos dos traumas precoces e a força da exigência pulsional, cujas realizações em ato gerariam conflitos com os ideais e valores morais. Atingidas as condições terapêuticas supracitadas, o trabalho analítico poderia ter fim.

Contudo Freud reconheceu os poderes limitados de uma análise, e considerou as dificuldades de manter uma estabilidade psíquica duradoura, impermeável a novas mudanças; também apontou fenômenos ligados à pulsão de morte, que funcionam como resistência à cura e levam à recaída nos sintomas, como o sentimento de culpa, o masoquismo e a reação terapêutica negativa. Segundo este autor, aquele que passou por uma análise continuará sujeito ao conflito com as pulsões, aos acontecimentos da vida e aos golpes do destino; deste modo uma análise não pode assegurar garantias incontestes quanto aos resultados, e torna impossível a profilaxia.

O desaparecimento dos sintomas coincide, muitas vezes com a interrupção da análise, na medida em que, libertados de alguns sintomas, os sujeitos podem se beneficiar de realizações que antes lhe eram impossíveis; mas o bom efeito terapêutico não é suficiente para considerar uma análise terminada, principalmente se o sujeito não fez a descoberta da falta no nível do Outro, e para além dessa, a de sua própria castração. A questão é que essa descoberta é insuportável, pois não sendo mais o falo o sujeito se situa em certa vacilação fantasística, pois não sabe mais o que ele é. Dessa maneira, a análise pode durar tanto quanto os sintomas se reproduzem, e sempre há de haver algum. Por essa via, o analisante se manteria dependente do ato analítico e a análise permaneceria infinita. A questão de que se trata é como proceder para que a análise possa ser finita?

Longe de fazer uma análise exaustiva do rico texto, diremos que Freud (1937c/2017) considerou que mesmo alcançados efeitos terapêuticos satisfatórios, podem restar pontos intocados pela análise; além deles, a inércia, as fixações e a dificuldade em dominar força imperiosa das pulsões – “fenômenos residuais” –, que não assegurariam a plena resolução da neurose. Nesse sentido, o ponto de culminância do texto é a problemática do complexo de castração, que assume diferentes contornos segundo o gênero: a inveja do pênis [*Penisneid*] na mulher e a recusa da posição passiva no homem, diante de outro homem. Para Freud, o *rochedo da castração*, seria a “pedra de toque” [*gewachsenen Felsens*] – o incurável –, a partir do qual a análise não poderia avançar. Atingido esse ponto intransponível, não haveria razão para a análise prosseguir porque ficaria dando voltas infinitas em torno de um problema insolúvel. A análise teria um final nesse ponto. Nesse sentido, Soler (1995a) observa com justeza, que Lacan não aborda o final de análise pela diferença sexual, e mantém-se no nível universal da estrutura, de modo que o ser do sujeito “como efeito de linguagem, sobressai-se ao ser sexuado.” (p. 32).

Lacan (1961a/1998) disse que a pena caiu das mãos Freud (1940b/1992) enquanto escrevia sobre a *Spaltung* do sujeito em *A divisão do eu nos processos de defesa*, justamente quando estava prestes a dar uma solução para a análise infinita. Se Freud destacou a pulsão, o ponto limite da cisão do Eu diante do qual o neurótico se detém no final da análise; por sua vez, S. Ferenczi (1928b/1992) em seu artigo *O problema do término das análises*, ligou o final de análise à fantasia, e afirmou que a principal tarefa no tratamento da histeria estava relacionada à exploração e ao desvendamento da fantasia inconsciente, experiência que, do ponto de vista terapêutico, liberava o analisante de muitos dos sintomas. Para este autor a cura se produz na medida em que o analisante assumir a verdade, o que implica não mais dissimular sobre o desejo, e puder se separar da fantasia, renunciando ao prazer da mentira inconsciente. Ferenczi apontou ainda a importância da análise pessoal como condição que habilita a formação do analista. Estas proposições foram aceitas por Freud, que acrescentou que o analista deveria voltar periodicamente à análise, o que a tornaria infinita.

Lacan soube aproveitar o que as ideias de Freud e Ferenczi tinham de relevante e inventou uma solução para o problema do final de análise. Todavia enquanto Freud afirmava que a análise do neurótico encontrava um impasse diante do rochedo da castração, Lacan (1962-1963/2005) apontou que a angústia de castração, que no final de análise, não deveria ser confundida com a ameaça de castração. A ameaça de castração seria uma experiência atravessável, superável, enquanto a angústia está relacionada à divisão do sujeito que surge no

final da análise; além disso, considerou que se a análise não tira o sujeito do círculo infinito da demanda para a direção finita do desejo, permanecerá presa ao problema da angústia de castração. Passemos então, às discussões em torno da construção da fantasia, como proposição lógica de Lacan para o encaminhamento do final de análise.

3.3.1 Redução e construção da fantasia fundamental

Ao decifrar os significantes recalcados do sintoma uma análise revela o saber do inconsciente; entretanto o complexo de Édipo situa um limite à essa operação na medida em que nenhum de seus traços é suficiente para revelar o lugar do sujeito e do desejo. A cada vez que levantamos o recalque e os significantes se desvelam há o encontro do sujeito com a angústia, de modo que um novo recalque se ergue; assim o rochedo da castração constitui um limite ao mesmo tempo em que infinitiza a análise. Dado esse impasse constatado por Freud, a clínica analítica exigiu o reconhecimento de algo ligado ao Isso, à dimensão pulsional, que se repete e se situa mais além da possibilidade de decifração, o que o encaminhou à formulação do recalque originário, que resiste ao significante e à possibilidade de nomeação. A via para dar conta do “não sabido” não era a interpretação, e sim as construções em análise. Deste modo, de um lado temos o rochedo da castração, e de outro, a relação do sujeito com a fantasia. Conforme apontamos, o que o sujeito é para o Outro da linguagem é justamente o que escapa à possibilidade de significação. Essa dimensão que o causa, que o comanda a partir de sua fantasia fundamental e concerne ao seu lugar de sujeito, lhe é desconhecida.

O desejo no humano surge alienado no desejo do Outro; de início, o sujeito não constituído, é objeto para o gozo do Outro e tem de situar a si mesmo, seu ser, como determinado pelos significantes do Outro. Todavia a posição do que o sujeito é como objeto de gozo para o Outro não é apreensível ao analisante pelo pensamento, pela associação livre, e depende da interpretação do analista. No entanto, um ponto pode ser destacado, o fato de que o desejo do Outro não é qualquer desejo, não é um desejo infinito, mas um desejo estruturado na linguagem com suas regras, e que faz demandas específicas e limitadas ao sujeito. O *conjunto finito de significantes* que marcaram o desejo do sujeito é o que a análise vai revelar.

A estrutura da rede sincrônica dos significantes implica os retornos do automatismo de repetição sobre o sujeito; será destacando o significante que o designou nas identificações que encontraremos o limite diante do qual se detém; é nesse sentido que entendemos a afirmação de Lacan (1961-1962/2003) de que “é na experiência do simbólico que o sujeito deve encontrar a limitação de seus deslocamentos.” (p. 198) Deste modo, por mais que haja uma

falta no nível de $S(A)$, que engendra a metonímia do desejo e faz com que nenhum objeto possa preenchê-la plenamente, o desejo com o qual o sujeito se depara é um desejo finito, regulado pela lei, porque a falta “não a preenchamos de mil maneiras.” (p. 35) Se o tratamento analítico tem um ponto terminável, sua estrutura deve ser delineada; é nesse ponto que a noção de um conjunto finito de significantes se mostra capital para a proposição da construção da fantasia fundamental. Se o trabalho de Freud já havia se deparado com a dimensão imaginária e, de certo modo, simbólica da fantasia; foi de fato Lacan quem recentrou a atenção para a dimensão simbólica, e instituiu um passo importante quanto à dimensão real que se impõe e orienta a direção da cura. Trata-se de pensarmos o que deve ser feito com vistas ao término da análise.

Lacan apontou que a finitude da análise pode ser resolvida a partir da noção de número inteiro, o Um, de que tratamos. Em seu momento de constituição, o sujeito é marcado pelo traço unário, mas na operação de divisão o que fica do seu lado é o Outro como A , de modo que o sujeito não o atinge, e porque não atinge, fica a desejar e instituir sua fantasia. A fantasia é um desejo de restituir o Um, no amor. No matema da fantasia $\$ \diamond a$, no polo $\$$ o que pode ser revelado são os significantes e seu saber limitado, que não recobrem totalmente o campo do a , objeto causa. O não-sabido original, relacionado ao real, resistirá sempre a ser apreendido e permanecerá a impossibilidade de dizê-lo. Apesar desse paradoxo do desejo, autores como Pommier (1990) consideram que há uma reserva de saber não-sabido do Isso capaz de deter o deslocamento metonímico que tornaria a análise tão infinita quanto o desejo. Essa reserva está inscrita e fixada na fantasia. A questão que se destaca então é a de que, se o sintoma é articulado à fantasia, a direção do tratamento exige um tipo de operação lógica que incida sobre a fantasia fundamental, entre o saber inconsciente e o Isso, de modo que possa tonar a análise finita.

Lacan escreveu a fantasia fundamental no campo do Outro, no segundo andar do grafo do desejo. Sua fórmula ($\$ \diamond a$) foi escrita na linha superior, entre a falta de um significante $S(A)$, que situa o sujeito diante do Outro desejante, e a mensagem desconhecida do Outro, que o analisante interroga por meio do sintoma, $s(A)$. Lacan (1957-1958/1999, p. 486-487) relacionou a fantasia fundamental à lógica e a definiu como uma cadeia de significantes – estruturada como uma linguagem –, como uma frase com variações gramaticais, que implica as relações do sujeito com o Outro e com os outros, de tal modo que todos os seus atos e condutas – toda a sua neurose – porta a marca repetitiva de suas relações estruturais. Com a instituição da fantasia fundamental uma escolha é feita, sempre antes que o Eu possa nela se

apreender; e de um modo que o sujeito não consegue articulá-la. Na medida em que está em transferência, a compulsão do tratamento o leva a transferir a realidade inconsciente nos pontos de abertura que permitem sua construção.

Lacan (1960-1961/2010) afirmou que na medida em que o sujeito sofre a divisão e entra no campo da linguagem, ele tem que se constituir na cadeia significante, o que o deixa sujeito à metonímia e a possibilidade de um deslizamento contínuo e indefinido da cadeia que constitui o suporte de seu desejo. Em resposta à fragmentação no nível do significante, um elemento circunstancial pode assumir um valor representativo da enunciação subjetiva, e adquire assim, um valor essencial do objeto para o qual o sujeito se dirige, por se mostrar capaz de deter o deslizamento infinito da cadeia. Partindo dessa consideração, Lacan (1960-1961/2010) apresentou a mais bem acabada formulação sobre a fantasia fundamental:

o próprio sujeito se reconhece ali como detido, ou, para lembrar-lhes uma noção mais familiar, fixado. Nessa função privilegiada nós o chamamos *a*. E é na medida em que o sujeito se identifica à fantasia fundamental que o desejo como tal assume consistência, e pode ser designado, que o desejo, também, de que se trata para nós está enraizado, por sua própria posição, na *Hörigkeit*; isto é, para utilizar a nossa terminologia, que ele se coloca no sujeito como desejo do Outro, grande A. (p. 214-215)

Em contraste com a variedade da “selva das fantasias”, a fantasia fundamental é árida, tem uma secura, mas é dela que parte toda a possibilidade de desdobramentos e variedade das fantasias. Podemos dizer que esse precipitado mais puro do sujeito – a fantasia fundamental –, representa sua marca, o selo que atesta o modo particular mediante o qual institui seu desejo. No seu ponto mais reduzido, a fantasia fundamental corresponde a um modo fixo pelo qual o sujeito só pode se instituir de uma determinada maneira, repetitiva, no desejo. Segundo Lacan (1958-1959/2016) há uma verdadeira servidão [*Hörigkeit*] do sujeito em relação à fantasia fundamental, pois se trata de “uma decisão que, para o sujeito, se torna a marca de que, na verdade, faz sempre a mesma escolha nas mesmas situações.” (p. 422) Descoberta essa fixação, o analista constrói uma ficção que possa ter um valor de verdade para o sujeito.

A construção da fantasia é feita a partir da escansão e da redução dos significantes que se repetem na história do sujeito. Na experiência analítica o sujeito formula o sintoma, a partir do qual vai sendo revelado o conjunto de fantasias que o sustenta. Dado seu caráter sobredeterminado, para cada sintoma, surgirá uma verdadeira *selva das fantasias*. O levantamento exaustivo, a interpretação e a escansão das cadeias significantes permitem destacar determinadas fantasias que se repetem, e revelam uma espécie de denominador comum do desejo. A partir daí, podem ser isoladas algumas frases que, serão decantadas e

reduzidas a uma única frase – uma bateria mínima de significantes –, que funciona como postulado que sustenta a posição do sujeito em relação ao desejo, e à neurose. A frase que se impõe e se repete como modo fixo de gozo na fantasia fundamental concerne à dimensão real.

Lacan (1964/2008) relembra a repetição destacada por Freud quando nos diz que “*o que não pode ser rememorado se repete na conduta*. Essa conduta, para revelar o que ela repete, é entregue à reconstrução do analista.” (p. 124) Mas não se trata de nenhuma estereotipia das condutas, que tornaria transferência e repetição equivalentes; e sim, que a repetição se dá em relação a algo que falta por estrutura, o que a liga à causa. Nesse sentido é preciso lembrar que o segundo momento da fantasia que, por estar à parte da estrutura é impossível ser rememorado. Assim, é preciso seguir a indicação de Lacan de que o discurso do Outro que aí tem de se realizar *está do lado de fora*, é a ele que a construção se dirige. No *Décimo quarto Seminário* Lacan (1966-1967/2008) apresentou uma novidade ao apontar a ideia de uma *frase*, um arranjo significativo, com uma estrutura gramatical articulada numa lógica que está presa à economia da fantasia. Essa frase o sujeito não pode formular, ela é construída pelo analista a partir do conjunto de interpretações que para ela devem convergir. A interpretação visa à construção da fantasia, por isso entendo que Soler (1995) considere que “*não há fim de análise sem que a interpretação tenha operado*.” (p.22) Neste ponto podemos situar uma diferença entre Lacan e Melanie Klein quanto à interpretação da fantasia. Klein interpretava as fantasias porque as considerava a causa dos sintomas, enquanto Lacan aponta que a causa não é a própria fantasia. A fantasia contém a causa, na medida em que nela vemos situado o objeto *a*, mas a causa é a falta no campo do Outro, a fantasia é um efeito da causa. Logo, os analistas lacanianos não interpretam a fantasia, a interpretação incide sobre o desejo, ao passo que a fantasia é construída. Segundo Lacan (1966-1967/2008),

(...) a fantasia não tem nenhum outro papel, deve ser tomado tão literalmente quanto possível, o que se tem a fazer, é encontrar em cada estrutura, a definir as leis de transformação que assegurarão a esta fantasia, na dedução dos enunciados do discurso inconsciente, o “*lugar de um axioma*”. (p. 448)

Lacan situa a interpretação da frase da fantasia como o equivalente de um cálculo lógico, efeito de uma redução que isola as condições impostas pelo significante, que possibilita deduzir uma cadeia correta, e assim permite uma asserção declarativa por parte do analista. Na lógica, o axioma é uma dedução situada como ponto de partida ou princípio de um sistema, do qual ele próprio se encontra excluído. Em sua formulação, a exatidão não é exigida de saída, nem o poderia ser, em razão de a causa ser, desde sempre perdida; mas se torna rigorosamente reconhecível a cada instante no sistema. A frase da fantasia, assim como

um axioma, pode ser pensada como o algoritmo de uma generalidade que sustentou todas as operações, todas as transformações possíveis, enquanto ele próprio tem um caráter imutável.

Freud (1919e/2017) destacou as diferentes formas gramaticais nas quais o verbo que situa a ação do sujeito na fantasia pode surgir, de acordo com a voz ativa, passiva ou reflexiva: *eu vejo* meu pai bater, *eu sou batido*, *eu me identifico* com as crianças que são batidas (equivalente de *eu me faço bater*). Estas frases, seus retornos, inversões, etc., apresentam as variações gramaticais na posição do sujeito em relação às pulsões. É importante apontar que as frases da fantasia podem seguir uma lógica paradoxal, dizer “sim” e “não” ao mesmo tempo, tendo em vista que no inconsciente não há contradição. Nesse ponto, Lacan se valeu da superfície topológica da banda de Moebius, por ser capaz de representar o paradoxo da posição do sujeito na fantasia. Essa figura se revela útil ao mostrar a torsão e, ao mesmo tempo, o campo contínuo em que as diferentes frases estão implicadas.

Freud disse que é por meio da polaridade atividade-passividade que as posições masculina e feminina são apreendidas com angústia pela criança. Lacan apontou que essa polaridade vem recobrir o que resta de enigmático do encontro traumático do sujeito com a diferença sexual; diferença essa que o divide, mas não se inscreve no inconsciente. Trata-se da castração, que tem por efeito a reunião das pulsões parciais em torno do primado genital. A partir de então, a pulsão sexual ficará submetida ao complexo de Édipo, e uma posição sexual é tomada em relação ao falo e ao gozo; ela se dá, mediante uma identificação regulada pelo Ideal de Eu de acordo com a posição feminina ou masculina. Diante dessas posições o sujeito se articula como desejado em sua fantasia inconsciente.

Destacamos que a construção da segunda fase fantasia situa o analisante em relação ao masoquismo primordial, ponto em que, como sujeito decaído, apreende a dor de existir e a possibilidade de ser riscado da existência, e dela retira algum prazer. Segundo Lacan (1958-1959/2016) esse é o ponto no qual o analisante “em sua busca, encontra-se muito perto de sua realização como sujeito na dialética significante.” (p. 141) Vemos aqui a íntima relação entre a sexualidade e a morte. Ao nascer no significante, o sujeito surge dividido. Se a análise passa pelo ponto de abolição do sujeito, produz, como efeito, a possibilidade de o sujeito renascer para o desejo, questão que abordaremos adiante. Lacan (1964-1965) articulou a castração, a realidade sexual e a fantasia na encruzilhada

de alguma coisa pela qual ele [o sujeito] só pode se apreender como caído e dejetado da realidade da qual ele não quer nem pode saber nada; no que faz com que sempre o homem tenha que fugir do impossível da realidade sexual, nesse algo que é o

suplemento lúdico e ao mesmo tempo a defesa, esse algo que conhecemos, sob a forma do que se revela no fantasma enquanto a causa é aí a aposta em jogo do sujeito, sob a forma desse objeto da relação de objeto, aposta em jogo entre os dois termos subjetivos opostos do sujeito e do saber inconsciente. (p. 357)

Ao sofrer a divisão, o sujeito interroga: o ato sexual é possível? A fantasia será uma resposta estruturada pelas condições do significante a essa interrogação. Na fantasia o sujeito dividido (\$) se esforça para reunir o casal parental, e restabelecer o que foi perdido de gozo para castração. Então, será pela escolha (forçada) de um objeto que se inscreve no desejo, a partir da travessia do complexo de Édipo, que o sujeito tentará a re-união narcísica no amor, através da fantasia. Os objetos de amor situados na fantasia terão um elevado valor no *pathos* do sujeito, pois é com eles que poderá responder ao desejo no momento de sua afânise. Aquilo que o sujeito recebe no momento constitucional do desejo é uma espécie de cheque em branco, onde vários significantes poderão se depositar, mas dele só poderá dispor para obter prazer, a partir da puberdade. Ressaltamos que a fantasia, funciona como um obturador que encobre a falta na estrutura; é essa falta que deve ser visada no momento da interpretação da fantasia fundamental.

Podemos dizer que a frase da fantasia não é uma formulação complexa, pelo contrário, sua forma condensada, além de fazer com que permaneça altamente fechada, produz certo descontentamento e até mesmo surpresa no analisante diante de sua extrema redução. Essa observação foi feita por Freud que, ao interrogar mais sobre a fantasia, obtinha apenas a frase “*Não sei. Bate-se numa criança*”; atestando a dificuldade de o sujeito produzir significações. No que se refere à fantasia fundamental há uma perda, falta de saber, de tal modo que a frase se torna uma significação fechada para o sujeito, ele nada sabe d’Isso; ele é deixado na alienação do “eu não penso”; pois dado que há recalçamento, há uma disjunção entre saber e verdade, que não podem ser tomados no mesmo ato.

Ao decantar a bateria de significantes que sustenta a posição do sujeito no desejo com a construção, o analista instaura um ponto redutível na análise que correlaciona a verdade com o desejo. A frase construída deve bem-dizer o sintoma, isto é, ela é equivalente ao que se repete como petição de princípio, de tal modo que sua nomeação cumpre para o sujeito a função de “Eu, a verdade falo”. Essa construção exige do analista uma asserção capaz de revelar a verdade da posição que sustenta a neurose do sujeito, e ele deve ser verificá-la no futuro anterior, na forma de um “terá sido assim”. Para Lacan o essencial não é que a construção seja verdadeira ou falsa, já que comporta paradoxos, mas que o sujeito possa verificá-la com todo o seu ser. A construção da fantasia completa, de certa forma, partes que

faltam ao sujeito, e produz um ponto redutível, na medida em que essa interpretação não está aberta a todos os sentidos. Pommier (1990) salienta que apesar de ser uma asserção, a construção da fantasia não é da ordem de uma explicação, nem fornece chave compreensiva; essa é uma dificuldade do momento de interpretá-la, tornando-a uma proposição.

Examinemos agora o caráter paradoxal da fantasia e sua relação com a construção e a significação. A interpretação da frase da fantasia se dirige à *Spaltung*, isto é, à realidade da divisão do sujeito no sexual; pois é no instante privilegiado da divisão que o desejo se fixa. Trata-se de um ponto redutível da cadeia significativa que anima o desejo do sujeito. Ocorre que no ponto de divisão há também o excesso de um gozo traumático que é inassimilável pelas vias simbólicas. Por concernir à ordem do real, a causalidade na qual a fantasia fundamental está implicada, padecerá sempre de sentido. A experiência clínica aponta que os significantes primordiais da fantasia fundamental são enigmáticos e altamente resistentes à significação, são puro não-senso. Lacan (1964/2008) afirmou que a interpretação “tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível. É preciso interpretar no nível do S, que não é aberto a todos os sentidos, que não pode ser não importa o quê, que é uma significação, apenas aproximada, sem dúvida.” (p. 236)

O axioma da fantasia fundamental permite uma formalização importante delimitando o final de análise; de um lado situa a finitude do desejo e de outro a infinitização do sujeito. Trata-se de verificá-lo com uma lógica matemática. Na medida em que o zero, ligado ao significante primordial é isolado e aparece no denominador, o valor da fração, da divisão, perde o sentido, pois ganha um valor infinito, assim Lacan afirmou que “no que o significante primordial é puro não-senso, ele se torna portador da infinitização do valor do sujeito, de modo algum aberto a todos os sentidos, mas abolindo todos, o que é diferente.” (Id, p. 238) É nesse ponto que vemos surgir a liberdade do sujeito.

No Seminário *A lógica da fantasia*, Lacan (1966-1967/2008) afirmou que se partimos do axioma de que não existe universo do discurso, a linguagem não pode constituir um sistema fechado; assim, o significante não pode significar a si mesmo. Se tomarmos a propriedade do paradoxo de Russel, de que o “catálogo de todos os catálogos não se contém ele mesmo”, e aplicarmos à lógica da fantasia, diremos que o traço unário equivale a esse significante que não se diz, mas que sustenta a bateria, estando ele próprio, excluído. Trata-se de um significante não apreensível na cadeia, um significante purificado, extremamente reduzido, articulado como distinto de todo significado, e que, por englobar toda a cadeia, ele

não significa mais nada. Em razão da exclusão do traço unário, a fantasia fundamental virá se repetir, sempre de uma mesma forma, buscando recuperar essa marca primeira perdida.

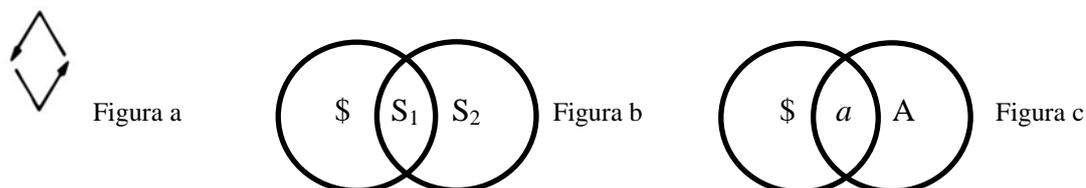
A dimensão terapêutica libera o sujeito do sintoma, contudo a orientação dada por Lacan para o final de uma análise se dirige à causa, o que o sujeito tem de mais íntimo, sua divisão. Lacan (1964/2008) afirmou que a causa é “uma função do impossível sobre a qual se funda uma certeza.” (p. 124) O sintoma está do lado da dinâmica, enquanto a fantasia fundamental é estática, concerne ao real, ao que se repete no mesmo lugar. De um lado há o conjunto finito de significantes do sujeito que dirigem a construção da fantasia, de outro, o objeto *a* que, por ser relacionado à causa será um ponto irreduzível, restará sempre como falta inominável. É a esse indeterminado do sujeito, que uma experiência analítica se dirige. Podemos nos aproximar da causa, construir uma ficção, mas a própria causa permanecerá causa perdida.

Nesse momento de seu ensino Lacan (1964/2008) admitiu que a redução significante “é uma interpretação significativa, e que não deve faltar. Isto não impede que não seja essa significação que é, para o advento do sujeito, essencial.” (p. 237) O importante é que o sujeito veja para além de uma possível significação o significante traumático, o não-senso a que está assujeitado. Trata-se de um ponto absoluto, sem nenhum saber, a partir do qual se liga todo o desejo. O sentido da posição que ocupa na fantasia fundamental permanece opaco para o sujeito, que não pode articular inteiramente como Eu. Assim, a verdade concernida pela construção da fantasia é não-toda e implica suportar uma falta no campo do saber quanto ao desejo. Apesar disso, além de permitir um ponto em que a análise possa ser finita, a construção da frase da fantasia poderá introduzir algo novo, ela é uma criação que introduz um efeito de sentido se permitir ao sujeito integrar aquilo que do real padece de significação.

3.3.2 Alienação e separação

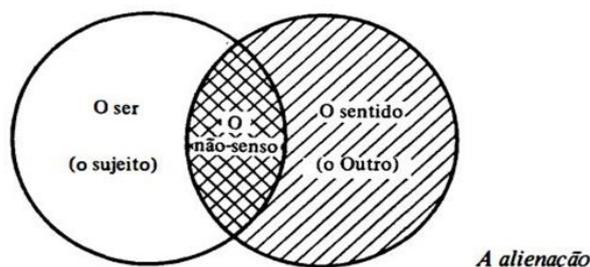
A questão que formulo para seguir a tese é como produzir efeitos de separação em relação à fantasia, permitindo sua desconstrução e travessia? Retornemos mais uma vez ao corte, a partir do qual vai se engendrar a relação do sujeito com o Outro. Em termos lógicos, o objeto *a*, é o que cai com o corte que instaura o significante no real. A borda do corte foi representada por Lacan (1964/2008, p. 198) por vetores que vemos na Figura a, na forma do losango que representa o punção (\diamond). Essa imagem guarda semelhança com o elemento central dos dois conjuntos representados nos círculos de Euler, nas Figuras b e c; e estão ainda relacionados aos círculos do toro, de que tratamos. Partindo do corte, que comanda as duas

operações fundamentais de causação do sujeito: a alienação e a separação, Lacan (1966-1967/2008, p. 19) apresentou as figuras abaixo, que auxiliam a situar a clínica da fantasia:



Relacionando as Figuras b e c vemos representado no círculo da esquerda o sujeito (\$), e no círculo da direita o Outro (A). Conforme apontamos, o sujeito não é causa de si, já que o “ser” é fundamentalmente vazio – falta-a-ser –, e sua constituição se dará no campo do Outro (A), onde estão os significantes ($S_1, S_2...$) a partir dos quais terá de surgir, submetido à ordem da linguagem. A primeira alienação, portanto, é a captura do sujeito no significante, que o torna falante – *parlêtre* – como diria Lacan. No primeiro encontro que o sujeito, em vias de constituição, tem que fazer com o Outro se aliena no desejo do Outro. Nesse encontro primitivo, o significante unário S_1 , vem a ser o primeiro significante do sujeito. É ele que vem nomeá-lo, dando-lhe sua marca distintiva, no entanto é excluído da cadeia. S_1 é também o significante que representa o sujeito para outro significante, o significante binário da cadeia de significantes (S_2) [*Vorstellungsrepräsentanz*]. Enquanto isso, na figura c, escrevemos nos círculos de Euler, os elementos da fantasia, de onde vemos que o que surge da relação do que virá a ser o sujeito (\$) com o objeto *a* se articula num primeiro círculo cortado pelo círculo do Outro, na intersecção vemos o objeto *a* como representação da falta central que institui a estrutura do desejo. Esse campo representa a operação de separação que tratarei adiante.

O *v* da metade inferior do losango do punção da Figura a, representa o *vel da alienação* como operação de constituição primeira. O *vel* da alienação só se suporta pela *reunião*, de forma que qualquer que seja a escolha haverá por consequência a falta, a eleição paradoxal *nem um, nem outro*. A alienação tem um valor clínico incrível nos impasses da neurose obsessiva, por exemplo, em que o sujeito se detém numa impossibilidade de desejar. Quando o sujeito aparece em um lugar como sentido, no outro ocorre o *fading*, e ele desaparece, se eclipsa como sujeito. Trata-se da *reunião*, tal como entendida pela teoria matemática dos conjuntos, operação diferente do *ou... ou*, e da adição. A reunião designa propriedades com elementos que pertencem a dois (ou mais) conjuntos ao mesmo tempo. Lacan (1964/2008, p. 200) representou o paradoxo da seguinte forma:



O primeiro significante, S_1 , é aquele que se torna recalcado e funciona como centro de atração a todos os recalques posteriores; por sua vez, S_2 representa todo o conjunto de significantes. O S_2 ao vir representar o sujeito junto a S_1 tem por efeito a *afânise*. Segundo Lacan (1964/2008), o sentido surge no campo do Outro (A), da articulação entre S_1-S_2 , e “é da natureza desse sentido, tal como ele vem a emergir no campo do Outro, ser, numa grande parte de seu campo, eclipsado pelo desaparecimento do ser induzido pela função mesma do significante.” (Id, p. 200) Assim, se escolhermos o *ser* do sujeito, o sentido desaparece, cai no *não-senso*, já que o ser é fundamentalmente vazio; por outro lado, se escolhermos o *sentido*, ele se petrifica, e desaparece o *não-senso* que representa o sujeito do inconsciente.

No seminário *Problemas cruciais para a psicanálise*, Lacan (1964-1965/2006) disse que a psicanálise e os procedimentos de sua experiência, não seriam pensáveis antes do estatuto do sujeito introduzido por Descartes. Freud se encaminhou para a verdade do desejo, subvertendo o cartesianismo, ao afirmar o *eu penso* do sujeito como um saber do qual o Eu nada sabe. A divisão entre o *eu penso de sentido* e o *eu penso de ser* coloca o problema de que o sujeito não está fundado no acúmulo histórico do saber, e sim nos tropeços, nos intervalos onde se encontra seu estatuto como aquilo que faz falta ao saber. Segundo Lacan a alienação representa a escolha necessária do *não penso* no nível do Eu; conjugado com o outro elemento que reúne o nó inconsciente, mas que não diz respeito a nenhum pensamento atribuível ao Eu, trata-se do *não sou*, que não comporta qualquer escolha.

Enquanto a alienação está fundada na reunião, a *separação* se funda na interseção ou produto, e é constituída por elementos que pertencem aos dois conjuntos. Na interseção vemos o não-senso, relacionado tanto a $\$$, quanto a \bar{A} , e representa à falta de sentido inconsciente como resto da operação de constituição do sujeito. Assim, a separação deve ser pensada em relação à *Ichspaltung*, fenda na qual o sujeito se realiza na perda em que surgiu como sujeito do inconsciente. Este circuito está relacionado à descoberta de Freud da relação entre a pulsão de morte e a sexualidade, representada pela reprodução sexuada que implica a ligação do humano ao outro. Lacan retomou os sentidos latinos da palavra *separare* e mostra

que ela significa engendrar-se, pôr no mundo, munir-se do necessário. Trata-se da operação de separação do par S_1-S_2 , correlativa ao recalque originário, a partir da qual S_1 ficará fora da cadeia. Sabemos que é no encontro com a falta do Outro (\mathcal{A}) que o a separador cai, e produz o corte da posição de alienação fundamental para que surja o sujeito em seu próprio nome. Na separação se introduz a função da liberdade fantástica em que aparece o sujeito ao tentar se desembaraçar do efeito da afânise. A partir daí, surge o S_1 , a diferença pura, a verdade particular do sujeito em sua significação absoluta: “*Tu és isto*”. Todavia o significante S_1 sozinho não significa nada.

Retomemos o problema da fantasia no ponto em que a criança entra no campo da linguagem e desde cedo encontra no discurso do Outro as falhas, as lacunas, as separações, que se tornam evidentes na fase dos *por quês?* Mesmo depois de obter uma resposta a criança continua a questionar o que lhe é dito. Uma vez que os ditos dos adultos não respondem inteiramente, permanece o enigma devido à fratura do Outro na linguagem (\mathcal{A}). Por esse desconhecimento do desejo do Outro pode, inclusive, se produzir o engano, o equívoco em que o desejo do sujeito se constitui. Nesse ponto em que faltam garantias, a criança percebe a perda no campo do Outro, e o primeiro objeto posto em jogo em relação à separação do Outro é a fantasia de sua própria perda, a fantasia de sua morte, na forma: *pode o Outro me perder?* Paralelo à apreensão da morte está o encontro traumático com o real da diferença sexual, a partir do qual a criança produz fantasias visando forjar o sentido do sexo. Ambas as clivagens, situam as relações do humano suscetíveis de presentificar a relação entre o sexual e a morte. É tentando preencher a falta de sentido que a fantasia surge como um obturador.

Para Lacan a Banda de Moebius é capaz de representar para nós o suporte estrutural da constituição do sujeito como divisível. Para dar conta da fantasia como sutura à fratura do Outro, Lacan (1964-1965/2006: p. 423) achatou uma banda de Moebius conforme vemos na figura a seguir, e destacou um ponto no circuito em que o direito vem se reunir ao seu avesso; precisamente nesse ponto, uma junção tenta soldar a *Entzweiung* [divisão], na borda que liga o sujeito ao saber, é aí que se situa a fantasia, no nível das posições subjetivas do ser em que se articula a relação entre os três termos – o sujeito, o saber, e o sexo, cuja tríade forma um nó articulando os registros real, imaginário e simbólico:

como sujeito neste *a* que fui para o desejo do Outro, e nenhum desnodamento é possível no enigma de meu desejo sem esta repassagem pelo objeto *a*.” (Id, p. 429) É por essa passagem, qualificada como *desfiladeiro*, que as imagens de *a* que compuseram o Eu deverão cair, uma a uma, até surgir o ponto irreduzível do *nada ser*.

Ao entrar no campo da linguagem e se submeter ao significante e suas leis, há uma desertificação, uma perda de gozo para o sujeito. Lacan disse que o gozo é gozo do corpo, mas a experiência de castração impõe ao sujeito uma falta de gozo que o põe nas vias de sua busca. Essa perda é o que questiona o neurótico em seu estado de insatisfação quanto ao ato sexual; o que ela revela é a disjunção entre o gozo o prazer. A insatisfação leva o neurótico a produzir devaneios de gozo, bem como o leva a gozar justamente no que lhe traz mal estar, isto é, nos sintomas que se tornam sua atividade sexual. Com a subjetivação do corpo pelo sujeito, o gozo fica restrito a determinadas partes. É nesse ponto que o sujeito faz a regressão aos objetos que se situam nas fronteiras, nas bordas do corpo. Em relação a essas zonas a fantasia ganha valor ao fazer uma sutura que visa a obter prazer onde houve perda de gozo. Nesse ponto que interrogamos: como o gozo pode ser manejável na situação analítica?

Desde o momento em que interroga o desejo do Outro o sujeito se implica no gozo, é ali que poderá reencontrar sua alienação no desejo do Outro. Lacan (1966-1967/2008) disse que “ao lado da alienação subjetiva – quero dizer dependente da introdução da função do sujeito – que porta sobre o gozo, há uma outra que é aquela que está encarnada na função do objeto *a*.” (p. 422) Essa alienação requer uma intervenção sobre outro tipo de identificação, sobre aquela relativa ao *a* no circuito da pulsão. É no *a* que se refugia o gozo que não se submete ao princípio de prazer; então a intervenção analítica se dará sobre o objeto *a*, por meio do qual poderá haver uma separação capaz de permitir ao sujeito sair do circuito da alienação. A interpretação do analista visa ao corte nos pontos da regressão do discurso onde houve identificação.

Nesse ponto, Lacan (1964/2008) afirmou que, inicialmente, se trata de um reconhecimento da pulsão “que permite construir, com mais certeza, o funcionamento dito por mim de divisão do sujeito, ou de alienação.” (p.228) É no intervalo entre os dois significantes – S_1 e S_2 – que vige o desejo que a análise visa a revelar. O objeto causa do desejo é o que movimenta a pulsão, mas não é ele mesmo formulável, logo ele não se reduz aos objetos imaginários da série de $i'(a)$ que uma análise revela. No matema da fantasia $\$ \diamond a$, podemos dizer que em $\$$ tendem a se fixar os sentidos, enquanto em *a* encontraremos a série de

identificações que deram ao sujeito sua posição ilusória de “ser” visando recuperar a completude imaginária, mas essas imagens não passam de uma tapeação que encobre o buraco relativo à causa material. Lacan chamou atenção ainda, de que a alienação não é no sentido, na eleição *nem um nem outro* algo se perde, ou o próprio todo, é aí onde se situa o *a*.

Na clínica analítica, para ser idêntica ao desejo, a interpretação deve, de forma retroativa, se situar em relação ao corte que revela o *a* como causa. A separação produz um momento de vacilação na consistência imaginária do Eu, tal como ela estava sustentada. O corte que implica o desejo incide sobre a estrutura fantasística, desestabilizando a cristalização do sentido, obrigando-o a ceder o objeto *a*; essa operação remete o sujeito à *falta-a-ser*. Então, será pelo corte, ali onde inicia a angústia, que o sujeito poderá sair do círculo infinito da demanda, o que se dá na medida em que o sujeito integra o fato de que o objeto da demanda é impróprio para satisfazer desejo. É diante dessa falha que o sujeito pode formular seu próprio desejo.

Uma das principais consequências clínicas que retiramos da alienação e da separação é a de que a interpretação por ser uma consequência da lógica da fantasia não deve visar o sentido. Deste modo, Lacan (1964/2008) diz que se trata de “reduzir os significantes a seu *não-senso*, para que possamos reencontrar os determinantes de toda a conduta do sujeito.” (p. 201) O exemplo retomado por Lacan foi o do *licorne* em que Leclaire decantou o significante irreduzível *Poordjeli*. Podemos dizer que *Poordjeli* é a marca radical do sujeito que se torna legível à interpretação do analista, mas é um significante insensato. Sua interpretação não é o fim da análise; nesse sentido, Lacan adverte que “não se trata de reduzir a função do significante à nomeação, isto é, uma etiqueta colocada sobre uma coisa.” (Id, p. 22) Não há universo do discurso, assim nenhum significante contém em si mesmo a significação do desejo. O final da análise não resulta nesse tipo de identificação do analisante, mas na separação de seus modos de gozo, o que termina a circularidade entre o sujeito e o Outro, e está representada pelo símbolo Λ . A interpretação de Leclaire gerou muitas discussões entre os analistas, então Lacan (1966b/1998) afirmou com precisão que “não é o efeito de sentido que opera na interpretação, mas a articulação, no sintoma, dos significantes (sem nenhum sentido) aprisionados nele.” (p. 856) Em termos clínicos, significa que o sujeito renuncie à possibilidade de significação, de ser representado no significante (*non-sense*), e assim ele se torna suscetível de tornar-se equivalente ao próprio *a*. Lacan (1964/2008) disse que “o de que o sujeito tem que se libertar é do efeito de afânise do significante binário e, se olharmos de perto, veremos que, efetivamente, não é de outra coisa que se trata na função da liberdade.”

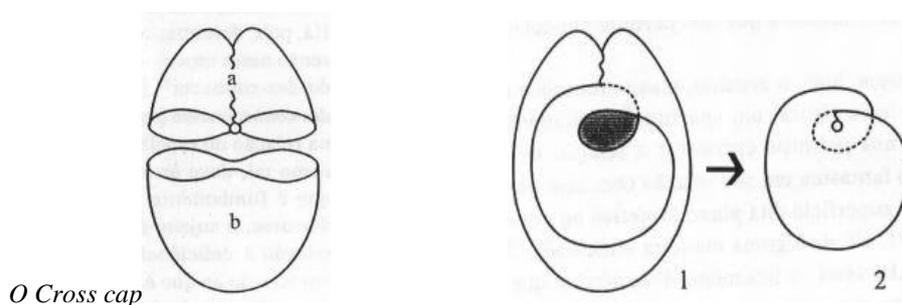
(p. 208) Liberdade metonímica para desejar. Foi na direção da desconstrução dos sentidos imaginários que Lacan (1966b/1998) se referiu à interpretação.

Lacan abordou o “não penso onde sou” e o “sou onde não penso”, apontando o *vel* da alienação a partir do qual há uma escolha forçada: *ou* o pensamento, *ou* o ser, na forma do “*Ou Eu não penso, eu não sou*”. Essa divisão, podemos vê-la com nitidez na economia perversa de gozo da fantasia, através da frase “*uma criança é batida*”, que mantém uma significação fechada, e impede o sujeito de se reconhecer como objeto de gozo pela via da associação livre. O Eu nesse ponto máximo de dessubjetivação não pode ser incluído, permanece “*eu não penso*”. Nesse ponto, Lacan afirma que “se ela esta ali é na medida em que ela pode ser chamada para desvelar a outra, a rejeitada.” (p. 416) É na medida em que a estrutura gramatical “*Eu não penso*” é formulada que a interpretação encontra a medida de compreensão relativa ao “*Eu não sou*”. É no ponto em que completa a parte que falta, que a interpretação possibilita ao sujeito reintegrar essa porção do inconsciente, “*lá onde Isso era*”. O Isso está, portanto, relacionado a tudo o que *não é Eu*, a saber, ao resto da estrutura lógica gramatical; o saber envolvido nos pensamentos que formam as fantasias é do nível do “*Eu não sou*”. Somente a partir da revelação dessas cadeias de pensamento, uma verdade “*lá onde Isso era*” pode ser restabelecida e integrada. Nesse sentido, Lacan (1966-1967/2008) disse que

aquela que pode nos trazer passar desse estatuto do sujeito, enquanto sujeito das pulsões escopofílicas e sadomasoquista, ao estatuto do sujeito analisado – na medida em que, para ele, tem um sentido a função de castração. Isto que nós chamaremos *operação de verdade* – porque, como a própria verdade, ela sopra e se realiza onde quer, quando ela fala – isto, que tem sido ligado à descoberta à irrupção do inconsciente, ao retorno do recalcado: isto nos permite conceber porque podemos reencontrar a instância da castração no objeto-núcleo, no objeto-*core* (c - o - r - e) para dizê-lo em inglês, no objeto em torno do qual gira o estatuto do sujeito gramatical. (p. 153)

Lacan (1966-1967/2008) partiu de relações estruturais e topológicas para demonstrar a não separação primitiva em que o desejo é a própria essência da realidade; e disse que para fazer a fantasia é preciso o *prêt-à-porter* do desejo e da realidade, Ambos estão tramados num mesmo tecido, sem corte e sem costura, tal como a estrutura do *cross-cap* e da garrafa de Klein. Essas duas figuras topológicas derivadas da banda de Moebius, são capazes de metaforizar a estrutura da fantasia; nela fica nítido que, embora a fantasia tente dar cobertura à falta-a-ser do sujeito, essa função restará sempre falha, mal acabada, em razão do ponto irreduzível na estrutura. Esse ponto pode ser visto no centro do oito interior, que organiza e comunica a e b, que representam o sujeito e o objeto, respectivamente. Na figura abaixo, um corte na peça central do *cross-cap* (1) destaca sua estrutura mínima que representa o sujeito, o

oito interior (2), onde vemos que a volta da banda de Moebius tenta recobrir, velar o buraco central por onde se introduz o objeto *a* (*b*):



A figura 2 permite ver a dupla volta, o “oito invertido”, que Lacan (1966-1967/2008) associou à repetição, na medida em que “o traço onde se sustenta o que é repetido, enquanto repetente, deve se fechar, deve reencontrar a origem: aquele (esse traço) que, por este fato marca desde então o repetido como tal.” (p. 195) Esse traço evasivo, o detectamos na experiência da repetição, desde que o sujeito começa a se contar na análise.

Outra questão a ser visada na fantasia é que ela contém paradoxos que podem ser representados pela banda de Moebius. Freud afirmou que o inconsciente desconhece o princípio de contradição representado pela negação. Dissemos que devido à divisão estrutural há uma impossibilidade de o sujeito reunir ao mesmo tempo sequências heterogêneas da fantasia, de modo que seus paradoxos se mantêm na forma de *vel*; isso torna impossível para o sujeito reconhecer seu desejo na associação livre. Assim, quando o sujeito localiza uma sequência da fantasia a outra lhe escapa; por exemplo: “ou gozo do Outro ou gozo fálico”, “ou bem o gozo da mãe ou bem o assassinato do pai”, etc. Pommier (1990) afirmou que se o sujeito “pudesse perceber esta contradição, isto seria reconhecer o impasse que regula seu gozo, quer dizer, a castração.” (p. 129) Nesse caso, a interpretação analítica pode ser a citação de uma sequência da fantasia inconsciente enquanto a outra é enunciada pelo sujeito, de modo que as duas não só possam entrar em continuidade, como sejam capazes de implicar a causa do desejo, dando lugar a que a verdade dos sintomas possa se inscrever. No ponto em que a interpretação incide, implicado a ausência do ser que causa o desejo, se dá uma suspensão da compreensão, já que a causa do desejo resiste a significantização.

Uma das dificuldades da interpretação é que, de um lado situa-se o Isso (o *não sou*) e a montagem das pulsões, cuja forma gramatical corresponde à estrutura da frase *uma criança é batida*, estrutura que não é comentada, ela apenas *se mostra*; do outro lado, temos o inconsciente, os significantes (representação-coisa) articulados em cadeia, que estariam no

avesso na banda de Moebius. Pommier (1990) aponta a temporalidade da interpretação no manejo da transferência ao situar esse momento como “aquele em que duas sequências heterogêneas da fantasia estão, temporal ou significativamente, suficientemente próximas para serem elevadas uma à altura da outra.” (p. 135) Tornar uma construção o que a montagem da fantasia põe em cena é a arte do analista. Para Lacan (1966-1967/2008) se o Eu está excluído nessa fantasia, a interpretação se torna necessária, e deve ser construída pelo analista de modo a que possa advir o sujeito *onde Isso era*. No exemplo, trata-se do reconhecimento de que seja *ela* a criança batida e possa se experimentar nessa posição *a*.

A fantasia tenta harmonizar a divisão entre dois polos opostos, um ligado ao gozo materno (gozo do Outro); e o outro ligado à identificação paterna com o ideal de Eu, representado pelo gozo fálico. O terceiro modo de gozo que se apresenta na fantasia é a fantasia fálica, por meio dela o sujeito se torna *Um* que tenta resolver a contradição entre as duas fantasias opostas e sustentar a existência da relação sexual por meio de uma identificação com a cópula do casal. A fantasia fálica é o que dá consistência e permite o funcionamento da fantasia fundamental do neurótico, estando articulada à fantasia uma criança é batida. Dissemos que existe uma série finita de respostas do sujeito em relação ao gozo, trata-se então de que na interpretação o analista faça uma alusão que consiga sustentar as diferentes sequências da fantasia, já que o sujeito, por estrutura, não pode perceber num mesmo ato a totalidade – continuidade e heterogeneidade de sua fantasia –, sem que parte do circuito moebiano fique encoberto. Assim, não basta a verbalização das duas fantasias heterogêneas, a construção que visa ao corte deve incidir precisamente na terceira sequência da fantasia, aquela que faz a junção para tentar suturar a falta-a-ser por meio da identificação ao falo. Pommier (1990) aponta ainda que

encontrar a “citação” do paciente que permitirá o corte interpretativo não requer apenas o tempo necessário à construção da fantasia em todas suas sequências e o tempo de sua redução temporal. Sua operação não requer apenas a coragem e a vivacidade do analista. É preciso ainda a chance do feliz encontro significativo, aquele que, equilibrado, não irá tombar nem para um lado nem para o outro da fantasia; aquele que ficará sobre a linha sem restar a qualquer redução significativa nem a qualquer racionalização escolar. (p. 132)

De um lado a interpretação da fantasia fundamental não é equívoca, ela contém uma verdade, embora não-toda, que situa o ponto terminal, que funda a causalidade do sujeito. Essa interpretação visa o corte onde a fantasia fez sutura. Lacan (1961-1962/2003) fez uma alusão à interpretação ao demonstrar o que acontece após o corte quando a banda de Moebius é seccionada. Essa figura topológica de uma única face sofre uma mudança em sua superfície

após o corte, e se transforma em duas estruturas, com duas faces, com propriedades, portanto, diferentes da própria matriz. O corte produz *transformação*, e se torna capaz de produzir um momento de desmoronamento da fantasia e das coordenadas imaginárias que sustentavam o ser do sujeito, produzindo um *efeito de verdade*. Geralmente uma interpretação desse tipo não produz compreensão, ela é seguida de surpresa ou silêncio, mas seus efeitos se fazem sentir por muito tempo.

Lacan (1964-1965/2006) apontou que a construção da fantasia não comporta nenhum exercício de poder ou mestria por parte do analista, “levar o paciente a seu fantasma original, não é ensinar-lhe nada. É aprender com ele como fazer.” (p. 358) O analista poderá acompanhar os ganhos da análise a partir daquilo que o analisante faz com sua divisão. Do ponto de vista terapêutico a construção da fantasia fundamental não a dissolve, mas permite mudanças na posição do sujeito por ser capaz de produzir uma desconstrução imaginária dos modos fixos de gozo nos sintomas. De outro lado, dada sua extrema condensação, haverá sempre uma opacidade da construção relativa à dimensão do real, que como tal, porta um resto impossível de ser dito e modificado. Se não pode ser modificado, resta saber o que o sujeito faz com isso, o que nos leva a pensar os efeitos da separação, que dão ao sujeito a liberdade de operar a partir da própria falta. Para Lacan (1964/2008) uma ciência que vise à verdade, ainda que não-toda, deve se situar no ponto capaz de romper a alienação do sujeito no Outro, e operar no nível da separação, encarando o problema do gozo. Assim, torna-se nítida a frase de Lacan de que a fantasia conduz à dimensão ética da análise, pois é por meio do ato que o sujeito poderá advir no desejo. É articulandoos fantasia e ato que seguiremos.

3.4 Da fantasia ao ato

Segundo Lacan (1957/1998) “o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações.” (p. 518) foi para mostrá-lo que Freud (1901b/1992) escreveu *A psicopatologia da vida cotidiana*. A ação humana está sempre articulada com a tentação de responder ao inconsciente. Considerando o valor da ficção trágica, no ela que guarda de analogia com a *esquize* humana no desejo, proponho agora situar algumas coordenadas da fantasia ao ato, a partir de considerações sobre a peça *Hamlet, o príncipe da Dinamarca*, discutida por Lacan (1958-1959/2016) em várias aulas no Seminário *O desejo e sua interpretação*, que leremos em paralelo ao seminário *A angústia*. Essa leitura permitirá seguir a *sucessão de cenas* em que se institui o circuito do desejo, a partir do qual destacaremos o caráter de repetição da montagem da fantasia. Trata-se de indicar uma determinação temporal do sujeito na estrutura

do ato, considerando que Freud comparou a fantasia a um colar de pérolas que interliga presente, passado e futuro; a partir disso poderemos relacionar o ato com o final de análise.

Lacan partiu da pista deixada por Freud de que a estrutura de Hamlet é a do desejo humano fundado na universalidade do complexo de Édipo. A questão que levantou é a mesma que intrigou diversas gerações de comentadores, a saber, o ato em Hamlet – *por que Hamlet não age? O que o impede?* – Entretanto, para respondê-lo, Lacan realizou um caminho original que vai da estrutura da fantasia à revelação do desejo do personagem. Nesse ponto, este autor adverte que não se trata de psicanálise aplicada, e sim psicanálise teórica. Hamlet de fato não é um sujeito em análise, não é um neurótico, ele é um personagem construído por Shakespeare, mas seu discurso tem um valor de verdade, na medida em que expressa algo profundamente relacionado ao desejo do neurótico. De nossa parte, destacaremos a *play scene* e a cena do cemitério como aquelas em que a estrutura da fantasia se revela de forma contundente, e veremos o quanto ambas relacionam o sujeito com o desejo, e com o ato.

Uma das fibras da revelação do desejo de Hamlet aparece na *play scene* – a *cena dentro da cena*. Trata-se da encenação pública de uma peça em que o herói fez alguns ajustes na montagem de uma peça do teatro grego, cujo enredo continha uma cena de assassinato análoga à da morte de seu pai. O objetivo era usar essa encenação como uma ratoeira para revelar os culpados pelo assassinato do rei. A estrutura da montagem da cena denunciaria os desejos de cada um; ou seja, a ideia era fisgar a consciência de Cláudio que, não suportando ver a encenação de sua culpa, trairia a si mesmo revelando-se o assassino. Todavia, na encenação aconteceu um efeito inesperado que mostra a estrutura do *Eu não penso*. Podemos dizer que a imagem em cena de seu duplo, $i'(a)$, o situou no *instante de ver* no espelho o quadro em que sua imagem especular $[i(a)]$ estava implicada, embora não houvesse ainda, a chance de admiti-la. No nível dos efeitos no Eu, quem de fato teve uma crise de agitação foi Hamlet, ao ver representado seu próprio desejo parricida. Lacan apontou o estado de *efusão* do personagem, termo cujos sinônimos são: travessia de um gás, saída, separação, derramar água no batismo e queda de potência. A partir de tais sinônimos poderemos interrogar: a partir daí há um esboço, uma espécie de pressão para o ato, que o faria sair do estado de inibição?

O que se passou no nível da fantasia na cena anterior está encadeado aos efeitos da cena seguinte, quando Hamlet tem a oportunidade de cometer o ato de vingança, mas vacila, se encontra impedido de desferir golpes fatais contra o rival; eis o problema do ato. Lacan (1962-1963/2005) fez comentários preciosos no seminário *A angústia* a respeito da dimensão

da ação, no que esta pode se deparar com o impedimento. No impedimento trata-se de uma verdadeira queda de potência que faz com que, no mesmo movimento em que o sujeito se dirija para o gozo, ele se depare com o limite da castração, e essa rachadura atinge a imagem do Eu. O desejo de Claudio era idêntico ao de Hamlet, com a diferença que Cláudio realiza a fantasia incestuosa que Hamlet, não ousaria. Devido à identificação com Cláudio, o herói procrastina, dá uma desculpa de escrúpulo de consciência e alega que Cláudio estava de joelhos rezando, e se morresse assim iria para o céu. Mas, afinal de contas, Hamlet não realiza a ação porque era a imagem de seu duplo que estava em jogo naquele momento; e é essa imagem que ele poupa do golpe. Concluímos então que a motricidade da crise de agitação não pode ser confundida com o ato no sentido empregado por Lacan (1962-1963/2010) quando afirmou que “falamos de ato quando uma ação tem o caráter de uma manifestação significativa na qual se inscreve o que poderíamos chamar de estado do desejo. O ato é uma ação na medida em que nele se manifesta o próprio desejo que seria feito para inibi-lo.” (p. 345) Então, diremos que ver a estrutura especular da *play scene* é ainda insuficiente; Hamlet só poderá dar corpo ao ato de vingança quando tiver um desejo seu.

Na cena seguinte Hamlet é chamado ao quarto da Rainha que não suporta mais a situação. Antes, Hamlet é advertido pelo fantasma do pai a se interpor no desejo da Rainha entre seu desejo de mãe e o desejo por Claudio. É como alienado, que Hamlet vai ao quarto da mãe para interrogar *O que sou no desejo do Outro?* É o desejo da Rainha que está em questão; todavia o questionamento da honra, da vergonha e os reproches morais de Hamlet não são suficientes para demovê-la do gozo que encontra em Cláudio. É na estrutura do Édipo que o desejo humano está fundamentalmente articulado; Hamlet não tinha um desejo seu; era sempre na dependência da demanda do Outro que tentava fundar seu desejo. Evidentemente a pergunta *to be or not to be*, visava ao Outro, de quem esperava alguma garantia. Mas Hamlet tem sua demanda frustrada ao tentar rivalizar com Claudio o amor de sua mãe; ao mesmo tempo, não podia assumir o ato de vingança demandado pelo fantasma paterno, porque não tinha um desejo seu. A decisão da mãe por Cláudio põe fim à reciprocidade da identificação imaginária entre os dois; golpe que atinge aos desejos edípicos de Hamlet, obrigando-o a desistir da demanda paterna de que se fazia suporte. A partir daí ele tem a convicção que caiu sua estrutura de proteção e qualquer coisa grave podia lhe acontecer.

Na sequência da peça, o herói se livra de uma emboscada fatal e retorna de viagem a tempo de assistir ao enterro de Ofélia que, após a morte do pai, enlouqueceu e afogou-se. No cemitério, a ostentação do drama encenado por Laertes na cova da irmã, faz com que algo na

regulação imaginária da fantasia de Hamlet torne a oscilar, despertando sua fúria. Esse instante de angústia indica a relação do sujeito com a posição do ser na fantasia e o precipita em ato fazendo-o, de repente, dar um passo e saltar, ou quem sabe deixar-se cair [*niederkommen*] na cova de Ofélia, onde entra numa luta com Laertes. Esse *niederkommen* é fundamental para revelar o que o sujeito é como objeto *a*. É essa dimensão que situa a paixão do ser, restabelecendo a posição do herói em relação ao objeto causa, objeto de amor perdido.

Com a morte de Ofélia, Hamlet é atingido na posição com que, no amor se defendia da castração. Aqui vemos a significação do falo que a mulher desempenha no desejo do homem. Diante da perda se destaca o valor retroativo do objeto que esteve ali, mas não foi reconhecido enquanto viveu. Esse novo golpe do destino retorna para cavar a condição faltosa de sujeito (\$). Na medida em que esse lugar vazio é visado, o que se segue é a abertura da fenda, uma espécie de borda (◇), de hiância se abre produzindo a angústia, que surge no ponto mesmo em que a identificação vacila e revela que a imagem especular é seu limite. O *fading* de Hamlet é seguido de certo “enlouquecimento”, quando as coordenadas de regulação imaginária da fantasia foram atingidas e chegaram no nível da mensagem *s(A)*. Vemos aqui uma verdadeira abertura da janela da fantasia, que delimita o limite ilusório do reconhecimento do sujeito. É o momento em que há um enquadramento e o ator se vê na cena. Destaco a cena do cemitério como o momento em que o sujeito passa da cena para o mundo. Lacan (1958-1959/2016) disse que “a fantasia é para nós o eixo, a alma, o centro, a pedra de toque do desejo.” (p. 266) Se a fantasia é a pedra de toque, é quando atingido na identificação fálica que ela sustenta na estrutura do Eu que, afetado pela angústia, o sujeito se experimenta na condição de faltoso e pode dar um passo na direção do desejo. É a partir daí que o herói adentra no destino.

A perda do objeto produz no sujeito uma desordem em que, como bem o diz Lacan manifesta a “insuficiência de todos os elementos significantes em fazer frente ao buraco criado na existência. É todo o sistema significativo que é posto em jogo em torno do menor luto que seja.” (Id, p. 361) A leitura do Sexto seminário aponta que Hamlet teve que renunciar à posição narcísica de *ser o falo*, e fazer o luto desse objeto imaginário. O neurótico imagina que o Outro quer sua castração, então a identificação fálica funciona como defesa contra o surgimento do desejo do Outro. É justamente aí que se situa o problema da identificação com a qual o analisante tem de confrontar-se para que seu desejo advenha. Lacan (1958-1959/2016, p.) apontou que “nada fica articulado na análise se não for articulado nesse nível. E é nesse nível que vemos aparecer a significação fundamental do falo. O falo é, fundamentalmente, o sujeito enquanto objeto do desejo sexual.” (p. 460) Todavia uma leitura

do Décimo seminário aponta muito mais para a cessão subjetiva, para a identificação com Ofélia, a vítima que se ofereceu ao sacrifício situando-a como objeto perdido, objeto causa do desejo; essa leitura é inteiramente diferente da identificação especular. A partir daí o sujeito tem a chance de reintegrar o objeto no quadro narcísico mediante uma identificação, fazendo o luto do objeto. Nesse ponto Lacan traçou uma diferença entre o falo e o objeto causa do desejo; ela nos leva a situar de forma precisa que a identificação com o objeto perdido se refere não ao falo imaginário, mas ao objeto *a*, causa do desejo. É a partir dessa identificação com a causa do desejo, que Hamlet entra no “furor da alma feminina”,

Hamlet estava alienado no gozo do Outro; diante da perda como objeto de gozo se separa do desejo do Outro, então tem de responder com o próprio desejo. Depois de tocado em sua falta-a-ser, um significante inédito se destacou na forma de um traço – *sou isto*. Foi quando na cena do cemitério o vemos responder à pergunta de Laertes – *Quem está aí?* Equivalente ao *Quem fala?* À qual responde: *Sou eu, Hamlet, o dinamarquês*. Aqui vemos surgir simbolicamente o sujeito com um traço por meio do qual afirma sua identificação. Devemos dar o devido peso a essa nomeação, pois é novo ver Hamlet se dizer *um dinamarquês*, algo que antes não podia assumir, e até execrava. Guardadas as devidas proporções, já que Hamlet é um personagem da ficção e não um caso clínico, podemos referir esse momento como o equivalente da operação de separação, seguido da possibilidade de assunção de um significante mestre do sujeito (S_1).

Importante destacarmos com Lacan (1964-1965/2006, p. 86) que circular as voltas e retornos da alienação na demanda, como percorresse a figura topológica da garrafa de Klein, leva o sujeito ao *tempo de compreender* o que foi no discurso do Outro e, somente a partir de um corte, poderá dizer “Eu”. Nesse momento ele se identifica com seu sintoma e está em condições de assumir sua posição no desejo. A garrafa de Klein se torna representativa porque essa figura topológica, não tem imagem especular, e impede que associemos a assunção da identificação pela via imaginária; trata-se de uma assunção simbólica capaz de franquear o ato no real. As perdas consecutivas dos objetos fizeram vacilar a estrutura da fantasia, e cavaram o buraco por meio do qual Hamlet é abolido no seu desejo e pode, finalmente, cumprir a vingança que o destino lhe reservara. A partir daí estão traçadas as coordenadas da dimensão do *tempo de concluir*, que tem sua culminância na cena final da trama em que se dá a luta entre Hamlet e Cláudio. Na pressa mesma em que esse tempo se precipita, uma espada é passada para sua mão, sem que se saiba como e, mesmo mortalmente ferido, Hamlet põe fim à

vida do rival. O “sem que se saiba como”, mantém a dimensão de enigma que é a passagem ao ato, visto que depois do ato, o desejo se realiza em direção ao destino final, a morte.

Lacan (1962-1963/2005) afirmou que o referencial da certeza é a ação, “agir é arrancar da angústia a própria certeza.” (p. 88). Ora, normalmente uma ação inédita produz angústia e o sujeito se defende com uma fuga para adiante quando não pode enfrentar algo. se passa em relação à ignorância do sujeito, ele sabe algo de seu desejo e dele tem alguma certeza, é em relação a essa certeza que avança para o ato. Trata-se de um desejo que poderá, inclusive, ser radicalmente diferente dos bens da *pólis*. A ética do desejo formulada por Lacan (1959-1960/1988) se distancia de regras universais de ação humana no mundo; longe de qualquer moral, de qualquer *Weltanschauung*. O desejo é algo do qual o sujeito não tem nenhuma necessidade, mas o quer mesmo assim. Trata-se de um desejo da ordem do singular e, mesmo que no ato o sujeito não tenha nenhuma garantia, desse desejo ele não pode prescindir.

No início Hamlet estava sempre na hora do Outro e não podia agir; somente quando a estrutura de sua fantasia é afetada e o *a* se separa e cai, é que o ato pode ser realizado. Assim, é o *a* que inaugura o campo da realização subjetiva. O ato que aí se realiza é efeito do desejo. É nesse nível que a peça tem pra nós um valor ao revelar a estrutura do desejo humano. A experiência analítica realiza um questionamento da ação do sujeito, situada por Lacan (1959-1960/1988) por meio da pergunta *Agiste conforme o desejo que te habita?* A depuração do desejo faz com que o sujeito confronte seu ser com o sentido de sua ação no tempo; o que Lacan chamou *a hora da verdade*. Todavia não é simples a relação do neurótico com o tempo, pois a histérica está sempre antes da hora, enquanto o obsessivo está sempre depois da hora. Lacan (1953) considerou que a verdade emerge no ponto mesmo de urgência em que surge a angústia, ali onde, em função da pressa ocorre uma precipitação lógica, uma antecipação da certeza à ação. Lacan (1958-1959/2016) afirma que “é nisso que o ato terminal nos mostra a própria estrutura da fantasia. O herói está, por fim, no despontar de sua resolução.” (p. 352)

O que a estrutura de Hamlet ensina à clínica psicanalítica não se resume a responder por que o personagem não agia, ela demonstra o desejo como defesa contra outro desejo. Esse processo põe o sujeito na tentativa de refazer o circuito, num esforço de subjetivação; nele a fantasia se mostra e forma os sintomas; mas revela também que a saída da estrutura de gozo nos sintomas se faz pela separação do *a* da fantasia, é por meio dele que pode se dar o ato. Hamlet só tem acesso ao desejo que o faz precipitar-se rumo à ação quando perde o objeto e se destaca a causa do desejo; é esta perda que o libera da inibição que o mantinha preso ao

sintoma da procrastinação. O desejo é paradoxal, situa o sujeito diante do impasse, e só o ato poderá arrancá-lo da angústia e lhes dar uma certeza que o transforma pelos efeitos do ato.

É no nível dos efeitos da análise que podemos ver modificações em relação ao modo como o sujeito se situa em relação ao desejo. Segundo Freud (1910/1996), em relação ao desejo o analisante poderá dar uma satisfação direta, sublimar, ou rejeitá-lo mediante um juízo de condenação. Por sua vez, Lacan articulou a passagem ao ato, o *acting out* e a sublimação aos polos da estrutura fundamental da repetição. É sobre esse campo que vamos avançar.

Começamos então pela satisfação do desejo no agir. Lacan chama atenção de que o ato nada tem a ver com a estrutura reflexa ou uma simples manifestação de movimento. O ato não tem a ver com a ação motora no sentido de uma descarga. Não se trata de o sujeito ter consciência, estar autointeressado; pelo contrário, a ação implica uma decisão que relaciona a cadeia inconsciente do desejo e a do querer do sujeito, em relação ao futuro. Deste modo, guarda uma significação não evidente relacionada à repetição. Ao se confrontar com o desejo do Outro o sujeito interroga *Che vuoi?* A partir daí ele tem responder com seu próprio desejo, e não há outro meio de fazê-lo senão dando a dupla volta da repetição significativa. É nesse ponto que temos de procurar a estrutura lógica daquilo que chamamos a paixão humana. Assim, o ato não é compatível com o saber, ali onde não pensa o sujeito se precipita no ato. Podemos dizer que a ética do ceticismo, leva o sujeito a se deparar com sua alienação, da qual só poderá sair com a certeza do seu desejo, em ato. Trata-se muito mais de uma certeza do que não pode prescindir, é quando o sujeito está em condições de decidir *se quer aquilo que deseja*. Lacan chega a dizer que no momento do juízo final o humano não pode se sentir culpado de ter traído, de ter sido covarde e de ter aberto mão do próprio desejo.

Nesse ponto devemos considerar o caráter de brevidade do ato, já que o sujeito não consegue sustentar por muito tempo a ereção característica desse instante em que, ocupa a posição fálica, sem que, em seguida, decaia; no caso de Hamlet, é a queda fatal que culmina com a morte. No neurótico, a realização do desejo se liga ao temor da afânise, então o sujeito tenta salvaguardar uma reserva de desejo para mantê-lo no nível não-realizado. Lacan (1960-1961/2010) chama atenção para o jogo paradoxal do neurótico, no qual observamos a

discordância entre sua fantasia, na medida em que ela está, justamente, ligada à função do falicismo, e o ato onde ele aspira encarná-la e que, com relação à fantasia, sempre fica aquém da expectativa. E, naturalmente, é pelo lado dos efeitos da fantasia, essa fantasia que é toda falicismo, que se desenvolvem todas as consequências sintomáticas que são feitas para se prestar a isso. (p. 318)

Uma vez que a fantasia diz respeito a desejos que o sujeito não realiza, “realizar a fantasia” produz certa confusão entre fantasia e realidade, lançando o sujeito num sentimento de irrealidade, de sonho, de tal modo que muitas vezes se torna necessário o testemunho do outro para atestar a veracidade, um certo “me belisca pra eu ter certeza de que não estou sonhando”. Esse efeito de testemunho transferido para o outro é semelhante àquele em que o analisante experimenta em relação ao analista, na medida em que compartilhar a realização com o outro possibilita ao analisante despertar da cena que desconhecia, e retomar seu lugar de sujeito. Pommier considera que quanto ao sujeito, na realização da fantasia,

se, por acaso, ele se satisfaz, seu desejo o deixa vazio, e uma referência essencial de sua identidade desaparece, dessa forma, momentaneamente. Assim, a realização da fantasia é acompanhada, pelo menos momentaneamente, de uma forma particular de despersonalização que não é a psicose. Pode ser acompanhada de um certo sentimento de irrealidade ou da impressão de que o que ocorre não diz respeito a seu principal ator. (p.113)

A realização da fantasia também comporta paradoxos e perigos, não é uma situação sem riscos, já que os conteúdos fantasísticos geralmente dizem respeito a satisfações pulsionais ligadas ao mais além do princípio de prazer. Na fantasia o sujeito não se inclui como Eu, assim, enquanto associa livremente e conta sua história, ele não se reconhece nos ditos. A fantasia se mostra na montagem que realiza e ganha consistência no agir, mas de modo que não pareça verdadeira, ela porta algo de inautêntico para aquele que fantasia. Trata-se então, de que a interpretação possibilite que o sujeito possa nela incluir-se. Esse franqueamento permite ao sujeito se reconhecer não só como o ator, mas como autor do roteiro em que estava implicado, sem que o soubesse. Ao passo em que o sujeito se vê na cena, e desvela o lugar que ocupa na fantasia, a identificação ao traço sintomático poderá cair.

Freud alertou que o trabalho de análise, na medida em que levanta boa parte do recalado, reduz o investimento das pulsões no sintoma, e libera o sujeito de forma a superar algumas inibições. Isso lhes permite ter êxitos no trabalho, no amor, etc., bem como o deixa tentado a realizar algumas fantasias. Quando as cadeias significantes que sustentavam o sintoma se revelam, se desprendem pressionando as fantasias em busca de uma satisfação que os sintomas não mais lhes dão. Livres de impedimentos outrora mantidos pelo recalque, as fantasias anseiam por se realizar. Todavia Pommier (1990) considera que “esta realização da fantasia, com a qual a maioria dos analisantes quase sempre se contenta, não é de modo algum redutível à construção da fantasia” (p. 112) Pelo contrário, a realização de certos êxitos pode levar à interrupção da análise antes do que seria o fim lógico.

Saber se quer aquilo que deseja implica o sujeito deliberar, inclui julgamento, decisão e, quem sabe, a ação. Significa o sujeito saber se o que deseja é desejável, e a responsabilidade de arcar com as consequências e riscos de seu desejo, podendo dar a ele “sim” ou “não”. Porém entendemos que a dimensão ética não se esgota no reconhecimento do desejo, pois, por mais analisado que o sujeito seja, o inconsciente sempre portará algum desconhecimento e não deixará de produzir efeitos. Assim, a dimensão ética não concerne somente a decisões conscientes, mas também ao ato, no qual há uma precipitação do sujeito, que entra como desconhecimento. Que estrutura de saber estaria implicada no ato?

Quando se referiu ao ato, Lacan (1961a/1998; 1966-1967/2008) lembrou algumas vezes a mudança que operou sobre César a *travessia do Rubicão* –, quando se tornou aquele que realizou o feito heroico da ultrapassagem de um limite. O ato tem essa relação com o que a ele se segue, com o que resulta de uma mudança; assim não se trata somente de determinar o que esteve ali, mas da possibilidade de haver mutação do sujeito. No ato, prevalece o *eu não penso*; nele César entrou originalmente sem nenhuma certeza, como desconhecimento, pura divisão. É somente num tempo posterior, como sujeito transformado pelos efeitos do ato, que César pode advir em nome próprio. Vemos aqui, como nitidez, a subversão do sujeito; só depois César se torna o nome próprio, aquele que porta a marca significante de seu diferencial no real da História. Assim, diremos que o sentido do ato de travessia implica profundamente a posição do sujeito; tem como efeito inaugurar o novo, engendra criação. É em torno do ato que poderemos, a seguir, pensar algumas questões relativas à travessia da fantasia.

3.5 Travessia da fantasia e o desenlace de uma análise

Da mesma forma que iniciar uma análise depende do ato, o desenlace de uma análise também está relacionado à essa dimensão. Ao final do tópico 3.3 desta tese apresentei algumas considerações de Freud relativas ao final de análise que podemos resumir basicamente em duas: do lado da pulsão está a força constante, o que não pode terminar numa análise, podendo, no melhor dos casos ser apenas “amansada”; enquanto, por outro lado, o complexo de castração delimita uma fronteira situada como impasse diante do qual a análise terminaria. A pergunta que formulamos para iniciar o último tópico da tese é como encontrar soluções para o impasse da castração no final de análise?

Lacan apresentou variações quanto à questão do final de análise conforme seu pensamento avançou; chama atenção sua afirmação que supera o impasse freudiano do rochedo da castração, ao considerar a ameaça de castração uma experiência atravessável, e

propor uma saída lógica mediante a construção e travessia da fantasia fundamental. Na travessia da fantasia o analisante pode dar “um passo” capaz de tirá-lo do círculo infinito da demanda, o que possibilita a formalização do término de uma análise. Levando em consideração os diversos sentidos que podem ser atribuídos ao termo “fim da análise”, concordo com Pommier (1990) quando trata o término por *desenlace* de uma análise:

“Desenlace” é a palavra que convém, se apenas considerarmos que, com a análise, se descobre neste termo um sujeito que mantém com seu destino uma relação cujo advento nunca teria se realizado sem a análise. Trata-se da “instalação de um estado que nunca surge espontaneamente no Eu e cuja criação original constitui a diferença essencial entre o homem analisado e aquele que não o foi.” (p. 11)

A análise se inicia pela formulação de um sintoma do qual o analisante se queixa e do qual quer se livrar. Do ponto de vista terapêutico, ao decifrar o sintoma e contabilizar a cifra de gozo a que corresponde, a experiência analítica possibilita tratar o real pelo simbólico. Na direção da cura, é fundamental que o sujeito seja questionado quanto ao gozo, cujo cálculo tem que passar pela fantasia, pois nela o sujeito obtém prazer com o gozo, sobretudo o gozo nos sintomas. Mas o sujeito é tapeado pela fantasia, porque o gozo que anseia transformar em prazer foi construído para responder, não a seu desejo, mas ao desejo do Outro. É, portanto, na máquina significativa do Outro que o sujeito terá de fazer o cálculo de seu gozo.

Lacan (1953/1988) indicou que o sintoma se resolve numa análise “por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser a linguagem cuja fala deve ser libertada.” (p. 270) O sintoma é uma metáfora, sua formação implica a substituição de significantes. Na medida em que o analisante fala sobre os sintomas, as frases que sustentam sua arquitetura podem se desprender das aderências imaginárias a que estavam fixadas e deslocar os significantes. Ao decifrar as chaves da metáfora do sintoma, o analisante poderá reconhecer a mensagem que o formou, o nó do sintoma poderá ser desatado, e libertar o sujeito do significativo do Outro. Nesse ponto, devemos destacar que na perspectiva psicanalítica a terapêutica não se resume à “cura” do sintoma, ela está mais alinhada à possibilidade de mudança subjetiva.

As primeiras leituras de Lacan “Lá onde Isso era, Eu devo advir”, concordavam com as de Freud; significavam que levantar o recalcado e reconhecer o desejo, levaria à dissolução do sintoma. No entanto, a concepção reflexiva de o sujeito se apreender a partir da associação livre e da interpretação do analista, mantinha a análise numa perspectiva infinita, posto que a cadeia significativa sempre desliza. O problema que essa concepção revela é que o significativo longe de unificar o sujeito, o divide; divisão essa que se torna perceptível entre o saber dos significantes e o gozo perdido que a fantasia tenta recuperar. No entanto, é possível

A redução das identificações revela o que se produziu em cada um dos encontros com o real, nos quais o sujeito, ao se deparar com a castração, foi obrigado a ceder, a pagar com a libra de carne e ali se identificou ao objeto perdido. No ponto em que escrutina o gozo, a demanda do Outro perde sua consistência, deixa de ser a lei onipotente que rege seu desejo, restando o sujeito como corte. A direção do tratamento deve levar ao esgotamento da demanda e à estrutura do corte que lhe é própria, para situar o sujeito em relação à causa do desejo. Lacan (1961b/1998) chamou atenção de que no percurso dessa translação, a ilusão que sustenta o Eu tenderá a enfraquecer, na medida em que caírem as identificações imaginárias. Essa operação, contrária à estrutura do Eu, faz vacilar as identificações, que pode ser observada nos estados de despersonalização do analisante; mas tais efeitos, “sob aspectos diversamente distintos, devem ser considerados menos como sinais de limite do que como sinais de travessia.” (p. 687) O efeito de despersonalização ocorre concomitante à angústia; nesse caso, não se trata daquele que se manifesta nas psicoses, mas da vacilação momentânea do sentido que era dado pelas coordenadas imaginárias do Eu, sustentadas pela fantasia. No entanto, a análise não deve se deter diante da angústia, e sim levar o analisante à travessia da fantasia. Ao passo em que as imagens ideais com as quais o Eu se vestiu para se defender da castração tombam, uma a uma, o sujeito se depara com o vazio e se realiza no *nada ser*.

Numa análise, o sujeito refaz todas as permutações possíveis da série limitada de seus significantes, de modo que Lacan (1957/1998) a considerou equivalente a uma equação significante, um cálculo que, como tal, comporta uma solução. Assim, o final de uma análise pode ser formulado como uma “operação em que se demonstra que, mesmo no nível individual, a solução do impossível é trazida ao homem pelo esgotamento de todas as formas possíveis de impossibilidades encontradas no equacionamento significante da solução.” (p. 523-524) A solução da equação da neurose deve ser pensada desde o início da análise com a formalização do sintoma. É importante que o sintoma analítico que deu início a uma análise esteja sublinhado, pois servirá de referente em todo o seu percurso até o fim.

O esgotamento de todas as vias significantes possíveis leva ao axioma que sustenta a equação dos sintomas do sujeito, sua fantasia fundamental. A construção da fantasia fundamental incita o sujeito ao mais longe possível da interrogação do ser – *Quem sou?* – a fantasia fundamental responde: – *Tu és isto*. Resposta que deve ser entendida nas dimensões simbólica e real. Segundo Pommier (1990) “o sintoma que se libera de suas aderências corporais possibilita a construção da fantasia com os próprios materiais que serviram à sua desconstrução.” (p. 59) A arquitetura do circuito significante que sustenta o sintoma tem de

ser percorrida mais de uma vez, não só para que sujeito elabore um saber (S_2) sobre o sintoma, visto que o saber é insuficiente para produzir um efeito de mudança subjetiva; o que tem de haver nesses retornos em que percorre os significantes de sua história são os cortes e a experimentação de seus efeitos pelo sujeito. A mudança subjetiva concerne ao corte, está relacionada ao objeto *a*. Aqui está situada a divisão do sujeito entre o saber e a verdade.

A construção da fantasia permite ao analisante adquirir um saber e traz a possibilidade de reinterpretar sua própria história, mantendo-a aberta a novas significações. A construção da fantasia também opera uma desconstrução dos modos fixos de gozo nos quais o sujeito estava submetido, mas há ainda outro fator em questão, nem tudo é o recalcado, nem tudo está do lado significante, que pode ser rememorado e dito. Um dos obstáculos à cura é justamente a possibilidade levantar todo o recalcado. Na medida em que a análise se aproxima do recalque originário, chega-se aos significantes traumáticos; nesse ponto, a análise de depara com a impossibilidade de dizer sobre a verdade da divisão. Assim, é necessário apontar que o recalcado não se confunde com a fantasia. O recalcado está relacionado a um saber sobre o gozo que pode, em certa medida, ser revelado; quanto à fantasia, no que está implicada pelo objeto causa, pelo real da divisão do sujeito, jamais poderá ser totalmente significada. O que situa o limite do saber em relação à fantasia é justamente a falta concernente ao objeto *a*. Será operando sobre o objeto causa que o tratamento se dirige para o término, o que não se confunde com o levantamento do recalcado.

A fantasia, o que ela é? Uma defesa erguida numa lógica fálica contra o real da castração, contra o fato de que a relação sexual não existe. Um dos limites a ser considerado quanto à mudança subjetiva é a própria fantasia fundamental, já que sua construção é um produto da análise, mas seu resíduo real não se dissolve no final de análise, o que requer uma operação a mais. A solução do impossível não virá, portanto, da associação livre ou do reconhecimento, pois na medida em que a experiência analítica se dirige ao encontro inassimilável do sujeito com a divisão, o saber revela-se limitado.

O neurótico se identifica com ideais para tentar garantir o gozo de um Outro completo, para que assim o desejo não apareça, o que suscitaria sua angústia. Nesse ponto, Freud apontou o rochedo da castração. O que fazer diante desse impasse? No seminário *A Angústia*, Lacan comparou o objeto *a* ao rochedo da castração como reserva derradeira da libido. A partir daí, propôs uma saída para o final de análise, *um passe* que possibilitaria ao analisante mudar sua relação com o real da fantasia a partir da operação de separação, o que implica a

travessia da fantasia. Trata-se de um momento de enfrentamento dramático em que o sujeito consente em perder e entregar sua angústia. Assim, um momento lógico decisivo na análise é aquele em que o sujeito se depara com a falta no nível do Outro; isto se dá quando reconhece que falta ao Outro o significante de sua completude (*A*). A destituição do Outro leva à queda da fantasia de qualquer complementaridade que mantenha o analisante na ilusão de que a relação sexual seja possível. O sujeito só pode ter acesso à verdade como causa quando deixa de crer na completude do Outro. Nesse sentido, Lacan (1958-1959/2016) disse que uma análise levada a seu término produziria um ateu, aquele para quem a consistência do Outro desvanece, “o desejo do neurótico, digo eu, é o que nasce quando não há Deus.” (p. 491) É somente quando cai a fantasia que sustenta imaginariamente o Outro como seu fiador, que nada mais resta ao sujeito, senão o ceticismo. Cabe, então, a tarefa de assumir a própria causalidade e a responsabilidade sobre seu destino. Nesse sentido, Lacan falou de um *desarvoramento absoluto*, que entendemos como a separação dos significantes do Outro para que o sujeito possa advir no desejo. Lacan (1962-1963/2005) afirmou que,

dedicar sua castração à garantia do Outro, é diante disso que o neurótico se detém. Ele se detém aí por uma razão como que interna à análise, e que decorre de que é a análise que o leva a esse encontro. A castração, no fim das contas, nada mais é que o momento da interpretação da castração. (p. 56)

Para ter acesso ao próprio desejo, o sujeito deve renunciar à sua identificação com o falo. Não é a fantasia que mantém o desejo e sim a falta. Assim, o analisante tem de dar sua angústia, deixar cair a série de objetos com os quais se defendia da castração e advir *em falta*, como sujeito no desejo. Lacan (1961/1998) disse que “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo.” (p. 841) Se a perda causa o desejo, então a cessão subjetiva dos objetos de gozo é necessária para que o sujeito possa advir em relação ao seu desejo. Lacan (1960-1961/2010) fez uma valiosa afirmação para a clínica ao dizer que “se a angústia é o que lhes disse, uma relação de sustentação do desejo, pois o objeto falta, invertendo os termos, o desejo é um remédio para a angústia.” (p. 451) O desejo ressitua a falta em seu devido lugar, já que é, por estrutura, relacionado à falta; então desejar é o que pode tirar o sujeito da angústia. Nesse sentido, vemos a função do corte no manejo da transferência e a indicação ética de que o analista não deve faltar para com a falta.

Lacan (1958-1959/2016) disse que “ter acesso a sua relação com o advento do corte é certamente interdito para o sujeito, pois esse é seu inconsciente. Em contrapartida, esse acesso não lhe é interdito quando ele vive a experiência da fantasia, ou seja, quando é

estimulado pela chamada relação do desejo.” (p. 429) Essa questão situa o analisante em relação à posição feminina. Diante disso, o amor de transferência vem se situar como tentativa de suturar a divisão do sujeito. No entanto, Lacan (1966-1967/2008) considerou o objeto fálico “efeito de sonho”, portanto todos estão sujeitos à castração, é por isso mesmo que há tentativa de conjugação no ato sexual, mas o certo é que este ato fracassa. A fantasia é uma montagem, um arranjo por meio do qual o neurótico tenta enfeitar seu desejo diante do fato de que a relação sexual não existe. Segundo Lacan (1962-1963/2005) a função do objeto *a* está relacionada a essa lacuna central no nível sexual, que separa gozo e desejo e “nos condena ao imperativo que faz com que, para nós, o gozo, por natureza, não esteja prometido ao desejo.” (p. 379) Gozar significa fazer uso do objeto, enquanto que desejar é preservar a falta em relação ao objeto. Aquele que se submeteu a uma psicanálise e a levou às últimas consequências assume o incurável de sua condição de faltante ao gozo da união sexual. Trata-se de uma verdade conquistada na análise. No seminário *O ato analítico*, Lacan (1967-1968) situou o término da análise, em relação à realização do sujeito na castração, de modo que

o sujeito realize que ele não tem o órgão que se chamaria do gozo único, unário, unificante. Trata-se propriamente do que faz UM do gozo, na conjugação de sujeitos de sexo oposto, quer dizer, isso sobre o que insisti, no ano passado, destacando que não há realização subjetiva possível do sujeito como elemento, como parceiro sexuado, no que se imagina como unificação no ato sexual. (p. 96-97)

Para Lacan, o tratamento analítico visa a realização subjetiva, significa dizer que se o sujeito não está realizado no início, deve advir como sujeito dividido, no final da análise. A realização do sujeito não é a completude imaginária da fantasia, pelo contrário, ela está relacionada com o real da destituição subjetiva. Trata-se de o sujeito ter de passar pelo desfiladeiro da fantasia, para que as identificações fálicas caiam e o sujeito se encontre com sua divisão. Esse ponto equivale ao segundo tempo da fantasia inconsciente apontado por Freud (1919e/2017) em que há um encontro com a posição masoquista, na qual o sujeito se vê diante da situação humilhante em que é batido, tratado como um objeto, um nada, riscado pelo chicote do pai. Aqui estamos diante do paradoxo, a face imaginária da fantasia tenta recobrir o real da castração, mediante o triunfo imaginário do Eu, mas o que de fato se realiza na fantasia é a divisão do sujeito. Soler (2007) afirma que um ponto de virada na análise se dá justamente quando o sujeito é capaz de se reconhecer como *o objeto que foi diante do desejo do Outro*. No entanto, não existe falta no real, a falta só pode ser apreendida no simbólico. Deste modo, para além de reconhecer a dimensão simbólica *pode ser nada*, dada por sua fantasia, que o sujeito possa se deparar com o *nada pode ser*; com a impossibilidade de dizer sobre seu ser no enunciado, o que o leva à *destituição subjetiva*. Lembremos de que em

relação à fantasia, não se trata somente de reconhecimento, mas de ato; foi nesse sentido que Lacan formulou a travessia da fantasia. O esquema apresentado por Lacan (1964/2008, p.224) a seguir permite avançarmos na da relação do sujeito com a fantasia,

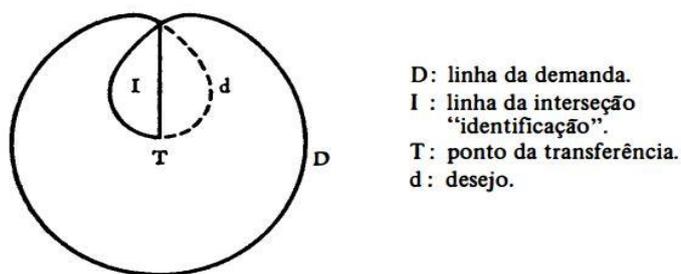
$$x \diamond S_1$$

$$S_2$$

Em x temos a posição do ser do sujeito, a série dos sentidos por meio dos quais S_2 vem representar o sujeito para S_1 ; assim, a posição S_2 depende dos significantes que foram recalçados, aqueles que representam o saber que o analisante ignora. Lacan situou S_1 , no mesmo lugar em que, no matema da fantasia, está o objeto a , causa do desejo, a partir do qual se situa o que está no princípio comandando o sujeito. Dissemos que a construção da fantasia reduz uma bateria mínima dos significantes mestres S_1 de sua fantasia fundamental, o que nos dá a petição de princípio da posição do sujeito. Com a construção, feita pelo analista, um contorno do vazio vem cernir um limite para a metonímia do ser e nomear sua marca distintiva de sujeito. Ressaltamos mais uma vez que a construção da fantasia contém algo do campo da verdade mas, ao mesmo tempo, há impossibilidade de que a verdade seja toda dita.

A via da operação de separação é capaz de engendrar o renascimento do desejo, mas o que isso implicaria? Entendemos que se trata de o sujeito reconhecer a fantasia e não ser mais tapeado por ela, o que significa um que pôde se separar do efeito alienante e do comando de sua fantasia fundamental. Lacan (1964/2008) considera que “pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo.” (p. 207) Ao se separar da demanda do Outro, o sujeito pode libertar-se do efeito de *afânise* que o significante binário produzia, e se experimentar no lugar vazio, como causa. A partir daí se daria a travessia da fantasia, experiência por meio da qual, a causa do desejo é decantada e se libera. É por meio de a , que há desconstrução dos modos fixos de gozo, nos quais o sujeito se alienou e nos quais a pulsão obtinha satisfação. Podemos falar de destituição e realização do sujeito quando o analisante se experimenta em relação à radicalidade de a como *nada ser*.

A impossibilidade de obturar o furo radical na estrutura do sujeito implica pensarmos o manejo da transferência em direção ao desenlace de uma análise. Para melhor visualizarmos a operação de separação e extrairmos seus efeitos, Lacan (1964/2008, p. 256) apresentou o índice topológico irreduzível do “oito interior” a seguir, gerado da Banda de Moebius:



A análise traz a demanda (D) de volta, não para satisfazê-la, e sim para levar à decantação do desejo (*d*), dirigindo o sujeito ao vazio da causa. A decantação do desejo mantém afastados quaisquer ideais identificatórios, sejam de cura, de normalidade ou de qualquer tipo de virtude que constitua “o bem” do sujeito. Pelo contrário, o *a* com que lidamos no manejo da transferência (T) deve ser mantido à distância de todo ideal (I). A não resposta do analista à demanda de amor (enamoramento) fará com que o analisante, antes situado no lugar do objeto amável, possa surgir no desejo, como falta, $\$$. O analisante terá que destituir o analista do lugar ideal, então o *a* que sustentou a transferência cai, não para que o analista seja suporte de algum ideal de identificação. É essa distância que afasta a análise de uma moral ou de qualquer *Weltanschauung*, e garante que sua operação se mantenha no campo da ética, não tendo como fim a identificação ao analista ou a qualquer ideal. Se incorresse na identificação, o analista formaria analisantes à sua imagem e semelhança, ou ao seu *bel querer*, e a psicanálise não passaria de uma prática sugestiva ou de adaptação, tal como as psicoterapias, tão criticadas por Lacan por se aliarem à fantasia. Essa questão foi defendida de modo contundente por este autor, e foi uma das questões que resultou em sua “excomunhão” da International Psychoanalytical Association (IPA). Lacan era contrário à identificação ao analista como meio e como fim do tratamento analítico; para ele, o sujeito analisado é aquele renunciou a todos os ideais e chegou à realização subjetiva ($\$$).

Se o espelho de que falamos pudesse refletir alguma coisa, não seria o analista; mas o ponto de constituição do sujeito, onde, de um lado há *a* e de outro $\$$, os dois termos da fantasia. Do lado de *a*, objeto sem imagem especular, espelho vazio, pode ser sustentado porque o desejo do analista é vazio, não comporta nenhum ideal. A depuração dos ideais em sua análise pessoal garante que o desejo do analista seja sustentado pela falta que o causa e justifica seu ato. A identificação referente à travessia da fantasia é com *a*, causa do desejo. O analista é aquele que tem a experiência de seu inconsciente, pois passou em sua análise pessoal, por uma decantação do desejo, que o distancia de seu automatismo de repetição. Essa condição o permitirá manejar a transferência, e operar sobre as repetições da pulsão que

concernem unicamente ao desejo do analisante. Lacan (1960-1961/2010) afirmou que “o lugar puro do analista, na medida em que poderemos defini-lo na e pela fantasia, seria o lugar do desejante puro.” (p. 449) Todavia, alguns anos depois, Lacan (1964/2008) acrescentou que “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele.” (p. 260) A diferença absoluta pode ser entendida como a alteridade do sujeito, a marca da singularidade de seu desejo que, como tal, pode abrigar o desconhecido, o estranho, que o sujeito poderá assumir, consentir ou mesmo recusar no final de análise. De fato, a mudança subjetiva implica que o sistema de valores morais do sujeito seja profundamente revisado durante a análise e se torne uma ética do desejo.

O corte da interpretação situa o desejo do analista, fundamental no momento de liberar o sujeito de seu ponto de escravidão, da *Hörigkeit* que sustenta seu mundo; essa operação de separação tem por efeito uma desconstrução na fantasia fundamental. Temporalmente Pommier situa esse nível da interpretação como posterior à construção da fantasia. Essa interpretação coloca o analisante frente à escolha do *vel*, entre o sentido do Outro e a falta de sentido. É um momento ético crucial da análise que depende de um ato, no qual o analisante pode fazer a travessia da fantasia ou se deter diante do impasse da castração. A deliberação quanto à essa escolha que o analisante precisa enfrentar no final de análise determina o tipo de identificação assumida e a possibilidade de surgir um analista. Ao escolher a falta de sentido, o analisante consente com a perda e poderá se identificar com o desejo que o causa, o que lhes dá condições de se tornar analista; por sua vez, se escolher o sentido, teremos um obstáculo à travessia da fantasia, é quando, sustentado pelo Outro do discurso, o analisante se identifica com as insígnias daquele que detém o saber sobre o que determina o desejo, e pode vir a utilizá-lo como instrumento de poder, nesse caso, Lacan afirmou que teremos um canalha.

Uma análise se dirige para a causa, que ela interroga desde o princípio, como bem nos diz Lacan (1960-1961/2010) “o que está em questão no desejo é um objeto, não um sujeito.” (p. 215) É em relação ao objeto que se dá o corte, a separação por meio da qual a experiência se torna finita. Se no início de uma análise o analisante situa o analista em sua fantasia como *agalma*, no final de uma análise, os significantes mestres caem, a questão sobre o “ser” do sujeito, sobre seu sintoma, que se dirigia ao analista se esvazia, havendo uma destituição do Outro (analista) como suposto saber, é quando cai o significante da transferência.

Segundo Lacan (1959-1960/1988), no final de análise a posição do analisante é de um *desarvoramento absoluto* que tomamos como sinônimo de desmastreamento, derrubada ou perda do mastro do navio e, em certa medida, significa que a fantasia fundamental deixou de ser a única certeza do sujeito. No final da experiência analítica, a fantasia fundamental não deixa de existir, ela permanece como produto da análise, mas o sujeito pode reconhecê-la e decidir o que fazer com aquilo que se tornou de sua divisão. Na posição de *desarvoramento absoluto*, o sujeito suposto saber, mastro que conduzia a embarcação mediante a transferência, se esvaece, O analisante crê cada vez menos no Outro a ponto de nada mais esperar em relação ao que este possa lhe dar ou possa lhe responder quanto a seu desejo. Não havendo mais o que transferir, a presença física do analista se torna cada vez menos necessária, então se dá a separação do *a* que funcionava como causa do desejo. O analista como *agalma* cai, para ser o suporte do *a* separador, quando finalmente se dá a dissolução da transferência. O desenlace do analista e a interrupção dos encontros marcam o final temporal de uma análise.

O enigma do desejo, que funcionava como motor da análise, não se dirige mais ao analista, mas permanece no trabalho solitário de perlaboração. Aquele que atravessou a fantasia sabe que não pode se situar apenas no que é passível de fazer sentido, sabe que algo sempre faltará à verdade para ser dita. No final de análise o analisante se defronta com a angústia, quando o silêncio da estrutura toma lugar. Lacan (1967-1968) afirmou que “o final da análise consiste na queda do sujeito suposto saber, e sua redução ao advento desse objeto ‘*a*’, como causa da divisão do sujeito, que vem ao seu lugar.” (p. 89) Assim, no final da análise o analista que ocupava o lugar de sujeito suposto saber sabe que será rejeitado, e não será mais que um resto, o objeto *a* dejetado. A separação do amor de transferência dá lugar a outro tipo de amor, que sabe que nenhum objeto (ou relação sexual) poderá dar-lhe a ilusão de complementaridade.

A travessia da fantasia engendra efeitos ligados ao ato, dentre os quais podemos ver surgir um desejo novo, isto é, um que está em condições de se tornar analista. Assumir o desejo do analista implica um ato que nem sempre acontece, implica o desejo do analista que não se confunde com o desejo de ser analista. Lacan (1967/2003) disse que “o término da psicanálise superfluamente chamada de didática é, com efeito, a passagem do psicanalisante a psicanalista.” (p. 257) Nas análises didáticas, o novo analista é um que diante da hiância aberta, num salto em relação ao que foi atravessado, aceita o desafio do passe; um que se tornou a verdade de um saber que ele próprio, no momento do passe, nada sabe. No final da análise temos um sujeito causado em sua divisão, que não está no ato, cuja verdade está

relacionada ao incurável da estrutura, que marcamos como $S(A)$. O analista realizou sua destituição subjetiva e, tendo se identificado com a causa do desejo – a – é capaz de sustentar o vazio em seu ato, situando as condições para que o outro advenha sujeito. Uma vez que atravessou a fantasia, o novo analista poderá repetir a experiência de realização do sujeito nas análises que conduzir. Trata-se, portanto de uma transmissão.

Lacan situou que o ponto de conjunção e disjunção entre a psicanálise e a ciência moderna é ocupado pelo desejo do psicanalista, obtido a partir da desmontagem da pulsão em sua análise pessoal. O desejo do analista é o que traz a pulsão de volta e isola o objeto a , mantendo-o à distância do imaginário dos ideais. Na medida em que o analista sabe algo de sua fantasia fundamental, não a confundirá com a de seus analisantes, garantindo a direção ética da experiência analítica. Lacan adotou a proposição de Ferenczi (1928b/1992) de que a condição para que haja uma análise didática é a de que o candidato a psicanalista tenha terminado por completo sua análise pessoal. Por conseguinte, Lacan (1964/2008) situou a travessia da fantasia do lado das análises didáticas e considerou que aqueles que se tornam analistas devem levar a análise às últimas consequências, circundando diversas vezes o vazio central onde se situa o objeto a . Nesse sentido, a análise do analista é infinita, ela prossegue em um trabalho de perlaboração constante pois, “não há com efeito nenhuma maneira de dar conta do termo *Durcharbeiten*, da necessidade de elaboração, se não é para conceber como o cerco deve ser percorrido mais de uma vez.” (p. 258) Que esse percurso possa ser percorrido várias vezes, faz parte não só das exigências do trabalho de elaboração simbólica, mas também, de constranger o sujeito a se defrontar várias vezes com o inexorável do real, de onde pode advir o ato.

Um ponto importante deve ser situado, o ato analítico advém da falta-a-ser, o que o torna diferente de uma realização da fantasia; enquanto esta última confere ao sujeito uma identificação imaginária, o ato analítico, pelo contrário, diz de uma ausência de identidade do analista. Lacan (1967/2003) afirmou que “nessa reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser.” (p. 259) Se o desejo é uma pulsão que foi emoldurada pela fantasia, é na experiência de separação que, de modo oposto à identificação, o desejo resta como um x , que pode presentificar a pulsão. Assim, o analista, ou aquele que atravessou a fantasia, estaria em condições de *viver a pulsão*. A esse respeito Lacan (1964/2008) considerou que

É para além da função do *a* que a curva se fecha, lá onde ela jamais é dita, concernente à saída da análise. A saber, depois da distinção do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental se toma a pulsão. O que se toma então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi abordado. Isto só é, até o presente, abordável, no nível do analista, na medida em que seria exigido dele ter precisamente atravessado em sua totalidade o ciclo da experiência analítica. (p. 258)

O pode significar a fantasia fundamental se tornar a pulsão? De que maneira pode o sujeito viver a pulsão? Com a questão retornamos ao problema dos destinos da pulsão. Freud (1937c/2017) considerou que no final de uma análise a dinâmica entre o Eu e o Isso se modificaria, de modo que a força das pulsões enfraqueceria, e produziria menos conflitos, o que traria benefícios ao Eu; todavia considerou também que esse objetivo só é conseguido parcialmente, porque parte dos mecanismos permanecem intocados pelo trabalho de análise e as pulsões prosseguem em seu trabalho silencioso. Os destinos da pulsão podem ser relacionados ao “*Lá onde Isso era, Eu devo advir*”, o que comporta o Eu reconhecer o índice de seus desejos e poder experimentar, dar satisfação, algumas vezes de forma direta, a determinadas pulsões sem ter de recalá-las. Isso significa consentir em alguns modos de gozo antes proibidos. Nesse sentido, a análise tem algo de transgressor dos ideais; não se trata de levar os analisantes à atuação, pelo contrário, pensamos a questão mais próxima da sublimação em oposição ao recalque e à formação de sintomas. Nesse ponto levantamos a questão: Atravessar a fantasia fundamental permitiria, de alguma forma, o sujeito poder franquear um acesso ao real? Fontenele (2011) aponta que:

Tal travessia, segundo Lacan, conduz a uma iluminação semelhante à que ocorre na realização do sentido dos chistes, que conduziria a um despertar do sentido. Para ele, o despertar do final de análise requer que essa travessia resulte a possibilidade de harmonizar o gozo e a interdição que a castração põe em uma bipolaridade contraditória. (p. 99)

O instante de despertar se dá de modo oposto da relação do sujeito com a fantasia, é correlativo à travessia da fantasia, ao mais além do sentido, o que nos leva a discutir a sublimação. Jorge (2017) afirmou que “a travessia da fantasia desemoldura a pulsão da janela com que a fantasia a contorna, levando o sujeito a se defrontar com o pulsional.” (p. 118) A travessia da fantasia realiza desconstrução, desobstrução das identificações imaginárias, o que torna mais móvel e mais plástica a relação da pulsão com os objetos, permitindo alguma mudança nos modos fixos de gozo do sujeito. Ao desemoldurar-se da janela da fantasia as pulsões podem se tornar mais plásticas, assumir novos destinos, que não o recalque, abrindo a via para a sublimação.

A sublimação e o recalque se dão de modos distintos. Enquanto o recalque é uma satisfação relacionada à economia da substituição e do apagamento significativo, na sublimação a pulsão encontra satisfação sem que a substituição seja necessária, na medida em que pode se deslocar de seu alvo sexual original. Adotando o ponto de vista da estrutura, a abordagem da sublimação feita por Lacan apresenta importantes diferenças em relação às de M. Klein e à de Freud. Lacan (1964/2008) discorda que a função da criação em Leonardo da Vinci surja a partir de sua fantasia original, o que reduziria a criação a leituras psicopatológicas. Ainda que participe, de algum modo, da sublimação, a fantasia não está na origem da criação, na medida em que o que é achado é procurado na via significativa e está relacionado à dimensão do princípio de prazer. Por sua vez, ao extrair o representante da representação, a criação, está do lado do que padece do significativo, aponta para o mais-além do princípio de prazer. Retomando Merleau-Ponty, Lacan (1964/2008) situa o paradoxo do gesto para afirmar poeticamente que “ao ritmo em que chove do pincel do pintor esses pequenos toques que chegarão ao milagre do quadro, não se trata de escolha, mas de outra coisa. Essa outra coisa, será que não poderemos tentar formulá-la?” (p.111)

A diferença estabelecida por Lacan (1959-1960/1988) entre a Coisa [*das Ding*] e o objeto [*die Sache*] é fundamental para pensar a criação. O objeto narcísico, cuja imagem desperta o interesse, a atração, e mobiliza a fantasia tem sua inscrição no registro imaginário, mas esse objeto não é a Coisa; é *das Ding* que está no âmago da economia libidinal. Dissemos que os objetos, invenções humanas, são do nível simbólico-imaginário, enquanto a Coisa está para além do objeto, permanece velada, intransponível, e só pode ser representada por outra coisa. O que a sublimação faz, ao promover um objeto, é elevá-lo à dignidade da Coisa. Nesse ponto, Lacan aponta o lugar de objeto idealizado, ocupado pela mulher no amor cortês como exemplo de sublimação, e o quanto, a partir do trovadorismo, a relação amorosa na cultura ocidental foi transformada, valorizando mais o objeto do que a tendência.

A sublimação criacionista parte do furo relativo à Coisa; a partir do *ex nihilo*, isto é, do nada, a obra construída é sempre repetição da falta. Assim, a criação pode ser situada em relação à pulsão de morte e à vontade de destruição; como vontade de Outra-coisa; mas, paradoxalmente ela é também, vontade de criação, vontade de recomeçar com novos custos. Lacan (1959-1960/1988) disse que no campo da Coisa “se projeta algo para além, na origem da cadeia significativa, lugar onde tudo o que é lugar do ser pode ser posto em causa, lugar eleito onde se produz a sublimação.” (p. 257) Deste modo, a sublimação situa um ponto importante para a cultura, pois, se a sociedade e seus efeitos de censura, produzem a neurose,

por sua vez, elementos que, muitas vezes são considerados “perversão”, são justamente aqueles que se tornam capazes de favorecer a criação de novas vias à cultura. No entanto, Freud (1919a/2017) advertiu que uma análise não visa a nenhuma psicossíntese; qualquer reunião das pulsões desfusionadas deve se dar espontaneamente. Assim, a sublimação não pode ser visada como um fim, mesmo porque o próprio Freud já alertara de que os limites quanto ao montante de energia que pode ser sublimada pelo sujeito não serem altos.

Leguil (1993) aponta a dificuldade de falar sobre a travessia da fantasia porque pouco se vê o que se atravessa, uma vez que essa travessia está relacionada a relações não apenas simbólico-imaginárias, mas ao encontro com o que há de indizível na relação com o real. O que fazer com o vazio da estrutura? Dessa posição poderemos ver advir o sujeito no que faz com aquilo que se tornou. Entendemos que com a travessia da fantasia o sujeito se defronta com o mais-além e, ao abolir-se, o sujeito se depara com a angústia da falta-a-ser, o vazio da estrutura. Lacan (1961b/1998) afirma que “é isso que lhe permite assumir, no verdadeiro término da análise, seu valor eletivo, figurar na fantasia aquilo diante do qual o sujeito se vê abolir-se, realizando-se como desejo.” (p. 689)

No caso *O Homem dos Lobos*, vimos que diante do real da divisão sexual o menino “obrou”. A reconstrução da cena originária permite situar a angústia precedente ao ato, *das Ding* como objeto derradeiro e o próprio ato como efeito. O real não cessa de retornar, incitando o sujeito a advir em ato, a cada vez; a partir de uma estrutura de repetição, os objetos da criação podem surgir sem que, no entanto, sejam capazes de possibilitar a harmonização ou completude do sujeito quanto à sua divisão sexual, o que levou Lacan (1966-1967/2008) a afirmar que o ato sexual não existe. O objeto *a* é a produção original do sujeito que, na criação tem a ver com a divisão em que está implicada a função sexual, com isso que é anterior e se repete no humano. O que o sujeito faz com o resto de sua divisão, com isso que se tornou? A questão, se é que pode ser respondida, implica o sujeito saber fazer com o real, com os pontos mudos da estrutura. Diante da angústia, só o ato poderá dar ao sujeito alguma certeza quanto a seu desejo. Embora nem toda sublimação seja uma obra arte, no ato de criação, o artista se depara com a angústia diante do vazio da tela; romper a inibição com o ato, nada tem a ver com a representação, o artista é determinado *sem que o saiba*, a não ser por esses tempos de parada em que se interrompe e pode dar alguma significação. Trata-se da *estrutura de precipitação* em que o sujeito poderá aparecer só-depois, como algo novo e diferente como sujeito. Na criação, o sujeito opera a partir de objetos cedíveis; é no plano sacrificial, e pelo ato que o artista engendra as obras, sua criação no mundo.

A sublimação aponta para uma atividade original do sujeito em fazer uma espécie de bricolagem com o real. A bricolagem se refere a uma *construção*, uma montagem em que o sujeito trata os objetos como instrumentos, colocando-os a seu serviço. Assim ele opera sobre objetos heteróclitos, restos, fragmentos que dispõe, para engendrar no real algo novo, inédito. Trata-se de uma atividade que lembra muito o trabalho do artista. Esse seria um caminho que possibilita ao sujeito fazer com o real que se tornou ao final de sua análise. Nesse sentido, Rabinovic (2009) aponta que com a travessia da fantasia o sujeito pode ir mais além das cenas que o determinam, “implica ser capaz de realizar um ato de acordo com seu desejo. Mas, esse ato não se pensa, se faz.” (p. 53)

O ato de criação do pintor torna nítido não apenas que o desejo humano é o desejo do Outro, mas, sobretudo, que a obra é dada a ver, num movimento de desejo *ao* Outro; com isso o ato tem um valor social comunal. A arte conduz de volta da fantasia para a realidade; caminho que pode situar a criação do ponto de vista do amor, na medida em que tem a ver com o laço civilizatório. Assim, a arte permite unir o traço singular ao outro, à cultura. Podemos apontar ainda que há algo importante na sublimação, por ser capaz de afastar o sujeito da rivalidade fálica com o outro, pois na criação, a obra tem um traço singular do autor, seu nome próprio, e que por ser único, não se submete às comparações.

Finalmente diremos que, se de um lado, ao final de uma análise há o desenlace, por outro, o sujeito constituído por sua divisão, está em condições de advir em ato, de modos inéditos, seja como analista, ou pela sublimação. Todavia nada impõe que isso deva acontecer. Consideramos que revelar e tomar certa distância em relação à fantasia permite ao sujeito que atravessou uma psicanálise não ser enganado por ela. Se da fantasia fundamental ninguém se cura, o que uma análise levada o mais longe possível pode produzir é um sujeito advertido de sua divisão. Ao considerar o vazio da estrutura, a psicanálise talvez se aproxime mais próxima da arte, já que a arte é uma organização em torno do vazio; o que a distingue da religião, na medida em que esta se constitui como um modo de evitar o vazio, ao instituir um Outro sem falhas; e se distingue ainda, da ciência, que rejeita o vazio ao tentar obturá-lo com um saber absoluto. Ao relacionar a arte com aquele que atravessou a fantasia fundamental, a poética formulação de Lacan (1960-1961/2010) situa o desejo, o ato, e o saber fazer com o real, pois “pode-se conceber muito bem que o sujeito advertido, precisamente, pela experiência da análise didática, saiba, de alguma maneira, tocar nela como num instrumento, como a caixa do violino do qual, aliás, ele possui as cordas.” (p. 229) Destarte, concluímos que atravessar a fantasia fundamental possibilita a um sujeito saber fazer com o real.

CONCLUSÃO

O surgimento da psicanálise situou uma interrogação que pôs no cerne da cultura a questão a problemática das fantasias históricas e sua relação com o desejo. Não poderíamos mesmo dizer que a psicanálise só pôde surgir depois que Freud foi constrangido pela verdade do objeto a tomar uma decisão ética? Decisão que desde o princípio ligou a invenção da psicanálise ao ato que, como tal, comportava suas consequências. e exigiu de Freud despir-se de alguns ideais morais de sua época para acolher a realidade sexual do inconsciente. Na escuta das históricas, Freud descobriu nelas e em si mesmo, a própria dimensão inconsciente da verdade histórica, contida no mito de Édipo que atravessa os séculos – a realidade da castração para o humano. Sabemos o quanto este autor pagou um alto preço por sustentar essa revelação que escandalizou a moral burguesa de Viena, e o quanto não recuou diante de outras descobertas igualmente impactantes que descentraram o Eu de seu trono, como a revelação do masoquismo primordial na fantasia, e a formulação das pulsões de morte. A psicanálise introduziu uma subversão em relação ao sujeito, do qual a ciência nada quer saber. Freud se manteve firme em não ceder, nem com a palavra, nem com a coisa, mas na história do movimento analítico não faltaram aqueles que quiseram modificar a descoberta analítica em nome de aceitação, da adesão, do reconhecimento, etc.

Foi com a mesma firmeza que Lacan teve que defender a psicanálise dos desvios do sentido da mensagem freudiana, o que exigiu anos de rigorosas elaborações teóricas que o precipitaram em direção a verdadeiros atos de retorno a Freud. Sustentar a luminosidade e originalidade do pensamento freudiano, e se esforçar para transmiti-lo, não lhe saiu de graça; custou-lhe a exclusão de algumas sociedades psicanalíticas de sua época; mas podemos considera-los atos heroicos, na medida em que estavam inexoravelmente ligados a seu desejo em defender *a coisa freudiana*. Foi essa a mensagem que Lacan (1953/1998) nos transmitiu em relação à causa do desejo; instante em que o ato faz-se necessário, por “identificar numa única razão o partido que escolhe e a desordem que denuncia, para compreender sua coerência no real e se antecipar, por sua certeza, à ação que os coloca em equilíbrio.” (p. 242) Também nos leva a concluir que a verdade subversiva da invenção freudiana só pode ser sustentada em certa ruptura, sem abrir mão da ética. É nesta dimensão que este trabalho deve ser visado. Ele se iniciou pela questão técnica da direção da cura, e percorreu algumas vias do caminho atravessado por Lacan para responder a um problema, antes de tudo, ético; a saber, os desvirtuamentos a que a psicanálise estava àquela altura submetida, Questão que situava em

primeiro plano o modo pelo qual a fantasia era concebida, e que se refletia com todo peso na direção do tratamento e na formação dos analistas, implicando diretamente a transmissão.

A primeira conclusão a que chegamos foi a de que a formalização do algoritmo da fantasia – $\$ \diamond a$ – possibilitou a Lacan depurar uma série de problemas, na teoria e na técnica analítica, o que efetuou verdadeiros cortes e saltos no conhecimento analítico. O algoritmo da fantasia constitui um avanço em seu pensamento, pois permitiu realizar um grande número de leituras, das quais foi possível extrair e transmitir as relações lógicas de seus elementos, cuja depuração torna possível uma retificação de algumas concepções equivocadas da direção de tratamento. A escrita do algoritmo da fantasia recebeu diversas leituras ao longo da tese, mas fundamentalmente diz respeito à resposta do analisante frente ao enigma do desejo do Outro. A fantasia fundamental – $\$ \diamond a$ – é o que garante a estrutura mínima ao suporte do desejo. Lacan afirmou que essa era a verdadeira fórmula da relação de objeto.

Durante muito tempo Lacan preocupou-se em efetuar um verdadeiro “cálculo do sujeito”, aos moldes da ciência, mediante o axioma do inconsciente estruturado como uma linguagem. Nesse ponto houve o esforço de introduzir o sujeito ($\$$), primeiro elemento do algoritmo da fantasia, advertindo que não se trata de nenhuma aceção do Eu, e sim do sujeito do inconsciente, sujeito constituído no significante. Quanto ao segundo elemento da fantasia, as leituras do algoritmo da fantasia, permitiram situar o objeto a em seu devido lugar; sobretudo com a distinção dos registros imaginário, simbólico e real. Se Lacan partiu da identificação imaginária com o semelhante que está num dos níveis da fantasia, logo se tornou nítido que esse outro com o qual o sujeito se relaciona, responde a outra questão importante quanto ao desejo do sujeito, trata-se, da verdade de sua relação com a afânise, isto é, com corte do sujeito no nível do significante. Essa é uma das passagens mais importantes para situar realmente a técnica analítica em seu devido lugar, o objeto a diz respeito à causa do desejo, e a causa é justamente o que sempre faltará por estrutura.

A psicanálise procede do mesmo estatuto que a ciência, a partir da falta central do sujeito em relação ao desejo. Situar o verdadeiro lugar do objeto causa do desejo, o a na fantasia impõe consequências éticas. A psicanálise aponta para um lugar diferente do conhecimento, questão suficiente para situar o corte em relação a toda a concepção que iguala o sujeito ($\$$) com o sujeito cognoscente. Se o lugar da causa do desejo é vazio, em relação a ele não cabem ideais, sejam eles normatizantes ou adaptativos; enfim, nenhuma *Weltanschauung*, como advertiu Freud. Lacan afirmou que é o algoritmo da fantasia que dá a

verdadeira relação de objeto na medida em que considera que há um real nessa cadeia simbólica que comanda para além de toda apreensão, de toda motivação. É com esse real da experiência singular do desejo do sujeito que estamos envolvidos na experiência analítica. É com o ser do sujeito, naquilo que esse ser, ainda que seja articulado no simbólico, é o real.

Em seus últimos escritos Freud situou por diversas nuances a relação do humano com o desejo, no que esta se depara com o limite estabelecido pela castração. Em *Análise finita e infinita* realizou um apurado levantamento do que a análise pode trazer de ganhos terapêuticos àquele que a ela se submete, mas reconheceu também as limitações dessa experiência. Ali afirmou expressamente que o limite irreduzível de uma análise está relacionado à cicatriz residual do complexo de castração. O de que se trata é da relação fundamental do analisante com o falo. Essa relação muda conforme o gênero, no homem ela está relacionada à aversão à posição feminina diante de outro homem, enquanto na mulher ela aparece como a inveja do pênis. Para Freud o rochedo da castração seria a pedra de toque que impõe um limite ao trabalho analítico. Por sua vez, Lacan avançou em relação a Freud, e apontou que a uma análise levada ao verdadeiro fim, tanto para o homem quanto para a mulher, não deveria se deter diante do impasse imaginário de ter ou não ter o falo. A solução para o impasse, o termo derradeiro, a relação significante última a que a análise deve conduzir é para o reconhecimento e a assunção subjetiva da falta que sustenta o desejo mediante o reconhecimento de que o falo o sujeito não o é. A assunção subjetiva significa o sujeito se reconhecer como faltante no campo do significante. Assim, cabe ao analista avaliar, em cada caso, a repartição das apostas para decidir se vale à pena encerrar a análise com os ganhos terapêuticos ou ir além. Aqueles que seguem rumo ao tempo final da análise são arrastados para a divisão constitutiva do humano, e terão de fazer a construção e a travessia da fantasia.

Uma análise levada o mais longe possível leva à divisão do sujeito, à hiância diante da qual o objeto *a*, causa do desejo, não é mais que o vazio. A construção da fantasia revela a marca da singularidade do desejo do sujeito; tal como uma banda de Moebius, de um lado há o desejo incestuoso, o lugar de objeto *a* no desejo do Outro; e de outro o desejo masoquista de ser submetido à castração pelo pai, que funda o sujeito (\$) como barrado. Essas diferentes sequências da fantasia são objeto da interpretação analítica, dada a impossibilidade estrutural de o sujeito estar na posição de sujeito e de objeto ao mesmo tempo. O passo a ser dado após a nomeação do desejo é reconhecer, assumir a construção e se separar dos efeitos alienantes de sua fantasia fundamental.

A proposição lógica da construção da fantasia fundamental foi um importante avanço teórico-clínico que permitiu a Lacan responder, naquele momento, aos problemas que denunciou no início de seu ensino. Ao reduzir as fantasias e interpretar a frase da fantasia fundamental o analista situa o ponto hipotético onde teria surgido o sujeito no desejo, ao mesmo tempo em que constituiu um limite, diante do qual uma análise pode ser finita, na medida em que, a partir dali, não há mais o que transferir, nem interpretar, o que levaria à queda do sujeito suposto saber que sustentou a transferência. Assim, a fantasia fundamental ao ser assumida pelo sujeito em seu valor de verdade do desejo, poderia ser o ponto finito, capaz de deter o deslizamento infinito da análise. Mas a análise não se encerra aí; no trabalho de separação advém a identificação do analisante, mas não com o Supereu do analista, e sim à causa de seu desejo que não se iguala a nada, é puro apagamento, *non-sense*. Esse é o final de uma análise que deixaria o sujeito em condições de se tornar, ele próprio, um analista.

A construção da fantasia implica ao mesmo tempo sua desconstrução, observada numa menor adesividade aos objetos e uma menor alienação do sujeito aos significantes mestres que determinam sua fantasia fundamental. Ela implica também o confronto com os impasses e os paradoxos de seu desejo, confronta o sujeito com a angústia, diante da qual sabe que não há outra saída para sair do impasse, senão o ato. É no ato que o sujeito poderá engendrar-se e, ao atravessar os desfiladeiros do ato, cujos portais implicam sua fantasia fundamental, podemos então ver surgir um sujeito, transformado pelos efeitos do próprio ato.

Uma análise poderá levar o analisante a recuperar os elementos do romance familiar que de algum modo selaram seu destino, e possibilita uma reconstrução da história com abertura para sua ressignificação, mas ela tem seus limites, pois em função de existir a divisão mesma que funda o inconsciente, sempre estará o inconsciente do qual ninguém se cura. É essa experiência de falha que ele tem que integrar na análise. O saber do analisante ao final de uma análise é sempre não-todo, aquele que atravessa a fantasia é um sujeito advertido de sua fantasia fundamental, sabe o suficiente para não ser tapeado por ela, mas nada garante que ele não possa ter recaídas nos sintomas, tropece na vida, ou seja atingido pelos golpes do destino.

A questão ética da análise não é homóloga à das demandas morais. O analisante chega à análise esperando a felicidade, o prazer, o sucesso, o amor, estar à altura dos ideais culturais. O serviço dos bens é tecido por um conjunto de ideais morais que regem o pacto coletivo e demandam uma posição do sujeito que o adapta e aliena. O que uma análise pode lhes oferecer é o encontro com sua divisão de sujeito; não se trata de o sujeito usufruir do mundo

dos bens que compõem os ideais burgueses, nem mesmo alcançar o sucesso terapêutico. Levar o sujeito a sustentar o desejo se distingue da busca moral do Bem; nesse ponto temos o confronto entre o desejo do sujeito e o que quer o Outro. O que o Outro quer é o Bem, e o que o sujeito deseja é o que deve ser depurado na experiência analítica, no lugar mesmo em que tem que advir para saber se quer aquilo que deseja. Sabemos que o neurótico, muitas vezes, não quer o que deseja para permanecer fantasiando. Numa análise o sujeito tem realizar a depuração e a separação dos ideais do Outro, com os quais o Eu se reveste na fantasia visando recuperar sua perfeição, para renascer no desejo. A travessia da fantasia exige o sacrifício dos falsos bens e dos ideais que imaginariamente sustentam sua fantasia fundamental.

Aquele que atravessa a fantasia é capaz de se submeter ao sacrifício para fazer o que é o dever ético em relação a seu desejo, com o qual não pode faltar. O sujeito sabe que não agir implica o sintoma. O problema ético que instaura não é o de uma realização do desejo, é o de que a causa do desejo está relacionada à falta na estrutura, que não pode ser tamponada. Concordamos com Lacan (1959-1960/1988) quando afirmou de que “é sempre por meio de algum ultrapassamento do limite, benéfico, que o homem faz a experiência de seu desejo.” (p. 370) A travessia da fantasia produz como efeito o sujeito desejante, aquele em que surge o desejo de desejar; além disso, pode situar, no melhor dos casos, o sujeito em numa relação diferente com o real, na qual amar, produzir e deliberar possam se dar com maior abertura, de formas criativas, surpreendentes e inesperadas.

Ainda que não seja uma de suas últimas formulações sobre o final de análise, os conceitos de construção e travessia da fantasia foram uma invenção, uma contribuição nova, fundamentada e autêntica no discurso psicanalítico que portava o que consideramos uma “vontade pelo futuro” na medida em que estavam ligadas à transmissão da psicanálise. Sabemos que Lacan não costumava abandonar suas proposições mais caras, quase sempre estas foram absorvidas nas novas; assim uma questão que resta não concluída na tese e demanda trabalhos posteriores, seria pesquisar se a proposição da construção da fantasia fundamental se manteve nas formulações ulteriores e de que modos.

Concluimos que é com o vazio da causa que, aquele que a atravessou a fantasia pode engendrar-se no mundo. Embora saiba muito pouco do que se passou em sua análise, – se ela chegou ao final e o sujeito atravessou a fantasia, de uma coisa tem certeza, – da condição trágica de sua *Spaltung* –, o que permite o reconhecimento de que o verdadeiro lugar do ser é mais-além, tal como o dedo elevado ao céu da pintura de São João de Leonardo da Vinci.

REFERÊNCIAS

- FERENCZI, Sandor. (1928b) O problema do fim da análise. In: *Sandor Ferenczi, obras completas*. V. IV. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FONTENELE, Laéria. O despertar e o silêncio: considerações sobre o final de análise em Freud e Lacan. In: MAURANO, Denise, NERI, Heloneida e JORGÉ, Marco A. C., (Organização). *Dimensões do despertar na psicanálise e na cultura*. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1896c) La etiología de la histeria. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 3 (1893-99). Primeiras publicaciones psicoanalíticas. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1899a) Sobre los recuerdos encubridores. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 3 (1893-99). Primeiras publicaciones psicoanalíticas. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1900a) La interpretación de los sueños. (Segunda parte) In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 5 (1900). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1901b) Psicopatología de la vida cotidiana. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 6 (1901). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1905d) Tres ensayos de teoría sexual. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 7 (1901-05). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1906a) Mis tesis sobre el papel de la sexualidad en la etiología de las neurosis. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 7 (1901-05). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1908a) Las fantasías histéricas y su relación con la bisexualidad. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 9 (1906-08). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1908e) *O poeta e o fantasiar*. Sigmund Freud, arte literatura e os artistas. Tradução: Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. (1909a [1908]) Apreciaciones generales sobre el ataque histérico. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 9 (1906-08). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1910) *Cinco conferencias sobre psicoanálisis*. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 11 (1910). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1911b) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2004.
- _____. (1912-1913) Tótem y tabú. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 13 (1913-14). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.
- _____. (1914c) À guisa de introdução ao narcisismo. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2004.
- _____. (1915c) Pulsão e destinos da pulsão. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. V.1 Rio de Janeiro, Imago Ed, 2004.

_____. (1915d) O recalque. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. V. 1. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2004.

_____. (1915f) Un caso de paranoia que contradice la teoría psicanalítica. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 14 (1914-16). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1917) 18a conferencia. La fijación al trauma, lo inconsciente. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 16 (1916-17). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1917) 23a conferencia. Los caminos de la formación de sintoma. V. 16 (1916-17). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1918b [1914]) De la historia de una neurosis infantil. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 17 (1917-19). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1919a [1918]) Caminhos na terapia analítica. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução Cláudia Dornbusch. Obras incompletas de Sigmund Freud. V 6. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. (1919e). “Bate-se numa criança”: contribuição para o estudo da origem das perversões sexuais. In: *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 5)

_____. (1919h) Lo Ominoso. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 17 (1917-1919). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1920g) Além do princípio de prazer. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. V. 2. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2006.

_____. (1921c) Psicología de las masas y análisis del yo. In: *Obras completas Sigmund Freud*. V. 18 (1920-1922). Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1992.

_____. (1923b) O Eu e o Isso. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. V. 3. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2007.

_____. (1924c/2017) O problema econômico do masoquismo. In: *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 5)

_____. (1930a/2010) *O mal-estar na cultura*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

_____. (1933a [1932]) 31ª conferencia: la descomposición de la personalidad psíquica. In: *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. V. 22 (1932-36) Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

_____. (1933a [1932]) 32ª conferencia: angustia y vida pulsional. In: *Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis*. V. 22 (1932-36) Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis y otras obras. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

_____. (1937c) Análise finita e infinita. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Cláudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017.

_____. (1937d) Construções em análise. In: *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6)

_____. (1940b/1992) A cisão do eu nos processos de defesa. In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud: Tradução Luiz Alberto Hans. V. 3. Rio de Janeiro, Imago Ed, 2007.

_____. (1950a/[1887-1902]) "Entwurf einer Psychologie" In: *Aus den Anfängen der Psychoanalyse 1887-1902*.

_____. (1950a/[1895]) "Proyecto de psicología" In: *Obras completas de Sigmund Freud*, v. 1 (1896-99): Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos em vida de Freud. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

FREUD, S. e BREUER, J. (1893-1895) Estudos sobre la histeria. In: *Obras completas de Sigmund Freud*, V. 2. Traducción directa del alemán de José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1992.

HANNS, Luiz A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

JAKOBSON, Roman. (1954) *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 2008.

JORGE, Marco Antonio C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 2: a clinica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan*, vol. 3: a prática analítica. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

KLEIN, Melanie. *Psicanálise da criança* (3a. ed.). São Paulo: Mestre Jou, 1981

_____. *Sobre a observação do comportamento dos bebês*. In M. Klein (Org.), *Os progressos da psicanálise* (4a. ed.). Rio de Janeiro: Zahar, (1986b).

LACAN, J. (1945) O tempo logico e a asserção da certeza antecipada. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1948b) A agressividade em psicanálise. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1953-1954) O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Tradução Betty Milan. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. (1954) Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1954-1955) *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*; tradutores Marie Christine Lasnik Penot; com a colaboração de Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1987.

_____. (1955) Variantes do tratamento padrão. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1955-1956) *O seminário, livro 3: as psicoses*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

_____. (1956-1957) *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1957-1958) *O seminário*, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1958-1959) *O seminário*, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

_____. (1959) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1959-1960). *O seminário*, livro 7: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1988.

_____. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1960-1961) *O seminário*, livro 8: a transferência. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. (1961a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1961b) “*Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: 'psicanálise e estrutura da personalidade'*”. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1961-1962) *O seminário*, livro 9: a identificação. [Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife], Recife, 2003.

_____. (1962-1963) *O seminário*, livro 10: a angústia Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. (1963) Kant com Sade. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1964) *O seminário*, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1964-1965) *Problemas cruciais para a psicanálise*. [Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife], Recife, 2006.

_____. (1965-1966) *Le séminaire, livre 13: l'objet de la psychanalyse*. [inédito em português] sténotypie au format P.D.F., sur le site E.L.P. Recuperado em <http://staferla.free.fr/S13/S13.htm> 14/05/2020.

_____. (1966a[1949]/1998) O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966b) Posição do inconsciente. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966c) A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1966-1967) *A lógica do fantasma*. [Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife], Recife, 2008.

_____. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros escritos*. [Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira;]. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. (1967-1968) *O ato psicanalítico*. (Seminário, livro XV, notas de curso). [S.I.] [s.n.] [s.d.]

_____. (1968) Alocução sobre as psicoses da criança. In: *Outros escritos*. [Tradução Vera Ribeiro; versão final Angelina Harari e Marcus André Vieira;]. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LEBOVICI, Ruth. Perversão sexual transitória no decorrer de um tratamento analítico. Bulletin d'activités de l'association des psychanalystes de Belgique, n° 25 (1956) p1-17. Tradução: Analucia Teixeira Ribeiro. In: Hans e a fobia. Escola Letra Freudiana, Ano XVII, n° 24, 1999.

LEGUIL, François. *A entrada em análise e sua articulação com a saída*. [Seminário] Bahia, 1993.

LEVI-STRAUSS, Claude. (1949) *As Estruturas elementares do parentesco*. 3 ed. tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes, 1982.

_____. (1958) *Antropologia estrutural*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, Ubu ed, 2017.

LO BIANCO, Anna Carolina. A cena real construída no Homem dos Lobos. In: *Estilos da clínica*. 2002, vol. VII, n 12, pp.146-155.

MANONNI, Maud. *Da Paixão do Ser à "Loucura" de Saber: Freud, os Anglo-Saxões e Lacan*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

MASSON, Jeffrey. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MILLER, Jacques A. Duas dimensões clínicas: sintoma e fantasia. In: *Percurso de Lacan: uma introdução*. Vol. 2 Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

_____. *Lacan elucidado*. Rio de Janeiro, Zahar: 1997.

MILNER, Jean Claude. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.

POMMIER, Gérard. *O desenlace de uma análise*. Tradução: Cristina Rollo de Abreu. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

PORGE, Erik. *Freud/Fliess: mito e quimera da autoanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

RABINOVICH, Diana. *La angustia y el deseo del Otro*. 5ª ed. Buenos Aires: Manantial, 2009.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

ROUDINESCO, Elizabeth, PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

SOLER, Colette. (1995a) *Variáveis do fim da análise*. Tradução: Angelina Harari. Campinas, SP: Papiros.

_____. (1995b) Interpretação: as respostas do analista. *Opção lacaniana*. n 13. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise.

_____. (2007) *Finales de análisis*. Buenos Aires, Manantial.